



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

POR UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM NO/DO BRASIL: PERCURSOS E
IRRUPÇÕES TEÓRICAS

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

Marco Antonio Almeida Ruiz

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

POR UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM NO/DO BRASIL: PERCURSOS E
IRRUPÇÕES TEÓRICAS

MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ

Bolsista: FAPESP

Processo n.º. 2014/22526-7

Tese em cotutela apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e ao Colégio Doutoral de Sociologia da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Doutor em Sociologia.

Orientador (UFSCar): Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Orientador (EHESS): Prof. Dr. Johannes Angermuller



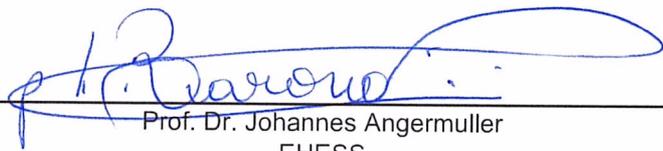
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

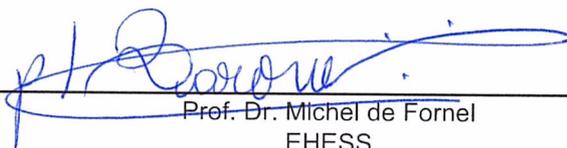
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

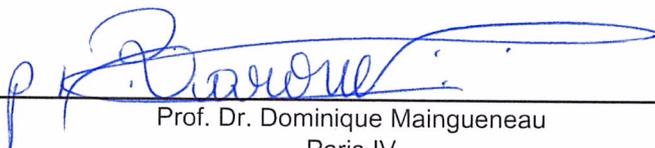
Folha de Aprovação

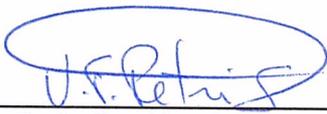
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Marco Antonio Almeida Ruiz, realizada em 19/06/2019:


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCar


Prof. Dr. Johannes Angermuller
EHESS


Prof. Dr. Michel de Fornel
EHESS


Prof. Dr. Dominique Maingueneau
Paris IV


Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira
UFSM


Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araujo
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Johannes Angermuller, Michel de Fornel, Dominique Maingueneau e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Almeida Ruiz, Marco Antonio

Por uma ciência da linguagem no/do Brasil: percursos e irrupções teóricas
/ Marco Antonio Almeida Ruiz. -- 2019.
223 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos,
São Carlos

Orientador: Roberto Leiser Baronas (UFSCar); Johannes Angermuller
(EHES)

Banca examinadora: Roberto Leiser Baronas, Johannes Angermuller, Ligia
Mara Boin Menossi de Araújo, Verli Fátima Petri da Silveira, Dominique
Maingueneau, Michel de Fornel

Bibliografia

1. Análise do discurso. 2. Epistemologia da linguística no Brasil. 3.
Práticas de pesquisa científica. I. Orientador. II. Universidade Federal de São
Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

SERVICE DE L'ÉCOLE DOCTORALE,
DES ED PARTENAIRES ET DU MASTER
DEVE/BUREAU DES SOUTENANCES
Affaire suivie par France Artois-Mbaye
Tel 01 49 54 25 32
Fax 01 49 54 24 90
these@ehess.fr

ATTESTATION

La Responsable du service de l'École doctorale et des ED partenaires de l'École des hautes études en sciences sociales, soussignée, atteste que :

Monsieur ALMEIDA RUIZ Marco Antonio

a obtenu le 19 juin 2019,

le diplôme de **DOCTORAT** dans la spécialité SOCIOLOGIE

Fait à la demande de l'intéressé pour servir et valoir ce que droit.

Paris, le 26 juin 2019

la Responsable du service de l'École doctorale



France Artois-Mbaye

EHESS

54 boulevard Raspail

75006 Paris

01 49 54 25 25

these@ehess.fr

<http://www.ehess.fr>

Dedicatória

À minha avó Diva, em memória, base do meu ser, exemplo de amor e carinho. Te amo, vovó!

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer, direta ou indiretamente, a todos que contribuíram para a realização e o desenvolvimento desta tese. Minha gratidão a todos e, de forma muito especial:

Agradeço a Deus, que me conduziu até aqui com a sua graça, me deu forças e me cercou de grandes oportunidades, privilégios e amigos incríveis.

À Nossa Senhora de Fátima, a quem sou devoto e agradeço imensamente por todas as graças alcançadas.

Aos meus pais, Milton e Regina, meus dois portos-seguros, meu tão primoroso lar, que com todo o seu amor, carinho, cumplicidade e bondade me conceberam nesta vida e fizeram de mim um ser melhor.

A meu irmão, Luís, pela torcida constante, pelo companheirismo e apoio incondicional em todos os meus projetos de vida.

À minha família do coração Ricardo, Francine, Enzo, Pietro, Lavínia, Dulce, Juliano, por me transmitirem todo o amor, todo o carinho, toda a cumplicidade, todo o apoio. Este trabalho só existe porque a confiança de vocês e o incentivo foram ingredientes fundamentais para me manter forte, persistente. Amo muito vocês e sou grato a Deus pela família que formamos.

Aos meus queridos amigos, André e Felipe Araújo, pessoas tão especiais que constantemente me ensinam novos valores, exemplos de bondade e de vida.

Ao meu orientador, Roberto Leiser Baronas, pessoa tão bondosa e generosa. Obrigado pela paciência nesses últimos dez melhores anos de ensino e amizade, por me apoiar em todos os momentos e por me incentivar constantemente a correr atrás dos meus sonhos. Sou grato pela confiança depositada em mim.

An meinen Betreuer und Freund, Johannes Angermuller. Vielen Dank für Ihren stetigen Glauben und Ihr Vertrauen in mich und meine Arbeit. Für Ihre leidenschaftliche Hingabe bin ich Ihnen sehr dankbar. Ausserdem habe ich Ihre äusserst freundliche Betreuung hier im Ausland während den letzten Jahren sehr geschätzt. Sie sind für mich daher ein persönliches und professionelles Vorbild geworden, welchem ich während meines Lebens zu folgen versuchen werde. Vielen herzlichen Dank für die Cotutelle und Ihre sehr wertvolle Unterstützung. Dankeschön!¹

À Profa. Dra. Verli Petri por ter aceitado o convite para a banca, pela leitura cuidadosa e singular de meu texto de qualificação.

À amiga Ligia Menossi, que além de ser uma coorientadora maravilhosa, tornou-se tão importante na minha vida, com seus ensinamentos e conselhos tão primorosos, pela equipe de trabalho que formamos e tenho tanto orgulho, pela confiança e, sobretudo, por simplesmente existir e ser tão especial, fazendo-me crer que, na vida, se você acreditar e lutar pelos seus sonhos, tudo é possível e recompensador. É uma honra e uma alegria ser seu amigo. Obrigado pela leitura tão cuidadosa e tão singular de meu texto de qualificação.

Aos professores Dominique Maingueneau e Michel De Fornel, minhas duas referências teóricas de trabalho, agradeço a leitura atenta e generosa de minha tese, além das sugestões preciosas para o meu crescimento profissional e pessoal. Obrigado por aceitarem a participar de minha banca de defesa, é uma honra em tê-los presentes neste trabalho.

Aos professores do Departamento de Letras da UFSCar, que desde a graduação contribuíram de todas as formas para a minha formação, exemplos de profissionais na carreira que tanto amo e admiro, em especial à Mônica Baltazar Diniz Signori.

¹ Ao meu orientador e amigo Johannes Angermuller. Agradeço imensamente a sua acolhida no exterior e a sua dedicada atenção para comigo e para com o meu trabalho durante esses anos de pesquisa, exemplo de profissional e de pessoa que quero muito seguir. Obrigado por fazer acontecer a minha cotutela.

Aos queridos amigos, Regina e Marco, que tanto estimo, exemplos de pessoas e profissionais que tanto me inspiram e fazem valer a pena lutar pelos sonhos. Obrigado por aparecerem, tão de repente e maravilhosamente, na minha vida, numa cidade tão especial quanto Paris.

À minha segunda família, amigos de tantas partes do Brasil, que enriqueceram e aqueceram com seu carinho os dias frios de Paris e fizeram, assim, meu *séjour* tão maravilhoso e tão aconchegante, em especial Élide, César, Eduardo, Maira, Silvia, Fran, Anita, Luiza, Thabata, Joana, Matheus, Vivian, Mariela e Richard (voisin!).

À Sônia Matos, amiga tão especial, que durante a nossa estadia em Paris, em 2016, me incentivou a correr atrás do meu sonho, me ensinou sobre a cotutela e me apoiou incondicionalmente em minhas decisões. Meus eternos agradecimentos do coração.

Aos meus irmãos do coração, Luís, Diogo e Roberto (Pina), que tanto amo e admiro. Obrigado pela amizade sincera, pelo companheirismo e por todas as aventuras que já passamos e ainda vamos passar juntos. Vocês são muito importantes para mim.

Ao meu querido e grande amigo, Lucas Missura, que tão de repente chegou, daquele jeitinho “perdido”, e tão logo se tornou especial, meu irmão do coração. Obrigado por ter aparecido assim, tão de repente, e me ensinado o sentido de uma amizade sincera e verdadeira. Te admiro muito, meu irmão, nossa amizade tem valor de diamante, inestimável e incalculável.

À minha amiga tão querida Lilia Hermes, pessoa e profissional maravilhosa, incrível, que com suas palavras de carinho, afeto, cuidado, conforto e ternura me instigam e me proporcionam tantas reflexões boas, permitindo conhecer melhor meus caminhos e o meu eu interior. Gratidão!

Aos amigos de São Carlos, Livia, Pâmela, Ana Márcia, Victoria, que tanto contribuíram e fazem parte de minha formação pessoal e profissional.

À amiga Renata Cortez, pelo companheirismo e amizade sincera que cultivamos nessa caminhada linguística. Aqueles cinquenta centavos, em um dia qualquer, nos corredores da universidade, é a metáfora de nossa linda história de parceria e cumplicidade nas entrelinhas da ciência da linguagem.

Ao amigo e professor Thales, pelas leituras atentas e ajudas com o meu francês.

À Renata Carreon, amiga e companheira de estudos nessa caminhada linguística. Agradeço imensamente as suas contribuições e seu olhar atento para com o meu texto.

À senhora Vanessa-Caroline Szenwald-Liwicki, pela atenção e carinho para com o meu processo de cotutela na EHESS.

À senhora Claudine Raymond, pela atenciosa ajuda com os procedimentos de defesa na EHESS.

Ao Marcelo Pecenin (SRInter), pelo zelo e carinho para com o meu processo de cotutela na UFSCar.

À *Maison du Brésil*, pela acolhida durante minhas duas estadias em Paris (2016-2017 e 2018).

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por, mais uma vez, ter confiado em meu trabalho, concedendo as bolsas de doutorado pleno no Brasil (Proc. nº 2014/22526-7) e de estágio de pesquisa no exterior (Proc. Bepe nº 2015/20984-0).

À CAPES, que em parceria/convênio com a FAPESP, apoiou-me, com a bolsa de doutorado pleno no Brasil (Proc. nº 2014/22526-7), neste caminho reflexivo e primoroso que são os estudos linguísticos.

EPÍGRAFE

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Tecendo a manhã,

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

Durante muito tempo, a linguística no Brasil desenvolveu-se, basicamente, a partir das reflexões empreendidas de modelos teóricos europeus e norte-americanos, cujo objetivo era eleger (ou importar) uma certa visão sobre a língua e aplicá-la sobre os dados em português. Atualmente, a nossa linguística – linguística do Brasil – talvez, mais madura e estabelecida, conta com modelos próprios que tomam a linguagem como objeto de sua reflexão. Não se trata, pois, de ressaltar uma ou outra teoria, levantando seus pontos positivos ou negativos, mas de reconhecer que pesquisadores brasileiros beberam da fonte estrangeira, adaptando e aproveitando da melhor maneira o que havia de bom. Em um artigo de divulgação científica, cujo título é *Uma teoria brasileira do idioma*, publicado na Revista *Língua Portuguesa*, em abril de 2012, Módolo e Braga falam sobre algumas das teorias linguísticas desenvolvidas por estudiosos brasileiros em nossa geografia nos últimos anos. Os autores destacam, por exemplo, a *Gramática construtural da língua portuguesa*, de Back e Mattos (1972), a *Sociolinguística paramétrica* de Tarallo e Kato (1989); a *Abordagem multissistêmica* de Ataliba Teixeira de Castilho (2010). Em relação ao campo dos estudos do discurso, vemos constantes reformulações e proposições teóricas que podem ser pensadas à moda brasileira, tais como a *Semiótica da canção*, proposta por Luiz Tatit (2007); a *Teoria do silêncio*, de Eni Orlandi (2007), a *Semântica do acontecimento*, proposta por Eduardo Guimarães (2005); a *Teoria dos estereótipos básicos e opostos* (2010), de Sírio Possenti, entre outras. Com efeito, tais teorias, apesar de tomarem o discurso como objeto de observação, constroem o seu objeto teórico de maneira bem diferente. Para esta pesquisa de doutorado, entendemos por estudos discursivos um conjunto de disciplinas que tem a linguagem, imbricada em suas diferentes ordens (linguísticas, enunciativas, históricas) e manifestada em distintas materialidades (verbais, visuais, verbo-visuais), como objeto de estudo. Assim, alicerçados nos pressupostos teóricos da análise do discurso de matriz francesa, sobretudo nas considerações acerca da noção de acontecimento discurso e narrativa do acontecimento, de Jacques Guilhaumou (2009), temos como objetivo investigar a escrita da história da análise do discurso em nosso país, considerando as diferentes vertentes e as diferentes correntes discursivas que se desenvolveram em nosso cenário após a sua recepção e institucionalização em 1980, constituindo-a por meio de uma rede de pesquisa heterogênea capaz de compor um campo singular, o dos Estudos de discurso. Assim, nosso *corpus* é composto por três obras de teorias brasileiras do discurso, a saber: *Humor, língua e discurso* (2010) de Sírio Possenti; *Ironia em perspectiva polifônica* (2008) de Beth Brait; e, por fim, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007) de Eni Orlandi. Tais narrativas, além de (re)visitarem teorias estrangeiras, têm como objetivo proporcionar novas metodologias de pesquisa a partir de ângulos novos, promovendo, desse modo, reflexões acerca do próprio fazer científico – acontecimento metadiscursivo – e um jeito particular de análise de discurso brasileira.

Palavras-chaves: Epistemologia. AD brasileira. Acontecimento. Prática científica.

RÉSUMÉ

Pendant longtemps, la linguistique au Brésil s'est essentiellement développée à partir de réflexions menées dans le cadre des modèles théoriques européens et nord-américains, dont le but était d'élire (ou d'importer) une certaine idée de la langue et de l'appliquer à des données en portugais. Actuellement, notre linguistique – la linguistique du Brésil –, peut-être plus mûre et établie, possède ses modèles propres qui prennent le langage comme objet de réflexion. Il ne s'agit donc pas pour nous de mettre l'accent sur l'une ou l'autre théorie, soulignant leurs points positifs ou négatifs, mais de reconnaître que les chercheurs brésiliens se sont abreuvés aux sources étrangères et les ont adaptées en profitant du meilleur de ce qui était bon. Dans un intéressant article de divulgation scientifique intitulé *Uma teoria brasileira do idioma*, publié dans la Revue *Língua Portuguesa* en avril 2012, Módolo et Braga parlent de certaines théories linguistiques développées par les chercheurs brésiliens ces dernières années, mettant notamment l'accent sur la *Grammaire structurale de la langue portugaise* de Back et Mattos (1972), la *Sociolinguistique paramétrique* élaborée par Tarallo et Kato (1989) ou encore *L'Approche multisystémique* d'Ataliba Teixeira de Castilho (2010). Dans le domaine des études du discours, par exemple, nous observons des reformulations constantes et des propositions théoriques qui peuvent être considérées comme des approches « à la brésilienne », parmi lesquelles la *Sémiologie de la chanson* proposée par Luiz Tatit (2007), la *Sémantique de l'événement* d'Eduardo Guimarães (2005) ou la *Théorie des stéréotypes de base et opposés* (2010) de Sírio Possenti. Ces théories, bien qu'elles prennent chacune le discours comme objet d'observation, construisent leur objet théorique de façon tout à fait différente. Pour notre recherche de doctorat, nous entendons par études discursives un ensemble de disciplines qui prennent le langage, imbriqué dans ses différents ordres (linguistiques, énonciatifs, historiques) et manifesté dans différentes matérialités (verbales, visuelles, verbo-visuelles), pour objet d'étude. Dans ce sens, à partir des présuppositions théoriques de l'analyse du discours d'orientation française et, notamment, à partir des considérations sur la notion d'*événement discursif* et de *récit de l'événement*, proposées par Jacques Guilhaumou (2009), nous avons pour objectif d'investiguer l'écriture de l'histoire de l'analyse du discours dans notre pays, en prenant en considération les différents courants et les différentes théories qui se sont développés dans notre scénario après sa réception et son institutionnalisation en 1980, la constituant au moyen d'un réseau de recherche hétérogène capable de composer un champ singulier, celui des Études du discours. Ainsi, notre *corpus* est constitué de trois ouvrages de théories brésiliennes du discours, à savoir : *Humor, língua e discurso* (2010) de Sírio Possenti; *Ironia em perspectiva polifônica* (2008) de Beth Brait; et enfin, *As formas do silêncio : no movimento dos sentidos* (2007) d'Eni Orlandi. Ces récits, en plus de (re)visiter des théories étrangères, visent à proposer de nouvelles méthodologies de recherche sous de nouveaux angles, promouvant ainsi des réflexions sur la pratique scientifique elle-même – un événement métadiscursif – et une manière particulière de l'analyse de discours brésilienne.

Mots-clés : Épistémologie. AD brésilienne. Événement. Pratique scientifique.

ABSTRACT

For a long time, linguistics in Brazil developed, basically, from reflections undertaken from european and north american theoretical models, whose objective was to choose (or import) a certain vision about the language and apply it over data in brazilian portuguese. Currently, our linguistics – Brazil’s linguistics – perhaps more mature and established, count on its own models that take language as object of its reflection. So, it’s not about to highlight one theory or another, raising its positive or negative aspects, but to recognize that brazilian researchers drank from foreigner wells, adapting and utilizing whatever good they found in the best way possible. In a scientific paper, whose title is *Uma teoria brasileira do idioma*, published in the magazine *Língua Portuguesa*, on April 2012, Módolo and Braga wrote about some linguistic theories developed by brazilians knowledged in our last years’ territory. The authors highlight, e.g., the *Gramática construtural da língua portuguesa* from Back and Mattos (1972); the *Sociolinguística paramétrica* from Tarallo and Kato (1989); and the *Abordagem multissistêmica* from Ataliba Teixeira de Castilho (2010). Related to discourses’ field of study, we see constant reformulations and theoretical propositions that can be thought of in the brazilian way, such as the *Semiótica da canção* (*Semiotics of the song*), proposed by Luiz Tatit (2007); the *Teoria do silêncio* (*Silence theory*), from Eni Orlandi (2007); the *Semântica do Acontecimento* (*Event Semantic*), proposed by Eduardo Guimarães (2005); and the *Teoria dos estereótipos básicos e opostos* (*Basic and Opposing stereotypes theory*) from Sírio Possenti (2010). As an effect, such theories build their own theoretical objects differently, although taking discourse as object of observation. To this Ph.D. research, we understand discourse studies as a group of disciplines that has language, overlapped in its different orders (linguistics, enunciatives, historical) and expressed in distinct materialities (verbal, visual, verbal-visual), as an object of study. This way, based on theoretical assumptions from french discourse analysis, mainly on the thoughts about the notion of discourse event and narrative event, from Jacques Guilhaumou (2009), we have as objective to investigate the writing of discourse analysis’ history in our country, considering its different aspects and the different discourse flows that developed in our scenario after its reception and institutionalization in 1980, constituting it through a heterogeneous research network capable of composing a singular field, the discourse Studies. Thus, our *corpus* is composed of three brazilian discourse theory work, which are: *Humor, língua e discurso* (2010) from Sírio Possenti; *Ironia em perspectiva polifônica* (2008) from Beth Brait; and *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007) from Eni Orlandi. Such narratives, beyond (re)visiting foreigner theories, aim towards providing new research methodologies from new angles’ perspectives, promoting reflections about the way of doing science itself – metadiscursive event – and a particular way for brazilian discourse analysis.

Keywords: Epistemology. Brazilian DA. Event. Scientific practice.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	12
INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1: Das condições históricas e epistemológicas da análise do discurso: alguns caminhos teóricos dos anos 1970-1980 na França.....	40
Das (des-)construções teóricas da linguística nas tramas da história: caminhos e perspectivas.....	40
Por uma história da análise do discurso.....	45
A análise do discurso e suas épocas.....	55
Michel Foucault: um analista do discurso?.....	61
Dois alunos de Althusser, dois projetos epistemológicos, um único objetivo: o discurso.....	66
Mikhail Bakhtin e a análise do discurso: um autor fora de seu tempo.....	71
CAPÍTULO 2: As (des)construções teóricas do espaço discursivo brasileiro: as décadas (1980-1990) de (re)definições e a emergência de um novo campo.....	80
O acontecimento em transição: a institucionalização da linguística no Brasil.....	80
O acontecimento em transição: a constituição da AD no Brasil a partir dos anos oitenta.....	86
O campo de estudos do discurso no Brasil: princípios teóricos.....	97
Nossas heranças e nossas filiações: (re)definindo as discussões em torno de uma rede de pesquisa sobre o discurso.....	107
As ciências de língua(gem): estudos discursivos à brasileira.....	116
CAPÍTULO 3: Das análises de discurso no/do Brasil: as edificações teóricas a partir de 1990.....	133
O método científico à luz da análise do discurso: do acontecimento discursivo às diferentes narrativas do acontecimento.....	145
O discurso no discurso: o acontecimento metadiscursivo.....	151

A heterogeneidade enunciativa como princípio do acontecimento metadiscuro: os diferentes acontecimentos discursivos da AD Brasileira.....	159
Dos estereótipos em piadas à teoria do silêncio: por uma ciência da linguagem no Brasil	168
Os estereótipos no discurso humorístico: o caso das piadas.....	168
Das condições verbo-visuais do discurso: a teoria dialógica.....	176
O silêncio significante no/do discurso: por uma análise materialista brasileira.....	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	204
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	214

PREFÁCIO

O sujeito não é um lugar preciso, nem jamais estabilizado ou completo.

Carlos Henrique de Escobar

Ao interessar-me pelas questões discursivas no espaço de pesquisa brasileiro e, por alguma razão, ser tocado por elas, propus a aventurar-me nas lides de sua história e compreender algumas das condições de emergência de uma análise do discurso brasileira (ADB). Assim, ao propor esse caminho, tortuoso às vezes, nunca plano, mas rico em diversidade, minha proposta foi (re)descobrir algumas das narrativas brasileiras possíveis que são responsáveis por um processo de “re-fundação” de princípios constitutivos da análise do discurso *francesa* e, com isso, a proposição de novos caminhos a partir das características dos trópicos.

Desse modo, podemos dizer que uma dada história é contada por meio de certos acontecimentos, fatos que irrompem no/do cotidiano a partir das diferentes condições sociais e ideológicas, constituindo-se, de certo modo, porque demandam uma certa interpretação. Entretanto, além de os problematizar, pois são responsáveis por reverberarem um dado acontecimento, é preciso, também, (re)pensar a escrita da história realizada por homens, mais especificamente, cientistas que se dedicam a compreender uma ordem dos discursos promovida no interior de instituições nacionais de pesquisa capazes de (re)organizar o conhecimento em uma dada área e, com isso, propagar uma certa vertente de trabalho e suas ferramentas teóricas. Nesse sentido, diversas materialidades têm se tornado objeto de investigação em nosso país, desde discursos institucionais como, por exemplo, o discurso político e literário até discursos do cotidiano, tais como as piadas, as charges, as fotomontagens, entre outros.

Podemos, assim, destacar o domínio da História das ideias linguísticas (HIL)² no Brasil e, desse modo, refletir sobre um arquivo que se constrói pela junção de fatos

² Esse domínio teve início em solo brasileiro por meio de uma colaboração entre a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Paris VII, Sorbonne, na França. Eni Orlandi, que coordenava, junto a seu grupo, o projeto “Discurso, Significação e Brasilidade”, em parceria com Sylvain Auroux, buscou observar a produção do conhecimento sobre a história da língua. A cooperação entre ambas as instituições gerou o Projeto de História das ideias linguísticas: construção do saber

e acontecimentos que demandam sentido. É, pois, daí a dupla função do cientista, por vezes incessante, de não olhar somente a origem do conhecimento sobre as línguas, mas também de dizer e de (re)produzir os acontecimentos fazendo parte dessa história, levando em consideração todas as condições de sua produção e emergência. Partir da proposição de uma história das ideias, mais especificamente, na Linguística, é buscar todo o saber construído em torno de uma certa língua. Ao desvendar esse saber, nós o compreendemos como um produto metalinguístico ou uma atividade metalinguística, ou seja, trata-se de “difundir estudos sistemáticos que toquem a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisa” (ORLANDI, 2001, p. 9). Em virtude disso, para a História das ideias, o pesquisador deverá criar condições para a promoção de uma certa reflexão sobre a epistemologia das ciências da linguagem, problematizando a importância da questão da língua e seus respectivos instrumentos linguísticos.

A partir desse pressuposto, sobretudo considerando o imbricamento desse domínio com a análise do discurso (AD), meu trabalho parte de alguns princípios da HIL, sem negá-los, porém; inscrevo-me no contexto de produção discursiva da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e avalio, assim, as condições que essa minha formação permitiu-me para desenvolver este primeiro esboço de investigação discursiva. Nesse caminho, fundamento minhas reflexões utilizando-me de princípios teóricos advindos da própria teoria do discurso *francesa*, refratando todas as condições que possibilitam pensar não apenas em fatores metalinguísticos, mas também em metadiscursivos, como acontecimentos. Em outras palavras, não se trata apenas de olhar a composição de um espaço discursivo de pesquisa brasileiro, contemplando os fatores internos e externos³ que o constituem no interior de uma

metalinguístico e a constituição da língua nacional, com financiamento da CAPES/COFECUB. A partir desse primeiro projeto, outro foi possível – História das ideias linguísticas no Brasil: ética e política de línguas, reunindo um conjunto de trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado como resultados dessa parceria. Mais informações: <<https://www.unicamp.br/iel/hil/historico.html>>. Acesso em: 4 de mar. 2019.

³ Ou seja, para a composição das redes de pesquisa em discurso no Brasil, não se leva em consideração apenas os fatores internos – as reflexões e as problemáticas propostas pelos pesquisadores e analistas acerca de um dado material de análise, por exemplo, isto é, o olhar metalinguístico –, mas também é preciso observar a constituição e a formulação de tais reflexões e problemáticas na sua exterioridade, de maneira mais ampla, a partir da sua circulação na sociedade, configurando certas práticas científicas discursivas que compõem um dado campo de discurso brasileiro – por meio de acontecimentos metadiscursivos. Tal imbricamento de fatores, internos e externos – como as teorias brasileiras de discurso sendo (re)produzidas e divulgadas em artigos, teses e dissertações e financiamentos de

dada área, a da análise do discurso, por exemplo, mas também de observar a construção das práticas de pesquisa, isto é, como um olhar metalinguístico feito em certas teorias brasileiras de discurso não é suficiente para constituirmos um espaço cada vez mais plural e singular de discurso, além disso é necessário avaliar as práticas de pesquisa científica como diferentes redes, compondo um acontecimento metadiscursivo, num campo de Estudos de discurso.

A visada discursiva permite que alguns dos temas da HIL, como conceitos, obras e teorias, recebam um certo tratamento quando analisados pela ótica da análise do discurso. Sobre a noção de autoria, por exemplo, não se trata de identificar o autor e, com isso, construir uma biografia que o apresente e o represente, mas sim de compreender as condições e o funcionamento discursivo a partir de sua emergência. Da mesma forma, acontece com as teorias brasileiras de discurso, não basta apenas descrevê-las e identificá-las a partir das diferentes inscrições dos sujeitos autores-narradores⁴ na história, mas de compreender os processos de sua emergência ao longo da história do discurso, observar a sua ocorrência em determinadas circunstâncias socioculturais, elencando fatores internos e externos – enquanto redes – que estimulam a construção de uma prática em um espaço bastante plural e heterogêneo.

Tal forma de avaliar as condições históricas e epistemológicas reflete um primeiro esboço de análise sobre os desdobramentos contemporâneos da análise do discurso no/do Brasil. Com efeito, minha investigação partiu de algumas das contribuições advindas do grupo LEEDiM⁵ – Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais –, sediado no Departamento de Letras da UFSCar, sob a coordenação do Professor Doutor Roberto Leiser Baronas. Em sua essência, o grupo se organiza em torno de dois programas de pesquisa. No primeiro, objetiva-se refletir sobre os deslocamentos epistemológicos e metodológicos produzidos por diferentes autores e pesquisadores brasileiros e franceses, no domínio da análise do discurso francesa, promovida, inicialmente, por Pêcheux e seu grupo, no final dos anos sessenta; em um segundo momento, volta-se o olhar para tais deslocamentos e como eles podem ser aplicados em diferentes *corpora* e; por último, interpretamos a escrita da história de alguns dos seus conceitos na geografia francesa e brasileira. No segundo programa, a função é analisar como alguns dos suportes midiáticos

instituições e agências de fomento – ratificam essa constituição da prática científica brasileira em discurso.

⁴ Apresento tal noção mais adiante.

⁵ Disponível em: < <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/leedim/>>. Acesso em: 5 de mar. 2019.

constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras que se diferencia da história oficial veiculada em artigos de opinião e editoriais. Trata-se, pois, de analisar um conjunto de materiais que não se fixam apenas em discursos institucionais, mas tomam o cotidiano como fonte de novos questionamentos e problemáticas, tais como: videomontagens, charges eletrônicas, caricaturas políticas, blogs de comentários políticos etc.

Em 2010, alunos de graduação e pós-graduação da UFSCar, sob a coordenação do Professor Doutor Roberto Leiser Baronas, formaram o Laboratório como uma necessidade de constituir uma rede interinstitucional de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras⁶ que se debruçavam acerca de algumas das noções teóricas de base nos domínios da epistemologia da análise do discurso e, em especial sobre os materiais e as discursividades multimodais⁷. Embasado pelas leituras e trabalhos da Professora Doutora Maria do Rosário Gregolin, realizados no bojo de seu grupo de estudos foucaultianos – GEADA⁸ –, em sua inscrição no grupo de pesquisa FEETA⁹ – Fórmulas e estereótipos: teoria e análise –, lugar bastante heterogêneo teoricamente, constituindo-se de um seleto grupo de professores inscritos em diferentes perspectivas do discurso, o professor Baronas possibilitou que o seu grupo adquirisse autonomia e particularidade dedicando-se não apenas a restringir suas reflexões sobre contar a história da disciplina AD no Brasil, mas também analisar os diversos deslocamentos que ocorreram acerca dos seus conceitos a partir das revisitações realizadas pelos diferentes autores brasileiros, promovendo, desse modo, novas querelas em torno de teorias brasileiras de discurso. Nesse escopo de trabalho é que nascia um conjunto de reflexões, difundidas por meio dos diferentes trabalhos desenvolvidos pelos seus integrantes – iniciação científica, mestrado e doutorado –, que compunham um lugar de fala importante, contribuindo para a escrita da história desse espaço de pesquisa.

⁶ A rede de pesquisadores, inicialmente, era composta por professores e alunos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Atualmente, o Laboratório congrega um número maior de instituições e alunos advindos, por exemplo, da UNESP, UFMT, entre outros.

⁷ Entendemos como materiais e discursividades multimodais um conjunto de textos eminentemente humorísticos e satíricos que reproduzem enunciados que, normalmente, não são ditos em artigos de opinião ou uma análise política, por exemplo, isto é, tratam-se de textos não oficiais que circulam sobretudo no YouTube e permitem que os sentidos gerados de uma determinada composição discursiva – junção da materialidade verbal, verbo-visual e sonora – sejam (des)construídos impondo outras imagens do sujeito candidato político. Ou seja, é investigar as diferentes formações discursivas, na esteira de Foucault (2008 [1969]), no campo do discurso político.

⁸ Disponível em: < <http://geadaararaquara.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 de mar. 2019.

⁹ Disponível em: < <http://www2.iel.unicamp.br/festa/>>. Acesso em: 5 de mar. 2019.

No interior dessas reflexões do LEEDiM e, também, como um dos primeiros integrantes do grupo, parto, assim, para a compreensão não apenas de uma análise do discurso *no* Brasil, mas também *do* Brasil, pois além de compreender as condições de sua recepção em nosso país, por meio das releituras e influências estrangeiras, construo a minha narrativa sobre os desdobramentos de teorias brasílicas sobre o discurso tomando a nossa própria história de (re)interpretações da análise do discurso *francesa* e, também, o nosso próprio conjunto de materiais disponíveis. Ou seja, diante de um objeto observacional comum a todas as vertentes e correntes de trabalho em pesquisa discursiva, o discurso, podemos dizer que o objeto teórico construído de cada uma é realizado e constituído diferentemente.

Pensar a AD *no* e *do* Brasil implica um processo bastante complexo de reflexões que só são possíveis, porque temos nossa própria história de desdobramentos dessa disciplina. Nossas características tropicais, nosso “jeitinho brasileiro” (sem fazer alusão a certas características estereotipadas do brasileiro) de promover nossa releitura e construir um arcabouço teórico singular contribui para a nossa particularidade de pensar e promover a análise do discurso, tornando-a peculiar. Assim, ao propor a observação e a análise de outros objetos, antes pouco (ou, talvez, nunca estudados) pela AD francesa, a nossa ADB empreende uma certa reformulação de conceitos basilares. Além disso, com essa construção que lhe é própria, cabe-nos fazer uma pergunta: como podemos pensar a composição de redes de pesquisa em discurso em nosso país, sem voltarmos os nossos olhos aos diferentes *corpora*, agências de fomento e instituições (tais como, revistas científicas da área, universidades públicas e particulares etc.) que divulgam as pesquisas brasileiras em discurso e, ao mesmo tempo, ratificam os trabalhos desenvolvidos em nosso país?

Para tal questionamento, é preciso buscar certas reflexões interdisciplinares, que embasaram toda a minha pesquisa após a cotutela. Uma de minhas fontes foi o estudioso Bruno Latour (1997, 2000) e sua teoria *Ator-rede*. Mais especificamente, tratei da noção de *redes* na composição do processo científico do (sobre o) discurso. Segundo suas proposições, o social é uma rede heterogênea, constituída não apenas por atores humanos, mas também por não humanos, em que ambos, no processo científico, são importantes, isto é, se pensarmos os mecanismos que possibilitaram as condições de emergência das teorias do discurso no Brasil, os materiais produzidos (artigos científicos, dissertações, teses, por exemplo), as agências (CAPES, CNPq, FAPESP, entre outras) e as instituições (grupos de pesquisas nas diferentes

universidades), todos esses fatores são responsáveis por compor uma rede de pesquisa discursiva brasileira, essa rede não apenas reproduz as teorias estrangeiras, revisitando conceitos, métodos e teorias, mas proporciona também a divulgação de novas problemáticas, novos desdobramentos que validam as reflexões teóricas desenvolvidas em solo verde e amarelo.

Latour e sua teoria pôde contribuir significativamente para a minha descrição acerca do campo discursivo na Linguística, pois a forma como o estudioso idealiza a constituição das redes, por meio de atores humanos e não-humanos, permite-me pensar a composição geral desse espaço de pesquisa que se constitui não apenas por teorias, reflexões e problemáticas, no âmbito interno à língua, mas também pelas suas relações com as instituições, agências de fomento, entre outros, no âmbito externo, compondo-se em redes e, assim, configurando-se na emergência de diferentes propostas de teorias brasileiras em discurso a partir de suas práticas, isto é, o conjunto de fatores internos e externos que reverberam em diferentes publicações em revistas, a produção de artigos científicos que divulgam um dado pensamento do momento, o investimento de bolsas de pesquisa destinadas à promoção de novos desdobramentos do campo nos diferentes níveis de formação: iniciação científica, mestrado e/ou doutorado, por exemplo. Tudo isso, como acontecimentos metadiscursivos, corroboram na escrita da história desse campo, ainda em formação, em nosso país.

Toda essa composição em forma de rede permite que a característica discursiva *do* Brasil seja cada vez mais forte e singular, não só refletindo, mas também refratando todas as composições desenvolvidas nos trópicos, o que nos faz, de certo modo, diferentes da adjetivação *francesa* da análise do discurso empreendida por Michel Pêcheux e seu grupo e não reconhecida dessa mesma forma no contexto francês.

Em virtude disso, como um linguista e analista do discurso brasileiro, inscrito no contexto social e histórico do Estado de São Paulo – e embebido pelas questões epistemológicas refratadas de meu grupo de pesquisa, o LEEDiM –, busquei analisar como ocorreu a constituição de espaços de pesquisa em discurso no Brasil a partir de sua composição heterogênea e plural, isto é, um lugar que congrega um conjunto bastante variado de vertentes e correntes discursivas. Em especial, por inscrever-me num espaço de pesquisa bastante rico, com autores e pesquisadores renomados na área, trabalhando em diferentes universidades paulistas, foi possível observar os

desenvolvimentos atuais nos Estudos de discurso que reverberam autores já consagrados e que, ainda, propõem novas inquietações discursivas.

Logo, minha reflexão sobre a epistemologia dos conceitos em AD ocorreu numa primeira pesquisa durante a graduação em Linguística¹⁰, em 2010, com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, logo em seguida, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na modalidade iniciação científica. Durante a minha investigação, o meu objetivo foi observar como a nossa sociedade é organizada, atualmente, em torno de novas tecnologias multimidiáticas em que a diversidade de discursividades (orais, escritas, visuais e multimodais) em política, bem como o de outros modos de produção de sentidos têm transformado radicalmente as modalidades e os processos enunciativos dos sujeitos. Podemos dizer que tais mudanças se dão não só na ordem da língua, mas principalmente na ordem do que é enunciável, construindo novos dizeres, alterando os efeitos de sentidos iniciais e provocando, muitas vezes, o humor derrisório como resultado. Assim, por meio de algumas videomontagens – vídeos curtos, modificados, que têm a intenção de denegrir derrisoriamente um certo candidato a fim de descaracterizá-lo socialmente a partir de suas características negativas – investigamos esse percurso de deslocamentos de alguns conceitos – tais como, interdiscurso, heterogeneidade, simulacro, derrisão, entre outros – como forma de avaliar a sua inserção e a constituição na história da AD em nosso país. Tal percurso analítico colocou-me no segundo programa de pesquisa do LEEDiM.

Minha reflexão acerca da história de um campo em Estudos de discurso começou a ganhar contornos quando nesse caminho interpretativo sobre os materiais multimodais deparei-me com a necessidade de compreender a recepção de alguns autores estrangeiros na Linguística brasileira, a saber Ferdinand de Saussure e o movimento estruturalista. Foi nesse momento que migrava ao primeiro programa de pesquisa do grupo LEEDiM, quando ingressei no curso de mestrado (2013). Dessa maneira, o objetivo foi analisar o processo de recepção da obra saussuriana, o *Curso*

¹⁰ Para este percurso, é necessário destacar que o curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos começou a ser oferecido em março de 2009 e, à época, frequentava o segundo ano da graduação. Tal característica é importante porque acredito que a partir da inserção do novo curso na instituição, houve um aumento de alunos que se dedicaram à pesquisa discursiva, já que uma das linhas de formação é a análise do discurso. O Laboratório reuniu os alunos da Linguística e da Letras e, ao mesmo tempo, juntamente com outros grupos de discurso que o Departamento de Letras congrega – Labor, Comunica, LIRE, entre outros – podemos dizer que se tornou um espaço de pesquisa discursiva bastante representativo para a escrita da história da AD no/do Brasil.

de Linguística Geral (1916), nos manuais de linguística brasileiros, em especial observar as releituras realizadas por autores brasileiros, entre as décadas de quarenta e sessenta, acerca das noções de *língua* e *fala*. Empreender uma volta às conceituações e aos pressupostos teóricos saussurianos pode não somente fornecer novos fundamentos à ciência da linguagem, com base nas (re)leituras de sua obra primeira, mas também contribuir para que um arcabouço teórico seja fortificado nas tramas da história brasileira, em condições diferentes em relação à Europa do início da década de sessenta, por exemplo. O caminho reflexivo em torno da história e da epistemologia de Saussure nos trabalhos de pesquisadores brasileiros possibilitou-me pensar na singularidade do espaço brasileiro de estudos linguísticos, já que me utilizei de alguns de seus princípios para a descrição de sua recepção. Partia-se, daí, algumas das minhas primeiras reflexões acerca dos *acontecimentos metadiscursivos* promovidos pelas práticas científicas discursivas da análise do discurso no/do Brasil.

Assim, já para esse caminho reflexivo da recepção da análise do discurso no Brasil acontecer, em forma de um projeto de doutorado, foi inevitável o percurso e o trabalho investigativo sobre a adjetivação *francesa* nas pesquisas em AD desenvolvidas em nosso país. Para tal, minha tese tomou caminhos interdisciplinares importantes com a proposição de uma cotutela internacional, durante o segundo ano do curso de doutorado, em que além de viajarmos ao berço da geografia discursiva, a França, e, a partir dele, colher todas as possíveis leituras e discussões sobre certos fundadores e “inspiradores” dessa disciplina como, por exemplo, Michel Pêcheux, Michel Foucault, entre outros, caminhei para uma análise interdisciplinar no campo da *Nova Sociologia da Ciência*, o que me possibilitou conhecer alguns processos de constituição de certas redes de pesquisa que me fizeram refletir sobre a composição e a formulação de um campo de trabalho em análise do discurso no/do Brasil.

Ademais, partimos de algumas das reflexões inicialmente cunhadas por Baronas (2015), que, há alguns anos, já se debruçava sobre a pesquisa discursiva brasileira e as investigações acerca do desenvolvimento de teorias brasileiras de discurso. Minhas hipóteses de trabalho partiram de suas reflexões, materializadas, inicialmente, na disciplina *Ciências brasileiras de língua(gem): teorias de discurso* no Programa de Pós-Graduação em Linguística (2015) da Universidade Federal de São Carlos e, logo em seguida, apresentadas no livro *Estudos discursivos à brasileira: um introdução*. Negligenciar as nossas raízes, de certo modo, seria negligenciar a nossa própria identidade sobre a prática discursiva. É preciso, pois, (re)conhecer o

nosso *corpora*, observar que ele se distancia de questões do discurso político, como material de origem da AD francesa – todavia, não as excluindo dos trabalhos ainda hoje desenvolvidos –, mas compondo um traço específico brasileiro sobre os discursos do cotidiano, a saber: piadas, chistes, videomontagens, fotomontagens, entre outros.

A análise do discurso no/do Brasil tem se reinventado constantemente com as diferentes perspectivas de trabalho, essas se debruça(ra)m sobre o discurso e o toma(ra)m diferentemente a fim de contemplar os seus objetivos de pesquisa. Este trabalho, diante da diversidade de pesquisas, torna-se uma leitura ainda em construção, de um percurso que ainda promove sendas e veredas a todo momento, já que lida com um cenário em constantes reformulações. Contudo, diante de minha inscrição em uma dada perspectiva, a do paulista e, também, tomando certos “inspiradores” brasileiros dessa imensa gama de trabalhos – teoria dos estereótipos básicos e opostos, verbo-visualidade, teoria do silêncio, semântica do acontecimento, entre outras –, promovo determinados recortes na geografia brasileira como forma de tomar metonimicamente essa diversidade de vertentes e teorias que convivem num amplo espaço. Tal recorte não tem como função construir uma leitura única sobre esse percurso na história, impondo verdades, ao contrário, parto de certos questionamentos que colaboram para a promoção de minha leitura acerca da recepção da AD em um campo de pesquisa discursivo brasileiro.

É, diante dessa heterogeneidade de vertentes e teorias brasileiras de discurso, que penso a composição de um campo, o dos *Estudos de discurso*, ainda em constante construção devido às diferentes proposições e aos trabalhos, atualmente, desenvolvidos nas universidades e instituições brasileiras. Essa rede de pesquisa em discurso possibilita que esse campo seja cada vez mais rico de informações e detalhes que moldam as práticas científicas em discurso no/do Brasil.

Nesse sentido, retomando Escobar, “o sujeito não é um lugar preciso, nem jamais estabilizado ou completo”; para a sua produção científica, ele depende de sua inscrição histórica, social e ideológica para a composição de diversos conceitos. Ou seja, para interpretar os caminhos de um campo de pesquisa, é necessário tomarmos todos os fatores externos a ele no conjunto da história. É necessário, pois, reconhecer as características brasílicas, nas suas condições históricas, para compreendermos a composição de uma ADB. Por isso, proponho tais questões que revisitam a epistemologia discursiva brasileira, já que contamos, sob a perspectiva dos brasileiros,

de inúmeros desdobramentos e escansões acerca das teorias estrangeiras, sobretudo francesas, para a compreensão da emergência de teorias brasileiras de discurso.

É, dessa forma, que, no caso brasileiro, é difícil de defender a ideia da emergência de um olhar único sobre o discurso. Da mesma forma que, em outros contextos mundiais, no Brasil, é preciso trabalhar com a tese da irrupção de inúmeros estudos discursivos em distintos contextos acadêmicos. Nesse sentido, elencamos a seguir alguns dos trabalhos que se debruça(ra)m sobre os estudos discursivos, cuja emergência se deu em sua grande maioria entre os anos setenta e noventa do século passado, em pleno período da ditadura civil-militar e no auge do estruturalismo em linguística: a abordagem dialógica, advinda de Bakhtin e seu *soi-disant* círculo e desenvolvida por Brait, Faraco, Geraldi; a semiótica de Greimas e desenvolvida por Pais, Blikstein, Silva, Lopes, Barros e Fiorin; a semiótica pierceana de Pierce e desenvolvida por Santaella; a semiolinguística de Charaudeau e desenvolvida por Ida Lúcia Machado; a crítica de Fairclough e Van Djick e desenvolvida por Magalhães; a materialista de Pêcheux e desenvolvida por Orlandi; a historicista de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine e desenvolvida por Gregolin e Coracini e a enunciativa de Maingueneau e desenvolvida por Possenti, Souza-e-Silva e Baronas.

“A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terra, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino (BAUMAN, 2001, p. 131)”. Tal como diz o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, podemos interpretar a modernidade como uma constelação de estrelas, em que estas, a meu ver, representam o conjunto diverso de pontos de vistas e aquela o cenário científico passível de observação. A relação, nunca homogênea, entre ambos promove certos desdobramentos necessários para a (re)escritura de uma sociedade, pois sua efemeridade instiga o retorno às suas bases interpretativas para o seu processo de constituição. Já quando o autor se refere à aceleração e à conquista de terras, podemos dizer que representam, metonimicamente, as diferentes irrupções teóricas promovidas pelas leituras de brasileiros do (sobre o) discurso, em que o mesmo objeto jamais será refletido da mesma forma, mas refratado e reinterpretado por meio de suas condições de emergência e possibilidades de dizer. Assim, ao depararmos com tais acelerações, partimos para certas revoluções científicas, na esteira de Kuhn (1998), que permitem novos questionamentos e reaqueça as problemáticas em torno do objeto teórico a fim de redefini-lo socialmente, numa dada conjuntura histórica. Não sabemos qual será o

destino da análise do discurso no/do Brasil diante de tantas perspectivas e pontos de vistas, pois o futuro sempre será incerto, todavia, tenho uma única certeza: essa *movência* de teorias e perspectivas promove uma constante re-atualização do campo de Estudos de discurso, ela é responsável, também, por instigar a busca de novas práticas de pesquisa que ratificam um fazer científico brasileiro, enquanto lhe é próprio, cada vez mais único e singular, fruto de uma determinada cultura de interpretação.

INTRODUÇÃO

O que se entende, hoje, por “análise do discurso”, no Brasil, é bastante amplo. (...) A escrita da [sua] história é um fascinante campo de confrontos teórico-metodológicos. Um trabalho de investigação sobre a AD feita no Brasil, que se debruce sobre esse campo e tente enxergar a sua textura histórica, é um desafio permanente, que ainda está por ser feito. Por ora, é prudente fugir dos lugares comuns.

Maria do Rosário Gregolin, 2003, p. 31-32

O que é a análise de discurso desenvolvida no Brasil, qual é a sua história e o que esperar da herança que recebemos dos franceses e que ainda insistimos em preservar e constantemente renovar? Nos últimos anos, os estudos sobre o discurso no Brasil têm ganhado notoriedade graças à pluralidade e à diversidade de temas e objetos que caracterizam o seu fazer científico. Diferentemente das ciências ditas exatas, em que a conclusão de uma equação e/ou a definição de um certo estado da matéria é um objetivo a se alcançar, a análise de discurso, por se inscrever num domínio fluido das humanidades, carece (e não no sentido negativo) de contornos bem definidos justamente por lidar com diferentes formas de pensamento e diferentes linguagens; afinal, ser, hoje, um analista de discurso é encontrar-se diante de certos paradoxos, mal-entendidos e controvérsias que corroboram a escrita de sua história no tempo presente por meio do seu desenvolvimento em um contexto social específico, o Brasil.

Desse modo, assim como asseverou Gregolin (2003), o cenário brasileiro de Estudos do discurso é um lugar “de confrontos teórico-metodológicos” (p. 31), em que observamos a coexistência de diferentes vertentes de trabalho de (sobre o) discurso. É necessário fazer um retorno à história epistemológica da análise do discurso¹¹ a fim de compreendermos as determinações e os caminhos que marca(ra)m o modo como colocamo-nos e filiamo-nos no interior desse domínio de saber tão heterogêneo da AD franco-brasileira¹², (re)configurando a sua história num tempo

¹¹ Doravante, vez ou outra, AD.

¹² Assim como demonstraremos nas próximas páginas, o Brasil é um país heterogêneo de teorias do discurso, inscritas em distintas vertentes de trabalho, tais como a crítica, por exemplo. Embora bastante pertinente e uma área cada vez mais consolidada nos trópicos, para esta tese, tomamos apenas as contribuições de uma análise do discurso de matriz francesa e russa (Bakhtin, traduzido por franceses), herança das reflexões de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin.

presente. Trata-se, com isso, de tomar o discurso não apenas como um objeto observacional, cujo fenômeno é comum a todos, entretanto, dependendo das condições de produção de certas correntes discursivas que se inscrevem no interior dessas diferentes vertentes de discurso, o objeto teórico construído é bastante diferente. Nesse contexto, Borges Neto (2010) afirma:

O objeto observacional de uma teoria científica é o conjunto de fenômenos, a porção de realidade, que a teoria assume como seu objeto; o objeto teórico é a construção (o modelo) que o cientista idealiza como representação do objeto observacional. Por exemplo, a sintaxe estruturalista e a sintaxe gerativista, em princípio, podem ter o mesmo objeto observacional (o conjunto de sentenças bem-formadas que podem ser ditas em alguma língua); os objetos teóricos, no entanto, podem ser bastante diferentes: a sintaxe estruturalista vê as sentenças como cadeias estruturadas de palavras (ou morfemas) e sua tarefa é revelar essas estruturas, enquanto a sintaxe gerativista vê as sentenças como o resultado da aplicação de regras internalizadas (inatas, em parte) (BORGES NETO, 2010, p. 1)¹³.

Ao observarmos a história da construção dos conceitos em análise de discurso no Brasil, voltamo-nos a um constructo teórico singular que não apenas se agrupa sob um rótulo francês – análise do discurso francesa, ou simplesmente, ADF¹⁴ – herdando suas teorias e reproduzindo-as, mas também imprime e produz, de certo modo, traços e características peculiares, redefinindo-a como um fazer científico tipicamente brasileiro. O Brasil, nesse caminho, tem outra história e, com isso, também possui outra forma de se fazer análise do discurso. “Enxergar a sua textura histórica” (GREGOLIN, 2003, p. 32) torna-se um desafio interessante dadas as diferentes correntes de trabalho desenvolvidas em nosso país, construindo um cenário cada vez mais único e plural, distanciando-se, em partes, do seu berço francês e criando novas possibilidades e interpretações, novas narrativas sem, contudo, negar suas origens¹⁵.

¹³ A questão do objeto observacional e objeto teórico foi desenvolvida em um texto publicado em 1991: DASCAL, M.; BORGES NETO, J. De que trata a linguística, afinal? *Histoire, Epistémologie, Langage* 13 (1), 1991, p. 13-50 (recolhido como capítulo 10 em Borges Neto, J. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004).

¹⁴ Também conhecida como “Escola Francesa de Análise do Discurso”, definida pelos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo nos tempos iniciais – 1969 a 1971 – em Nanterre, na Universidade de Paris X, durante as primeiras “épocas” da ADF (MAINGUENAU; CHARAUDEAU, 2008). No Brasil, é comum encontrarmos uma diferenciação importante no sintagma “análise do discurso” e “análise de discurso”, produzida não à mera qualificação terminológica, mas que define, de certo modo, a direção de pesquisa dos pesquisadores brasileiros em um campo plural. Assim, enquanto o primeiro volta-se à ADF e a todo o contexto político francês dos anos 1960-1970, o segundo – e adotado para esta perspectiva doutoral – toma os diferentes tipos de discursos, inscritos em diferentes materialidades, que circulam em nossa sociedade.

¹⁵ Bolívar (2015, p. 12, tradução nossa) afirma que “a análise do discurso na América Latina tem alcançado um desenvolvimento impressionante e que em nossa comunidade científica tem surgido perspectivas teóricas originais”. De fato, embora as teorias discursivas desenvolvidas por aqui são

É a partir desse contexto epistemológico dos desdobramentos da ADF no espaço brasileiro que temos como objetivo neste trabalho investigar a escrita da sua história, considerando as diferentes vertentes – enunciativa, materialista, dialógica, histórica, filosófica etc. – e as diferentes correntes discursivas – Análise Crítica do Discurso¹⁶, Análise Dialógica do Discurso, entre outras – que se desenvolveram em nosso país a partir dos anos oitenta, época do início do seu processo de institucionalização, limitando-nos às (re)leituras brasileiras das heranças francesas. Em especial, buscamos instigar uma primeira forma de olhar a construção desse campo de saber por meio de suas singularidades, pois acreditamos que ao longo dos últimos anos, sobretudo, nas duas últimas décadas, a AD tem adquirido contornos bastante particulares em relação à análise do discurso desenvolvida na França, graças aos diferentes contextos históricos de sua produção e às suas metodologias, que apesar de apresentarem certas semelhanças e, aparentemente, de integrarem uma mesma perspectiva epistemológica, buscam caminhos divergentes do saber.

Buscamos, de tal forma, compreender algumas das metodologias de AD criadas em solo brasileiro, apesar de estas nem sempre possuírem contornos bem definidos e pré-determinados, já que à época dos trabalhos de Pêcheux na França em 1969, em sua *Análise Automática do Discurso* (AAD69), a discussão central reiterava a questão do método em análise do discurso, isto é, como buscar uma metodologia de análise automatizada utilizando-se de algumas ferramentas computacionais e expressões matemáticas para o tratamento de *corpora*.

A partir dessa ideia é que compreendemos que em nosso país há, talvez, análises de discursos, no plural, que dialogam com a AD francesa, mas, de todo modo, possuem uma certa identidade teórico-analítica em razão das diferentes narrativas que (re)contam o seu fazer científico e, assim, produzem subjetividades na maneira de narrar a história da *constituição, formulação e circulação* da teoria

provenientes da Europa e da América do Norte, é importante ressaltar a “independência intelectual e o compromisso com as realidades de nossos países”. Desse modo, não se trata de examinar o quanto elas são independentes, mas avaliar como essas teorias discursivas latino-americanas têm emergido nos diferentes contextos, considerando o seu “valor científico e acadêmico”. Nesse panorama elencado pela pesquisadora, destaca-se o trabalho significativo da *Associação Latino-americana de Estudos do Discurso* (ALED), em que ela faz um levantamento dos trabalhos apresentados em diferentes congressos nacionais e colóquios regionais, e apresenta as diferentes perspectivas discursivas que há mais de 20 anos a compõem. Trata-se de um seleto grupo de pesquisadores do discurso, nas suas mais diferentes vertentes e correntes de discurso que metonimicamente, a partir de suas diversas publicações por meio da Revista da ALED, procura divulgar os trabalhos em análise de discurso desenvolvidos por diferentes pesquisadores – brasileiros, chilenos, bolivianos, venezuelanos, argentinos, entre outros.

¹⁶ No caso, considerando uma (re)leitura anglo-saxônica da tradição francesa.

brasileira (ORLANDI, 2012). O Brasil diferencia-se, a nosso ver, pelo diálogo proposto entre os diferentes teóricos (franceses, russos, brasileiros, americanos, entre outros) e, ao mesmo tempo, pela presença, sem destoar ou romper com os fios que nos prendem a uma certa referência (francesa, sobretudo). Assim, nosso objetivo é observar alguns caminhos próprios dentro desse imenso campo heterogêneo, uma vez que é necessário considerar as especificidades teóricas de cada vertente e as suas respectivas correntes de pesquisas.

Além disso, trazendo para nossa realidade discursiva, propomos olhar para uma análise do discurso própria, brasileira, a AD franco-brasileira ou, AD brasileira ou, também AD do Brasil, sem pensar numa submissão aos preceitos teóricos estrangeiros, mas tomando-a com fidelidade referencial. Ou seja, em geral, quando buscamos descrever a história trilhada por uma disciplina científica qualquer, podemos nos deter sobre um (talvez, dois ou três) pensamento fundador que delimita firmemente os contornos do campo de saber concernido. Em se tratando da análise do discurso, no entanto, é muito difícil descrever tais escritos fundadores: não existem equivalentes como no caso de Newton, Pasteur, Durkheim, Freud, ou mesmo de Saussure, isto é, personalidades cujo papel fundador é reconhecido pelo conjunto da comunidade científica na qual eles se inscrevem. Trata-se, pois, de um espaço de pesquisa bastante amplo e que não se pode reportar a um único lugar de emergência preciso, pois há contornos muito fluidos. Frequentemente, atribui-se um papel fundador a pensadores como E. Goffman, L. Wittgenstein, M. Foucault, A.-J. Greimas, M. Bakhtin ou M. Pêcheux. Eles desempenharam inegavelmente um papel importante, todavia a contribuição de cada um não concerne mais do que a uma pequena parte desse imenso campo. Cada um desses pesquisadores produziu um pequeno recorte do imenso campo do discurso sob outro nome, um território que recobre pequenos espaços dos atuais estudos discursivos.

Quando propomos observar os caminhos e as irrupções teóricas da AD em nosso país, inegavelmente, precisamos (re)contar, também, a história da emergência dessa disciplina no contexto francês, no famoso período dos anos sessenta, *grosso modo*, promovida pelas teorias de Michel Pêcheux e suas leituras acerca do marxismo (sob a influência de Louis Althusser). Durante seus primeiros anos na França, a análise do discurso desenvolveu-se a partir de uma história política de engajamento forte, revolucionária; havia, com isso, a necessidade de incluir questões de discurso na linguística, assim como a sua relação com a história. Pêcheux, filósofo engajado à sua

época e muito interessado por maquinarias, aparelhos e certos dispositivos, contribuiu para a promoção desse novo domínio de saber no campo das ciências humanas e sociais como resposta a um movimento estruturalista fechado e homogêneo, herança de Ferdinand de Saussure e seu *Curso de Linguística Geral*¹⁷ de 1916. Outras figuras importantes desse momento histórico ganharam destaque, fossem analistas do discurso ou não, tais como Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin, Francine Mazière, Elisabeth Roudinesco, Michel Foucault, entre outros.

As duas primeiras décadas francesas de estudos do (sobre o) discurso – 1970 a 1980 – foram consideradas bastante importantes para o desenvolvimento e reformulação de suas teorias, sobretudo àquelas propostas por Michel Pêcheux em meio aos conturbados acontecimentos históricos europeus: influência dos fatos de Maio de 68, as tensões entre os socialistas e comunistas franceses, por exemplo. A referência a Pêcheux sempre se impõe ainda que seu quadro teórico inicial seja pouco abordado atualmente, isto é, na França certos conceitos como formação ideológica, formação discursiva, pré-discurso, discurso transversal, entre outros, se perderam na poeira do tempo e quase não se adotam mais nas análises em curso. Todavia, tais conceituações ainda são muito fortes em nosso país, sendo empregadas em distintas materialidades discursivas que na contemporaneidade ainda continuam sendo consideradas (por muitos autores nacionais e internacionais) como o lugar mais representativo da linha pecheuxtiana.

A partir das diferentes narrativas e interpretações da teoria de Pêcheux (além de várias outras) feitas pelos pesquisadores e estudiosos brasileiros, pode-se dizer que o Brasil é, sem dúvida, a atual morada da análise do discurso de matriz francesa e fonte de inesgotáveis esforços para se compreender como se dá o seu funcionamento diante de uma história diferente e com distintas materialidades discursivas que refletem não apenas os discursos institucionais, mas também os do cotidiano, tais como os humorísticos, jornalísticos, literários etc. A corrente pecheutiana vive forte em nosso país¹⁸, assim como as outras vertentes que aqui se instalaram e adquiriram adeptos ao longo dos últimos trinta anos, propondo uma renovação metodológica que vai de encontro com as novas materialidades. Acreditamos que a história da AD franco-brasileira precisa ser (re)contada, considerando seus diferentes caminhos

¹⁷ Doravante, vez ou outra, CLG.

¹⁸ Como exemplo, podemos destacar, nessa vertente de trabalho, o *Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD)*, atualmente na sua 8ª edição, já de muita tradição pelos estudiosos brasileiros de Pêcheux. Disponível em: < <https://www.discoursead.com.br>>. Acesso em: 27 set. 2017.

históricos de recepção e de institucionalização¹⁹, a partir da (re)interpretação de conceitos estrangeiros e (re)adequando-os ao contexto brasileiro.

Ao olharmos para as origens desse domínio de saber em seus primórdios e decisivos anos (1969-1980), não deixamos também de nos perguntar: como se dá, atualmente, a constituição da AD no contexto francês? E, como tais “fundadores”²⁰ são (re)tratados pelos estudiosos contemporâneos? Para isso, nosso estágio de pesquisa realizado na cidade de Paris, entre abril de 2016 a março de 2017²¹, contribuiu significativamente para tal investigação, pois acompanhamos mais de perto a sua geografia discursiva e os atuais desdobramentos teóricos dessa disciplina entre os pesquisadores e estudiosos franceses, alemães e ingleses²².

Passado o período de fundação, a análise do discurso francesa vai muito rapidamente misturar os aportes de suas três problemáticas iniciais²³ e se abrir aos conceitos vindos das correntes pragmáticas, das teorias da enunciação, da linguística textual e da história para abordar *corpora* diversificados. Podemos citar os trabalhos de Patrick Charaudeau (1983, 1997) sobre as mídias, os de Sophie Moirand sobre o

¹⁹ Acreditamos que a análise de discurso ainda está no seu processo de institucionalização no espaço discursivo brasileiro graças aos diferentes caminhos e às diferentes metodologias desenvolvidas a partir das diferentes materialidades disponíveis. Temos, com isso, um desafio interessante, pois a sua história no tempo presente assume contornos bastante fluidos com base nas constantes reformulações da teoria.

²⁰ O uso das aspas, em “fundadores”, justifica-se justamente pela dificuldade de delimitar contornos nítidos e bem determinados no campo da análise do discurso, em que há constantes e diferentes formas de pensamento e linguagens que coexistem em um determinado espaço de pesquisa, isto é, os diferentes programas de pesquisa que coabitam e “competem” entre si, segundo Lakatos (1979). Ademais, podemos também chamá-los de “inspiradores”, pois suas teorias, além de reverberarem um modo de produção discursiva importante do final dos anos sessenta, tornaram-se propulsoras de novas correntes de trabalho que, no caso brasileiro, serviram como mote de reflexão da emergência de novas teorias de discurso a partir das novas materialidades disponíveis.

²¹ Durante meu segundo ano de doutorado, tive a oportunidade de ser orientado pelo Prof. Dr. Johannes Angermuller, que contribuiu muito para o meu crescimento, enquanto pesquisador, do campo de Estudos do Discurso na Europa, sobretudo no caso francês. Ao lado de seu grupo de pesquisa – DISCONEX – pude conhecer as diferentes tendências de estudos na França, Inglaterra e Alemanha, graças à sua influência – e passagem – nos três países. A partir de suas reflexões é que fiz, em parceria com a minha coorientadora, Lígia Menossi, a tradução para o português do capítulo intitulado *A análise do discurso na Europa*, em que o autor mostra três diferentes tendências em estudos do discurso no cenário europeu da atualidade: tendências francesa, anglo-saxônica e alemã. Além disso, a parceria de pesquisa empreendida durante a estadia em Paris possibilitou-me apresentar um pedido de convenção de cotutela entre a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a École des Hautes études en Sciences Sociales (EHESS), no campo da sociologia, como possibilidade de instituir um diálogo entre este e o da análise de discurso, já que, nos últimos anos, segundo o teórico Dominique Maingueneau (2015), “o campo da análise do discurso, hoje globalizado e em expansão contínua, resulta da convergência de correntes de pesquisa provindas de disciplinas muito diferentes (linguística, sociologia, psicologia, antropologia (...))” (MAINGUENEAU, 2015, p. 10). Meu projeto complementar de pesquisa na França foi financiado pela FAPESP (Processo nº. 2015/20984-0).

²² Estes, inscritos não somente no campo da linguística, mas também em áreas afins como, por exemplo, a sociologia, a antropologia, a psicanálise.

²³ Vemos, por exemplo, os conceitos de Foucault e de Pêcheux combinarem-se diretamente no estudo do discurso político em um número especial da revista *Langages* (Courtine, 1981) consagrado ao discurso político, terreno de pesquisa privilegiado dos colaboradores de J. Dubois.

discurso científico (1988) e a imprensa escrita (2007), os de Dominique Maingueneau sobre o discurso religioso (1984) ou sobre o discurso literário (1993). Todas essas pesquisas atribuem um papel central à noção de gênero do discurso e se apoiam massivamente sobre as teorias da enunciação que fornecem um quadro metodológico comum. Paralelamente, também é importante ressaltar os trabalhos de inspiração norte-americana que se difundem na França, em particular por intermédio do estudo das conversações.

Pode-se dizer, assim, que o *modus operandi* da ADF assumiu contornos distintos da análise do discurso tal como foi concebida em sua fundação: uma disciplina engajada politicamente, formada por marxistas que eram contra as ideias positivistas fortemente marcadas nas ciências humanas e sociais da década de sessenta. Nesse sentido, segundo os diferentes modelos teóricos atualmente empregados, podemos pensar o cenário da análise do discurso na França, talvez, em dois diferentes momentos históricos: o primeiro, marcando o aparecimento da AD, de 1960 e 1970, época das (des)construções teóricas e (re)invenções mergulhadas numa história de engajamento, intervenção política e revolucionária e, por último, a década de 1980 até a contemporaneidade – nosso ponto inicial de investigação em solo brasileiro –, em que tal engajamento já não assume uma posição privilegiada entre as questões discursivas e o campo de discurso se vê imerso nas discussões das ciências sociais²⁴.

Sob esse prisma, sem “apagar” o lugar singular desses diferentes discursivistas, “fundadores”/ inspiradores, mas também sem desconsiderar as distintas proposições teóricas dos analistas de discurso brasileiros, buscamos analisar os desdobramentos históricos e epistemológicos da análise do discurso em nosso país tomando como fundamentação teórica as suas próprias formulações, isto é, o seu estado da arte, visto que ela, como um constructo teórico forte, uma prática científica, é capaz de promover conceitos que podem nos auxiliar a começar a construir os percursos de sua produção em nosso país e as diferentes narrativas criadas a partir de lugares e posicionamentos teóricos distintos. Além disso, tais narrativas favorecem a criação de novos *acontecimentos metadiscursivos* capazes de ressignificar o fazer

²⁴ Na França atual, é possível encontrarmos a inscrição dos estudos discursivos no interior do campo das ciências da linguagem (ou Sciences du langage). Cf: ANGERMULLER, Johannes. Renouons avec les enjeux critiques de l’analyse du discours: vers les études du discours. **Langage et société**, 2017.

científico e promover novas instâncias enunciativas do (sobre o) discurso, que remontam a um campo de saber mais amplo, o dos Estudos de discurso.

Nesse contexto de produção brasileiro, por exemplo, pode-se considerar que a teoria está em constantes redefinições e reconfigurações, muitas vezes testadas e (re)discutidas pelas distintas atividades de seus seguidores. Essa forma de sempre (re)visitá-la, buscando encontrar certos princípios que ainda são centrais para a descrição de um fenômeno, torna-se parte importante e uma das razões pelas quais a AD não se esvaziou no Brasil.

Ao contrário da França, a AD franco-brasileira mostra-se, a nosso ver, muito pulsante e aberta às novas materialidades, sem, contudo, estacionar em certas querelas e questionamentos que marcaram a sua origem europeia. Tal preocupação não é à toa, já que inscritos em uma outra história, sob outros olhares, temos as nossas próprias questões, nossa própria história por meio de uma polifonia de vozes, um diálogo coletivo com ecos de distintas formas de pensamento que expressam a construção teórica de um determinado campo e que, de certo modo, contribui para a escrita dessa história languageira dos discursos dos trópicos. Essa diversidade de narrativas que empregam um mesmo objeto observacional, mas que constroem objetos teóricos bastante diferentes refletem, a nosso ver, a própria diversidade linguística brasileira, rica e fonte de profunda investigação, reverberando uma maneira de fazer ciência singular e particular na área das ciências humanas e sociais.

Diante dessa herança francesa, resta-nos as seguintes perguntas: o que é ser analista do discurso no Brasil? Hoje, como se configura esse campo de saber diante de tal diversidade? Para tais questionamentos, é preciso observar o *modus operandi* sobre os limites e as especificidades do quadro teórico a partir da nossa história, da análise do discurso do Brasil, sem banalizar o aparato conceitual já construído, sabendo (res)significá-lo em nosso contexto, propondo novas nuances, novas questões que (re)afirmam e (re)adéquem aos diferentes modelos teóricos desenvolvidos em nosso solo. Ou seja, trata-se de não só manter a ideia de ruptura e de resistência, em que certas características comuns de sua fundação ainda estão muito presentes em certos grupos de pesquisa, mas também de propor novos olhares, novos pontos de vista e, sobretudo, novas narrativas capazes de (re)dizer o fazer científico discursivo brasileiro, reverberando esse campo mais amplo.

Rever a história da AD na França e compreender as diferenças que aqui se instauraram – por meio das reconfigurações de sua história no tempo presente –,

devido a uma defasagem histórica e temporal entre os dois países, torna-se uma tarefa de fôlego e pertinente, pois auxilia-nos a buscar as nossas origens e a nos perguntar quais são as metodologias empregadas pela AD franco-brasileira. Para tal, torna-se salutar ressaltarmos os diferentes contextos, já que na França víamos na década de oitenta uma tentativa de superar as formulações de Pêcheux e seu grupo após a sua morte²⁵ – como, por exemplo, as ideias de um dogmatismo das teses althusserianas, referindo-se, principalmente, aos primeiros trabalhos do autor acerca da história como luta de classes e do assujeitamento ideológico –, enquanto no Brasil, na mesma época, a recepção das traduções dos seus trabalhos foi (res)significada pelo modo de sua (re)leitura pelos brasileiros que não seguiram fielmente a cronologia de publicação segundo as suas “três épocas” desenvolvidas no contexto europeu (1969-1983).

Assim, em nosso país, tal qual no francófono ou no anglo-saxônico, é difícil defender a ideia da emergência de um olhar único sobre o discurso. Da mesma forma que em outros contextos mundiais, no Brasil é preciso trabalhar com a tese da irrupção de inúmeros estudos discursivos em distintos contextos acadêmicos. Desde o seu início – anos oitenta²⁶ –, a construção do modelo discursivo se deu numa conjuntura completamente diferente do que ocorrera no cenário francês. Podemos dizer, com isso, que sua emergência ocorreu a partir do seu processo de institucionalização, fazendo com que certas alianças e diferentes parcerias se construíssem no interior dos diferentes espaços acadêmicos, promovendo discussões entre as disciplinas vizinhas e, entre elas, a linguística. As diversas associações (ALFAL, ANPOLL, GEL etc.) contribuíram para a reunião de diferentes pesquisadores do discurso inscritos em distintas perspectivas e vertentes de trabalho que nos últimos anos vêm configurando uma pluralidade de cenários de estudos discursivos brasileiros, revisitando não só teorias estrangeiras, mas também (res)significando-as a partir do nosso contexto discursivo. Nesse caminho, entendemos por estudos discursivos um conjunto de disciplinas que tem a linguagem, imbricada em suas diferentes ordens (linguísticas, enunciativas, históricas) e manifestada em distintas materialidades (verbais, visuais, verbo-visuais), como objeto

²⁵ Michel Pêcheux faleceu em 1983, aos 45 anos.

²⁶ Nossa investigação toma como ponto fundante o início dos anos oitenta para pensar a emergência dos estudos discursivos franceses em solo brasileiro à luz dos trabalhos desenvolvidos por Eni Orlandi e seu grupo na Universidade de Campinas. Todavia, como mostraremos mais adiante, é possível encontrarmos tais contribuições da ADF no Brasil a partir dos anos sessenta por meio das releituras das teses althusserianas e as críticas ao modelo saussuriano promovidas por Carlos Henrique de Escobar no Rio de Janeiro.

de estudo. Essas diferentes disciplinas, embora tenham o discurso como objeto de observação, constroem objetos teóricos bastante distintos.

Na França, durante as décadas de setenta e oitenta, Michel Pêcheux e seu grupo valeram-se da AD como artifício para promover um engajamento político, “revolucionando”, de certo modo, as ciências humanas e sociais da época; já no Brasil, durante a sua fase de implantação, a análise do discurso também ficou preocupada com as questões políticas. Aos poucos, entretanto, o leque de discursos analisados por esses intelectuais foi expandido e se diversificou: eles surgiram da necessidade dos objetos e das materialidades disponíveis no país, dos novos objetos discursivos que, por sua vez, exigiram novas formas de análise, novas narrativas que contemplassem as suas características de formação, permitindo, assim, abrir no espaço de discussão certas questões oriundas da relação entre o discurso e as piadas (o humor enquanto campo discursivo) ou o discurso, a imagem e a ironia ou o silêncio enquanto promotor de sentidos do/no discurso, para citar alguns exemplos. Acrescenta-se a isso o fato de que a tecnologia digital tem auxiliado muito nas interações verbais, multiplicando as técnicas de processamento de signos, uma “tecnologização dos discursos” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 9).

Diante do desafio de se pensar os caminhos da análise do discurso no Brasil e, com isso, remeter-se à uma pluralidade discursiva brasileira, acreditamos que é bastante singular observar a sua constituição a partir de diferentes narrativas que repercutem olhares distintos. Nesse sentido, com base na sua inscrição histórica, tais narrativas contribuem para a configuração de um cenário bastante heterogêneo que está em pleno desenvolvimento, proporcionando, desse modo, uma análise do discurso brasileira. Assim, não se trata, pois, de negar a sua origem, dos “fundadores”, mas conduzir diferentes releituras que permitem retratar um objeto observacional, o discurso, de maneira distinta – enquanto objeto teórico. É enriquecedor ver essa diversidade discursiva e, ao mesmo tempo, constatar que os analistas de discurso brasileiros vêm importando certas características brasileiras à prática da AD.

Para eleger como objeto os percursos históricos dos diferentes trabalhos discursivos brasileiros, tomamos esses estudos enquanto programas de pesquisa (LAKATOS, 1979). Um programa de pesquisa pode ser caracterizado por seu “núcleo firme”: teoria ou conjunção de hipóteses contra a qual não é aplicada a “retransmissão da falsidade”. “O núcleo firme é ‘convencionalmente’ aceito (e, portanto, ‘irrefutável’ por decisão provisória)” (LAKATOS, 1971a, p. 116). O programa de pesquisa de

Copérnico, por exemplo, continha em seu “núcleo firme” a “proposição de que as estrelas constituem o sistema de referência fundamental para a física” (LAKATOS, 1989, p. 234). O programa de pesquisa de Newton continha as três leis do movimento e a Lei da Gravitação Universal. No de Piaget, encontrava-se a “hipótese de equilíbrio” (Gilbert e Swift, 1985). No de Pasteur, a hipótese de que “a fermentação é um fenômeno correlacionado com a vida” (ASUA, 1989, p. 76). Os cientistas que trabalharam ou trabalham nesses programas não descartariam tais hipóteses, mesmo quando encontrassem fatos problemáticos (“refutações” ou anomalias) (LAKATOS, 1979).

A metodologia dos programas de pesquisa proposta por Lakatos (1979), embora seja muito pertinente para descrever/interpretar como as diferentes ciências, enquanto programas de pesquisa, concorrem em relação a outras ciências que buscam se ocupar de um mesmo objeto, não dá conta de descrever/interpretar como são construídas, numa relação de litígio, as diferentes narrativas históricas que as constituíram. Essa lacuna pode ser preenchida ao mobilizarmos a proposta de Jacques Guilhaumou (2009) acerca da história linguageira dos conceitos e, mais precisamente, a noção de narrativa do acontecimento. Segundo o autor, é necessário manter lado a lado, História e Linguística, para pensar em termos de teoria discursiva. Assim, nesse viés, o acontecimento em AD deve contemplar três aspectos importantes: linguístico, discursivo e a narrativa do acontecimento.

Para esta tese de doutorado, observamos alguns caminhos dos desdobramentos da análise do discurso franco-brasileira como diferentes narrativas que (re)contam a AD em nosso país por meio dos seus próprios pressupostos teóricos, a fim de compreender como se dá o funcionamento do discurso científico e como novos enunciados, singulares, instauram novos acontecimentos metadiscursivos capazes de (re)contar e, sobretudo, (res)significar as diferentes vertentes e correntes discursivas brasileiras.

Para esta empreitada analítica, selecionamos três vertentes de Estudos do discurso que, atualmente, encontramos em nosso solo: a *enunciativa*, a *dialógica* e a *materialista*. Para tal, elencamos três obras e metodologias de trabalho que tomam metonimicamente essas três vertentes discursivas e, com isso, desenham a seu modo teorias brasileiras de discurso, a saber: *Humor, língua e discurso* (2010), de Sírio

Possenti; *Ironia em perspectiva polifônica* (2008)²⁷, de Beth Brait; e, por fim, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007)²⁸, de Eni Orlandi. De maneira mais específica, procuramos com tais obras – discursos narradores, a nosso ver – compreender três teorias brasileiras de discursos que acreditamos, de certo modo, construir seu arcabouço teórico baseadas nas diferentes materialidades: *Teoria dos estereótipos básicos e opostos*, *teoria dialógica do discurso (verbo-visualidade)* e a *teoria do silêncio*.

A escolha dessas obras justifica-se por comporem um arquivo²⁹ importante dos estudos discursivos brasileiros, cujos autores adquiriram espaço significativo devido ao longo percurso de estudos e pesquisas em universidades públicas e privadas do Brasil³⁰. Observar o funcionamento dessas três vertentes e suas respectivas teorias torna-se um fator importante para a descrição de uma parte da história do tempo presente da AD brasileira³¹, como resquícios de que existam diferentes análises de discurso, no plural.

Nossa análise discursiva será guiada à luz do batimento descrição/interpretação. Para isso, pretendemos fazer, mesmo que de maneira breve, uma descrição de outros aspectos, como composição e organização do material selecionado, que delineiam traços inerentes ao discurso científico e que, conseqüentemente, abrirão a possibilidade de identificar certas regularidades (e irregularidades) que constroem os discursos e metadiscursos acerca do fazer

²⁷ A 1ª edição foi publicada em 1996, em seu currículo Lattes, Brait a destaca, por meio de uma estrela, como uma de suas produções mais importantes ao longo de sua carreira. Para esta nossa empreitada utilizaremos a 2ª edição, datada de 2008. Disponível em: http://www.editoraunicamp.com.br/produto_detalhe.asp?id=606. Acesso em: 2 de jul. 2019.

²⁸ Obra produzida no início dos anos 1990; em 1996 ganha uma tradução para o francês – *Les formes du silence: dans le mouvement du sens* – publicada por Éditions des Cendres.

²⁹ Por exemplo, qualitativamente, Sírio Possenti é um dos tradutores do professor Dominique Maingueneau no Brasil, tendo já publicado e/ou organizado várias traduções para o português, além de figurar entre os estudiosos do discurso humorístico. A professora Beth Brait figura entre os estudiosos de Bakhtin e o *Círculo*, tendo organizado as questões da autoria na obra do filósofo russo e promovido as discussões acerca da verbo-visualidade. E, por fim, Eni Orlandi, uma das responsáveis pela promoção da AD em nosso país no início de sua institucionalização – anos oitenta – nos diferentes contextos acadêmicos brasileiros, em especial, na Universidade de Campinas (Unicamp). Todos esses estudiosos do discurso possuem uma característica em comum: quantitativamente, tais pesquisadores possuem muitos trabalhos já publicados e orientados em Programas de Pós-Graduação.

³⁰ Ressaltamos, entretanto, que isso não exclui outros importantes autores e trabalhos brasileiros na área de discurso que contribuem diariamente para a construção e composição de uma AD brasileira, isto é, que (re)configuram a história do tempo presente da análise de discurso dos trópicos.

³¹ Há, sem dúvidas, outras correntes de trabalhos que se inscrevem nas mesmas vertentes elencadas – enunciativa, dialógica e materialista –, todavia, dado o espaço que temos e, sobretudo a grande diversidade de teorias brasileiras discursivas, optamos por tais obras com o objetivo de delimitar, mesmo que inicialmente, os contornos de estudos em torno de uma configuração da história do tempo presente da análise de discurso no Brasil.

científico. O objetivo geral, nesta tese, é refletir sobre as condições históricas e epistemológicas que possibilitaram as diferentes irrupções dos estudos discursivos no Brasil nas décadas de setenta, oitenta e pós anos noventa. Especificamente, compreendendo os estudos discursivos no interior de um campo, como postulam Maingueneau (2015) e Angermuller (2017), pretende-se, com isso:

i) refletir sobre as tendências: enunciativa, tributária de Maingueneau e desenvolvida pela obra *Humor, língua e discurso* (2010); dialógica, tributária de Bakhtin e o *Círculo* e desenvolvida em *Ironia em perspectiva polifônica* (2008); a materialista, tributária de Michel Pêcheux e pensada n' *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007);

ii) compreender como se constroem as diferentes teorias brasileiras de discurso desenvolvidas por esses discursos-narradores, traduzindo a teoria estrangeira e (re)significando-a a partir de uma outra história e com base nas características brasileiras;

iii) compreender os diferentes percursos das teorias de discurso no Brasil a partir do material de análise selecionado e de que forma estes corroboram o desenvolvimento de uma teoria brasileira do discurso enquanto programas de pesquisas;

iv) analisar como se constroem novas formas de representar as teorias por meio do funcionamento discursivo próprio de cada autor-narrador e, assim, a irrupção de novos aportes teóricos em um espaço de pesquisa fluido e bastante heterogêneo, brasileiro;

v) investigar certas regularidades (e irregularidades) presentes no discurso científico capazes de produzir determinados acontecimentos metadiscursivos que (re)significam o seu próprio fazer científico;

vi) compreender como cada publicação (re)constrói os discursos ditos anteriormente e verificar como essas (re)construções dos discursos, sobre uma teoria brasileira, passam a circular pela sociedade e adquirir efeitos de sentidos diferentes a partir de narrativas do acontecimento;

vii) analisar os materiais de análise a fim de buscar as condições de produção de emergência dos discursos que trazem diferentes vozes de autores brasileiros falando sobre o campo discursivo;

viii) verificar em que medida o funcionamento dessas teorias brasileiras de discurso contribuem para a escrita da história da linguística no Brasil, uma vez que a

circulação dessas ideias a partir de ramificações, desenvolvimentos teóricos e reflexões a respeito de cada objeto de análise proporcionam uma nova maneira de se olhar o campo de discurso e de sua emergência no cenário brasileiro.

Diante dos objetivos expostos, temos duas perguntas principais de trabalho: 1) Como o instrumental teórico da análise do discurso, surgida na França nos anos sessenta, adquire no Brasil – um país com diversidade linguística e cultural – características peculiares de desenvolvimento, promovendo certos deslocamentos e determinadas escansões a partir de diferentes circunstâncias em diferentes *corpora*, corroborando, desse modo, o desenvolvimento de teorias brasileiras de discurso? 2) Por conseguinte, como tal produção teórica brasileira contribui para pensar a própria constituição do fazer científico, produzido em *rede*, por meio de novos enunciados – que (res)significam a história do tempo presente do campo – capazes de traduzir discursos outros, de intelectuais do discurso, singulares, que promovem a instauração de um novo acontecimento metadiscursivo a partir das diferentes narrativas teóricas? Esse jogo de narrativas permite-nos pensar na própria constituição do campo do discurso científico enquanto um discurso constituinte, consoante Maingueneau (2008a).

Esta tese está estruturada em três capítulos acrescidos desta introdução e das referências bibliográficas e complementares. Nossos capítulos organizam-se como forma de representar três grandes décadas histórico-analíticas de desenvolvimento da análise do discurso, considerando que nosso país é, hoje, o lugar em que encontramos a atual morada da análise do discurso de vertente francesa, são elas: 1970-1980³²; 1980-1990 e 1990 até a modernidade. Ou seja, como a irrupção da análise do discurso nos anos sessenta, de cunho político, se firmou no contexto francês construindo um arcabouço teórico expressivo, passando em seguida pelos anos oitenta no Brasil (capítulo 2) – marco inicial e nosso ponto de partida – e, por fim, os atuais

³² Nosso objetivo, com essa divisão histórica, é trazer, de maneira geral, uma primeira leitura dos diferentes caminhos que a análise de discurso tomou nos dois países, França e Brasil. A observação do contexto francês é importante porque trata de nossas heranças; fazemos no Brasil diferentes tipos de análise de discurso e a de orientação francesa, por exemplo, torna-se uma das perspectivas de trabalho mais bem conhecidas. No percurso da AD francesa, voltar-se às referências de inspiradores, tais como Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, por exemplo, se torna necessário para conhecer os caminhos que essa disciplina, à época dos anos sessenta, tomou e os possíveis desdobramentos que dela partiu para outros contextos, como o brasileiro, todavia, como tentamos afirmar, os intelectuais brasileiros, por meio de suas narrativas, promovem também certas escansões e desdobramentos nas teorias estrangeiras devido às particularidades encontradas em nosso país multicultural e diversificado. Trata-se, com isso, de propor novas teorias a partir de uma multiplicidade de materiais, mas sem negar nossas heranças, mantendo uma fidelidade referencial (forte, talvez).

desdobramentos retratados a partir dos anos noventa, em que surgem diferentes correntes discursivas brasileiras que representam análises de discursos configurando uma outra história brasileira de estudos do (sobre o) discurso.

No primeiro capítulo – *Das condições históricas e epistemológicas da Análise do Discurso: alguns caminhos teóricos dos anos 1970-1980 na França* – mobilizamos uma compilação dos diferentes pilares de sustentação da análise do discurso desenvolvida na França a partir do final da década de sessenta, revisitando alguns teóricos – “fundadores”/inspiradores – dessa disciplina e as diferentes contribuições que cada um trouxe para o seu desenvolvimento e aprimoramento ao longo dos anos seguintes. Como pilares “fundadores” desse momento histórico, revisitamos a obra de Michel Pêcheux e de Michel Foucault, ambos contemporâneos, porém inscritos em perspectivas epistemológicas diferentes (o projeto pecheutiano dialoga constantemente com a linguística, numa relação tensiva promovida pelas figuras de Saussure, Marx e Freud; já o projeto foucaultiano se inscreve nas discussões do campo da História e da Filosofia, mobilizando autores como Nietzsche, Freud, Marx). Ademais, apesar de se inscrever numa outra época, contemporânea de Saussure, Mikhail Bakhtin também assumiu um importante papel para os estudos discursivos, sendo inserido no contexto francês em meados das décadas de 1960-1970, quando foi traduzido pela primeira vez na Europa sob a perspectiva dos estudos da literatura. Sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) despertou um grande interesse para os estudos linguísticos e assumiu uma repercussão entre os estudiosos, incorporando os estudos linguísticos a uma concepção de linguagem diferente da empregada pelos estruturalistas, incluindo a história e o sujeito.

No segundo capítulo – *As (des)construções teóricas do espaço discursivo brasileiro: as décadas (1980-1990) de (re)definições e a emergência de um novo campo* –, percorremos o período dos anos oitenta no Brasil, lugar de emergência da análise do discurso a partir das (re)leituras de autores estrangeiros, em especial Pêcheux, Foucault, Bakhtin, que fomentaram o processo de recepção e institucionalização da AD nas universidades brasileiras. Contudo, sem apagar o lugar singular dos “fundadores”, queremos mostrar como as teorias brasileiras de discurso têm assumido um campo mais amplo, agregando não apenas uma única forma de se fazer análise do discurso, em que somente se reproduzem certos princípios teóricos estrangeiros, mas incitando formulações próprias e criando novos conceitos por meio das diferentes materialidades disponíveis. Investigamos como essas diferentes teorias

assumem espaços discursivos distintos no interior de um campo mais amplo, o dos *Estudos de discurso*.

No capítulo três – *Das análises de discurso no/do Brasil: as edificações teóricas brasileiras a partir de 1990* –, num esboço teórico-analítico, buscamos traçar alguns caminhos sobre o desenvolvimento de certos acontecimentos metadiscursivos que são produzidos pelas diferentes narrativas que (re)contam o fazer científico da AD brasileira, motivando, com isso, diferentes análises de discursos. Ou seja, trata-se de mostrar como essas diferentes vertentes – enunciativa, dialógica e materialista – são representadas por meio de diferentes correntes discursivas – os discursos de humor, a verbo-visualidade e o silêncio no discurso –, que se assumem como programas de pesquisas concorrentes numa rede de pesquisas complexa – formada por atores humanos e não humanos – e que retratam um conjunto heterogêneo de vozes características do discurso científico. Tal empreendimento, a nosso ver, configura um espaço discursivo cada vez mais fluido, um jeito brasileiro de ser.

Desse modo, perscrutamos certas identidades que caracterizam o fazer científico da análise do discurso brasileira. Tal identidade é mobilizada no sentido trazido por Hall (2006) ao explanar, em sua obra, *A identidade cultural na pós-modernidade*, o pensamento de Lacan quando afirma que a identidade é formada ao longo do tempo e por meio de processos inconscientes, não é algo inato, pois ela permanece sempre incompleta, já que está sempre em processo, sendo formada. O que possibilita pensarmos em uma identificação que surge pela falta de inteireza da identidade, como se vivêssemos um constante processo de identificação, vivenciado por nós em momentos de reflexão sobre nossas vidas e nossos trabalhos e, nesta pesquisa, por exemplo, que nos permite recapturar o prazer fantasiado pela plenitude.

Destarte, como diz o mestre Guimarães Rosa: “o correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (GSV, 2001, p. 334). Junto com o poeta, sejamos corajosos, não apenas em construir caminhos próprios de estudos do discurso a partir de teorias que representem nossa cultura e nosso fazer científico, mas também em propor caminhos de pesquisas ainda muito importantes para a construção da história do tempo presente desse campo de análise do discurso em pleno (e constante) desenvolvimento. Ousaria dizer, é preciso coragem e modéstia para fugir de lugares-comuns e propor um campo de pesquisa em contínua expansão. Nesse

sentido, partiremos agora para o processo reflexivo, corajoso e identitário, de nosso trabalho.

CAPÍTULO 1

Das condições históricas e epistemológicas da análise do discurso: alguns caminhos teóricos dos anos 1970-1980 na França

Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos

Manoel de Barros

Das (des-)construções teóricas da linguística nas tramas da história: caminhos e perspectivas

Quando iniciamos uma pesquisa, é importante consolidar o alicerce que deve sustentar tudo o que está por vir e tornar seguro o trajeto que se pretende percorrer. Com isso, ao mobilizarmos alguns dos conceitos na sua irrupção, tentamos descrever e rever um pouco da escrita da história³³ da análise do discurso por meio dos fatos do passado necessários para a reconstrução teórica do futuro, ou seja, precisamos olhar novamente, com cuidado, para a história epistemológica da linguística e compreender os efeitos na sua edificação teórica a fim de considerarmos as *desconstruções das teorias linguísticas*³⁴ e as problemáticas que a engendraram durante a sua constituição. Explicitar o território por onde caminharemos, por meio dos pressupostos teóricos-chave, torna-se substancial para nosso trabalho.

Nesse caminho, é imprescindível pensarmos os estudos da linguagem sem voltarmos os nossos olhos a algumas considerações históricas do final dos anos

³³ Para este trabalho, filiamo-nos a uma perspectiva historicista da análise do discurso de matriz francesa, a partir dos desdobramentos teórico-metodológicos de Jacques Guilhaumou (2009). Ao lado de figuras importantes como Régine Robin e Denise Maldidier, o autor procurou investigar a problemática relação entre a língua e a história e “os efeitos de sentido da materialidade da língua na discursividade de arquivo” (GUILHAUMOU, 2009, p. 7). Nesse sentido, Guilhaumou é responsável por expor “o desenvolvimento de uma trajetória que se inicia, nos anos 1970, pela tomada do discurso como objeto da História e caminha, até as pesquisas mais recentes, para dois percursos: de um lado, *à história linguageira dos conceitos*, de outro lado, em direção a uma *história dos acontecimentos discursivos* inscritos no interior da história das ciências da linguagem” (GUILHAUMOU, 2009, p. 8-9). Diante disso, seguiremos fielmente tais considerações teóricas para a descrição metodológica de nossa pesquisa.

³⁴ Fazemos referência, aqui, ao texto *Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas* (1982) de Michel Pêcheux.

cinquenta na França, época de grandes discussões em torno do movimento estruturalista nos estudos linguísticos, herdado do linguista genebrino Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916³⁵. Assim, vemos uma forte influência desse movimento, responsável por reunir personagens tão díspares como, por exemplo, Lévi-Strauss, Jakobson, Althusser, Barthes, Greimas, Pêcheux, Foucault, entre outros. Podemos dizer que os diversos “estruturalismos” franceses interligaram pesquisas que permaneceram durante o início do século XX com a fundação atribuída a Saussure. Tais perspectivas, à época, firmaram-se e foram consideradas triunfantes até o final dos anos 1970, quando começaram a entrar em declínio.

Pode-se dizer, desse modo, que o fato de vários estudiosos terem se dedicado a esse movimento estruturalista (nas suas diferentes versões) foi algo que se transformou drasticamente no final dos anos sessenta e um novo modo de olhar a língua – baseado, inicialmente, em um materialismo histórico – tomou o cenário dos estudos da linguagem. A esse cenário de reformas de pensamentos e promoção de novos pontos de vista – diferentes narrativas – em torno do objeto de estudo da Linguística, acrescenta-se a influência de Michel Pêcheux³⁶ em 1969. Suas considerações teóricas, fortemente matizadas, foram marcantes para as décadas seguintes anunciando que era hora de (re)pensar os fatos, os (d)efeitos desse movimento que sacudiu as ciências humanas da segunda metade do século XX e proporcionou uma grande reviravolta na Linguística – a chamada *virada discursiva* (MAINGUENEAU, 2015).

Nesse sentido, esse período de “novos” caminhos nas ciências humanas, à luz da interpretação de diferentes autores que se debruçavam sobre os acontecimentos pós-linguística estruturalista, podemos dizer que o surgimento da AD no contexto francês, consoante Malidier, é a relação entre o objeto – o discurso – e o seu

³⁵ O *Curso de Linguística Geral* tornou-se um arcabouço teórico imprescindível à época de sua publicação, produzindo para si um marcante reconhecimento no mundo acadêmico, que hoje o considera como uma das obras mais significativas – se não a mais – para a Linguística moderna. O Curso foi responsável por efetivamente inaugurar um novo modo de estudar a linguagem, baseado em um modelo científico. O livro responsável por dar visibilidade e credibilidade a Saussure durante o século XX não foi escrito por ele, embora tenha sido publicado sob sua autoria três anos mais tarde, após sua morte em 1913. Segundo Salum, no prefácio da obra, sua organização ocorre da seguinte forma: “1º curso – de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907 [...] 2º curso – da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 [...] 3º Curso – de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 [...]” (Salum, Prefácio à edição brasileira do Curso de Linguística Geral – edição brasileira de 2012).

³⁶ Além de Pêcheux, destacam-se como grandes pioneiros no desenvolvimento da análise do discurso na França à época: Denise Malidier, Régine Robin, Jacques Guilhaumou e Claudine Normand.

dispositivo de análise. O olhar empreendido por Pêcheux (1982) será responsável por criar um aparato teórico-metodológico complexo capaz de compor uma teoria de discurso cujas bases estarão voltadas para a Linguística. Assim, segundo ele, a AD estaria num *entre-lugar*, responsável pela problematização da relação estabelecida entre a língua e a História. Além disso, era preciso olhar a própria construção do campo da Linguística diante de um conjunto de problemáticas filosóficas e políticas que (re)definiram o modo de (re)ler as teorias saussurianas por diferentes autores, em diferentes momentos da histórica, tais como Benveniste, Meillet, Jakobson, entre outros. São, pois, tais problemáticas, definidas por Pêcheux (1982) como diásporas e reunificações, que serão as bases do cenário de imersão dos estudos discursivos no século XX que esboçaremos, brevemente, a seguir.

Voltando nossa atenção à Linguística, não é possível deixar de falar sobre essa figura que revolucionou o cenário intelectual francês a partir do início do século XX, Ferdinand de Saussure. Falar dessa ciência, nos termos saussurianos, a partir do corte epistemológico estabelecido, significa tratar de questões que envolvem seu nome e as contribuições teóricas oriundas de seu livro póstumo, o CLG. Suas ideias, na sua conjuntura histórica de surgimento, suscitaram uma verdadeira revolução no desenvolvimento das ciências humanas, principalmente para a Linguística, e contribuíram muito para que se extrapolassem as margens desse campo para serem inspiradoras das ciências humanas, tornando-a uma “ciência piloto”. De tal forma, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (BENVENISTE, 2005, p. 34)³⁷.

Sua noção de estrutura foi bastante difundida no contexto francês com base em suas formulações sobre o sistema linguístico. É nesse sentido que se costuma atribuir ao autor o gesto fundador do estruturalismo. O próprio M. Pêcheux, em seu primeiro momento de estudos (conhecido como a AD-1) refletirá sobre os pressupostos estruturais da língua, numa tentativa de pensar o objeto *langue* (conforme encontramos em seu Curso) como a base dos processos discursivos. Seu projeto epistemológico previa que não era possível desconsiderar o falante da língua e sua ideologia, imbricada no sujeito empiricamente.

³⁷ Consoante Pêcheux (1982), tal afirmação de Benveniste precisa ser polemizada, já que nos anos oitenta a maioria dos linguistas *pensa contra Saussure* e há, com isso, uma debandada de autores para outras áreas, tais como a lógica, a pragmática, a estética, a psicologia, entre outras. Tal fato corrobora o que Pêcheux afirma sobre o processo de *desconstrução das teorias linguísticas* no século XX em que há momentos de reunificações – enganadoras, de acordo com o autor – da teoria saussuriana à Linguística e de recusas (p. 9).

Assim, em suas reflexões, o filósofo francês define três momentos temporais importantes responsáveis para contar a história epistemológica da ciência linguística a partir das diásporas e reunificações, são eles: i) a leitura de Saussure nos anos vinte; ii) as suas (re)leituras empreendidas por Benveniste³⁸ no auge do movimento estruturalista dos anos sessenta; e, por fim, iii) as (re)leituras produzidas acerca da noção de fala promovidas por Pêcheux nos anos oitenta.

A primeira diáspora é marcada pelos anos 1920 e 1940, época em que a Linguística vagará pelos diferentes círculos – Praga, Moscou, Copenhague, Viena – cujo objetivo era promover diferentes leituras e interpretações – logicistas, sociologistas ou psicologistas – das proposições saussurianas. Tais proposições acompanhavam, da mesma forma, as mudanças na história das revoluções e das guerras do século vinte; dois autores destacaram-se no período, Trubetzkoy e Jakobson–, este último sendo responsável pela migração das ideias do mestre genebrino das Américas à França.

Já nos anos cinquenta, pode-se dizer que há uma aparente reunificação às ideias do mestre Saussure, cujo objetivo fora ligar o seu pensamento ao estruturalismo de Bloomfield, deste a Harris e, por fim, passando pelos primeiros trabalhos de Noam Chomsky. Tínhamos, desse modo, uma

Herança do estruturalismo saussuriano [que] parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico (PÊCHEUX, 1982, p. 10).

Foi o momento em que a Linguística “matematizou-se”, ou seja, com o desenvolvimento industrial causado pelo pós-guerra e, conseqüentemente, a difusão das novas tecnologias – tais como, a computação, a tradução automática, a cibernética etc. – a lógica foi o principal fio condutor para compreender a natureza da linguagem do momento. Todavia, tal unificação da teoria saussuriana não durou muito tempo, esfacelando-se no início dos anos sessenta, sob o efeito de dois processos: a) o da

³⁸ É importante salientarmos o diálogo empreendido por Pêcheux (nos anos oitenta) sobre a fala de Benveniste (promovida nos anos sessenta) após meio século da publicação do CLG. No texto de Benveniste, o autor rebate uma fala de Meillet (feita nos anos vinte) acerca das contribuições de Saussure para a Linguística: “Saussure não havia cumprido seu destino”. Todavia, segundo o contemporâneo do mestre, Benveniste atribuía ao autor genebrino toda a construção de uma ciência, no sentido de que não havia um só linguista que não lhe devesse algo. Diante de tal cenário, Pêcheux reinscreve tal afirmação de Meillet nas tramas da história em torno dos debates incitados pelas teorias saussurianas. Ademais, o filósofo francês retoma o fato de que Saussure *pôs-se a pensar contra seu tempo*, cujo objetivo era buscar o *próprio da língua* a partir do corte epistemológico estabelecido, responsável pela fundação da ciência linguística (PÊCHEUX, 1982, p. 9).

hegemonia da Gramática Gerativo Transformacional³⁹ e b) a (re)leitura de Marx, Freud e Saussure, a Tríplice Aliança, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Pêcheux. Podemos, assim, dizer que é nessa conjuntura histórica e epistemológica que a análise do discurso, empreendida por Pêcheux no final dos anos sessenta, surgiu como uma disciplina ou teoria transversal. Nesse mesmo período, no contexto político, o efeito estruturalista das ciências humanas e sociais ultrapassou o quadro universitário e a literatura, por exemplo, tornou-se um lugar de intervenção ideológica. Em 1975, tais efeitos estruturais acarretaram um esgotamento para a Linguística, configurando um novo dispositivo de embasamentos epistemológicos.

Sob esse novo cenário, o início dos anos oitenta é marcado, definitivamente, por mudanças radicais nas pesquisas linguísticas em que o modelo estrutural à francesa e o chomskismo chegam ao fim. É o tempo de uma larga conscientização de um antissaussurianismo e antichomskismo, “baseado na ideia – simples, porém eficaz – de que a Linguística formal é falaciosa e inútil, e que é mais do que urgente se ocupar de outra coisa (PÊCHEUX, 1982, p. 13)”. Caracteriza-se, pois, uma nova diáspora, denominada por Pêcheux como a “desconstrução das teorias linguísticas”.

Conclui-se que diante desse cenário dos anos oitenta e as novas perspectivas teóricas abertas à AD, o filósofo define que o esgotamento do estruturalismo francês

Coincide por meio de um estranho efeito de deslocamento, ao exato momento em que a América descobre o estruturalismo, a intelectualidade francesa ‘vira a página’, desenvolvendo um ressentimento maciço com relação às teorias, das quais se suspeita de que tenham pretendido falar em nome das massas, produzindo uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes (PÊCHEUX, 1982, p. 18)⁴⁰.

Trata-se, pois, de observar uma nova concepção de “história” nos estudos linguísticos – tais como a micro-história, a nova história, a história do cotidiano – capazes de olhar não só para o que fazem, mas o que também dizem os sujeitos do cotidiano⁴¹.

³⁹ Influência do modelo estrutural americano.

⁴⁰ Em seu texto, *Michel Pêcheux e a história epistemológica da linguística*, Gregolin (2005), traz a seguinte afirmação a respeito dessa reflexão cunhada por Pêcheux: “Seria o caso de nos perguntarmos, hoje, em que medida o destino da análise de discurso brasileira foi afetado por essa crise francesa do início dos anos 1980, já que ela se iniciou, aqui no Brasil, exatamente nessa época” (p. 104). É, assim, influenciados e motivados por tais questionamentos que apresentamos em nosso segundo capítulo alguns dos caminhos e desdobramentos epistemológicos da AD no Brasil, considerando suas diferentes vozes na constituição de uma prática científica discursiva brasileira, que compõem o cenário da Linguística no/do Brasil.

⁴¹ Advindas, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos por Michel de Certeau.

Conhecer algumas das postulações teóricas de F. Saussure e as condições históricas do surgimento do estruturalismo nas ciências humanas torna-se salutar em nossa pesquisa, pois será a partir dessas considerações que muito das discussões pós anos sessenta virão à tona numa tentativa de “quebrar” tal programa de pesquisa⁴² estrutural a partir de reformulações em torno das ciências da linguagem. A seu modo, o CLG contribuiu para uma mudança de paradigma nos estudos sobre a língua envolvendo características internas ao seu próprio sistema, isto é, fatores externos a ele, assim como as formas de interação entre os sujeitos que foram excluídas de sua observação. Tal movimento, muito difundido nos anos cinquenta, sofreu duras críticas dos intelectuais da época, principalmente na década de setenta e oitenta, períodos de irrupção das chamadas teorias “pós-estruturalistas”⁴³.

No tópico seguinte, temos como objetivo mostrar alguns caminhos trilhados pela AD a partir do projeto epistemológico de Michel Pêcheux pensado no final dos anos sessenta, mais especificamente 1969, (re)vendo o cenário intelectual em que ele se inscrevia e os pensadores contemporâneos que contribuíram para a promoção dessa teoria de leitura e interpretação. Nosso caminho terá início a partir da mudança de programa de pesquisa implementada por M. Pêcheux e seu projeto epistemológico, cujo pensamento contribuiu para a construção teórica de um aparato teórico-metodológico concreto, constituindo-se como uma disciplina cuja base foi pautada nos pressupostos da Linguística para a construção de uma *teoria do discurso*.

Por uma história da análise do discurso

⁴² Segundo as considerações teóricas de Imre Lakatos (1979), um programa de pesquisa é composto por um núcleo duro constituído por um conjunto de hipóteses e/ou teorias fortes (irrefutáveis pelo cientista) e de uma heurística, permitindo que os cientistas possam fazer modificações no cinturão protetor. Ademais, esse núcleo duro é composto por um conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais de modo que qualquer questionamento sobre a heurística e o núcleo possa readequar o programa diante dos novos dados.

⁴³ Para tal, é necessário destacarmos que o uso do termo “pós-estruturalismo”, na França, é um tanto quanto polêmico. Ou seja, os franceses não costumam se utilizar dessa terminologia para ressignificar as teorias surgidas a partir dos anos 1960/70, em que vemos essa “virada linguística” (ou “tournant linguistique”) nas ciências humanas e sociais, pelo contrário, essa etiqueta é empregada por pesquisadores externos a esse contexto. Desse modo, segundo Slavoj Žižek (1991), essa etiqueta foi imposta principalmente não apenas no mundo anglo-saxão, na Europa Central, do Sul e do Leste, Ásia do Leste, mas também a encontramos na América Central e na do Sul. O autor russo ainda afirma que “(...) o fato principal, contudo frequentemente negligenciado, é que o termo “pós-estruturalismo”, por ele mesmo, embora seja responsável por descrever uma corrente francesa, é uma invenção anglo-saxônica e alemã. Esse termo está intrinsicamente ligado à recepção de teorias como as de Derrida, Foucault, Deleuze etc., no mundo anglo-saxão – na França, ninguém se utiliza do termo pós-estruturalismo” (ŽIŽEK, 1991, p. 142, tradução nossa). Cf. ANGERMULLER, Johannes. **Le champ de la théorie: essor et déclin du structuralisme en France**. Paris: Hermann Éditeurs, 2013b, 167p.

Propomos, a seguir, a nossa interpretação acerca dos desdobramentos teóricos da análise do discurso enquanto um campo de saber constituído por várias vozes, mas que tem em Michel Pêcheux a figura responsável pelas primeiras reflexões no final dos anos sessenta na França⁴⁴. Nosso propósito neste tópico não é, evidentemente, fazer uma história completa da AD, esmiuçando todos os fatos que corroboraram a sua emergência, trata-se, apenas, de recuperar certos elementos particularmente marcantes que possibilitaram a irrupção da noção de discurso no contexto francês – e seus respectivos inspiradores – e o quanto essa noção foi (e ainda é) muito significativa para pensarmos a constituição e a formulação da análise do discurso franco-brasileira⁴⁵. Nossa descrição, a partir de um cenário de pesquisa francês, está pautada nas contribuições de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin – nas suas traduções para o francês – considerados, cada um a seu turno, pilares fundamentais para a constituição dos estudos discursivos⁴⁶.

⁴⁴ Em 2019, comemoramos os cinquenta anos de fundação da análise do discurso francesa. Se voltarmos os nossos olhos à sua história de constituição, há cinquenta anos nascia um campo de pesquisa singular no interior da Linguística mobilizando trabalhos importantes na construção dos conceitos e na produção dos sentidos como, por exemplo, a obra *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux, e da revista *Langages*, número 13, cujo tema era a “Análise do discurso”, em que víamos os trabalhos de Jean Dubois (*Énoncé et énonciation*), e de Zellig Harris (*Analyse du discours*). Todavia, sabemos que a sua história é longa e vem de uma herança marcada por outras formas de pensamento desenvolvidas na primeira metade do século XX, tais como o estruturalismo em Linguística; a configuração política francesa e as releituras de Marx feitas por Althusser e de Freud por Lacan, por exemplo. Podemos dizer que a análise do discurso adquiriu fôlego depois do seu nascedouro francês e não se estagnou nas suas querelas teórico-metodológicas. Seus anos iniciais propiciaram uma primeira jornada de trabalho, marcada por constantes revisitações, deslocamentos e expansões. Seus desdobramentos após os anos oitenta, com a emergência de outras leituras de autores imersos nesse campo e fundamentações teóricas diversas, sobretudo no Brasil, tornaram um cenário frutífero e significativo para um canteiro de trabalho peculiar, em que vemos características de uma análise do discurso brasileira baseada e construída a partir das releituras de inspiradores estrangeiros, mas imbuídos da/na história dos Trópicos. Nosso caminho é um desafio, nosso cenário é rico e o que temos são um conjunto de correntes brasileiras que compõem a nossa história. Lançemo-nos a esse vasto e primoroso campo de pesquisa, dos Estudos do discurso, compreendendo as suas condições históricas e epistemológicas da análise do discurso no Brasil.

⁴⁵ Pensamos, inicialmente, numa análise de discurso franco-brasileira tomando como princípio a sua relação intrínseca com a herança francesa. Assim, é comum encontrarmos em diferentes pesquisas no Brasil marcas textuais que corroboram tal herança, tais como: “este trabalho se inscreve nos pressupostos teóricos da análise do discurso *de orientação francesa*”, “*matizados pelos princípios da análise do discurso de linha francesa*, este trabalho tem por objetivo (...)”. Nesse caminho, acreditamos que essa franco-brasilidade é marcada pelas características brasileiras empreendidas pelos autores brasileiros em suas teorias; nos últimos trinta anos da AD em nosso país, encontramos ramificações das teorias discursivas inscritas em diferentes vertentes de trabalhos, cujo único elemento em comum, o discurso, adquire posições teóricas bastantes distintas conforme o aparato teórico-metodológico mobilizado, configurando, desse modo, uma análise de discurso singular a partir de materiais diversos. Acreditamos, pois, em análises de discursos, no plural, desenvolvidas em diferentes esferas universitárias brasileiras, as quais nos propomos a analisar em nosso capítulo dois.

⁴⁶ Não podemos deixar de ressaltar o importante trabalho de Denise Maldidier e de sua tese de doutorado, nunca publicada, intitulada *Análise linguística do vocabulário político da guerra na Argélia*. Uma das pioneiras nos estudos da análise do discurso – ao lado de figuras como Michel Pêcheux, Jacques Guilhaumou, Claudine Normand e Régine Robin – a autora faz uma análise

É possível pensarmos que as origens da análise do discurso na França são marcadas por duas tendências formalistas: a tendência distribucionalista, inspirada em Zellig Harris (1909-1992), e a tendência estrutural de Ferdinand de Saussure. Nesse sentido, pode-se dizer que o sintagma “análise do discurso” foi introduzido pelo linguista distribucionalista Harris, em um artigo intitulado precisamente “Discourse Analysis” (1952) em que “discourse” designa uma unidade linguística construída por frases, portanto, um texto. Como Harris trabalha em uma perspectiva estruturalista, ele emprega o termo “análise” no seu sentido etimológico, o de uma decomposição. Seu projeto, que pode ser entendido atualmente como o de uma espécie de linguística textual, busca, com efeito, analisar a estrutura de um texto, fundamentando-se sobre a recorrência de alguns de seus elementos, em particular sobre os pronomes e certos grupos de palavras.

Assim, o linguista buscava a possibilidade de colocar em relação as regularidades textuais; estas, por sua vez, descoladas dos fenômenos de ordem social. Durante suas observações, aproximou-se do estruturalismo literário francês dos anos sessenta, pois acreditava ser necessário começar por uma análise “imane” do texto, para, logo em seguida, fazê-la corresponder à “estrutura” de uma dada realidade sócio-histórica. Tal procedimento não coincide com as problemáticas hoje difundidas pela análise do discurso, que buscam problematizar a própria essência entre um modo interior e um modo exterior do texto.

Contrariamente a Harris, a tendência da linguística estrutural, inspirada em Saussure, interessou-se pela significação dos signos enquanto um sistema de valor. O

minuciosa de como a guerra da Argélia foi (re)tratada e (re)significada pelos jornais franceses: *L’Aurore*; *Le Figaro*; *Le Parisien*; *Libéré*; *Le Monde*; *Le Populaire* e *L’Humanité* e, de como essas mídias tomavam os conceitos de justiça e emancipação humana defendidos pela Frente de Libertação Nacional (FLN) e pelos grupos argelinos pró-independência. Malidier reuniu um conjunto de textos significativos divididos em quatro diferentes sincronias (ou diferentes momentos na história) que perduraram a guerra. Além de figurar e trazer os diferentes momentos de uma revolução de direitos extirpados de um povo, sua tese contribuiu para descrever o período desenvolvimentista da França para a constituição da quinta república (1958) e a figura de Charles de Gaulle como primeiro presidente francês da época. Seu texto foi um marco na história da análise do discurso, cujo papel foi trazer, em 1969 – contemporânea de M. Pêcheux e de sua obra, publicada no mesmo ano d’*Análise Automática do Discurso* –, características ímpares a respeito da composição e análise de *corpus*, assim como traçou os rumos do que viria a ser o primado da relação entre a história e a análise do discurso. Em 2012, Eni Orlandi, enquanto coordenadora do Mestrado em Ciências da Linguagem na Universidade do Vale do Sapucaí, em Minas Gerais, foi responsável por organizar o *Centro de Documentação Denise Malidier* (<https://www.cienciasdalinguagem.net/ceddem>), em que o texto/tese da estudiosa francesa pode ser encontrado em diferentes versões para *download*. A versão original do texto/tese está disponível no seguinte link:
<http://classiques.uqac.ca/contemporains/malidier_denise/analyse_linguistique/analyse_linguistique.html>. Acesso em: 14 mai. 2018.

autor genebrino não empregou, em nenhum momento, o termo “discurso” nem o de “análise do discurso”; da problemática relação entre língua e fala proposta pelo CLG, o que menos ganhou destaque foi a fala. Nesse caminho, ele considerava a linguística como parte integrante de uma ciência geral da vida social – a semiologia – e ressaltou a importância de um modelo de linguística formal nas ciências humanas e sociais. Segundo suas postulações no Curso, a passagem da língua, composta gramaticalmente de frases, para a fala se dá por meio da combinação dos menores elementos da língua. Esses elementos, combinados em frases, compõem diferentes significações se colocados em relação com outros elementos da língua. Nesse sentido, a significação não é propriedade de um único signo, ela é resultado da justaposição de elementos combinados num jogo de diferenças, isto é, um signo é o que o outro não é. Em sua obra póstuma, Saussure interessa-se pela significação dos signos. Estes têm uma estrutura dual: compostos de significantes (imagens acústicas) e significados (conceitos) cuja relação é arbitrária.

Sob esse prisma, pode-se pensar que as problemáticas de pesquisa que participam atualmente da AD irromperam no final dos anos sessenta principalmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos; este último, muito baseado em teorias estruturalistas diferentes da corrente saussuriana, a conhecida e difundida por Leonard Bloomfield. No entanto, é a partir dos anos oitenta que a AD se constitui verdadeiramente como um espaço de pesquisa mundial, passando a integrar correntes teóricas que se desenvolveram independentemente uma das outras em disciplinas e países distintos. A publicação em 1986, por T. Van Dijk, de uma obra coletiva (*Handbook of Discourse Analysis*) em quatro volumes testemunha essa evolução. Cumpre destacar que irrompem com efeito sob uma mesma etiqueta (*discourse analysis*) trabalhos extremamente diferentes produzidos em uma e outra parte do Atlântico. Dada a sua condição interdisciplinar (ou pós-disciplinar?), como entende Maingueneau (2015), a análise de discurso firma-se no contexto mundial como um poderoso dispositivo teórico-metodológico que passa a frequentar não só as distintas humanidades, mas também campos como os das ciências da saúde.

Quando irrompeu nos anos sessenta, as reflexões que entraram nesse campo da AD não se constituíam em um projeto unificado. Nos Estados Unidos, por exemplo, o estudo do discurso foi alimentado por correntes muito diferentes. Em particular a

etnografia da comunicação⁴⁷ (D. Hymes [1927-2009], J. Gumperz [1922-2013]) que está diretamente ligada à Antropologia; à Etnometodologia⁴⁸ (H. Garfinkel [1917-2011], que se pretende uma teoria sociológica; à Análise da conversação (H. Sacks [1935-1975]), que, como o próprio nome indica, propõe um método de análise das interações orais. A essas abordagens, juntam-se os trabalhos de pensadores singulares, tais como E. Goffman (1922-1982), que estuda os “rituais da conversação” na vida cotidiana, em particular por meio da “apresentação de si”⁴⁹. Essas diferentes correntes, apesar das suas divergências teórico-metodológicas, têm progressivamente partilhado um mesmo espaço de pesquisa. No seu desenvolvimento, essas abordagens têm se enriquecido de aportes das teorias “pós-estruturalistas” do discurso, muito influentes na ciência política (M. Foucault, E. Laclau) e sobre o gênero sexual (cf. J. Butler).

De forma mais ampla, a reflexão sobre o discurso tem se beneficiado de aportes vindos da Filosofia, da Sociologia e da Linguística. Ao longo de todo o século XX, a filosofia preocupou-se com a questão da linguagem. Falamos de um *linguistic turn*, de um “*tournant* linguístico”, para a ideia defendida em particular por Wittgenstein, cujo trabalho conceitual de Filosofia supõe uma análise prévia da linguagem. Os trabalhos de J. Austin sobre os “atos de linguagem” inscrevem-se nessa perspectiva. Por sua vez, a Linguística foi gradativamente impregnada pelas correntes pragmáticas que abordam a fala como uma atividade e focam acerca da característica radicalmente contextual da construção do sentido.

A França foi um dos principais lugares de desenvolvimento da análise do discurso, ou o espaço em que pela primeira vez a AD foi definida sob esse nome como um empreendimento intelectual ao mesmo tempo teórico e metodológico específico. Ela apoia-se sobre o estruturalismo numa relação polêmica⁵⁰. Se 1966 é o grande ano do estruturalismo⁵¹, o da análise do discurso é 1969. Nesse ano, a revista de linguística *Langages* dedica um número especial (o número 13) a um domínio

⁴⁷ Sobre a Etnografia da comunicação, ver Bachmann, Lindenfeld, Simonim (2003).

⁴⁸ Sobre a Etnometodologia, pode-se consultar Coulon (2002) e Fornel, Ogien e Quéré (editores) 2001.

⁴⁹ As principais obras de E. Goffman foram traduzidas e publicadas pelas Edições Minuit. Para uma síntese ver Joseph (2002), Nizet e Rigaux (2005).

⁵⁰ Podemos dizer, com base na literatura pertinente, que não há ainda uma história detalhada da emergência da análise de discurso na França. Encontramos, todavia, uma apresentação sugestiva em Angermüller (2013b, 2016) que coloca acento sobre as tendências pós-estruturalistas dessas correntes.

⁵¹ Nesse ano, em particular, foram publicadas as obras *As palavras e as coisas* de Michel Foucault; *Os Escritos* de J. Lacan; *Crítica e verdade* de Roland Barthes; a *Semântica Estrutural* de A. -J. Greimas e *Os Problemas de linguística geral* de E. Benveniste.

novo chamado “análise do discurso”. No mesmo ano, M. Pêcheux publica um livro intitulado *Análise Automática do Discurso* e M. Foucault *A Arqueologia do Saber*, obras que cada um a seu turno colocam o discurso no centro de sua reflexão. Tanto a publicação da revista quanto a obra apresentada por Pêcheux podem representar as primeiras considerações sobre o aparecimento da análise do discurso no contexto francês. Tanto Foucault quanto Pêcheux, influenciados pela conjuntura do estruturalismo, da psicanálise e do marxismo, detêm-se sobre as questões da teoria do signo e da sociedade.

Em seus princípios, Pêcheux retoma algumas ideias defendidas por Althusser e Lacan; Foucault, por outro lado, não se insere como analista do discurso e suas contribuições são difíceis de mensurar, pois mesmo não sendo o fundador de uma escola francesa de AD, o filósofo francês não cessou de trazer a noção de discurso. Os dois autores trouxeram características peculiares a essa disciplina de estudos, perguntando-se sobre os diferentes lugares institucionais da prática discursiva (abordado por Foucault) e a questão da subjetividade (em Pêcheux), concebida como um efeito do discurso” (ANGERMULLER, 2016).

Desse modo, Michel Pêcheux figura entre os primeiros a pensar essa mudança de pensamento na Linguística. Em suas considerações teóricas, o autor tinha como objetivo abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais e, em especial, na psicologia social. Centralmente, contesta que possa batizar de ciências as disciplinas que, sob o acobertamento do sujeito psicológico, ignoram – ou não querem saber – sua relação com a política e que, ainda por cima, paramentam-se com os atributos da cientificidade, emprestando seus métodos da estatística e da linguística.

Em sua *Análise Automática do Discurso* (AAD), conduziu pela primeira vez um objeto radicalmente novo: o discurso. Essa primeira “máquina discursiva” desempenhava para o autor o papel do momento quase mítico da fundação e também como protótipo, remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente. A AAD é um livro original que chocou, lançando, à sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido. Paul Henry e Michel Plon, amigos do filósofo francês, contam como nasceu o projeto de construir uma máquina “que seria uma espécie de máquina de guerra, uma versão moderna do cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para aí produzir uma

reviravolta” (MALDIDIER, 2003, p. 19)⁵². O dispositivo da AD como um instrumento científico é o primeiro modelo de uma máquina de ler que buscou *literalmente* a leitura da subjetividade.

Para a elaboração de uma análise automática, isto é, de um dispositivo técnico, complexo e informatizado, considerava-se a inscrição da reflexão sobre as práticas e os instrumentos científicos. Para isso, os instrumentos antes de se tornarem científicos, no entendimento de Pêcheux, não poderiam se constituir em simples técnicas. Acreditava-se que, naquele momento, o estado das ciências sociais era um tanto pré-científico para fornecer um instrumento (materiais) necessário que o auxilie na explicação dos fatos. Assim, “toda ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia com a qual rompe” (HENRY, 2014, p. 18).

Desse modo, o objeto de uma ciência não é apenas um objeto empírico, mas uma construção. Ou seja, Pêcheux defendia que cada vez que um instrumento é transferido de uma ciência para outra ele é reinventado, movido a trazer novas reflexões para o campo de saber concernido. Tal intento, na visão do pesquisador francês, era de acreditar que haveria uma transformação das práticas responsável por fazer delas uma verdadeira atividade científica. Sua *Análise Automática do Discurso* é concebida como um instrumento capaz de fornecer ferramentas e/ou materiais necessários para a análise dos dados, algo que fosse além da análise puramente filosófica, mas que também considerasse uma prática concreta, científica.

No bojo dessas considerações, as ciências sociais estão no prolongamento direto das ideologias que se desenvolveram em contato estreito com a prática política. Fato que nos faz retomar a AD. Seu nascimento ocorre imbuído de uma visão revolucionária, de intervenção política, portadora de uma crítica ideológica e de um dispositivo teórico-político que se apoiam em uma arma científica, um instrumento científico forte que permite, dessa maneira, um modo de leitura particular, em que a objetividade seria jamais insuspeitável: o discurso como prática política.

Precisava-se, com isso, romper com a concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e pensar em uma teoria do discurso capaz de sustentar modos de leitura antes não trazidos ou “esquecidos” pelo movimento estruturalista.

⁵² Os desdobramentos acerca da emergência e da história da análise do discurso francesa podem ser contados a partir de dois vieses: por um lado, a narrativa de Francine Mazière (2007), ressaltando o papel da história e das práticas da AD com a linguística; por outro, a narrativa de Denise Maldidier (2003), pioneira, ao lado de Michel Pêcheux, Régine Robin, Jacques Guilhaumou, entre outros, nos estudos discursivos, que ajudou a traçar os caminhos da relação entre a história e a análise do discurso. Para este trabalho, optamos por seguir a história contada por Denise Maldidier (2003).

Trata-se, por exemplo, de olhar o sujeito enquanto um “efeito ideológico elementar” (HENRY, 2014, p. 31) que segundo os pressupostos de Pêcheux, “tal ‘efeito’ não é a consequência de alguma coisa. Nada se torna sujeito, mas aquele que é ‘chamado’ é sempre já-sujeito” (HENRY, 2014, p. 31). Problemática esta que se tornou tema em novas discussões.

Louis Althusser foi uma figura presente nas considerações teóricas de M. Pêcheux para a construção do projeto epistemológico da análise do discurso. Polêmico, o pensamento de Althusser está fincado na obra de construção da AD, dando à obra de Pêcheux sustentação filosófica e política. Nesse sentido, a análise do discurso praticada por Pêcheux inscreve-se no materialismo histórico, a partir de uma leitura althusseriana de Marx. Em um artigo publicado em coautoria, na Revista *Langages* 24⁵³, ele destaca a importância da mudança de terreno nos estudos da linguagem. Era preciso passar do estudo da língua para o estudo do discurso no âmbito do materialismo histórico. Em suas palavras, era necessário

[...] Se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo [...] e compreender que o tipo de concreto com que lidamos e em relação ao qual é preciso pensar, é precisamente o que o materialismo histórico designa pela expressão *relações sociais*, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada (através do modo de produção que a domina, a hierarquia das práticas de que este modo de produção necessita, os aparelhos através dos quais se realizam estas práticas, as posições que lhe correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que delas dependem) (PÊCHEUX, 2011 [1971], p. 127).

Desse modo, na sua proposta de uma teoria materialista no campo dos estudos da linguagem, Pêcheux traz a noção althusseriana de ideologia. Em sua concepção, a ideologia é definida como “uma estrutura-funcionamento que dissimula sua existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, [...] ‘nas quais se constitui o sujeito’” (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 152-153). Por meio da tese central de Althusser sobre a ideologia, a saber: a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, o pesquisador francês reflete o homem como um “animal ideológico” (idem, p. 148). Além disso, tal noção deriva daquilo que Althusser denomina “o anti-humanismo teórico de Marx”, ou seja, o fato de Marx haver mostrado que o conceito de homem é contemporâneo da ascensão da burguesia

⁵³ HAROCHE, C., HENRY, P.; PÊCHEUX, M. (2007 [1971]). Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso.

como classe dominante. Assim, “os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia” (DOSSE, 1993, p. 344).

Responsável por não se ater apenas às contribuições de Althusser, Pêcheux traz novas considerações teóricas cujo bojo é o discurso e cujo projeto epistemológico reúne de forma crítica o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística. É possível encontrarmos, ao longo de suas discussões, certos conceitos pensados originalmente que traduzem para o cenário de “pós-estruturalismo” novas reflexões em torno da linguagem. Desses conceitos, podemos citar as condições de produção do sentido, isto é, quais os efeitos de sentido criados entre os interlocutores a partir de uma interpelação ideológica; formação discursiva (emprestada de M. Foucault) e o interdiscurso. Tais deslocamentos teóricos produzidos e pensados por M. Pêcheux estão em relação com os textos de L. Althusser. Nesse sentido, era necessário pensar, a partir dessas novas considerações, em uma *Teoria geral das Ideologias*, trazendo, com isso, a noção de sujeito ideológico (herdada da reflexão inicial de Althusser) na materialidade da língua.

O discurso torna-se sua matéria prima de análise marcado por uma tríade relevante: a língua, o sujeito e a história em sua constituição. Em suas reflexões, Pêcheux defendia que seria necessário haver uma ruptura com o caráter essencialmente político do termo considerando a língua na sua relação com a ideologia. Ou seja, o discurso produz efeitos de sentidos que são evidenciados pela história a partir de suas condições de emergência num dado acontecimento⁵⁴ por meio de efeitos ideológicos elaborados por sujeitos. Nesse caminho, a teoria empreendida pela noção de discurso nos mostra um sentido dividido, isto é, podemos pensar além; segundo Pêcheux (1997), o discurso é o efeito de sentidos entre os interlocutores. Nesse processo de interlocução existem sujeitos que vão se constituindo, afetados pela história no funcionamento da língua(gem).

Diante desses fatos, com as contribuições do estudioso, as ciências humanas, no fim dos anos 1960, viram a fundação de uma nova disciplina: a análise de discurso. Segundo Maldidier “é impossível analisar um discurso como um texto. É necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de sua produção” (MALDIDIER, 2003, p. 23).

⁵⁴ Pêcheux (2008) considera o acontecimento como uma dimensão constitutiva do objeto discurso e afirma que é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória.

Posteriormente, o filósofo evocará os nomes de Marx, Freud e Saussure. Marx e Freud são apenas evocados enquanto Saussure está mais presente, tomado por Pêcheux como o ponto de origem da ciência linguística. Nesse sentido, ele considera que o discurso não se constitui somente como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas. A “máquina discursiva” da AAD é a oficina em que se apreende o novo objeto.

A *Análise Automática do Discurso* foi desenvolvida mais para abrir questões do que para dar respostas; era preciso pensar mais profundamente a própria alma da máquina e, ao mesmo tempo, rever detalhes. Destarte, sua primeira experiência de informática o fez sentir a necessidade da linguística.

Percebemos que é a partir do materialismo histórico e da teoria das ideologias presente no texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso* de 1971 que se dá o verdadeiro fundamento aos estudos discursivos. Nesse momento, há a indicação de novos objetos sobre ele, que é posto em relação com a ideologia, contribuindo para sua primeira formulação. Ademais, é nesse texto que vemos mais detidamente algumas reflexões e discussões filosóficas dos pressupostos teórico-metodológicos de Saussure e sua relação com a semântica. Dessa forma, o materialismo histórico tornou-se a posição explícita em que se realizava a intervenção epistemológica contra uma dupla ameaça: a do empirismo, que segundo Malidier (2003) seria a problemática subjetiva centrada no indivíduo, e a do formalismo, que confundiria a língua como objeto com o campo da linguagem.

Assim, com a influência de Althusser e seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, pôde-se pensar a noção de *pré-construído*. Despojado de qualquer sentido lógico, o *pré-construído* constituiu a reformulação da pressuposição no novo terreno do discurso. Com esse conceito foi possível pensar e apreender o interdiscurso, o conceito-chave para a construção teórica de Michel Pêcheux.

Com efeito, é publicado, em 1975, *Semântica e Discurso*, o grande livro de Pêcheux. Nessa obra, ele apresenta o estado mais acabado da teoria sob o título em forma de enigma irreverente (em francês, *Les Vérités de La Palice*⁵⁵), em que o pensador é evocado como “patrono dos semanticistas.” Um livro em que o

⁵⁵ Em 2016, essa obra foi traduzida pela primeira vez na língua espanhola e publicada pela coleção Historia del Presente de las Ediciones del CCC (editorial del Centro Cultural de la Cooperación “Floreal Gorini”), na cidade de Buenos Aires, Argentina, cujo título é: *Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía*. A tradução foi elaborada por uma equipe interdisciplinar composta por Mara Glozman, Pedro Karczmarczyk, Guadalupe Marando e Margarita Martínez.

desenvolvimento do pensamento encontra a escrita. O discurso é a figura central e liga todos os fios: da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política. Pêcheux propõe somente “alguns elementos conceituais”. Para ele, a expressão “teoria do discurso” é só o nome “global” das questões que trabalha. Ela designa, de qualquer modo, no livro, o grande momento da ordenação dos conceitos.

Em virtude disso, 1975 também é o ano que marca o início da grande fratura, a reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo. Um período de tateamentos – segundo Malidier (2003) – abre-se, então, para as suas proposições. A abordagem do filósofo é, ao mesmo tempo, política e científica e busca mostrar as relações umbilicais entre linguagem e ideologia. Ou seja, para ele, o funcionamento linguístico é determinado não somente pelas relações imanentes, mas, sobretudo, pela história. Assim, se considerarmos “o domínio da política e da produção científica, constatamos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2011, p. 19).

Desde o começo de sua carreira, ele tinha pensado a análise de discurso na tensão entre história e linguística. O reajuste que o autor propunha tocava sobretudo a relação com os conceitos do lado da história. Ademais, ele foi um “obreiro”, semeador de ideias, de projetos, de programas, e trabalhou impossíveis “máquinas de ler” que abririam novas leituras. Infatigavelmente, leu e releu, fez ler e falou de suas leituras para que hoje pudéssemos considerar que tanto o sujeito quanto o discurso são afetados (atravessados) pelo interdiscurso e pela ideologia. Assim, diferentes discursos podem se relacionar de maneira indireta de acordo com sua formação discursiva. Dessa forma, todo discurso é atravessado por outros discursos e tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, definindo assim o interdiscurso.

A análise do discurso e suas épocas

As (in)junções teóricas empreendidas até então contribuem para a construção do quadro da análise do discurso que tem como representante Michel Pêcheux. O projeto do autor é marcado por deslocamentos, escansões e (re)configurações teóricas divididos em “três grandes épocas” que refletem essencialmente as revisões, os (d)efeitos, as reelaborações e as mudanças em torno de seu pensamento. É a partir dessa configuração – AD-1, AD-2 e AD-3 – que nos dedicaremos neste tópico.

Filósofo de formação, Pêcheux, mesmo seguindo os caminhos da linguística, jamais se esquivou das perspectivas filosóficas da sua época e foi responsável por inserir o discurso como objeto de estudo principal, já que até então – um cenário marcado pelo estruturalismo em Linguística – não era contemplado, apesar de estar sempre presente, “disfarçado” na dicotomia *língua* e *fala* proposta pela edição do CLG. As provocações teóricas instadas pelo filósofo francês vão configurar rearranjos nas bases de sua “teoria do discurso” e no seu solo epistemológico, reorganizando o modo de tratá-la.

É nesse sentido que a primeira época da análise do discurso (AD-1), desenvolvida entre os anos 1969 a 1975, segundo Malidier (2003), é chamada de “a aventura teórica” e tem como marco inicial a publicação do livro *Análise Automática do Discurso* (AAD69). Tratou-se do “tempo das grandes construções” em que Pêcheux propõe um dispositivo teórico organizado e pensado concomitantemente com o dispositivo analítico informatizado, buscando duas finalidades:

(...) Reunir um conjunto de traços discursivos empíricos (‘corpus de sequências discursivas’) fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme) e construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos linguisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de ‘ascensão’ em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou (PÊCHEUX, 2014, p. 312).

Ao criar sua análise automática, Pêcheux tinha como objetivo elaborar um “dispositivo técnico complexo informatizado” para a análise do enunciado (MALDIDIER, 2003, p. 20), além de propor uma “exploração metodológica acerca da noção de maquinaria discursivo-estrutural” (PÊCHEUX, 2014, p. 307). Nas palavras do autor, tratou-se

De um processo de produção discursiva concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus ‘suportes’ (PÊCHEUX, 2014, p. 307).

Diante desse modelo, tem-se um *corpus* fechado de sequências discursivas, um conjunto de enunciados homogêneos que se relacionam entre si por meio da justaposição. Trata-se de um “procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e a um fim pré-determinados, e

trabalhando num espaço em que ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas” (PÊCHEUX, 2014, p. 309). Ademais, à noção de maquinaria subordina-se o “outro da alteridade discursiva empírica” que é reduzido ao mesmo (PÊCHEUX, 2014, p. 309). Sobre o (novo) objeto de estudos dado às suas condições de (des)construção e deslocamentos, não podemos deixar de considerar também o discurso que cruza com os princípios de Saussure (relido por Pêcheux), de Marx (relido por Althusser) e de Freud (relido por Lacan).

À essa época, Pêcheux afirmava que para analisar um discurso se faz necessário elencar os “conjuntos de discursos possíveis” produzidos em um dado momento que se ligam, de certa maneira, a determinadas “condições de produção” estáveis e homogêneas. O dispositivo que se implementava compunha-se basicamente de duas etapas: a primeira estava preocupada em observar e desmontar a sintaxe da frase até os enunciados elementares e a segunda voltava-se para as “classes distribucionais” que se assemelham às “classes de equivalência” de Harris, que descreveu a maneira como os algoritmos intervêm para construir os ‘domínios semânticos para um processo discursivo’”. O linguista Harris – durante a criação do método de Pêcheux em sua AAD69 – tornou-se figura ímpar na investigação dos efeitos de sentido que se propunha ultrapassar em relação a ideia de unidade atribuída aos textos (MALDIDIER, 2003, p. 23).

Nesse sentido, constrói-se um primeiro modelo de elaboração da “teoria do discurso” proposto por Michel Pêcheux, reconhecendo falhas e querelas que a *Análise Automática do Discurso* proporcionou por meio do deslocamento de ideias do marxismo, do saussurianismo e da psicanálise, assim como possibilitou a origem de questionamentos sobre a concepção de texto e discurso às bases da linguística e da informática. Ademais, para a AD-1, o ano de 1971 é marcado por grandes reflexões em torno da inserção da investigação semântica nesse espaço da AAD. O artigo intitulado *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso*, elaborado em colaboração com Claudine Haroche e Paul Henry, desenha a semântica como “o laço que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas que vão contribuir para essas significações (MALDIDIER, 2003, p. 31). Embora a proposta fosse polêmica para o momento, Pêcheux trouxe questões centrais do campo da Linguística e da Semântica como propulsoras para esse novo quadro discursivo que com ele buscava implementar.

Em um outro momento, o artigo *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, de Althusser, será um traço marcante na obra do filósofo francês, pois postula que “o discurso é implicitamente assimilado a uma prática que acontece nas relações de forças sociais através de um aparelho” (MALDIDIER, 2003, p. 33). O sujeito era, na visão do autor, assujeitado e tomado como fonte do discurso. Essa construção da noção de sujeito, como mostra Gregolin (2004), é baseada nas leituras que ele fez das teses althusserianas.

Em março de 1975, na revista *Langages* n.º. 37, surge um artigo intitulado *Atualizações e perspectivas a propósito da análise automática do discurso* em que Pêcheux reflete sobre o amadurecimento de algumas de suas postulações anteriores e, com isso, propõe a publicação de sua obra *Semântica e Discurso*, atualizando seus procedimentos empregados até então. Era chegado o tempo de uma “mudança de terreno”. Desse modo, Pêcheux retorna aos seus textos reinscrevendo suas propostas em três regiões do conhecimento científico tidas como cerne da AD ou, como chamou Maldidier (2003, p. 38) de o “quadro epistemológico”: materialismo histórico, linguística saussureana e psicanálise. Essa obra de 1975 mobilizará como tema central o discurso permeado pelas discussões acerca da linguística e da história, sujeito e ideologia, ciência e política. Nessa publicação, vemos a ordenação de conceitos, como o interdiscurso, o intradiscurso e o aprofundamento do pré-construído e das formações discursivas (PÊCHEUX, 1997).

A segunda época da AD (AD-2) – 1976 a 1979 – é marcada por um movimento em direção à heterogeneidade, ao outro do discurso. Ou seja, é possível se pensar o antes e o alhures na sua relação com o discurso. Consoante Maldidier (2003), é “a época dos tateamentos”, cujo período coincide com grandes reformulações e deslocamentos na teoria.

O conceito de maquinaria discursiva começa a sofrer (re)ajustes dado o fato de que não era mais possível sustentar um conjunto de enunciados fechados, homogêneos entre si. Com efeito, era preciso compreender as relações entre os enunciados. Parte-se, com isso, para a noção de Formação Discursiva (FD), tomada de empréstimo de Michel Foucault. A FD não é um espaço estrutural fechado, pois é “constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela” (PÊCHEUX, 2014 [1983], p. 310). Tal princípio pode ser retomado por meio de pré-construídos e de discursos transversos. Pêcheux (2014) afirmava:

(...) [Este período] começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘pré-construído’ e de ‘discursos transversos’) (PÊCHEUX, 2014, p. 310).

Outro importante momento é a inserção da noção de interdiscurso para designar o exterior de uma FD, isto é, marca-se um lugar de evidência discursiva, submetendo, dessa forma, a voz do outro na constituição do discurso do “eu”. O sujeito, nessa época, continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva com a qual ele se identifica.

No início de 1978, com a leitura crítica de Bakhtin sobre os pressupostos estruturalistas – e por estar “fora de seu tempo” na AD francesa –, procurava-se explicar o seu aparecimento e suas contribuições para esse campo de saber em ascensão por meio da tradução para o francês de sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Saussure e a noção de língua tornaram-se para o autor o ponto basilar crítico ao seu “objetivismo abstrato”. Nesse contexto, entendia-se que a língua não poderia ser estudada fora dos quadros sociais, visto que seus sentidos se dão por meio de processos históricos e sociais, reforçando os conceitos de formação ideológica, formação discursiva e condições de produção como princípios fundamentais para o estudo da linguagem.

Em se tratando da questão do sujeito em *Semântica e Discurso*⁵⁶, Pêcheux (1997) propõe mudanças no texto *Só há causa daquilo que falha* configurando certos “tateamentos” acerca de sua teoria, pois afirma que é na base da linguística que se desenvolvem os processos discursivos numa relação ideológica de classe sem, contudo, deixar de reproduzir a ilusão e o “eu-sujeito-pleno” (MALDIDIER, 2003, p. 69). Além disso, o sujeito do discurso ainda é concebido como efeito do assujeitamento da FD com a qual ele se identifica (PÊCHEUX, 2014). É, assim, nesse segundo momento da AD-2 que ocorrem tensões entre ele e Foucault, coincidindo com uma crise teórica e política que ocorre no interior da análise do discurso na França.

⁵⁶ Tradução brasileira de Eni Orlandi. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Por fim, a terceira época da AD (AD-3) temporalmente se marca no período de 1980⁵⁷ a 1983, chamada por Malidier (2003) de “desconstrução dirigida”. De acordo com Pêcheux (2014), é o momento de “abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos ‘pontos de vista’ e ‘lugares enunciativos no fio intradiscursivo’” (p. 312-313). Era preciso o amadurecimento necessário com a época, que começou por meio do colóquio *Materialidades Discursivas*, reconfigurando alguns temas à luz do discurso como, por exemplo, heterogeneidade de Jacqueline Authier-Revuz. Vemos uma aproximação com as teses foucaultianas, o encontro com a Nova História, em que o autor critica fortemente a política e as posições derivadas das lutas de classes (herança da leitura de L. Althusser). Trata-se de acentuar o primado do interdiscurso e a desconstrução da noção de maquinaria discursiva.

Destarte, a homogeneidade no discurso é abandonada, reafirmando a necessidade de se olhar a heterogeneidade a partir das diferentes condições de produção em que os discursos são trazidos e (res)significados. Jean-Jacques Courtine e Jean Marie Marandin são figuras importantes nesse cenário de (des)construção teórica, lançando uma crítica a esse tipo de *corpus* – homogêneo – e propondo suas experiências com base no projeto foucaultiano d’*Arqueologia do Saber* (1969). O *corpus* agora é heterogêneo.

Pode-se dizer que a partir dessas considerações da AD-3 é que se permitiu, de fato, distinguir o texto e o discurso numa forma sistemática, isto é, enquanto a AD-1 tomava este como uma organização transfrástica de textos, a AD-2 vai problematizar os lugares institucionais nos quais os textos assumem determinada significação. Assim, nessa última fase classificada por Malidier (2003), os textos são concebidos por meio de traços e marcas da prática discursiva a partir das relações sociais. Coincide com um momento de intensas reformulações teóricas, do aparecimento da linguística enunciativa, do confronto entre os marxistas, da psicanálise e da linguística. Abrem-se, de certo modo, várias problemáticas sobre a noção de discurso, a interpretação, o acontecimento e a própria noção de estrutura.

⁵⁷ Nesse contexto de refacção das ideias, Pêcheux produz uma autocrítica, em especial no prefácio *O estranho espelho da Análise do Discurso* (que introduz a tese de Courtine, 1981), promovendo um deslocamento nas teses althusserianas, em que o conceito de formação discursiva a partir da releitura de Courtine sobre a *Arqueologia do Saber*, assim como se aproxima dos trabalhos de Authier-Revuz acerca da alteridade e da heterogeneidade (GREGOLIN, 2004).

É nesse momento, também, que se marca a passagem de uma análise das estruturas formais – os textos – a uma análise dos usos da linguagem considerando seu contexto de enunciação – o discurso. Nesse período de “desconstrução dirigida”, a teoria tomava caminhos outros, a distinção entre este e aqueles tornava-se fundamental, pois enquanto um compõe-se de valor abstrato, o outro deve estar ligado aos contextos nos quais são empregados e utilizados.

Em 1983, a AD é consagrada como disciplina. Em suas últimas reflexões, Pêcheux insistiu na abertura da AD para novas ideias em “história, [...] sociologia, [...] psicologia, por todo o campo em que se produza, formate e circule textos, isto é, no espaço em que se produz o encontro da língua com o sujeito” (MALDIDIÉ, 2003, p. 96).

A figura de Michel Foucault, nesse cenário intelectual francês, é bastante significativa, dado o fato de que ele não está ligado diretamente às considerações da linguística – como estava Pêcheux. Também filósofo, suas obras *As palavras e as coisas* (1966) – esta ainda com fortes traços de um pensamento estrutural – e *Arqueologia do saber* (1969) marcam definitivamente a ruptura do modelo estrutural para a incorporação das noções-chave da Pragmática. Nesse sentido, é pelos estudos da análise do discurso – e não da linguística – que aparecem os primeiros sinais de uma *virada pragmática* (ANGERMULLER, 2016). As teorias dos atos de fala, a pragmática, por exemplo, tornam-se problemáticas cruciais no cenário francês da análise do discurso. É por meio dessas considerações que buscamos, no tópico seguinte, compreender o papel que esse importante autor e filósofo, Michel Foucault, tem na emergência da “Teoria das Ideologias” e como a sua noção de discurso será relevante para as discussões do projeto epistemológico da AD.

Michel Foucault: um analista do discurso?

Na sessão anterior, propusemos analisar a influência de Michel Pêcheux para o surgimento da análise do discurso como uma teoria que não se delimitava apenas à frase ou à sentença, mas também considerava os aspectos de interação entre os sujeitos e a produção dos sentidos numa certa comunidade, tomando a ideologia como fator principal na sua constituição de sujeito falante. Seu papel, nos estudos do discurso, foi bastante significativo, contribuindo para que um novo programa de pesquisa se instaurasse.

Neste tópico, temos como objetivo investigar as contribuições do filósofo Michel Foucault para a teoria da análise do discurso, visto que ele, diferentemente de Pêcheux, não inscrevia suas reflexões no interior da linguística, mas no campo da história e da filosofia.

É muito salutar considerarmos os ganhos que a análise do discurso teve com as reflexões de Foucault; a noção de discurso, cunhada por ele, será expressiva na obra *Arqueologia do Saber*. Seus pressupostos serão retomados por estudiosos e será possível pensar numa análise do discurso de cunho foucaultiano. Inicialmente, começaremos expondo brevemente algumas de suas conceituações e o cenário em que esse filósofo de formação inscrevia-se na configuração francesa dos anos 1970 para que, logo em seguida, demonstremos algumas (as)simetrias entre o seu projeto epistemológico e o de Michel Pêcheux.

É inegável a contribuição de Michel Foucault para a análise do discurso, mesmo que seu projeto epistemológico inicial não estivesse preocupado em atender as contribuições no campo dos estudos da linguagem. Ao contrário de Pêcheux, que propunha construir uma AD com base nas proposições da língua, dos sujeitos e da história, cujo objetivo era manter um diálogo com a linguística por meio da relação tensa entre Saussure, Marx e Freud, Foucault, em seu trabalho, procurava relacionar fortemente suas problemáticas com as da história e da filosofia, enraizando-se numa “tríplice aliança” composta por Nietzsche, Freud e Marx. Seu intento não tinha como função inicial construir uma teoria do discurso, suas temáticas eram voltadas para a compreensão das relações entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental, isto é, o autor buscava criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos.

Mas, afinal, quem foi Michel Foucault? Filósofo, historiador das ideias, filólogo, crítico literário, ele era conhecido por meio de várias denominações, mas nenhuma, a seu gosto, agradava-lhe. Inquieto com as questões sociais e propagador de novas reflexões sobre a sociedade, mais especificamente, estava preocupado, dentre outras coisas, em produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura (GREGOLIN, 2006, p. 54-55).

Na década de setenta, Foucault (2006) concedeu uma entrevista em que dizia não se considerar um historiador, tampouco um filósofo, todavia, anunciava-se como um pirotécnico. Sob esse prisma, podemos dizer que o pensador francês desempenha um papel importante na teorização da então análise do discurso. É responsável por

trazer contribuições importantes para a ciência da linguagem, que estão fortemente assentadas em muitas das formulações de Michel Pêcheux. Ele é, sem dúvida, um interlocutor provocador estimulante que irá nortear profundamente as refações e as (re)formulações do edifício teórico desenvolvido por Pêcheux e seu grupo em torno de sua teoria de discurso.

Nesse sentido, a obra de Foucault é comumente dividida em três modos de produção histórica das subjetividades, ou seja, três grandes fases: i) num primeiro momento, buscou compreender as transformações históricas dos saberes que contribuíram para o surgimento das ciências humanas. Sua preocupação voltava-se para a história da loucura, da medicina e de temas como a vida, a linguagem e o trabalho. *História da loucura na Idade Clássica* (1962), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966), *Arqueologia do saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1970) são as obras dessa primeira fase arqueológica; ii) o segundo momento, a chamada fase genealógica, é marcado pela relação entre os poderes e os saberes. Para Foucault, tais relações permitem observar como “o poder se pulveriza na sociedade em inúmeros micro-poderes” (GREGOLIN, 2006, p. 55). As obras que marcam este período são: *A verdade e as formas jurídicas* (1973), *Vigiar e punir* (1975), *Microfísica do poder* (1979), *Eu, Pierre Rivière* (1979) e *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976); e, por fim, iii) a fase da ética e estética de si. Nesse momento, o filósofo propôs-se a investigar a construção histórica das subjetividades a partir de técnicas da “governamentalidade”, isto é, do governo de si e do outro. As obras desse período são: *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982), *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (1983) e *História da sexualidade III: o cuidado de si* (1984)⁵⁸. Cada momento, a seu modo, representou diferentes formas de seu pensamento refletindo, inicialmente, sobre o processo de configuração de um saber na sociedade numa certa época (episteme), passando por práticas divisoras (discursivas e não discursivas) que objetivam e subjetivam os sujeitos até o governo de si; a figura do sujeito é problematizada, enfim, no cenário francês.

⁵⁸ Em 2018, tivemos a publicação do volume quatro da coleção *história da sexualidade* de Michel Foucault após algumas polêmicas acerca dos direitos de sua publicação e sua circulação depois da morte do autor em 1984. A recente edição – *Historie de la sexualité IV: les aveux de la chair* – foi editada por Frédéric Gros e publicada pela Gallimard, em Paris. Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Bibliotheque-des-Histoires/Les-aveux-de-la-chair>>. Acesso em: 9 de jan. 2019.

Com efeito, Foucault preocupa-se em trabalhar a história dos termos, dos enunciados, de categorias de visibilidade e dizibilidade que em cada época instauram as coisas a serem vistas e os discursos a serem produzidos. Em suas palavras,

A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história [...]. Ele se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular (FOUCAULT, 2008, p. 9-10).

O discurso sempre foi o objeto de sua investigação, fruto de suas reflexões que o instaram a pensar nos diferentes modos pelos quais os seres humanos, na cultura ocidental, tornar-se-iam sujeitos do dizer, produtores de enunciados. A partir disso, o discurso converteu-se em ponto nodal, o centro irradiador de suas ideias e análises, é visto como a descrição de uma formação histórica, todavia, para tal fato, é preciso “despojar o acontecimento da roupagem demasiado ampla que o banaliza e o racionaliza” (SARGENTINI, 2014, p. 163), isto é, a história linear é substituída pela dita história nova, ou história serial, cujo objetivo é considerar a enunciação como fator preponderante para a noção de acontecimento. Em virtude disso, é preciso pensar a história não nos moldes da linearidade, mas em suas rupturas e descontinuidades, o que contempla a irrupção de discursos e o reencontro com a totalidade, em que não se procura em tudo o sentido, mas se busca narrar desde um grande fato até os menores e invisíveis. Os objetos são construídos no discurso, não preexistem à fala.

Compreendemos, com isso, que para os intelectuais do discurso o primeiro legado de Foucault é a própria noção de discurso que não se separa da noção de sujeito, de acontecimento e de materialidade discursiva. Com essa forma de pensar a história, ele contribuiu para o pensamento dos analistas de discurso, afirmando que este não está somente no campo da língua, mas no campo do enunciado, isto é, trata-se de considerá-lo não apenas em sua formação material, linguística, mas em sua “função enunciativa”. Com efeito, os enunciados são o resultado de um processo de enunciação.

Não haveria nenhum objeto histórico que não fosse considerado como um acontecimento, retomado por meio de enunciados já ditos e cristalizados. Tal objeto emergia em uma determinada época, passava por mudanças de contornos, de

significações e por fissuras e fundava-se por práticas discursivas. Ao buscarmos as condições de emergência dos discursos, podemos compreender como determinado acontecimento se deu na história, por meio das práticas que definem os acontecimentos discursivos, isto é, acontecimentos históricos que são discursivizados.

Diante disso, o afastamento de noções utilizadas pela história tradicional (linearidade, continuidade, causalidade, por exemplo) e a afirmação da Nova História (descontinuidade, ruptura, transformação) estão na base da proposta foucaultiana importada para a AD:

É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher o discurso em sua irrupção de acontecimentos (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Nesse sentido, a noção de acontecimento surge como um caminho de possibilidades constituído por um conjunto de enunciados efetivos (falados ou escritos) em sua dispersão, isto é, trata-se de compreender a emergência dos enunciados⁵⁹ a partir de sequências que tenham sido formuladas, compreendendo-os na sua singularidade de acontecimento.

Ademais, Foucault pensa a função enunciativa a partir da dispersão dos enunciados no interior de diferentes formações discursivas (FD), estas, por sua vez, não são delimitadas por fronteiras que podem separar o interior do exterior. A FD não tem nem origem determinável nem um fim natural, sua constituição corresponde a um momento arbitrário. Tal conceito não será apenas retomado por Pêcheux à época dos anos setenta, mas também será reorientado teoricamente a fim de corresponder a influência marxista de Louis Althusser.

Segundo suas raízes, Pêcheux definirá o conceito de FD como um conjunto de enunciados formulados em um lugar institucional particular em que as palavras adquirem novos sentidos a partir das posições que os sujeitos ocupam em um dado lugar social. Ao pensar tal conceito de “formação”, um dos possíveis objetivos de Foucault era se desprender do contexto estrutural que imperava até o momento. Nesse caminho, pensava-se em um discurso como um “campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 61). Suas considerações, ao lado de outros intelectuais do período “pós-estrutural” – como Jacques Lacan, Louis

⁵⁹ Cf.: GREGOLIN, Maria do Rosário. *O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas*. In: NAVARRO, Pedro; SARGENTINI, Vanice. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

Althusser, Michel Foucault, por exemplo – contribuíram significativamente para a ruptura da tradição teórica estruturalista vigente.

Tomar, pois, a figura de Foucault na análise do discurso é refletir na própria história das ciências humanas, é dizer que seu papel, apesar de não ser um analista do discurso de formação, é fundamental para pensar a noção de discurso, de sujeito na sociedade e os possíveis desdobramentos de sua representação no campo da linguística. Diante disso, Foucault, assim como Michel Pêcheux, desempenhou inegavelmente um papel importante na análise do discurso. Enquanto M. Pêcheux dedica-se a um projeto histórico-linguístico da disciplina, M. Foucault reflete seu objeto a partir de um projeto histórico-filosófico.

Dois alunos de Althusser, dois projetos epistemológicos, um único objetivo: o discurso

Expusemos até o momento duas figuras importantes para o desenvolvimento da análise do discurso enquanto campo científico: Michel Pêcheux e Michel Foucault. Cada um, a seu modo, a partir de seu projeto epistemológico, contribuiu significativamente para evidenciar a maneira como a noção de discurso emergiu na França no final dos anos sessenta. Há, com isso, uma ruptura com o programa de pesquisa saussuriano, abrindo espaço para novas discussões em torno do discurso com base na releitura de Althusser sobre as teorias de Marx.

Michel Pêcheux e Michel Foucault propõem significativas mudanças no modo de pensar francês a partir do contexto pós-estrutural das décadas de sessenta e oitenta. Por mais que eles tenham projetos epistemológicos bastante distintos, é possível afirmar que eles não são adversários. Ambos propunham investigar a respeito de uma teoria do (sobre o) discurso. Desse modo, o que propõem não está em oposição, mas em complementaridade. Vale ressaltar, assim, as diferenças entre eles e não somente a contradição, além de que as abordar requer que revisitemos o posicionamento dos autores frente às propostas althusserianas.

Num primeiro momento, Pêcheux, fortemente influenciado pela leitura marxista de Althusser, classifica Foucault como “marxista paralelo”, dado o fato de, em suas considerações, não usar categorias clássicas do marxismo: ideologia, luta de classes, por exemplo. O diálogo polêmico entre os dois será visto no texto

Remontemos de Foucault a Spinoza, no qual Pêcheux fará uma defesa rigorosa das teses althusserianas.

Fascinado pela teoria e pela política, Pêcheux faz duras críticas ao historicismo, ao sociologismo e ao logicismo que no interior da linguística negavam a política. Segundo ele: “não se pode fazer teoria sem tomar, simultaneamente, posição na luta de classes” (GREGOLIN, 2006, p. 121). Dessa forma, a leitura que Pêcheux fazia em relação à teoria e à política era diferente da produzida e comentada por M. Foucault. A diferença ocorria sobretudo pela recepção da obra de Marx. O ponto central dessa discussão envolve os conceitos de ideologia e luta de classes. Por exemplo, em *Vigiar e Punir* (1975), havia duras críticas de Foucault à ideia althusseriana dos “aparelhos ideológicos do Estado” e, com isso, era impossível pensar o poder como centralizador, negativo.

Outro ponto importante nas formulações de Pêcheux é a afirmação de que “o sentido das palavras muda com a posição na luta de classes daqueles que a empregam” (GREGOLIN, 2006, p. 125). Na visão de Foucault, o sentido do enunciado muda conforme as relações que ele tem com outros enunciados, isto é, todo enunciado tem uma materialidade repetível que pode adquirir novos sentidos quando entra em relação com outros enunciados. A partir dessa visão foucaultiana, é preciso pensar em descontinuidades na história, construídas por jogos enunciativos, por batalhas entre diferentes discursos que ora se negam, se complementam, ora se afirmam, se contradistinguem.

Nesse caminho, Foucault (2008) questiona na história o estudo dos longos períodos, as sequências necessárias que compõem os acontecimentos. Ele posiciona-se criticamente diante de um projeto positivista de história linear. O trabalho da história linear concentra-se em “reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio – material ou espiritual – de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão” (FOUCAULT, 2008, p. 10). Já a história nova, ou serial, como diz Foucault, refere-se às problematizações de pequenos fatos narrados, que não visualizam somente grande nomes na história, mas considera a minoria, isto é, privilegia as séries, os recortes, os limites e deslocamentos. Sua tarefa, ao contrário da história linear, é outra:

Determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries, que sistema vertical elas são suscetíveis de formar; qual é, de umas para outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser os deslocamentos, as

temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente (FOUCAULT, 2008, p. 11).

Assim, Foucault afirma que há certos métodos que permitem dar um novo sentido à noção de acontecimento e que possibilitam, ao contrário da história linear, creditar à noção apenas aquilo que era visível e conhecido por todos, buscar um sentido único e verdadeiro. Avançar para uma história serial, uma Nova História, era fazer aparecer acontecimentos que são visíveis, mas sem desconsiderar os que não são visíveis no que é ou foi discursivizado no interior do arquivo. Desse modo, não se nega a importância da história em relação às práticas que levam os sujeitos a se deslocarem de uma objetivação a uma subjetivação.

A partir dessas considerações, era preciso pensar a escrita da história por meio da passagem da “memória coletiva” para a “memória histórica”, ao ler o documento em monumento. Não se trata mais de pensar em grande feitos por meio de grandes homens envolvidos nos grandes acontecimentos políticos, diplomáticos e/ou militares. A nova história interessa-se por todos os homens e mulheres e isso marca a entrada, na escrita da História, das “massas dormentes” (LE GOFF, 2003, p. 531). Sobre a transformação dos documentos em monumentos, Foucault afirma que

A história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem [...], a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifram rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2008, p. 8).

No que diz respeito à linguística, Michel Pêcheux esteve muito mais ligado às suas problemáticas do que Michel Foucault. Em suas considerações, a tese central de constituir uma análise do discurso sempre foi basilar, na qual procurou tecer uma relação tensa com os estudos linguísticos. Idealizador de várias concepções teóricas para essa AD, tais como formação discursiva, acontecimento discursivo, interdiscurso entre outros, Pêcheux foi um expressivo representante desse momento de estudos. Durante as “três épocas”, é possível observarmos os diferentes momentos de sua constituição enquanto campo de saber na França. Observam-se, em suas postulações teóricas, embates, reconstruções e refações de seu modelo, cuja função era, por meio

de um empreendimento althusseriano, a construção de uma teoria materialista do discurso atada a um projeto político de intervenção com base na luta de classes.

Mais especificamente, a terceira época é o momento em que as considerações teóricas de Foucault serão centrais para os novos rumos da análise do discurso. Pêcheux, a partir de suas decepções políticas, fragmentação das esquerdas e a crise do marxismo, começará a rever suas críticas ao “pirotécnico”, promovendo a “morte” de Althusser. Com efeito, adota, a partir dos anos oitenta, uma nova postura frente às considerações do marxismo e opera aquilo que Malidier (2003) entende como uma “desconstrução dirigida” da teoria, isto é, propõe repensar seu projeto epistemológico inicial por meio de uma desconstrução das bases longamente defendidas e gestadas sob o empreendimento marxista. Consoante Courtine (2009 [1981]), tais transformações no pensamento pecheutiano contribuiriam para uma “desmarxização” que se abateu no campo das pesquisas linguísticas da época.

Não obstante, o grande momento de ruptura com a releitura marxista foi no Colóquio *Matérialités Discursives*⁶⁰, realizado em Nanterre em 1980, em que foi posta uma nova discussão com “o triplo real da língua, da história e do inconsciente” (GREGOLIN, 2006, p. 155). No campo da Linguística, os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz e de Mikhail Bakhtin colocam em evidência as rupturas no “fio do discurso”. Nesse momento, o discurso é tomado na sua heterogeneidade, isto é, há outros discursos que perpassam o discurso primeiro, (re)significando-o; a ideia de alteridade adquire espaço configurando novos caminhos nos estudos discursivos da época.

A noção de formação discursiva de Pêcheux é criticada por Foucault por considerá-la “muito fechada”, propondo pensá-la enquanto fronteiras que estão em constantes deslocamentos. Outro ponto central do período foi a criação do conceito de “memória discursiva” proposta pelo Jean-Jacques Courtine (2009 [1981]) a partir da noção foucaultiana de “campos associativos”. Ademais, pesquisadores como Jacques Guilhaumou, Régine Robin, Denise Malidier realizaram trabalhos enquanto historiadores do discurso, aproximando-se das teses centrais de Foucault: as inter-relações entre a materialidade do discurso e a história.

Assim, em sua nova configuração teórica, aproximando-se das proposições defendidas pela Nova História, Pêcheux se afastaria das proposições althusserianas,

⁶⁰ No Brasil, em 2016, foi publicada a primeira edição da obra *Materialidades discursivas* pela editora da Unicamp.

estabelecendo um diálogo constante com Bakhtin, Foucault, entre outros. Dado esse novo período de reflexões e analisando os contextos epistemológicos da AD, M. Pêcheux irá acentuar as contribuições de M. Foucault e da Nova História por meio de uma autocrítica, descolando-se das teses althusserianas.

Essa reviravolta é vista, num primeiro momento, no texto *O estranho espelho da análise do discurso* (PÊCHEUX, 1981), escrito como apresentação ao trabalho proposto por Jean-Jacques Courtine (2009 [1981]). No texto, vemos fortemente o filósofo francês desencantar-se com a política do Partido e com a prática da análise do discurso feita até então, em meados dos anos setenta. Tal descontentamento é figurativizado pelo “estranho espelho”. Sob essa metáfora, o autor reflete sobre a forma de se fazer análise do discurso na França numa época em que o objetivo central era investigar o discurso político, nascido da confluência entre a ciência e a política. Ou seja, desencantou-se com o fazer ciência e o fazer político apenas por proposições marxistas. Era preciso ir além disso, pensar as ramificações e as refações dos discursos assim como os seus (d)efeitos a partir da sua inscrição numa dada sociedade. Courtine (2009 [1981]) acreditava que era chegado o tempo de “partir os espelhos”.

Desde a sua fundação, a AD foi pressionada pela evolução das teorias linguísticas e das transformações do campo histórico-político. Seu objeto de estudos foram os “discursos políticos” como forma de engajamento. Foucault, contrário a tais princípios marxistas, voltava-se para a esfera discursiva. Com base na releitura que Courtine faz d’*Arqueologia do saber*, muda-se definitivamente o *corpus* como se fossem homogêneos, encaminhando-se para os estudos da alteridade, da heterogeneidade. Pêcheux já reconhecia esse novo momento como uma nova fase de trabalho para os analistas do discurso. Observava-se, nesse momento, a heterogeneidade do discurso, os enunciados divididos, evidenciando o fato de que uma FD sempre será assombrada pelo seu antagonista, isto é, haverá sempre nas relações entre os discursos formações discursivas que ora se contradizem ora se alinham em um mesmo espaço enunciativo; a alteridade sempre afetará o eu do discurso. Desse modo, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

Dadas essas “mudanças de terrenos”, pontos de deriva possíveis na teoria, impressos pela desconstrução do dispositivo althusseriano e da forte aproximação

com M. Foucault, M. Bakhtin e as proposições da Nova História, podemos dizer que a análise do discurso é um rico caminho a ser seguido. Hoje, é possível dizer que a AD adquiriu características peculiares de acordo com o seu espaço. No caso brasileiro, por exemplo, há uma história da análise do discurso que se liga fortemente à França, mas que adquire diferenças significativas e desdobramentos próprios. Uma delas, por exemplo, é o fato de que há pesquisas que articulam o linguístico e o histórico produzindo investigações por meio de rotas traçadas por Pêcheux e Foucault.

Não queremos com esse percurso negar a importância de tais pensadores (“fundadores” e inspiradores) na análise do discurso, mas mostrar que os desdobramentos dessa disciplina, mais especificamente no caso brasileiro, contribuíram para se pensar uma expansão do campo, isto é, o campo dos “Estudos de discurso” que congrega as diferentes tendências sobre a noção de discurso. Ou seja, de acordo com Maingueneau (2015), a AD seria uma caixa de ferramentas no vasto conjunto dos métodos qualitativos das ciências humanas e sociais. É por meio disso que tentamos defender a tese de que é necessário refletir sobre as condições históricas e epistemológicas que possibilitaram as diferentes irrupções dos estudos discursivos brasileiros nos últimos trinta anos.

Nesse sentido, é impossível deslocarmos uma teoria, de um país a outro, e acreditarmos que ela manterá suas características originais, é preciso, pois, pensarmos que esse deslocamento histórico, social e temporal da AD no Brasil ocorre de maneira a produzir novas particularidades de leitura, novas narrativas das (sobre as) diferentes teorias estrangeiras a partir de outra história, com base em novas querelas, em que os analistas do discurso brasileiros, inscritos em outras condições de produção, buscam olhar o discurso em nosso país por meio de outros objetos, de novas materialidades, instituindo, desse modo, uma tradição dos (sobre os) Trópicos.

Mikhail Bakhtin e a análise do discurso: um autor fora de seu tempo

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin é, assim como Althusser e Foucault, um dos grandes pilares de sustentação teórica de Michel Pêcheux durante sua empreitada analítica. Apesar de o autor ter vivido e produzido seus textos em uma outra época – nas “Rússias”⁶¹, entre os anos 1920-1970 – é na França que ele será traduzido⁶² e seu

⁶¹ Tal destaque, de certo modo, relaciona-se com a história da constituição do território Russo que durante muitos anos (entre 1922 e 1991) foi chamado de *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS). Bakhtin, nascido em 1895 em Orel, pequena cidade ao sul de Moscou, inscreve-se entre as

pensamento – configurado pelos autores do Círculo de Bakhtin – colocado em relação de aproximação com os domínios da AD francesa⁶³.

Por mais que sua obra teórica tenha sido escrita e produzida em outro tempo e em outro espaço, Bakhtin será recebido no cenário francês nas décadas de sessenta e setenta, cujas temáticas incidem sobre os problemas da literatura, razão pela qual ele ser considerado, num primeiro momento, uma referência importante para os trabalhos na área da crítica literária. Já para os estudos linguísticos, uma obra que se tornou fundamental foi *Marxismo e filosofia da linguagem*, datada de 1929 e traduzida apenas nos anos sessenta, todavia, de grande repercussão na década de oitenta, cuja função foi incorporar a esses estudos uma concepção de linguagem diferente da linguística pós-saussuriana e dita estruturalista, incluindo também o sujeito e a história⁶⁴. Ele participa, pois, da análise do discurso como um “outro”, uma interpretação e/ou uma leitura.

Para Brait (2001)⁶⁵, essa obra de Bakhtin⁶⁶ é ainda constantemente (re)interpretada pelos estudiosos e se dá a conhecer no Ocidente. Não podemos, com isso, reduzir suas reflexões a um punhado de conceitos como “gênero” e “dialogismo”

duas Guerras mundiais e sofreu grande repressão causada pelos conflitos territoriais do Estado socialista em vigor, sendo preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados em um campo de concentração em Solóvki, em 1929; para alguns especialistas, tal condenação resultou de algumas desavenças suas com a igreja ortodoxa. Entre os anos 1924 e 1929, o autor publicou os seguintes trabalhos importantes: *O método formal nos estudos literários*; *Discurso na vida e discurso na arte e Freudismo: uma crítica marxista*; a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem* é atribuída a Valentin Volóchinov. Em 1940, no Instituto Gorki, apresentou sua tese de doutorado intitulada *Rabelais e a cultura popular*, que não obteve resultado favorável, uma vez que, devido à guerra, não conseguiu defendê-la. Somente em 1946 é que efetivamente defendeu suas ideias, e seu trabalho causou uma grande polêmica no Comitê encarregado de sua avaliação, resultando, em 1952, da não concessão do título de doutor. Mais tarde, em 1965, esse trabalho será responsável por trazer renome mundial a ele (FIORIN, 2016).

⁶² No Ocidente, Bakhtin foi trazido ao cenário das ciências humanas – sobretudo, na literatura – a partir dos anos 1967, quando Julia Kristeva, uma aluna búlgara que estudava na França, publicou uma apresentação de suas obras sobre Dostoievski e Rabelais na revista *Critique* intitulada *Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance*. Num primeiro momento, o autor russo seria remetido aos trabalhos e estudos literários. Posteriormente, Bakhtin seria trazido à Linguística brasileira apenas a partir dos anos 1990 (GREGOLIN, 2003).

⁶³ Referimo-nos, aqui, aos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo.

⁶⁴ Essa obra, produzida em 1929, ia na “contramão” da escola estruturalista acerca de uma Linguística imanente (crítica bakhtiniana ao “objetivismo abstrato” de Saussure). Apesar de Bakhtin buscar contribuições no mestre genebrino, de ler sua obra – o CLG – logo após a sua publicação (1916), o autor desvincula-se de sua forma de pensar (ou pelo menos, desvincula-se do modo teórico proposto pela edição) e se inscreve em uma outra vertente de estudos da análise de discurso, mais dialógica.

⁶⁵ Brait, B. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. In: Gregolin, M.R. (org.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2001.

⁶⁶ Quando nos referimos à obra bakhtiniana, inscrevemo-nos nos trabalhos realizados pelo *Círculo de Bakhtin*, composto por diferentes intelectuais da época – Valentin Voloshinov, Pável Medvedev, Matvei Issaévitch, entre outros – que possibilitaram uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos.

sem considerar o contexto histórico e político em que foram produzidos. Nesse caminho, ainda que existam textos sem tradução e outros não estarem acabados, muito do que foi publicado não seguiu fielmente a cronologia do seu pensamento. Além disso, acrescenta-se a forma como se deu a sua recepção em diferentes momentos.

Na sua primeira recepção⁶⁷ (anos 60-70), Bakhtin adquiriu maior impacto nos estudos literários, obras como *Problemas da poética de Dostoiévski*, *A obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, mesmo trazendo a literatura como plano de fundo de suas discussões, tornou-se também material principal para os linguistas no que tange às reflexões sobre “polifonia”, “carnavalização”, “cronotopo”, “gênero”, “definição do ‘outro’ bakhtiniano”, “vozes” (GREGOLIN, 2010).

Em suas obras, vemos o modo particular de tratar a linguagem, considerando o modelo interativo/relacional que viria a ser característico das ideias advindas do Círculo de Bakhtin. Já no capítulo intitulado *O discurso em Dostoiévski*, vemos um primeiro momento em que o autor propõe uma “análise/teoria dialógica do discurso”. Assim, Bakhtin afirma:

Intitulamos este capítulo ‘O discurso em Dostoiévski’ porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subtendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência (BAKHTIN, 2002, p. 181 apud BRAIT, 2010).

⁶⁷ “Se hoje pensamos em um ‘Círculo de Bakhtin’, no momento da primeira recepção da obra na França encontramos uma espécie de ‘volatilização’ da autoria Voloshinov/Bakhtin. Isso significa que a própria constituição do lugar de autoria de Bakhtin foi uma construção posterior ao momento da leitura que dele se fez na Europa nos anos 1970” (GREGOLIN, 2010, p. 48).

Embora haja uma distância temporal e espacial entre o quadro teórico de Bakhtin em relação ao de Pêcheux, graças às transformações políticas e teóricas ocorridas entre 1960-1980, tais distanciamentos serão encurtados e o projeto pecheutiano vai, finalmente, incorporar algumas conceituações teóricas do “pensamento bakhtiniano” à AD em sua “terceira época”. Tal incorporação virá por meio dos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz e sua postulação de “heterogeneidade do discurso”, possibilitando observar as relações entre o “fio do discurso” (intradiscurso) e o interdiscurso, assim como as “não coincidências do dizer”.

À luz de Althusser, os diálogos propostos por Pêcheux travam um campo conflituoso entre Foucault e Bakhtin. O ano de 1976, “época” dos “tateamentos”, segundo Malidier (2003), é marcado por um deslocamento de posições dogmáticas em que o filósofo francês tece uma crítica à “primeira época”, remodelando o seu quadro teórico e aproximando-se desses autores, trazendo diversas perspectivas para a AD. Desse modo, as “três épocas da AD” configuram certos embates, escansões e retificações operadas para a construção e constituição do seu campo teórico, articulando a língua, o sujeito e a sociedade. Nessas diferentes “épocas”, observamos a aproximação às reflexões de Althusser às quais, aos poucos, e conforme as modificações feitas na teoria por Pêcheux, o autor vai trazendo aportes de Foucault e de Bakhtin. Consoante Gregolin (2010), trata-se, pois,

De um percurso feito de lutas, combates [...]. Afinal, nada é mais estranho ao pensamento desses autores do que a ideia de um desenvolvimento contínuo, teleológico do saber científico, que atingiria sua plenitude num certo momento. Ao contrário, esse diálogo do pensamento de Pêcheux com os outros *Michéis* se dá sob a forma da descontinuidade, do emaranhado de descontinuidades que afasta qualquer possibilidade tanto da linearidade quanto da ideia de um projeto unificador do saber (p. 36, itálico do autor).

O pensamento bakhtiniano será inserido no grupo de Michel Pêcheux em meados dos anos setenta, sendo reconhecido pela maioria dos integrantes como um pensador importante que trazia ao projeto da AD grande contribuição na medida em que sua proposta de “translinguística”⁶⁸ recuperava a dimensão histórica, social e cultural da linguagem. Apesar de incorporá-lo ao quadro teórico da análise do discurso, Pêcheux, ainda assim, discordará de Bakhtin em dois pontos cruciais: a) a crítica bakhtiniana ao “objetivismo abstrato” de Saussure e b) “a inserção bakhtiniana

⁶⁸ Termo utilizado pelo Círculo de Bakhtin para se referir a linguagem.

em concepções ‘marxistas’” que, na visão do estudioso francês, referem-se ao “sociologismo” e ao “humanismo teórico” (GREGOLIN, 2010, p. 37).

Ambos os autores, Pêcheux e Bakhtin, retornam à figura de Saussure para discutir o objeto da Linguística estrutural, assim chamada graças às contribuições da famosa – e polêmica – edição de 1916 (a língua tomada enquanto um sistema abstrato e formal), e para proporem um novo objeto “esquecido” pelo Curso: o discurso. Todavia, essas duas leituras se dão de formas distintas nos dois autores, provocando, de certo modo, num primeiro momento de recepção bakhtiniana, uma discordância de Pêcheux em relação a Bakhtin⁶⁹.

As contribuições de Saussure acerca da Linguística estarão sempre presentes nas reflexões sobre teoria do discurso de Pêcheux. Conforme o filósofo, o mestre genebrino modelou um aparato teórico forte em torno da complexidade da língua, compreendendo-a, ao mesmo tempo, como uma instituição social e um sistema de signos. Suas reflexões serão palco para anos de um estruturalismo “triumfante” capaz de influenciar todo o modo de pensar das ciências humanas do século XX. Contudo, apesar da grande contribuição de Saussure para Linguística, tais princípios saussurianos não deixaram de causar polêmica entre os estudiosos da época – a nosso ver, corroborados pelo modo de organização do Curso –, pois refletiu-se também na separação radical entre a língua e a fala, acarretando o “abandono” do estudo da Semântica, assim como possibilitou pensar o formalismo e o subjetivismo (já que a fala é tomada como individual e, a partir disso, como objeto de estudo é importante tomar algo que seja coletivo e social, a língua).

Em relação a Bakhtin, Pêcheux não concorda com as suas críticas ao “objetivismo abstrato” de Saussure, sendo, de certa maneira, um dos primeiros pontos em que os autores não estão de acordo. Sob esse prisma, é importante destacarmos os diferentes espaços em que ambos se inscrevem na história: Bakhtin entrou em contato com o CLG logo após a sua publicação, logo no início dos anos vinte, opondo-se à leitura implementada pelos então “formalistas”, adeptos de Saussure; já Pêcheux, nos anos setenta, entra em contato com os trabalhos de Godel (1957) sobre as fontes manuscritas do Curso e a leitura proposta por Starobinsky (1971) sobre os estudos dos anagramas saussurianos. Tínhamos, pois, duas formas de leitura, a partir de efeitos de sentidos criados por momentos históricos distintos que se configuraram também na

⁶⁹ Mais um vez, é importante ressaltar que ambas as leituras se dão em momentos históricos distintos, implicando distintos efeitos de sentidos.

constituição e no desenvolvimento do campo. Por isso, em vez de procurarmos uma “leitura correta”, ou buscarmos compreender quem estaria correto sobre os escritos de Saussure – talvez, um caminho desnecessário –, vale mais procurarmos compreender o que eles, Pêcheux e Bakhtin, estariam empreendendo. Seriam dois diferentes Saussures?

Nesse sentido, acreditando na tese de que houve um equívoco na leitura de Saussure, Pêcheux assevera que Bakhtin “tende a anular a dimensão própria da língua: opondo ao ‘sistema abstrato de formas linguísticas’ o ‘fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e dos enunciadores” (MALDIDIER, 2003, p. 60). Pêcheux acredita que os fundamentos de Saussure são salutares para a ciência linguística e, com isso, suas propostas devem ser gestadas nas discussões da análise do discurso.

Um outro momento de críticas empreendidas por Pêcheux a Bakhtin está relacionado às diferentes maneiras em que ambos articulam as questões sobre o discurso, o sujeito e o social a partir da corrente marxista. O filósofo francês, durante seus trabalhos de 1969 a 1975 (“primeira época”), está muito fortemente ligado aos princípios althusserianos, levando-o a recusar o “sociologismo” de Bakhtin e as garantias adquiridas por uma psicossociologia da comunicação verbal. Pêcheux assenta duras críticas às propostas bakhtinianas por discorrer sobre um modelo de interindividualidade que se fundamenta a partir da interação sociocomunicativa. Sua base teórica configura-se pelo “humanismo teórico”⁷⁰, cuja função é tomar a produção do discurso como produto da junção entre indivíduo/sociedade relacionando-os e inscrevendo-os por meio de relações interindividuais. A produção dos sentidos, consoante Pêcheux, não se dá pela relação interindividual, assim como ela não pode ser pensada como interação entre grupos humanos.

Tal recusa aos trabalhos de Bakhtin, nesse período das “três épocas”, vai proporcionar uma crise no interior da AD francesa, causando uma certa divisão entre aqueles linguistas marxistas. Filiado às teses de Althusser, Pêcheux, durante essa fase de “grandes construções teóricas” (MALDIDIER, 2003), não concordou com as teses

⁷⁰ A crítica de Pêcheux a esse “humanismo teórico” de Bakhtin tem como alicerce as teses de Althusser em torno dos aparelhos ideológicos e o assujeitamento, cujo sujeito está atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, isto é, ele não é fonte e nem origem do dizer, mas reproduz um já-dito, o pré-construído. Ao recusar o “humanismo”, Pêcheux propõe uma teoria da não subjetividade, já que a ideologia será responsável pela interpelação social em sujeitos. Já por outro lado, na França dos anos 1970, o grupo dos “humanistas”, criticavam os trabalhos althusserianos por acreditar que estes eram “teoricistas” (GREGOLIN, 2010).

do pensamento bakhtiniano: articulação do signo ideológico, arena das lutas sociais e da “expressão íntima e pessoal de indivíduos interlocutores” (GREGOLIN, 2010, p. 39-40).

A partir das suas críticas a Bakhtin, Pêcheux propôs-se a pensar o que era ser um marxista em Linguística; desse modo, a partir das considerações do materialismo histórico, colocou como objetivo “mudar de terreno a fim de lutar contra o empirismo (desembaraçar-se da problemática subjetivista centrada no indivíduo) e contra o formalismo (não entender a língua como uma máquina lógica e sem exterior – uma ‘língua de marcianos’)” (GREGOLIN, 2010, p. 40).

Além disso, as críticas do grupo de Michel Pêcheux a Bakhtin eram fomentadas pela relação com o próprio marxismo. Apesar de não concordarem com a leitura que ele faz de Saussure, ambos – Pêcheux e Bakhtin – contribuem com duas ideias para o projeto de análise do discurso. Conforme Gregolin (2010), são:

A) a língua é um sistema e, portanto, tem uma organização que já prevê a possibilidade dos deslizamentos; B) a língua é uma instituição social. Esse caráter sistêmico e social da linguagem é a base a partir da qual será pensada a heterogeneidade dos processos discursivos. A língua é entendida como condição de possibilidade do discurso (...) (p. 40).

Nesse contexto, Pêcheux vai incorporar as teses bakhtinianas apenas ao final de seu projeto epistemológico, compreendido na “terceira época” da análise do discurso quando, por meio da leitura de Jacqueline Authier-Revuz, inscreve a noção de heterogeneidade⁷¹ dos discursos no quadro teórico da AD francesa. Nessa fase de “construção domesticada” (1980-1983), Pêcheux está mais próximo dos trabalhos de Foucault e Bakhtin, distanciando-se das teses althusserianas. O discurso é produto do interdiscurso, ele será definitivamente reconhecido como um objeto heterogêneo, remetendo-se a todo momento ao outro e a outros discursos produzidos no alhures, “um além discursivo não identificado, o espaço do interdiscurso” (MALDIDIÉ, 2003, p. 84). Nas palavras de Araujo (2015),

Authier-Revuz (2004) denomina de heterogeneidade constitutiva [...] a presença velada e/ou uma alusão da fala do outro/Outro no discurso

⁷¹ No âmbito da teoria de Authier-Revuz, a heterogeneidade fundamenta-se em algumas postulações. A primeira delas é a do dialogismo do Círculo de Bakhtin (2006) em que “o autor afirma ser a interação com o outro a lei constitutiva de todo e qualquer discurso” (ARAUJO, 2015, p. 29), o dialogismo será fundamental para a constituição do sentido, construído pelo entrecruzamento de diferentes discursos inscritos em diferentes formações discursivas; a heterogeneidade também está afiliada nos princípios da psicanálise, em especial na interpretação lacaniana de Freud, dentre suas ideias principais está “a possibilidade de se interpretar certo número de fenômenos demonstrados pelos sujeitos como manifestações do inconsciente” (p. 31).

que se enuncia, criando a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, com raízes no inconsciente; e mais ainda, criando as próprias condições de produção para o discurso desse outro/Outro, ou seja sem essa heterogeneidade não há constituição dos discursos. A heterogeneidade constitutiva pode ser explicitada por meio de uma heterogeneidade mostrada, em que no fio do discurso, o sujeito produz formas que inscrevem o outro na cadeia discursiva. [A autora] expõe que o conceito de heterogeneidade enunciativa comporta duas concepções: a de heterogeneidade constitutiva e a de heterogeneidade mostrada, ambas implicando a presença do outro/Outro na produção do discurso do eu. (p. 34-35).

O encontro intelectual de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz foi importante para os estudos discursivos da época, pois seu conceito de heterogeneidade enunciativa abarcaria, de certo modo, as questões sobre o interdiscurso de Michel Pêcheux, remontando à questão da alteridade dos discursos.

No próximo capítulo, trataremos algumas das principais recepções da leitura de Pêcheux e seu grupo no Brasil – tratados como diferentes acontecimentos discursivos –, assim como leitores de Foucault e Bakhtin⁷², tendo como objetivo principal descrever os caminhos e os percursos teóricos que essa disciplina, que se pretendeu autônoma, assumiu em solo brasileiro desde o início dos anos oitenta – nosso ponto fundante – até hoje e como ela tem adquirido características tipicamente brasileiras graças à “abertura” de seu objeto – heterogêneo – às diferentes materialidades e produções de sentido.

Acreditamos, pois, que a análise do discurso no Brasil está mais voltada para análises de discursos, no plural, devido à grande diversidade de vertentes – AD francesa, Análise do Discurso Crítica (ADC)⁷³, Análise Dialógica do Discurso

⁷² Embora Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin tenham formulado conceitos para atingir objetivos distintos (Bakhtin, por exemplo, inscrito no início dos anos 20), eles compartilham a oposição aos princípios teóricos do movimento estruturalista que tinha como objetivo apartar o sujeito e a história, focalizando apenas o sistema em sua imanência.

⁷³ A “análise de discurso crítica” (ADC) teve, em meados de 1986, uma emergência importante no Brasil a partir dos trabalhos desenvolvidos por Izabel Magalhães. Nessa época, o artigo publicado na revista DELTA, intitulado *Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso*, deu início aos desenvolvimentos dessa abordagem de estudos da linguagem. A estudiosa brasileira toma o termo “análise de discurso crítica” não por mera questão terminológica, mas pelo Brasil ter uma forte tradição de estudos sobre o discurso (de sua herança francesa) e, de ter sido chamada, durante muito tempo, de “análise de discurso” (ORLANDI, 1999). Sua influência veio da corrente desenvolvida por Fairclough, propondo estudos de textos e eventos inscritos em diversas práticas sociais por meio do desenvolvimento de uma teoria e de um método capazes de descrever, explicar e interpretar a linguagem nas suas transformações da vida social contemporânea. Dentre os diversos temas tratados por essa vertente, destacam-se questões ligadas à discriminação relacionada ao sexo, ao racismo, à violência, à identidade, à exclusão social, entre outros. Na esteira da ADC, destacam trabalhos de reconhecidos estudiosos: Fairclough (1989, 1992, 1995a, 1995b, 2000, 2003); Wodak, 1996 e van Dijk (1985, 1986, 1998).

(ADD), entre outras – refletidas em diferentes grupos de pesquisa brasileiros. É, pois, esse caminho que procuraremos seguir.

CAPÍTULO 2

As (des)construções teóricas do espaço discursivo brasileiro: as décadas (1980-1990) de (re)definições e a emergência de um novo campo

Entender as diferentes ADs brasileiras é, portanto, definir quais teorias constituem as concepções de linguagem, sujeito, sociedade, história em cada proposta e, a partir disso, delimitar em qual espaço epistemológico nos situamos no interior desse diagrama complexo.

Maria do Rosário Gregolin, 2008, p. 27

O acontecimento em transição: a institucionalização da linguística no Brasil

Os desdobramentos da análise do discurso no Brasil a partir dos anos oitenta são decorrentes da “abertura política” e da implantação da Linguística enquanto disciplina autônoma nas diferentes universidades e instituições brasileiras. No final dos anos cinquenta e início dos sessenta, por exemplo, o estruturalismo, herança do pensamento de Saussure e de seu Curso, no contexto europeu, tornava-se uma escola dominante e diferentes professores brasileiros foram atraídos por essa nova orientação de estudos em ascensão, adequando suas doutrinas a partir da nova maneira de pensar e de sistematizar a linguagem.

Assim, era preciso (re)ler os clássicos autores franceses promotores dessa “ciência piloto” das humanidades, sobretudo a figura de Saussure como pioneiro na construção de uma Linguística estruturalista⁷⁴. Sua recepção⁷⁵ foi dada de maneira diversa por diferentes (re)leituras de autores que tomavam diferentes materiais. Em nosso trabalho de mestrado (RUIZ, 2015), descrevemos tal processo de sua recepção considerando que ela ocorreu, em especial, por meio de manuais de linguística que

⁷⁴ Os pressupostos teóricos organizados na edição do CLG, publicada por C. Bally e A. Sechehaye em 1916, contribuíram para corroborar o pensamento estruturalista europeu que perdurou durante muitos anos nas ciências humanas e sociais. Seu princípio, dentre outros, era o de tomar a língua como um sistema homogêneo e imanente.

⁷⁵ Nesse contexto, empregamos tal palavra considerando as diferentes narrativas desenvolvidas por autores brasileiros à época da institucionalização da Linguística no Brasil sobre um acontecimento histórico, a publicação do CLG. Tais narrativas refletiam, de certo modo, como professores, estudiosos da linguagem, naquele momento, (re)liam e (re)interpretavam as considerações teóricas propostas pelo Curso e como tais (re)leituras foram importantes para implementar a figura de Saussure na Linguística Brasileira.

elencavam como principais pressupostos teóricos as dicotomias saussurianas⁷⁶. Grande parte dos trabalhos desenvolvidos no cenário brasileiro durante esse período de “triunfo estruturalista” buscou suporte em autores europeus para a composição de suas pesquisas. Por volta de 1970, o estruturalismo já adquiria no Brasil o estatuto de escola acerca dos estudos da linguagem, contribuindo para criar um novo tipo de pesquisador, o linguista, que ocupava dois espaços epistemológicos bem antigos: a do gramático (preocupado com a sistematização dos conhecimentos a partir do uso “correto” da variante padrão) e do filólogo (responsável pela análise das fases antigas da língua e na crítica textual, em especial no âmbito da literatura)⁷⁷.

O processo de institucionalização da Linguística – a nosso ver, um importante acontecimento discursivo ainda em desenvolvimento – é marcado por intensos desdobramentos em torno de uma ciência que buscava se firmar e se constituir como um campo de saber no interior dos cursos de Letras no Brasil⁷⁸. Acerca dos primórdios da pesquisa linguística em solo brasileiro, Fiorin assevera que:

A pesquisa linguística na universidade brasileira surge com a criação dos Cursos de Letras. Estes aparecem no Brasil no bojo dos projetos de criação das Faculdades de Filosofia apenas nos anos 30 do século passado, embora houvesse reivindicações anteriores para a existência de uma formação superior em línguas e literaturas e mesmo experiências efêmeras no início do século XX (FIORIN, 2006, p. 12).

Para a emergência de uma disciplina linguística que se pretendeu autônoma, foi necessário distingui-la da Filologia e Dialectologia tradicionais da época⁷⁹. Mattoso

⁷⁶ As principais dicotomias – e únicos conceitos – abordadas pelos manuais de linguística brasileiros eram: língua e fala; sintagma e paradigma; sincronia e diacronia; significante e significado. Cada manual, ao se referir ao Curso, produzia sua narrativa – diferentes acontecimentos discursivos – de certo modo, “vulgarizada” e, conseqüentemente, didatizada, promovendo sobretudo tais dicotomias, que para o momento – à época da institucionalização da Linguística no Brasil – configurava um “apagamento” da história e constituição da obra mais complexa – o CLG (é, pois, muito difícil, por exemplo, encontrar nos manuais as considerações sobre uma linguística geográfica, como vemos na obra de 1916).

⁷⁷ Se considerarmos tal contexto brasileiro, defasado, se é que podemos tratá-lo dessa forma, em relação aos desdobramentos que ocorriam na França no mesmo período, vemos a decadência e o esgotamento do pensamento estruturalista saussuriano. Autores, sobretudo filósofos – destacam-se Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, por exemplo – inscritos em outros quadros epistemológicos, buscavam já a reinvenção de conceitos antes não tratados pela linguística saussuriana. Pêcheux e seu projeto teórico foi responsável por promover um “corte epistemológico” na linguística herdada de Saussure para pensar a fala tão esquecida pelos estruturalistas na sua relação com o social e o coletivo, ou seja, tratar a língua enquanto discurso e, com isso, incorporar a investigação semântica.

⁷⁸ Podemos dizer que os primeiros cursos surgem nos anos de 1934 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – na Universidade de São Paulo, em 1935 – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil – na Universidade do Distrito Federal e, por fim, em 1939 na Universidade de Minas Gerais.

⁷⁹ Também em nosso trabalho de mestrado, procuramos mostrar detalhadamente o processo de institucionalização da Linguística no Brasil a partir da figura de Mattoso Câmara Junior. Nesse percurso historiográfico, trazemos algumas das principais características de como a linguística se

Câmara foi o pioneiro no processo de institucionalização da Linguística como disciplina. O linguista brasileiro foi um dos primeiros a ministrar aulas de Linguística na então Universidade do Distrito Federal, em 1938 e um dos primeiros a lutar pela implementação de tal espaço nas universidades brasileiras. À época, todavia, a proposta da Universidade era tão inovadora – e talvez pela forte pressão da tradição conservadora do momento – que por questões políticas foi extinta no ano seguinte. Com ela, extinguiu-se também uma primeira tentativa de criação de um espaço totalmente dedicado à carreira linguística. Nove anos mais tarde, Câmara Junior voltou ao posto de professor na recém criada Universidade do Brasil (antiga Universidade do Distrito Federal), embora o momento ainda não configurasse uma cátedra de estudos linguísticos.

Com efeito, a linguística no Brasil, à época de seu processo de institucionalização, apresentou diferentes modos de entrada: na Universidade do Distrito Federal, por um lado, foi disciplinarizada no início dos anos de sua fundação (perdurando por apenas dois anos, coincidindo com a extinção da então Universidade em 1939); na Universidade de São Paulo, por outro, relaciona-se com as pesquisas realizadas na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa. Todavia, o processo de sua institucionalização consolidou-se nos currículos dos cursos de Letras somente em dezembro de 1961, graças a um decreto proposto pelo Conselho Federal de Educação (CFE). O trecho da resolução implementada pelo Conselho, tal qual aparece no texto de Castilho (1963, p. 26), definia o seguinte:

Resolução. O Conselho Federal de Educação, usando da atribuição que lhe confere os arts. 9º (letra e) e 70º da Lei no. 283-62, que a esta fica incorporado, RESOLVE:

Art. 1º – O currículo mínimo dos cursos que habilitam à licenciatura em Letras compreende 8 (oito) matérias escolhidas na forma abaixo indicada, além das matérias pedagógicas fixadas em resolução especial:

1. Língua Portuguesa
2. Literatura Portuguesa
3. Literatura Brasileira
4. Língua Latina
- 5. Linguística⁸⁰**
6. Três matérias escolhidas dentre as seguintes [...]

constituiu enquanto ciência e seus desdobramentos nas décadas de 1940, 1950 e 1960, diferenciando-se das considerações empreendidas à época de uma “pré-linguística”, segundo Câmara Jr. (1975), ou seja, da Filologia e Dialectologia brasileira (anterior aos anos 1940). Tentamos, com isso, trazer uma primeira reflexão das diferentes narrativas que se construíram e se constituíram no espaço brasileiro acerca do teórico e estudioso Saussure, ou seja, como esse autor foi (re)lido, (re)visitado, (re)interpretado e, sobretudo, (re)significado no contexto acadêmico da época.

⁸⁰ Grifo nosso.

A medida suscitou polêmicas, pois naquele momento, com apenas 83 cursos de Letras no país e uma forte tradição filológica e normativa, não havia especialistas suficientes para ocupar cargos de professores nas universidades. Na virada dos anos 1963/64, dois anos depois do decreto, foi proposto um primeiro curso intensivo de preparação de professores de Linguística na Universidade de Brasília (antiga Universidade do Brasil), sob a coordenação do professor Aryon Rodrigues⁸¹ e apoio financeiro do MEC, além de ter sido criado o primeiro curso de mestrado em Linguística do Brasil (VANDRESEN, 2001).

Também em 1963, o PILEI (Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas, hoje extinto) – criado como forma de assessoria na reformulação da estrutura universitária brasileira – organizou o Simpósio de Cartagena, reunião que agregou os mais destacados linguistas latino-americanos na Colômbia. A delegação brasileira era composta por Mattoso Câmara, Aryon Rodrigues e Francisco Gomes de Matos⁸². O objetivo de tal encontro era o de criar um panorama de estudos linguísticos da época e propor a criação de associações científicas, eventos e institutos de linguística. A partir dessa primeira iniciativa, em 1966, com o apoio do PILEI, fora realizado o primeiro Instituto Linguístico Latino-americano em Montevidéu. Grande parte do público de Cartagena estava presente no Uruguai a fim de reforçar a cátedra de Linguística em seu processo de formação e institucionalização, não só no Brasil, mas em toda a geografia latino-americana.

Diante disso, algumas propostas de eventos, associações e institutos foram surgindo. Em 1968, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), com o apoio da *Ford Foundation* e do Centro de Linguística Aplicada-Yázigi, foi realizado o Instituto Brasileiro de Linguística. Além disso, no início dos

⁸¹ Aryon Dall’Igna Rodrigues foi um importante linguista brasileiro, considerado por todos uma instituição acerca do conhecimento das línguas indígenas na área de Linguística no Brasil; formado pela escola de linguística germânica e doutor pela Universidade de Hamburgo, na Alemanha, sua tese versava sobre a fonologia do Tupinambá (da família do Tupi-Guarani, 1959). Durante as sete décadas de intensa e produtiva carreira universitária, Rodrigues foi responsável pela análise e documentação de várias línguas indígenas, tais como o Xetá, o Kipeá (da família Kariri), entre outras. Junto com Darcy Ribeiro, contribuiu para a formação e organização da primeira pós-graduação em Linguística na recém Universidade de Brasília (1962), deixando-a após o Golpe de 1964 (em solidariedade aos companheiros professores que foram demitidos), passando a atuar na UFRJ e, posteriormente, na Unicamp. Aryon Rodrigues é responsável pela formação de muitos linguistas brasileiros por meio da orientação de teses e dissertações nas referidas instituições de ensino e pesquisa do país até seu falecimento, em abril de 2014.

⁸² Gomes de Matos é professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco onde atuou durante muitos anos. Foi idealizador do Instituto de idioma Yázigi, que mais tarde se tornou o Centro de Linguística Aplicada no Brasil. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN – atuando como secretário e presidente no biênio 1981-1983.

anos setenta, houve a implementação de alguns cursos de pós-graduação em Linguística⁸³. Durante algum tempo, precisou-se de muitos professores conhecedores da linguística importados de outros países já que ainda, uma década depois do decreto, era difícil encontrar mestres e doutores na área para lecionar. Entretanto, o sistema de avaliação da CAPES, além dos investimentos da *Ford Foundation* (coordenado pelo linguista Aryon Rodrigues), permitiram aumentar sensivelmente a formação de professores doutores e a qualidade acadêmica dos cursos da época (VANDRESEN, 2001).

Via-se, com o tempo, que a cátedra de linguistas no país começava a se formar e, como resultado, novas associações científicas e periódicos foram propostos, tais como a ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina), a ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), o GEL (Grupo de Estudos Linguísticos) e a revista DELTA, uma das mais conceituadas revistas de linguística editada do Brasil, atualmente com 36 volumes organizados⁸⁴.

Um momento importante desse processo de institucionalização da linguística no Brasil, datado de 1986, é a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) cujo objetivo principal era colher sugestões e fomentar debates sobre as políticas para a área juntamente com os órgãos financiadores⁸⁵ e propor projetos interinstitucionais de pesquisa por meio de seus Grupos de Trabalhos (GTs). Dos variados grupos originados do momento, destacam-se para nosso trabalho o GT⁸⁶ de análise do discurso, cuja fundadora e divulgadora

⁸³ Os cursos de mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas tornam-se um exemplo dessa implantação de cursos de pós-graduação nesse período. Enquanto o mestrado em linguística fora criado em 1975, o doutorado dá-se início em 1979. Outro exemplo que podemos arrolar são os cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (USP), que surgiram em 1971. E, por fim, não podemos deixar de citar o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criado em 1968 como um programa unificado que congregava atividades de pós-graduação em linguística em duas instituições: o Museu Nacional e da Faculdade de Letras.

⁸⁴ Dados recolhidos em agosto de 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/issue/archive?issuesPage=1#issues>> Acesso em 10 de ago. 2017.

⁸⁵ Assim como propõe Bruno Latour (1997), o social é constituído por uma “rede” heterogênea, composta não apenas por humanos, mas também de não humanos (equipamentos, materiais etc. que compõem os dados científicos) em que ambos – atores, consoante Latour – estão intrinsecamente relacionados. Ou seja, é preciso pensar a ciência como um rede de atores que contribuem para o processo de construção dos fatos científicos. Nesse processo, os órgãos financiadores, por exemplo, – atores, não humanos – são, também, responsáveis por corroborar o processo de institucionalização da linguística no país já que livros, associações, artigos, entre outros auxiliam na divulgação e configuram o processo de construção e implantação científica desse campo de saber no Brasil.

⁸⁶ Na página virtual da ANPOLL, no espaço do GT de Análise do Discurso, Indursky traça um interessante panorama histórico da fundação do Grupo e que pode ser encontrado no texto: *GT de*

das teorias discursivas no Brasil, a partir das (re)leituras de Michel Pêcheux, era Eni Puccinelli Orlandi. Pode-se dizer, com isso, que a fundação do GT no âmbito da ANPOLL torna visível um processo histórico de disciplinarização⁸⁷ da análise do discurso no Brasil que já vinha ocorrendo desde o início da década de oitenta por meio do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (MARIANI; MEDEIROS, 2013).

No cenário brasileiro, a prática científica em relação à Linguística estava ligada muito fortemente tanto ao estruturalismo quanto ao formalismo e ao funcionalismo que se instalavam em nossos territórios. A tendência funcionalista era forte no Rio, no que tange ao formalismo, sobretudo inspirado pelo formalismo americano chomskyano, muito presente na PUC de São Paulo. A USP destacava-se como centro irradiador das ideias estruturalistas, tanto em sua modalidade formalista como funcionalista. Via-se, de um lado, uma forte influência da obra de Saussure, a leitura de seu curso e do estruturalismo que o CLG – da forma como foi concebido em 1916 – seguia (como o de Hjelmslev), de outro, se praticava o funcionalismo de Martinet e de Jakobson. Destacavam-se também os trabalhos de filiação semiológica, semiótica estruturais, tratando da relação entre Linguística, Literatura e Artes, de maneira geral, em seus diferentes objetos (ORLANDI, 2014).

No que tange ao GT de AD implementado, muito cedo já foram apresentados em seu interior diferentes vertentes e/ou perspectivas teóricas – Escola Francesa de Análise do Discurso, Semiótica Discursiva, Teoria da Enunciação, Teoria do Texto, entre outras – que colocavam como mote de reflexão, por meio de suas diferentes correntes de pensamento, a noção de discurso; começava-se, desse modo, a aparecer uma pluralidade de pesquisas configurando não apenas uma única vertente. A nosso ver, o processo de implementação da AD – seja pela constituição do GT, seja pelo processo de institucionalização – pode ser considerado, também, como um acontecimento discursivo que compõe os desdobramentos epistemológicos desse

Análise do Discurso: sete anos de atividades, publicado, inicialmente, na primeira edição da Revista ANPOLL. O texto, na sua íntegra, está disponível em: <<http://anpoll.org.br/gt/analise-do-discurso/wp-content/uploads/sites/3/2015/09/GT-Analise-Discurso-historia-FREDA.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2017.

⁸⁷ Sobre esse processo de disciplinarização no Brasil, podemos destacar o trabalho de Martins (2012) que tinha como objetivo compreender os deslocamentos de uma teoria do discurso, pensada por Pêcheux à época dos anos sessenta na França, à disciplina de análise do discurso praticada no Brasil, produzindo, assim, efeitos de sentido que corroboraram o processo de disciplinarização da teoria em nosso país. Em especial, a autora pretendeu mostrar a configuração da AD enquanto uma disciplina no Estado do Rio Grande do Sul. Cf. MARTINS, Taís da Silva. **Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria**. 2012. 176p. Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/3975>>. Acesso em 21 de jan. 2018.

campo de saber com traços tão característicos de brasilidade e que propomos desenvolver no tópico seguinte.

O acontecimento em transição: a constituição da AD no Brasil a partir dos anos oitenta

Maingueneau (1976, 2015) discorre sobre uma disciplina que teve origem com as reflexões e trabalhos de Michel Pêcheux e se desenvolveu na França no final dos anos sessenta. Segundo ele, Pêcheux propôs algumas (re)leituras de outros estudiosos das ciências humanas e sociais – Althusser, Foucault, Lacan – para compor o projeto epistemológico da análise do discurso, promovendo, pois, uma crítica à concepção de “ciência piloto” e redimensionando o “corte saussuriano” à investigação semântica⁸⁸. As contribuições de Bakhtin também adquiriram um espaço importante em seu projeto (AD-3), assim, se a produção bakhtiniana em russo foi recebida “tardamente” no contexto europeu (a tradução de sua obra ocorreu nos anos oitenta no campo da literatura), seus trabalhos no Brasil foram recebidos ainda mais “tarde” e de maneira muito marcante⁸⁹; à época da ditadura militar, por exemplo, muito das suas contribuições teóricas só foram “recebidas” no contexto brasileiro após a “abertura política”, ganhando força a partir de sua tradução francesa.

Nesse caminho, a análise do discurso desenvolvida por Pêcheux⁹⁰ na França adquiriu espaço importante nas discussões teóricas da época e logo recrutou adeptos brasileiros, entre os quais devemos destacar um grupo de professores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que foi o primeiro núcleo de estudos a tratar de AD no Brasil⁹¹, fomentando pesquisas no âmbito desse campo; esse momento de

⁸⁸ Consoante Pêcheux (1969), ao tomar a língua como seu objeto de estudo, considerando a construção de sua cientificidade, a linguística saussuriana teve, com isso, de abandonar as observações e investigações sobre o sentido.

⁸⁹ A obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1929, tem sua primeira tradução para o português em 1981, não obstante, é apenas no início dos anos noventa que o autor russo torna-se leitura entre os estudiosos brasileiros.

⁹⁰ O autor tem um papel significativo em nossas terras, sendo bastante lido pelos brasileiros. Nesse sentido, concordamos com Scherer et al. (2014), em que elas afirmam que “talvez a produção brasileira com referência a Pêcheux – teses, artigos, congressos, livros etc. – seja maior que aquela hoje existente na França” (p. 18).

⁹¹ Não podemos deixar de ressaltar as contribuições de Carlos Henrique de Escobar e seu grupo no Rio de Janeiro (UFRJ) nas décadas de 1960/70 em relação à recepção da teoria da análise do discurso no Brasil, em especial as releituras e traduções feitas das obras de Pêcheux e Althusser. Escobar, por meio do seu projeto epistemológico fundamentado na Linguística, propôs fazer uma “ciência dos discursos ideológicos”. Suas críticas a Foucault, por exemplo, reverberaram as discussões do grupo althusseriano francês, colocando o Brasil quase ao mesmo tempo dos fatos que aconteciam na França dos anos

(re)leituras brasileiras sobre as proposições do autor francês é que também, a nosso ver, configuram outro acontecimento discursivo capaz de nos mostrar os desdobramentos, as ramificações e as escansões da AD no cenário brasileiro.

Com efeito, não podemos deixar de destacar a figura de Eni Orlandi⁹², pioneira dos estudos discursivos – com base no projeto de Pêcheux – e que se tornou uma referência obrigatória. Pesquisadora brasileira e coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade de Campinas, foi precursora dos estudos em análise do discurso no Brasil e desde 1979 desenvolve suas pesquisas na área. Além de sua atuação na criação do GT em análise do discurso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)⁹³, a autora procurou trazer em suas pesquisas uma crítica ao autoritarismo do discurso pedagógico, assim como corroborou a afirmação de que o político, que não é o partidário, está em todos e quaisquer discursos; ou seja, nossa sociedade é dividida e, assim como ela, os sentidos também estão divididos, eles não significam a mesma coisa para todos, mas sim pela sua diferença. Tudo isso ligado às questões da língua e da ideologia com o discurso.

Alicerçada nos pressupostos materialistas, a pesquisadora defende que a língua tem uma certa autonomia, estando aberta para o simbólico. Enfatiza que não é a língua por ela mesma o seu objeto de reflexão, mas a forma como ela é praticada em uma sociedade, considerando seu fator histórico. Além disso, Orlandi trouxe fortes

sessenta e setenta em torno das polêmicas entre Althusser e Foucault nas releituras de Marx, Freud e Saussure. A maioria dos seus textos, publicados na revista *Tempo Brasileiro*, insistia no debate das ideias althusserianas a fim de pensar uma “ciência do discurso” (GREGOLIN, 2007, p. 34). Nesse sentido, em suas reflexões, havia a proposta de entrelaçar a problemática da ideologia e da história na construção de uma Semiologia Materialista. Diante disso, vemos, ao lado de Eni Orlandi, outro pioneiro dos estudos de discurso no Brasil; encontramos um cenário de constantes mudanças e transformações no campo com vistas aos desdobramentos de uma análise do discurso francesa com características brasileiras; tratava-se, pois, da emergência de uma das diferentes vertentes de trabalho em AD desenvolvidas no país após a década de 1980, a materialista.

⁹² Nesse mesmo período, é importante destacar também algumas considerações introdutórias sobre a Análise de discurso crítica (ADC), que se consolidou a partir da década de oitenta e teve como principal representante o teórico Norman Fairclough. Destacam-se, por exemplo, os trabalhos de Izabel Magalhães (2005).

⁹³ A ANPOLL, desde a sua fundação, optou pela organização e constituição de diferentes grupos de trabalhos (GTs) compostos por diferentes professores e pesquisadores no interior das diversas subáreas de Letras e Linguística. Dentre os diferentes GTs criados, podemos destacar: crítica textual, estudos bakhtinianos, descrição do português, história da literatura, estudos saussurianos, estudos da tradução, análise do discurso entre outros (disponível em: <http://anpoll.org.br/portal/pt/grupos-de-trabalho/>). O GETAD, o grupo de trabalho em Análise do Discurso, como ficou conhecido, foi fundado durante o primeiro Congresso Nacional da ANPOLL, realizado em novembro de 1986, em Curitiba, tendo como sua primeira coordenadora Eni Orlandi. Desse modo, a AD, no Brasil, já dava sinais de que assumiria caminhos diferentes dos tomados na França no início da década de sessenta, em que apresentava uma pluralidade de pesquisas, em lugar de priorizar uma única vertente (INDUSKY, 1994).

contribuições para a AD praticada no Brasil, pois no início dos anos oitenta foi responsável por inseri-la nos cursos de graduação em Letras e Linguística da mesma instituição. Ademais, foi a partir desse momento, também, que a disciplina se colocou como linha de pesquisa na universidade para a realização de teses de doutorado e dissertações de mestrado no curso de Pós-graduação em Linguística. Os trabalhos desenvolvidos pela estudiosa deram enfoque discursivo em um marco epistemológico importante para o período, pois reconhece na Linguística, na Psicanálise e no Materialismo Histórico seus fundamentos teóricos. A linguista brasileira foi responsável pela tradução de muitas obras de Pêcheux no Brasil, das quais podemos citar, entre outras, as seguintes: *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* (Editora da Unicamp, 2014 [1997]); *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (Editora da Unicamp, 2014 [1990]); *Discurso: estrutura ou acontecimento* (Editora Pontes, 2008 [1983]).

A AD filiada a Michel Pêcheux e desenvolvida à época na Unicamp e nos trabalhos de Orlandi produziram uma ampla repercussão e difusão. As pesquisas realizadas foram responsáveis por trazer contribuições originais à teoria em vez de simplesmente reproduzi-las. Nesse sentido, podemos citar, por exemplo, as reflexões acerca do funcionamento discursivo do silêncio, que segundo ela também é uma forma de discurso, isto é, o silêncio não é expresso somente entre as palavras, mas as atravessa (ORLANDI, 2007). Ele não fala, ele significa. O silêncio é fundante. Faz sentido por si só, significa por ele mesmo. O silêncio está no âmbito do discurso que se dá como efeito de sentido entre os interlocutores. Por meio dele, o sujeito insere-se na história, comete equívocos, pois está na base da linguagem, manifestando-se por meio do seu lugar social. Além disso, vale ressaltar as pesquisas sobre o espaço urbano e a divulgação científica, assim como a gramatização brasileira.

As análises discursivas propostas e desenvolvidas em solo brasileiro destacam-se por explorarem e descreverem *corpora* de natureza heterogênea e diversa, não reduzindo seu objeto observacional ao campo do discurso político, nem à linguagem verbal, como os franceses, à época do seu surgimento, estavam preocupados. A nosso ver, seria impossível traçar um panorama completo da área no país, todavia, é passível destacar uma gama grande de grupos de pesquisas, eventos e reuniões científicas

importantes que marca(ra)m esse cenário de desenvolvimento discursivo⁹⁴. A variedade temática e os diversos recortes propostos pelo campo do discurso contribuem para mostrar a vitalidade e, talvez, a originalidade dessa corrente de estudos da linguagem e sua pertinência.

Podemos dizer que durante o processo de constituição da análise do discurso no Brasil, houve, sobretudo uma espécie de (re)fundação de conceitos e pressupostos teóricos constitutivos da chamada AD francesa. Embora todo o arcabouço teórico metodológico empreendido por Pêcheux venha das diferentes (re)leituras de autores franceses, como vimos no capítulo anterior, é preciso destacar a alteridade e as fronteiras que marcam o deslocamento epistemológico da AD praticada no Brasil, a nosso ver, a AD do Brasil, ou seja, pensar a análise do discurso do Brasil como um campo – interdiscursivo – maior e heterogêneo. Consideramos, pois, os rumos e, talvez, os contrastes da ADF praticada em solo brasileiro, compondo-se não somente por apenas uma análise do discurso, mas talvez em análises de discursos, no plural, compostas por diferentes correntes de pesquisas construídas e organizadas por diferentes pesquisadores e seus respectivos grupos de pesquisas.

Fazer uma leitura de Pêcheux, Foucault e Bakhtin no Brasil, por exemplo, já é empreender uma outra leitura considerando as nossas condições de produção, a nossa história, imersa num campo epistemológico particular. As fronteiras que aqui nos referimos voltam-se para um processo interdiscursivo que permite que a AD brasileira possa ser entendida, metaforicamente, como uma sinfonia, constituída por um conjunto de múltiplas vozes em um espaço bastante heterogêneo e singular.

Em um número especial da revista *Langages*, publicado em março de 1995, consagrado às “análises do discurso na França”, Maingueneau relembra a emergência de uma corrente de pesquisa original – a AD – cuja função foi romper com um paradigma vigente – o estruturalismo – e propor uma nova visão em torno de uma linguística discursiva. Mais tarde, essa prática de se fazer a análise do discurso assumiu contornos expressivos enquanto uma tradição – “AD francesa” ou “Escola

⁹⁴ Podemos dizer que, atualmente, há uma grande quantidade de teses e de dissertações no campo dos estudos do discurso sendo desenvolvidas no Brasil haja vista o grande número de cursos de graduação e Pós-graduação em Letras e Linguística que têm implementado em seus currículos a linha de pesquisa “análise do discurso”, “texto e discurso”, entre outras variantes. São várias as instituições de ensino que promovem esse espaço cada vez mais heterogêneo, desenvolvendo pesquisas em suas diferentes correntes do discurso: Análise Crítica do Discurso (ACD, ou ADC, segundo Magalhães, 2005); Análise Dialógica do Discurso (ADD); Análise Materialista do Discurso; Análise Enunciativa do Discurso etc. Ademais, é importante ressaltar a grande quantidade de eventos e reuniões científicas brasileiros desenvolvidos nas últimas décadas em torno do tema.

Francesa de Análise do Discurso” – muitas vezes, redutora, ligando-se exclusivamente ao discurso político. O autor afirma ainda que tal reducionismo aplicado à essa tradição já não mais condiz com os estudos contemporâneos realizados nesse espaço de pesquisa. Ele defende que é preciso romper duplamente com essa tradição: substituir o singular de análise do discurso pelo plural, as análises de discursos e o discurso político não assume, como era antes, o centro de suas discussões, levando-se em consideração outras formas de linguagens (a visual, a verbo-visual, por exemplo). A AD praticada na França hoje não se reduz apenas à essa Escola Francesa, mas abriga-se num campo heterogêneo: tomado na proliferação de seu objeto, o discurso, “que se diversifica ao infinito em função dos momentos e lugares de enunciação” (MAINGUENEAU, 1995, p. 5, tradução nossa). É chegado o momento de pensar a “multiplicidade de abordagens governadas por preocupações muito variadas” (p. 5) graças à “uma mundialização de trocas científicas [e] a uma concorrência generalizada”. Além disso, o plural que reveste o sintagma “análise do discurso”, segundo o autor, tem uma explicação:

Queremos, com isso, colocar em evidência a diversidade de pesquisas que o brilho da “Escola francesa”, há muito tempo, permitiu esconder. Na França, de certo modo, na contemporaneidade, a análise do discurso não poderia mais ser reduzida somente a essa corrente, cujos objetivos e métodos iniciais pertencem de certo modo à história das ideias (MAINGUENEAU, *Présentation*, **Langages** n.º. 117, p.5. tradução nossa).

Na esteira dessa reflexão, podemos pensar o processo e a escrita da história da análise do discurso no Brasil que se pretendeu heterogênea desde a sua implantação no país. Ou seja, a AD do Brasil empreende uma reformulação de conceitos basilares trazendo como cerne as questões ligadas não somente ao campo da linguagem verbal, contudo reposicionando seu olhar às linguagens não-verbais, sincréticas. Trata-se, pois, da necessidade de pontuar a distinção entre o *modus operandi* da AD praticada no cenário brasileiro do desenvolvimento das pesquisas que se distanciam do *modus faciendi* francês.

Atualmente, o que se entende por “análise do discurso”, no Brasil, é bastante amplo. A AD praticada no país promove um processo idiossincrático capaz de redimensionar os aspectos teóricos e ampliar as práticas metodológicas, possibilitando, desse modo, que não se faça apenas uma expansão de conceitos e métodos com base na tradição francesa, mas também contribua para a produção de um campo de saber com traços e características brasileiras. É evidente que o legado

dos pensadores franceses, “fundadores”, sempre estará presente como uma anterioridade epistemológica ao ponto de que a “Teoria das Ideologias” desenvolvida no Brasil possa estabelecer um efeito de continuidade da AD francesa, tomada como um campo epistemológico fundador.

Os trabalhos desenvolvidos em nosso país têm aproximações e distanciamentos com relação aos trabalhos empreendidos pelo grupo de M. Pêcheux na França, por uma razão simples: toda movimentação teórica é determinada a partir da história. O Brasil tem outra história e, desse modo, possui outra análise do discurso. Podemos dizer que a análise do discurso no Brasil (AD do Brasil) ou Análise do Discurso Brasileira (ADB) dialoga com a tradição da ADF, mas já assume, de certa forma, uma identidade teórico-analítica bastante peculiar, uma análise do discurso franco-brasileira. Além disso, outro fator importante é que a ADB distingue seu método do francês, ainda que utilize os teóricos franceses como suporte de suas pesquisas, por conta da história de sua produção.

Para tais considerações, propomos pensar o diálogo da AD com outras teorias, de diversas áreas, como uma disciplina em contínua expansão e que, consoante Maingueneau (2015), compõe-se pela convergência de diferentes correntes de pesquisas advindas de lugares muito dispersos: Linguística, Sociologia, Filosofia, História, Antropologia etc. Embora isso seja bastante possível, dado o fato de cada vez mais essa “Teoria das Ideologias” promover uma relação de interdisciplinaridade com outros domínios do saber, deter-nos-emos no campo da Linguística para a compreensão do processo de sua constituição, bem como apoiar-nos-emos nas teorias fundadoras da AD (como a psicanálise e o marxismo).

O diálogo entre teóricos de diferentes áreas permite ao quadro da análise do discurso mobilizar para a Linguística as questões relacionadas à enunciação e aos distintos contextos de sua produção, destarte, ratifica conceber a história como um elemento constituinte do discurso, trazendo à tona novamente conceitos antes renegados pelo estruturalismo, herança de Saussure e seu Curso (o referente extralinguístico e o sujeito, por exemplo). Dessa mudança, é possível retratar as relações existentes entre a Linguística e a AD, uma vez que o discurso, além de trazer o social, o histórico e o ideológico, também é constituído linguisticamente, só faz sentido em movimento, num jogo majoritariamente polêmico entre o real, o extralinguístico e o histórico.

A produção teórico-analítica da análise do discurso na década de sessenta, na França, voltava-se, inicialmente, para os confrontos produzidos no campo da política, em um momento conturbado da história, marcado por sucessivas revoluções (consolidação do Partido Comunista Francês, lutas promovidas pelos estudantes – o famoso Maio de 68, independência das colônias francesas). Entretanto, é nos anos oitenta que vemos o ápice das revisões teóricas fundamentais da ADF. Duras críticas ao projeto de Pêcheux foram tecidas após a sua morte em 1983 e seu grupo, que estivera ao seu lado desde os trabalhos da AAD 69, esfacelou-se. A crise do estruturalismo e do marxismo fora responsável por uma desconstrução teórica de alguns dos principais pensadores do momento (Althusser, Pêcheux, Foucault), trazendo para o cenário uma “gramaticalização” dos estudos sobre o discurso, isto é, despolitizando (ou desmarxizando) toda a influência que a ADF, à sua época de ouro – das “três épocas” –, tinha sobre o campo político, visando novos ares como a relação da língua com a história, por exemplo (COURTINE, 1999, p. 12).

Assim, sob esse pano de fundo de grandes refacções, víamos uma “desconstrução domesticada” (MALDIDIER, 2003) em que a França, em se tratando da análise do discurso, buscava se reinventar, despregando-se de textos escritos essencialmente políticos – à época da “aventura teórica” – e fomentando novas discussões, superando, sobretudo as “épocas” de M. Pêcheux⁹⁵. Já em relação ao Brasil, podemos pensar em um cenário completamente diferente de produção discursiva e recepção dos textos em AD. Trata-se, pois, de ressaltar grandes diferenças históricas e temporais: enquanto formulavam-se revisões no projeto de Pêcheux na França, superando-o teoricamente e dissolvendo as discussões no campo das ciências sociais, a análise do discurso pecheutiana encontrava um solo bastante fértil e propício no Brasil, coincidindo com o início da “abertura política” dos anos oitenta. O distanciamento provocou uma disparidade teórica entre ambos os espaços de pesquisa, desenvolvendo em solo brasileiro um campo peculiar de (re)leituras, já que a recepção e as traduções dos textos de Michel Pêcheux não seguiram a cronologia francesa de publicação e, dessa forma, as diferentes “épocas”, e suas sucessivas reconfigurações teóricas, foram lidas a partir de ordens diferentes, determinando o modo de circulação da sua teoria. Não podemos deixar de trazer

⁹⁵ No mesmo período, havia outros estudiosos que estavam preocupados em analisar o discurso e tal simplificação é apenas tomada metonimicamente. Entre os estudiosos do momento, destacamos: Barthes, Todorov, Kristeva, Greimas e outros. A seu modo, cada autor pensou a “análise de discurso” de maneira bastante diferente.

como exemplo o próprio texto de Pêcheux intitulado *Análise de discurso: três épocas* – escrito em 1983 na França – contudo, publicado no Brasil apenas em 1995.

Além disso, devido à nossa tradição de estudos linguísticos, baseados sobretudo nos trabalhos de cunho estruturalista norte-americano e gerativista, graças às influências de Mattoso Câmara e de sua formação, a recepção da ADF no Brasil soou diferentemente, possibilitando que narrativas outras, a partir de outros objetos de análise, fossem possíveis. Sob esse prisma é que encontramos outra particularidade da AD do Brasil diante da ADF: temos uma diversidade de *corpora* bastante significativa, baseada numa heterogeneidade de gêneros discursivos que passam desde o campo literário, humorístico até as produções orais cotidianas; já em relação à França, o discurso político escrito foi predominante nas análises. Sobre tal fato, Scherer et al. (2014) asseveram

Se o início dos trabalhos de Pêcheux, na França, é marcado pelo interesse em discursos políticos, no Brasil, podeos dizer que há uma diversidade de discursos que interessam ao analista, não havendo preocupação com uma tipologia discursiva ou com qualquer outra forma de classificação. É tempo de ampliação; é tempo de contemplar diferentes materialidades discursivas (SCHERER et al., 2014, p. 25).

Assim, a análise do discurso foi também alvo de represálias justamente porque sua gênese estava ligada ao contexto político e nem tudo, diante dessas condições opressoras, poderia ser dito. As ideias da AD, em seu início, enquanto um pensamento revolucionário, eram apresentadas “timidamente” aos pesquisadores brasileiros coincidindo com a sua implantação no cenário universitário. Ela surge enquanto uma “disciplina de entremeio” (ORLANDI, 1996, p. 23), reconfigurando a maneira de se reportar à língua a partir de certos posicionamentos ideológicos, históricos e sociais. Apesar da sua gênese estar voltada ao campo político, a ADB assumiu características particulares, sendo desenvolvida em diferentes contextos acadêmicos e por diferentes grupos de pesquisadores que se ligavam a distintas formas de representar o seu objeto observacional. Esse caráter heterogêneo brasileiro de fundação/recepção possibilitou observar a análise do discurso por meio de outros olhos, a partir das diferentes narrativas que compõem o seu acontecimento.

É nesse sentido que podemos afirmar que a AD do Brasil é, na verdade, as Análises de Discursos (ADs), no plural, dada a diversidade de influências e amplitude de perspectivas e/ou vertentes que aqui se desenvolveram após os anos oitenta: AD francesa – ou também conhecida como AD Pechetiana; ACD – Análise Crítica do

Discurso⁹⁶; ADD – Análise Dialógica do Discurso; as teorias enunciativas –de Benveniste aos contemporâneos e as diferentes versões das semióticas, a francesa, a inglesa, a norte-americana e a russa. É dessa forma que podemos pensar que não haveria um único fundador dessa “Teoria das Ideologias” – ou análise do discurso –, mas que sua paternidade, de certo modo, seria atribuída às múltiplas figuras que retrataram, direta ou indiretamente, os pressupostos teóricos em torno da noção de discurso. É dessa herança, sobretudo da tradição francesa, que os pesquisadores e estudiosos brasileiros buscaram referências para os estudos discursivos no Brasil propondo novas ideias com o “jeito antropofágico”⁹⁷ brasileiro, transformando e ampliando os seus conceitos. A partir dos anos 2000, vemos a emergência de novas teorias de discursos ofertadas por pesquisadores brasileiros diante de um conjunto de materiais disponíveis em um espaço bastante diversificado e heterogêneo.

Em suma, pode-se dizer que dos anos noventa para o momento atual houve um expressivo crescimento de estudos do discurso no país com, todavia, enquadres teórico-metodológicos bastante diferenciados, já que não seguiam fielmente as reflexões de Pêcheux, de Foucault ou mesmo de Bakhtin. O processo de disciplinarização da análise do discurso nas instituições alcançou um significativo aumento a partir da década de oitenta, por meio da implementação da carreira na pós-graduação, haja vista que a palavra “discurso” e as suas expressões variáveis “análise do/de discurso” ou “teorias do discurso” no Brasil não representaram uma ligação forte com um determinado pensamento teórico como desenvolvido na França.

No caso brasileiro, o desenvolvimento da análise do discurso não se restringiu apenas ao discurso político pois, graças à heterogeneidade do objeto observacional, pôde-se criar objetos teóricos bastante diferentes. A AD do Brasil tem adquirido características peculiares e se expandido, mostrando-se exatamente pela sua heterogeneidade, composta pela multiplicidade de memórias, de olhares dentro de um campo (inter)discursivo. Além da materialidade verbal, outras práticas teórico-analíticas – intersemióticas, por exemplo – adquiriram espaço nas pesquisas engendrando um campo de estudos do discurso bastante interessante e particular. É por tal particularidade – e, talvez, originalidade – nos estudos do discurso brasileiros que propomos nossa investigação.

⁹⁶ Na vertente de Izabel Magalhães: Análise de discurso crítica.

⁹⁷ Referência ao Movimento Antropofágico, movimento de vanguarda do modernismo brasileiro (início do século XX). Grosso modo, esse movimento propunha assimilar outras culturas, mas sem copiá-las.

Para este capítulo, empreendemos, pois, as análises de discursos desenvolvidas no Brasil, nas suas diferentes vertentes, como diferentes “espaços discursivos” de pesquisas que compõem um “campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, 2010) ainda maior e mais amplo: os Estudos de discurso (ANGERMULLER, 2016). Cada corrente de AD, narrada pelos autores brasileiros, compõe diferentes formações discursivas que se encontram em concorrência e, com isso, diferentes pontos de vistas – ou diferentes narrativas que recontam uma certa teoria – são criados a partir de espaços discursivos específicos, configurando o desdobramento de diferentes tendências/ou vertentes⁹⁸ de estudos do discurso.

Ademais, tomamos para nossa empreitada a noção de discurso enquanto uma “prática discursiva”⁹⁹: “quando se trata de apreender uma formação discursiva como inseparável das comunidades discursivas que a produzem e a difundem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 396). Ao trazermos a escrita da história da análise do discurso no Brasil, pensamos nela como uma prática discursiva em que se encontram diferentes narrativas que (re)contam a teorização no espaço de pesquisa brasileiro; propomos, com isso, um estudo dos deslocamentos, escansões, desdobramentos e ramificações desse domínio de saber a partir da caracterização das diversas vertentes e movimentos que o integram enquanto um grande campo de pesquisa – polêmico – por meio de práticas que incluem os autores brasileiros que, tomados sobretudo pela vertente da AD francesa, desenvolvem seus postulados teóricos com características brasileiras, isto é, considerando seu objeto heterogêneo e multifacetado. A relação entre os autores e as suas teorias, divulgadas por meio de diferentes meios – artigos e revistas, por exemplo – e apoiadas por diferentes agências de fomento – CNPq, CAPES, FAPESP, entre outras – corrobora o que Latour (1997) propôs a respeito da produção de um conhecimento científico. Ou seja, a ciência configura-se pela relação entre atores humanos e não humanos que inscritos numa “rede” produzem o fazer científico de uma época.

As práticas, segundo Maingueneau (2008b, 2010), ratificam a construção de diferentes formações discursivas no interior de um espaço que são coocorrentes e concorrentes a partir de seu *ethos*, da organização das comunidades discursivas, das

⁹⁸ A AD francesa (ou AD derivada de Michel Pêcheux); o Círculo de Bakhtin; a Análise Crítica do Discurso, entre outras.

⁹⁹ Maingueneau (2008b) afirma que a prática discursiva deve ser considerada como uma prática intersemiótica. Para tal relação, tentaremos explicá-la mais detalhadamente – trazendo-a para as discussões que empreendemos neste trabalho – no tópico seguinte, quando expormos as questões do “primado do interdiscurso”, “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo”.

práticas intersemióticas, ligadas não estritamente ao aspecto linguístico, mas por diferentes materiais sincréticos, não verbais, a fonte de diversas relações discursivas que se inscrevem no interior de uma semântica global. Tal semântica, caracterizada por um conjunto de regras que controla toda a dimensão do discurso, é responsável por proporcionar certos deslocamentos epistemológicos em alguns conceitos-chave da AD justamente por levar em consideração as diferentes restrições e posicionamentos no processo de produção e circulação dos discursos.

Com efeito, Maingueneau (2008b), em sua obra *Gênese dos discursos* (publicada em solo francês em 1984 e no Brasil traduzida por Possenti em 2005¹⁰⁰), formula sete conceituações que permitem o funcionamento do discurso tal como queremos empreender, tais como *o primado do interdiscurso*; *a interincompreensão regrada*; *o sistema de restrições semânticas globais*; *a competência interdiscursiva*; *a prática discursiva* e *a prática intersemiótica* e, por fim, *o esquema de correspondência*. Todos os conceitos, de maneira intrínseca, relacionam-se e compõem a sua metodologia. Tal conjunto configura-se em um quadro teórico-metodológico construído a partir de um vasto conjunto de textos (estes não se restringindo apenas aos materiais verbais, mas também a toda produção simbólica de uma comunidade discursiva, ou seja, diferentes tipos de discursos) que o analista do discurso confronta constantemente e assiduamente em um terreno composto de grandes dimensões para analisá-los e explicar o seu funcionamento na relação com o social e o histórico. Todos os conceitos, de maneira intrínseca, relacionam-se e compõem a sua metodologia. Para este trabalho, deter-nos-emos apenas nos conceitos do primado do interdiscurso, interincompreensão regrada, sistema de restrições semânticas globais e as práticas discursivas e intersemióticas.

Além disso, o cerne de todo o seu trabalho figura também na rigorosa implementação da ideia de que o interdiscurso precede o discurso – o primado do interdiscurso sobre o discurso – e que dessa prática interdiscursiva se cria uma polêmica entre diferentes sujeitos que implica a leitura do outro na forma do simulacro, isto é, a valoração disfórica, promovida em discurso, do outro na mesma

¹⁰⁰ É importante destacarmos, mais uma vez, o espaço de tempo entre a publicação original, na França, e sua tradução em língua portuguesa, podemos dizer que se trata de mais uma característica que ratifica a outra história do Brasil na recepção da disciplina, em que as traduções, por exemplo, podem representar, de certo modo, novas narrativas e releituras que proporcionam certos deslocamentos epistemológico da AD em nosso país.

formação discursiva do Mesmo. É nessas questões que estaremos preocupados no tópico que se segue.

O campo de estudos do discurso no Brasil: princípios teóricos

Apresentar as contribuições de um campo de saber que se faz heterogêneo nem sempre é uma tarefa fácil para o analista, mas torna-se, ao mesmo tempo, uma questão importante para trilhar e conhecer os caminhos e irrupções teóricas que auxiliaram na implantação dessa disciplina no país ao final dos anos setenta. Tanto a institucionalização, e conseqüentemente a sua disciplinarização, nos cursos de Letras do Brasil à época, quanto a recepção da obra de Pêcheux– e suas (re)leituras elaboradas por autores brasileiros – contribuíram para que um novo domínio de saber surgisse no país, trazendo subsídios muitas vezes não ligados apenas ao campo linguístico, mas também às outras áreas. A noção de discurso assumiu características muito além daquelas implementadas na gênese da AD, inscritas no campo político e alcançou outras definições que contribuíram para a descrição dessa disciplina.

Nesse sentido, podemos dizer que a institucionalização da linguística e a recepção dos estudos discursivos no Brasil nos anos oitenta são considerados dois grandes acontecimentos discursivos, na esteira de Foucault (2008 [1969]), em que se trata de um conjunto de condições que torna um discurso possível e, com isso, implica uma ruptura e certa regularidade histórica. Desse modo, na sua descrição, é necessário considerar, por um lado, as diferentes condições de existência de um enunciado e, por outro, a sua singularidade, questionando como ele, o enunciado, pode se constituir e formar-se na história. O conjunto de discursos sobre a Linguística e a recepção dos textos de Pêcheux no Brasil contribuíram para reverberarem diferentes enunciados compondo um campo de pesquisa, o dos Estudos de discurso. O aparecimento e a formação desses discursos colocam em questão o próprio acontecimento, sua historicidade e os possíveis sentidos que daí são decorrentes.

Podemos dizer que um acontecimento decorre do resultado de um conjunto de enunciados singulares que possibilitaram a formação do campo de Estudos do discurso graças às diferentes formas de olhar o seu objeto, o discurso, e as narrativas construídas acarretaram na formação de diferentes formações discursivas (aqui, também representadas e compreendidas pelas diferentes vertentes em AD) e no desenvolvimento de suas correntes.

A noção de “discurso”, a partir das diferentes vertentes, foi se modificando a partir da atualização dos enunciados e correntes teóricas brasileiras. Assim, os acontecimentos discursivos – a institucionalização e a entrada da análise do discurso no Brasil no início dos anos oitenta – não coincidem com uma notícia política, histórica, nem com os registros de um fato histórico, mas se constituem, com efeito, de um gesto de leitura em torno dos dados, narrativas do acontecimento (GUILHAUMOU, 2009). É a partir disso que podemos afirmar que cada corrente brasileira produz a sua própria (re)leitura de teorias estrangeiras para a construção desse imenso campo heterogêneo; digamos, de certo modo, que cada corrente cria sua própria análise do discurso franco-brasileira.

Segundo Possenti (2009), um acontecimento é considerado como tal na medida em que ele enseja sua retomada ou repetição. A cada vez que uma certa corrente de estudos discursivos assume certo espaço discursivo, ela não apenas reformula ou instaura nova enunciação do mesmo, (re)visitando seus princípios basilares, mais do que isso, os discursos em torno dessa vertente estrangeira atualizam-se e cada manifesto produzido pode ser considerado como um novo acontecimento discursivo. Por isso, quando há novas instâncias discursivas em torno de certas vertentes – AD francesa, Círculo de Bakhtin, ADC, por exemplo –, novas produções discursivas são implementadas e novos enunciados são atualizados. Ao propor as teorias brasileiras de discurso, o pesquisador se vê diante de desafios para retratar e, sobretudo, refratar uma teoria pensada num contexto diferente do seu. É desse movimento epistemológico “antropofágico” que surgem as diferenças, os novos acontecimentos que configuram novos espaços discursivos.

Desde a sua implementação no Brasil no final da década de setenta e seus respectivos desdobramentos teóricos, a análise do discurso, sobretudo a de tradição francesa, não assumiu, de certo modo, um lugar de pesquisa preciso e bem delimitado, sendo realocada no interior da Linguística como uma “subárea” desse espaço de pesquisa maior. Até a sua inserção nos currículos dos cursos de Letras das universidades brasileiras e o surgimento de diferentes associações, congressos e reuniões científicas, por exemplo, a AD foi ganhando um espaço significativo como motor propulsor de diferentes correntes de pesquisas não só da Linguística, mas também de toda as ciências humanas e sociais.

Mainueneau (2006a), questionado sobre a concretização dessa disciplina como uma subárea de ciência linguística, mostra-nos que:

Não se pode responder a esta pergunta sem adotar implicitamente uma determinada concepção de Análise do Discurso. Não me parece evidente, de fato, que a AD seja uma “subárea” da Linguística. Há de fato ciências sociais de pesquisa que se valem da AD, mas que não se apoiam na Linguística; elas se inspiram, por exemplo, em Michel Foucault. No que concerne à AD de inspiração linguística, podemos sustentar a ideia de que ela é menos uma ‘subárea da ciência linguística’ do que uma zona de contato entre a Linguística e as ciências humanas e sociais. É uma maneira de ver o problema que me parece mais realista; mas, evidentemente, a AD deve manter uma ancoragem forte na Linguística, ela faz parte das ciências da linguagem, noção mais abrangente que aquela de ‘Linguística’ (MAINGUENEAU, 2006a, p. 1).

Nesse sentido, atualmente, é possível vê-la como uma disciplina no interior de um campo de pesquisa mais amplo, agregando teorias e conceitos interdisciplinares, tais como da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia¹⁰¹, entre outros, além de tomar seu objeto de pesquisa – o discurso – não somente pela materialidade verbal, mas também buscando compreender os sentidos produzidos a partir de materiais verbo-visuais e/ou sincréticos, do cotidiano.

Em outras palavras, Maingueneau (2015) defende que, nos últimos anos, a análise do discurso vem se transformando num empreendimento fundamentalmente transdisciplinar (ou pós-disciplinar) que, no interior das ciências humanas e sociais, vai contra a compartimentalização do saber em domínios cada vez mais especializados. Segundo o autor, o espaço da análise do discurso é hoje globalizado e em contínua expansão, resultado da convergência de correntes de pesquisa advindas de diferentes disciplinas, tais como: linguística, história, teoria literária, antropologia etc. Além disso, esse campo tem ganhado espaço graças aos fenômenos como o desenvolvimento das mídias audiovisuais pós-internet que facilitam a propagação de diferentes discursos, aumentam a importância das interações verbais (e visuais) e ampliam o processamento dos signos.

Podemos pensar, desse modo, num “campo dos estudos de discurso” desenvolvido em nosso país graças às diferentes vertentes, com seus respectivos objetos de trabalho – nas diferentes materialidades – capazes de promover uma

¹⁰¹ Numa rápida busca pelo banco de teses da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), digitando algumas palavras-chave, tais como (i) “análise do discurso e sociologia”, (ii) “análise do discurso e psicanálise” e (iii) análise do discurso e antropologia”, por exemplo, encontramos alguns resultados expressivos de trabalhos, entre teses e dissertações, que tratam sobre os temas, tais como: (i) 986078 (<<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>>); (ii) 986059 (<<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>>) e, por fim, (iii) 986068 (<<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>>). Acesso em 11 de ago. 2017.

espécie particular de estudos sobre a AD, isto é, desenvolver traços e características – baseadas nas (re)leituras de seus diferentes fundadores – tipicamente brasileiras, promovidas por autores – sobretudo professores – brasileiros nas diversas universidades em que a análise do discurso conste como canteiro de trabalho. Isso corrobora o modo como esse campo de pesquisa vem se desenvolvendo no país e como vem sendo difundido em congressos, reuniões científicas, orientações de teses de doutorado e dissertações de mestrado. Ou seja, vemos um desdobramento interessante num país multicultural e multilíngue, cujas características linguísticas e o jogo enunciativo ratificam multifacetados pontos de vistas – narrativas – e diferentes efeitos de sentidos. No Brasil, o objeto de estudos dos discursivistas deixa de ser apenas os discursos institucionais, tomando objetos “menos nobres”, tais como piadas, charges, vídeos, imagens etc. Vemos um cenário rico e frutífero em forte expansão.

A partir de nossas hipóteses de trabalho elencadas, nossa afirmação de que existe, no Brasil, o que estamos chamando de “campo dos estudos de discurso”, inscrito num processo de produção de conhecimento em um dado campo científico – a Linguística –, pode ser melhor elucidada se tomarmos o conceito de *campo* emprestado, por um lado, de Pierre Bourdieu (1975) e, por outro, de Dominique Maingueneau (2010).

Sociólogo francês, Pierre Bourdieu, nos anos oitenta, foi responsável por forjar o conceito de “campo científico” no âmbito das ciências humanas e sociais como um tipo de capital simbólico do macrocosmo social. Os trabalhos em sociologia da literatura, inspirados nas suas problemáticas, alcançaram grande êxito em mostrar que a produção de obras não estava diretamente relacionada à sociedade como um todo, mas apenas a um setor delimitado daquela sociedade que, no século XIX, tomou a forma de um “campo” que segue regras específicas (MAINGUENEAU, 2010, p. 49).

Sua teoria foi estendida a outros tipos de atividade simbólica, dos quais destacam-se a Literatura. Autor crítico de tradição estruturalista, ele considerou os fatos científicos como fatos sociais negociados no interior de um campo de lutas políticas pela dominação científica, jamais neutro, em que há sempre uma hierarquia e um poder presentes na esfera científica. Ademais, o campo defendido por Bourdieu é ainda associado a um jogo em que os agentes/pesquisadores disputam com seus respectivos capitais, ou seja, quanto maior o capital um agente tiver, mensurado pelo

número de citações, publicações e contribuições na área, maior será o poder que ele terá para mudar o cenário e as regras desse “lugar de luta mais ou menos desigual [...] providos de capital simbólico” (BOURDIEU, 1975, p. 91). Aos diferentes campos, na visão do autor, “se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de lugares), cujas propriedades dependem de sua posição no interior desses espaços” (BOURDIEU, 1980, p. 113).

Todavia, Maingueneau (2010) assevera:

Quando alguém se inscreve no projeto da análise do discurso, não pode se contentar em raciocinar em termos de atores, de posições e de lutas pela autoridade. É preciso traduzir isso em termos de identidade enunciativa (p. 50).

Assim, Maingueneau (2008b, 2010) propõe transpor o “campo científico” de Bourdieu (1975, 1980) em “campo discursivo” por considerar que seja um espaço no interior do qual interagem diferentes “posicionamentos”, fontes de enunciados que produzem diferentes embates graças à natureza do campo, legitimando e corroborando o seu próprio lugar de enunciação (MAINGUENEAU, 2010). Ou seja, um campo é composto por um conjunto heterogêneo de discursos no interior de um interdiscurso.

De estrutura instável, e sobretudo não homogênea, o campo possui diferentes posicionamentos – e diferentes formações discursivas (vertentes da AD, trazendo para nossa reflexão) – que estão em relação de concorrência. Segundo o linguista francês, “o campo é o espaço em que se definem as trajetórias efetivas dos escritores, que estão constantemente reajustando suas estratégias em função da maneira como evolui sua posição (MAINGUENEAU, 2010, p. 52).

Ao abordarmos a questão do campo discursivo no interior de uma rede de inter-relações sócio-discursivas, um ponto se faz necessário destacar: a noção de interdiscurso. Tal noção, conforme viés teórico empregado, assume diferentes nomes – dialogismo, heterogeneidade, polifonia – e continua muito presente no campo da AD. Apesar de ser um dos conceitos fundadores da teoria discursiva (em suas diferentes releituras) e que, por ora, não configure entre os temas mais comentados nos diversos trabalhos, é muito cedo ou equivocado dizermos que tal noção seja “ultrapassada” ou que tenha sido superada por outras ao longo dos desdobramentos teóricos posteriores. Ao contrário das ciências exatas, que propõem a superação de teorias conforme os avanços, a AD não funciona da mesma forma, ou seja, não

podemos dizer que há questões vencidas em seu projeto, sempre há um já-dito, o que dizer sobre o interdiscurso.

Todo discurso é atravessado por outros discursos pré-construídos sócio-historicamente, isto é, todo discurso está numa relação multiforme com outros discursos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). A análise do discurso francesa, durante seus primeiros desenvolvimentos enquanto um domínio de saber, abordou tal noção a partir do “primado do interdiscurso” sobre o discurso e fez dele uma de suas teses principais. Nessa rede interdiscursiva vemos, portanto, diferentes formações discursivas (FDs).

Desse modo, a noção de formação discursiva tem se tornado, nos últimos anos, uma questão bastante discutida entre os linguistas e os analistas de discursos ao ponto de dar a ela uma dupla paternidade. Introduzida, inicialmente, por Michel Foucault na *Arqueologia do Saber* em 1969 – e inserida nas problemáticas da História e da Filosofia a partir de uma tríplice aliança formada por Nietzsche, Freud e Marx – a noção é vista, por um lado, por ele, como “um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria etc...” (BARONAS, 2007, p. 176). Por outro, a de Pêcheux é reformulada no quadro da análise do discurso de matriz francesa – e gestado no ventre do marxismo/althusserianismo – como “aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura social” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

No Brasil, há, contudo, uma obra original em português organizada por Roberto Leiser Baronas (2007) a fim de retratar alguns apontamentos sobre essa noção-conceito de FD, resignificando-a no cenário da análise do discurso, cujo título é *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Essa organização, composta de diferentes capítulos de diferentes autores, configura alguns dos desdobramentos dessa noção-conceito no cenário da AD Brasileira.

É preciso dizer que cada FD está de fato dominada pelo interdiscurso, em que um certo discurso só adquire sentido imerso numa rede de outros discursos que o constitui. Nesse caminho, Maingueneau (2008b), assim como Authier-Revuz (2004), pensou a noção de interdiscurso vinculada às heterogeneidades enunciativas, isto é,

pensou a composição dos discursos a partir da presença do Outro¹⁰²: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva¹⁰³. Em relação à primeira, é possível encontrarmos tais heterogeneidades mostradas marcadas e não marcadas por meio de elementos linguísticos que delimitam claramente a alteridade do outro no discurso do Mesmo (discurso citado, palavras entre aspas etc.). Já a segunda, refere-se à presença desse Outro sem haver marcas linguísticas explícitas no discurso que identificam tal alteridade.

A heterogeneidade, diante das reflexões de Authier-Revuz (2004), adquire posição salutar e constitutiva da noção de formação discursiva, ambas apontam para a natureza heterogênea do discurso: em um primeiro momento, a heterogeneidade que se dá pela incorporação de admissão da existência do Outro no discurso – e com isso, a possibilidade da criação de simulacros – e a formação discursiva pela discrepância, embates e/ou aliança entre as classes sociais. O conceito de heterogeneidade será um ponto decisivo no processo de reelaboração da noção de FD, que estaria sempre em interação com outras formações discursivas, de modo que os vários discursos estão ora em relação de polêmica, ora de aliança (PÊCHEUX, 1997). Em outras palavras, pode-se dizer que no interior de um discurso há saberes advindos de outros discursos, pré-construídos, o que faz com que uma formação discursiva se defina na sua relação paradoxal com outras FDs¹⁰⁴ que a atravessam trazendo o Outro discursivo – em forma de simulacro¹⁰⁵ – para o seu interior – o Mesmo.

Assim, todo discurso será reconhecido como um objeto heterogêneo, constitutivo, pois, a todo momento, remete ao Outro e a outros discursos produzidos no alhures, “um além discursivo não identificado, o espaço do interdiscurso”

¹⁰² Outro: Reporta-se ao inconsciente, às manifestações do desejo e as injunções do inconsciente sob forma de linguagem e; outro: refere-se ao exterior que constitui o sujeito, as vozes outras, sujeitos outros, discursos sócio-históricos, ideológicos e culturalmente constituídos, anteriores e exteriores ao sujeito. (AUTHIER-REVUZ, 2004).

¹⁰³ Tal oposição conceitual é desenvolvida por Jacqueline Authier-Revuz na obra: **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci B. Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

¹⁰⁴ Ao tomarmos a noção de formação discursiva, outro conceito nos é evidente: o sujeito. O sujeito, antes – nas primeiras versões da história da análise do discurso pecheuxtiana –, era considerado como puro efeito de assujeitamento ao dispositivo de uma formação discursiva com a qual ele se identificava, agora, seguindo tais considerações de Authier-Revuz (2004) e Maingueneau (2008b), o sujeito é clivado, atravessado constitutivamente pelo outro e pelo Outro. Ele é envolvido pela proposição de que há sempre um exterior que pode constituir o interior discursivo e perderá sua univocidade (BRANDÃO, 2004).

¹⁰⁵ Vale ressaltar que o simulacro aqui representado refere-se a uma heterogeneidade dissimulada (ARAUJO, 2015), em que o sujeito produtor/falante/enunciador produz efeitos de sentidos diversos da fala do Outro. Essa perspectiva não aparece entre as proposições de Authier-Revuz (2004).

(MALDIDIER, 2003, p. 84). Desse modo, seguindo tais reflexões teóricas, pode-se dizer que todo discurso é produto de um interdiscurso. Nas palavras de Pêcheux,

Mas também e sobretudo a insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ sequência, estruturar esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o ‘ego-eu’ se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa) (PÊCHEUX, 2014, p. 313).

Sob esse prisma, assim como empregado por Authier-Revuz (2004) e retomado posteriormente por Maingueneau (2008b), toma-se a inscrição do “primado do interdiscurso” na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva que relaciona, inextricavelmente, o Mesmo do discurso e o seu Outro.

Até o momento, vimos as contribuições significativas da noção de interdiscurso e sua relação com conceitos outros que também estão envolvidos no seu processo de construção teórica. Todavia, para retomarmos a proposição de “campo discursivo” – composto pelos diferentes discursos e formações discursivas que o compõem –, Maingueneau (1997, 2008b) propõe uma noção de interdiscurso¹⁰⁶ mais produtiva e operacional, à qual nos filiamos neste trabalho. De acordo com o autor, “não especificamos muito a noção de interdiscurso, [...] será necessário precisá-la melhor e recorrer a três outros termos complementares: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

Por “universo discursivo”, o autor entende o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem e que interagem numa conjuntura dada. Não apreendido em sua globalidade pela AD, esse universo representa necessariamente um conjunto finito. De pouca utilidade para o analista, ele define apenas uma extensão máxima, um horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de serem estudados, recortando os chamados “campos discursivos”. Tal noção de universo discursivo é equivalente à noção de interdiscurso de Pêcheux.

O “campo discursivo”, por sua vez, é definido por Maingueneau (1997) como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (p. 34). Tal concorrência se estabelece por meio de confrontos ou alianças, na forma

¹⁰⁶ Outros autores se dedicaram à essa noção tomando princípios teóricos bastante diferentes. No texto *Observações sobre interdiscurso*, do professor Sírio Possenti (2003), o autor cita pelo menos dois outros que se empenharam em descrevê-la: J.-J. Courtine e M. Pêcheux.

de neutralidade aparente entre discursos que possuem a mesma função social e, ao mesmo tempo, divergem sobre o modo como ela deve ser preenchida. É no interior desse campo que se constitui um discurso, em razão da sua heterogeneidade, um discurso não se configura da mesma forma que todos os discursos que dele o compõem: há uma certa hierarquia instável que opõe discursos dominantes e dominados e, por isso, não se situam do mesmo modo no mesmo plano¹⁰⁷. Tal delimitação permite abrir redes múltiplas de trocas e suas delimitações não são tão evidentes.

Finalmente, no interior do campo discursivo é preciso isolar os “espaços discursivos”, que, segundo o autor, se trata dos subconjuntos de formações discursivas, cuja relação será julgada pertinente pelo analista diante de seu propósito e objetivos de pesquisa. As restrições empreendidas no momento, no interior desse espaço, serão resultado de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e de um saber histórico, confirmados ou infirmados posteriormente, quando a pesquisa progredir. Acrescenta-se a isso, que

Não é por simples comodidade que determinados subconjuntos são recortados (porque seria difícil apreender um campo discursivo em sua totalidade), mas também e sobretudo porque uma formação discursiva dada não se opõe de forma semelhante a todas as outras que partilham seu campo: certas oposições são fundamentais, outras não desempenham diretamente um papel essencial na constituição e preservação da formação discursiva considerada (MAINGUENEAU, 1997, p. 117).

Pode-se dizer, com isso, que o Outro, no espaço discursivo, não é identificável por meio de fragmentos localizados no texto, ou por meio de citação ou referência direta, mas ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado, já dito em relação a si próprio. Possenti (2003) assevera que é o Outro que faz falta a um discurso, é a parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para permitir a construção da identidade.

Essas três noções (universo, campo e espaço discursivos) auxiliam-nos a refletir a composição dos diferentes ambientes teóricos de constituição da disciplina de AD no território brasileiro: em um campo de estudos do discurso (mais amplo e heterogêneo), diferentes vertentes – AD francesa, Análise do Discurso Crítica, Dialógica etc. – ocupam distintos espaços discursivos configurando-se por meio de

¹⁰⁷ Pode-se considerar o campo político, filosófico, literário, dramático, gramatical etc. A título de ilustração, considerando o campo dos estudos do discurso, pode-se falar em formação discursiva materialista, formação discursiva enunciativa, formação discursiva dialógica e assim por diante.

suas diferentes correntes¹⁰⁸ discursivas nos diferentes grupos de pesquisas das diversas instituições – particulares, estaduais e federais – do Brasil. Observamos, com isso, espaços discursivos em constante “competição” (num universo discursivo), compostos por diferentes teorias que constituem o campo discursivo brasileiro.

É no interior do campo discursivo que se constituem os discursos que compõem os diferentes espaços de pesquisas em uma constante interação semântica entre diferentes FDs. Essa interação entre as formações discursivas seriam compostas por um processo de tradução, ou como denomina Maingueneau (2008b), de “interincompreensão regrada”: “cada um introduz o [outro/]Outro em seu fechamento, simulando seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 21).

Podemos dizer, sob esse prisma, que as teorias brasileiras de discurso – que narram um certo acontecimento, os estudos de discurso – são produzidas à luz da leitura e interpretação do Outro/outro (as diversas vozes que compõem uma vertente estrangeira), criando um simulacro da teoria francesa (ou originária de outra vertente, a do Círculo de Bakhtin, por exemplo) para a composição da teoria brasileira. Portanto, não existe “o discurso absoluto que, num espaço homogêneo, regulariza todas as traduções de um tipo de discurso para um outro, mas uma rede de relações constantemente aberta” (POSSENTI; MUSSALIM, 2010, p. 68). O sentido e, com isso, a produção dos pressupostos teóricos das teorias brasileiras de discurso são concebidos não vinculados a uma posição enunciativa absoluta/única, mas “deve[m] ser apreendido[s] como circulação dissimétrica de uma posição enunciativa à outra” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 21-22).

Todo discurso produzido pelas teorias brasileiras compõe as diferentes formações discursivas inscritas num campo bastante heterogêneo, todavia, com base num sistema de restrições globais, há sempre um filtro que qualifica os critérios, em uma certa formação discursiva, distinguindo o que é possível (ou não) de ser dito e enunciado no interior daquela formação. Os autores, inscritos numa certa FD, produzem seus enunciados a partir da “competência interdiscursiva”, cuja função se

¹⁰⁸ Nomeando-as para esta pesquisa, temos na AD francesa: AD derivada de Pêcheux, AD derivada de Foucault, AD derivada de Maingueneau, entre outras; na dialógica: Círculo de Bakhtin e análise dialógica da verbo-visualidade (Brait). Em relação às tendências que elencamos, nomeamos da seguinte forma: tendências materialista (tributária de Michel Pêcheux); enunciativa (tributária de Dominique Maingueneau); e, por fim, dialógica (derivada dos trabalhos de Mikhail Bakhtin).

estabelece por um sujeito que ao distinguir o que pode ou não ser enunciado no interior de uma formação discursiva, identifica os enunciados que não condizem com o sistema de restrições desta, isto é, pertencem a formações discursivas antagônicas (MAINGUENEAU, 2008b).

Diante desse sistema de restrições dos enunciados, partimos, pois, para a observação do discurso enquanto uma prática discursiva, isto é, é possível considerar que o sistema de restrições esteja além do enunciado e da enunciação, “permite tornar um conjunto de textos comensurável com “a ‘rede institucional’ de um ‘grupo’, aquele que a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 22-23). Ademais, é preciso pensar as práticas discursivas enquanto “práticas intersemióticas” que integram não somente as unidades de um conjunto de enunciados verbais, mas também outros tipos de produções que agregam outras esferas semióticas, tais como o musical, o pictórico, o imagético, por exemplo. É esse contexto de produção acadêmica brasileira que propomos descrever no tópico seguinte, cuja função é apresentar algumas reflexões sobre os desdobramentos dessa AD do Brasil e seus respectivos espaços discursivos de produção científica.

Nossas heranças e nossas filiações: (re)definindo as discussões em torno de uma rede de pesquisa sobre o discurso

Dadas tais reflexões em torno do “universo”, “campo” e “espaços discursivos” e os contornos do aparecimento da análise do discurso no Brasil, é importante nomearmos o espaço de pesquisa consagrado ao discurso. Por se tratar de um campo de saber que se delimitou inicialmente a partir dos princípios da Linguística, é preciso reconhecer que há diferentes categorias em seu interior – disciplina, abordagem, corrente – que o tornam um espaço discursivo bastante impreciso de inserção.

Se pensarmos num contexto internacional, o termo “análise do discurso” domina. Em muitos manuais ou introduções, até mesmo em antologias, vemos o uso constante dessa expressão como um campo de pesquisa. Todavia, vimos também, nos últimos anos, desenvolver-se, com base nos modelos “*studies*” anglo-saxônicos

(“gender studies”, “gay studies” etc.), o uso do termo “discourse studies”¹⁰⁹, (ou estudos do discurso), cujo plural dessa expressão permite agrupar pesquisas extremamente diversas, não permitindo um contorno de estudos bem delimitado e preciso, mas sim, abrangendo espaços cada vez mais fluidos e pluridisciplinares. Nesse sentido, a noção de discurso tem assumido cada vez mais características interdisciplinares e tem aparecido em discussões no interior das ciências humanas e sociais (MAINGUENEAU, 2015).

Em um interessante artigo, *Renouons avec les enjeux critiques de l'Analyse du Discours : vers les Études du discours* (2017), publicado na revista *Langage et Société*, Angermuller busca mostrar os contornos de estudos em torno dessa noção – estudos de discurso – e o campo de trabalho da análise do discurso no interior das ciências humanas na França. Segundo o autor, é possível encontrarmos duas tendências de estudos entre os pesquisadores franceses, cujos limites conferem a constituição desse campo: de um lado, um olhar mais disciplinar, em que a AD se inscreve no interior da linguística, de outro, uma abordagem mais pluridisciplinar, cujo fator contribui para o nascimento de um novo campo de estudos, os estudos do discurso (ou *Discourse Studies*).

Podemos dizer que a AD é uma disciplina bem constituída no interior da linguística desde 1970 e está, por sua vez, imersa no domínio das ciências da linguagem. Todavia, os estudos do discurso ainda têm contornos poucos estabelecidos e muito fluidos justamente por se referirem a um campo, segundo o pesquisador alemão, mais amplo. Ou seja, tal domínio assumiria contornos mais pluridisciplinares que a análise do discurso, estabelecendo diálogos com a História, a Filosofia, a Sociologia, a Ciência Política, entre outros. É nessa forma de descrição, por exemplo,

¹⁰⁹ Podemos observar que tal expressão é o título de uma das principais revistas da área: *Discourse Studies*, dirigida por T. Van Dijk e publicada pela Sage (Londres). Se trouxermos ao contexto da América Latina, os discursivistas agrupam-se na ALED (Associação Latino-americana de Estudos do Discurso). Por exemplo, no último colóquio, realizado no Brasil, entre os dias 27 e 30 de julho de 2016, a temática abordada foi *Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas*, durante a sua realização, as discussões trouxeram questões teórico-metodológicas acerca das contribuições sociais e éticas da atualidade nos estudos do discurso. Trata-se, pois, de uma primeira organização de estudiosos preocupados em trazer a noção do discurso a partir de outras esferas, mais abrangentes, talvez, e, por isso, refletindo de certo modo os desdobramentos da análise de discurso, tomada não apenas por questões linguísticas, mas apontando para materialidades diversas que nos últimos anos têm surgido como fontes de investigações – e questionamentos – entre os discursivistas, tais como a internet. No momento, em escala internacional, a expressão “análise do discurso” é fortemente dominante e muito expressiva; numa rápida pesquisa pelo Google (21 de maio de 2017), por exemplo, dá-se 4.710.000 ocorrências para tal expressão e 778.000 ocorrências para a expressão “estudos do discurso”.

que poderíamos pensar a constituição dos espaços disciplinares e intelectuais franceses: ciências da linguagem, ciências sociais e humanidades.

Na contribuição do pesquisador alemão, o autor propõe-se a pensar essa delimitação por ora representativa em torno do discurso, todavia, carente de explicá-lo em relação às outras áreas. Na França, assim como na Inglaterra, a AD figura como disciplina da Linguística, isto é, nessa acepção, essa disciplina é colocada ao lado de outras, tais como da Sintaxe, da Semântica, da Pragmática, da Gramática... Estes dois espaços de pesquisa – francófono e anglófono – são inspirados em debates teóricos das ciências sociais promovidos por analistas do discurso interessados em diferentes materialidades, cujo objeto “discurso” acaba não se limitando apenas a uma disciplina. A esse espaço mais amplo e pluridisciplinar – estudos do discurso – é associado um número grande de trabalhos acadêmicos cujo objetivo é ampliar o leque de discussões. Nesse espaço mais amplo, o discurso pode designar objetos que levam em consideração as práticas sociais e a produção do sentido – provenientes de outras disciplinas – ou seja, focaliza-se em um espaço cujo olhar volta-se para a linguagem em relação à sociedade.

Ao propor tais princípios, Angermuller (2017) defende a ideia de que há cada vez mais proposições no interior desse campo discursivo, compondo não somente a ciência da linguagem, mas as formas de pensar das ciências sociais e humanidades. Ao expor tais considerações, busca descrever os espaços discursivos em que a análise do discurso assume nas discussões teóricas. Se no contexto francês (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002 [2008]), britânico (FLOWERDEW; RICHARDSON, 2017) e no lusófono (ORLANDI, 1990; POSSENTI, 1993), a análise do discurso é um campo interno às ciências da linguagem – esta compondo o universo discursivo –, na Alemanha (Angermuller, 2011) e em outros países, os estudos do discurso designam as pesquisas discursivas num espaço pluridisciplinar (Angermuller et al., 2014; Wrana et al., 2014) (ANGERMULLER, 2017, p. 147, tradução nossa).

Enquanto subárea das ciências da linguagem, o discurso torna-se problemática para três áreas disciplinares, das quais podemos citar as ciências da linguagem – Linguística –, as ciências sociais – representada pela Sociologia, Ciência Política, Psicologia, por exemplo – e as humanidades – em que encontramos a Filosofia, as Letras e a História. No domínio das ciências da linguagem, podemos dizer que o discurso surge como resposta a uma linguística clássica, herdada de F. de Saussure e

N. Chomsky. O momento “pós-estruturalista” é marcado pelo movimento de olhar além da frase e a estrutura da língua. As práticas e o contexto sociais passam a ser fatores preponderantes para os estudiosos desse período.

Consoante Angermuller, essas mudanças na forma de pensar, fortemente marcadas no fim do estruturalismo, contribuem para o desenvolvimento de três orientações em análise do discurso: pragmática, interacionista e semântica (ANGERMULLER; MAINGUENEAU; WODAK, 2014). Desse modo, o autor, ao se referir a tais princípios da AD, enquanto subárea das ciências da linguagem – e enquanto um campo discursivo –, postula a sua constituição e formação a partir dos anos sessenta na França – e todo o seu contexto “revolucionário” de pensar a noção de discurso – e dez anos mais tarde na Inglaterra. Ao passo que vemos uma forte tradição francesa – desenvolvida a partir de uma segunda geração de linguistas, como Dominique Maingueneau e Patrick Charadeau (1997) – que toma os textos voltando-se a seus contextos por meio da enunciação, em 1970 podemos encontrar tendências similares na tradição britânica cujos estudiosos buscavam reflexões a partir dos pressupostos da pragmática e do interacionismo. Já na tradição alemã, talvez pouco divulgada, encontramos uma forte tendência crítica no fim dos anos setenta (JÄGER, 2007), sobretudo abordagens teóricas que voltam-se para uma linguística textual (WARNKE, 2007) e cognitiva (ZIEM, 2008) (ANGERMULLER, 2017).

A partir do que se convencionou chamar de pós-estruturalismo, em se tratando da análise do discurso, a noção de discurso tomou novos contornos, proporcionando o surgimento de diferentes tendências de estudos discursivos abrangendo conceituações não somente na linguística, mas também de outras disciplinas, o que possibilitou, desse modo, uma possível hibridização dos saberes. Cada vez mais, a AD é alvo de um processo de (re)configuração e globalização, isto é, estudiosos do mundo todo estão expandindo as ideias sobre o discurso e, graças às novas técnicas de divulgação e promoção da informação, promovem diálogos cada vez mais frutíferos (e desafiadores) sobre as relações sociais.

Ao falarmos da análise do discurso, torna-se seguro mostrarmos as diferentes vertentes de pesquisas que vem se desenvolvendo, em especial no Brasil. É difícil estabelecer um fundador específico, devemos pensar, pois, na ideia de uma multiplicidade de correntes e/ou tendências discursivas a partir de diferentes autores e seus projetos epistemológicos, expondo, assim, seus diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto. Encontramos distintas correntes, constituídas por diferentes grupos

de pesquisas¹¹⁰, tais como a materialista, a enunciativa, a dialógica, por exemplo, que embora tenham o discurso como objeto de observação, constroem objetos teóricos bastante distintos. O objetivo, com isso, não é estabelecer comparações entre elas, pensando se haveria uma abordagem mais pertinente do que a outra, pelo contrário, é expor que, hodiernamente, estamos cercados por diferentes modos, distintos programas de pesquisas, na terminologia lakatosiana, que coexistem numa rede e têm como função explicar, a partir de seu ponto de vista, as relações entre os sujeitos e a sociedade; tratam-se, pois de diferentes narrativas do acontecimento dos Estudos de discurso.

Assim, como no contexto francês, poderíamos pensar o campo discursivo da AD em relação ao campo discursivo dos Estudos de discurso no interior das ciências da linguagem (universo discursivo). Estamos muito mais próximos dos Estudos de discurso, já que não conferimos uma atenção particular somente aos fatos de língua, mas para um conjunto de pesquisas que se vinculam às problemáticas do discurso. Ou seja, entendemos por tais estudos discursivos um conjunto de disciplinas que têm a linguagem imbricada em suas diferentes ordens (linguísticas, enunciativas, históricas) e manifestada em distintas materialidades (verbais, visuais, verbo-visuais). Nas últimas décadas, essas distintas materialidades têm adquirido grande destaque entre os discursivistas, ampliando o seu objeto de trabalho e cada vez mais elencando outros tipos de discurso que não somente o discurso político.

É nesse caminho que pensamos que essas diferentes correntes, promovidas por diferentes grupos de pesquisas, convergiriam para um campo maior e interdisciplinar, o campo de Estudos de discurso, cujo denominador comum entre todos esses pontos de vista sejam as relações e as práticas sociais. Angermuller, Maingueneau e Wodak (2014), sobre este tópico, afirmam que

¹¹⁰ Maingueneau (2015) propõe pensar a análise do discurso – no contexto francês – como uma disciplina no interior dos estudos do discurso. Segundo ele, “o discurso não é considerado como um dado: ele só pode se tornar verdadeiramente objeto de conhecimento se for assumido por alguma disciplina que se caracterize por um *interesse* específico” (p. 46). Se traduzirmos tal consideração ao contexto brasileiro, a recíproca nem sempre é verdadeira. Podemos pensar, segundo nossas hipóteses, que, no Brasil, a noção de disciplina seria melhor representada como grupos de pesquisa em análise de discurso que também se inseririam no interior dos estudos do discurso. Vemos, pois, distintas vertentes discursivas – baseadas no modelo europeu, sobretudo a tradição francesa da AD – que se inserem num espaço discursivo “competitivo”. Vemos diferentes tendências sendo representadas por diferentes grupos nos diferentes espaços discursivos do Brasil: a abordagem materialista (advinda de Pêcheux) e traduzida por Eni Orlandi e seus trabalhos; a dialógica (de Bakhtin), proposta por Beth Brait, a enunciativa (de Maingueneau) e trabalhada por Possenti etc. Traremos tais discussões nas considerações a seguir.

O verdadeiro campo da interdisciplinaridade está no cruzamento da linguagem e sociedade (...). Os estudos do discurso não têm se tornado apenas a fonte metodológica da inovação, mas também estão inspirados em debates teóricos no interior das ciências sociais e humanas (p. 4, tradução nossa).

O campo de estudos do discurso apresenta-se bastante heterogêneo, envolvendo diferentes correntes e disciplinas. Em razão dos desenvolvimentos nos modos eletrônicos de comunicação e a mobilidade dos estudos nesse mundo globalizado, o campo mantém-se heterogêneo por diferentes razões: a) a variedade nas tradições científicas e intelectuais, em que há cada vez menos limites e fronteiras geográficas, divide um saber científico. Por exemplo, numa mesma universidade podem haver diferentes grupos de pesquisadores que trabalham com diferentes tradições e abordagens metodológicas; b) a diversidade de campos disciplinares, isto é, os estudos do discurso têm assumido diferentes formas dependendo do campo de pesquisa no qual é abordado. Na França, por exemplo, a linguística formal recebeu influências do marxismo, por outro lado, nos Estados Unidos, as práticas e processos discursivos eram baseados nos modelos da Antropologia, da Sociologia e da Sociolinguística; c) a diversidade de “escolas”, que está geralmente associada a diferentes figuras ou fundadores, tais como Michel Foucault ou Michel Pêcheux, entre outros; d) as várias ferramentas e os diferentes tipos de dados utilizados pelos pesquisadores. Nesse campo, os analistas podem trabalhar com um *corpus* extensivo e um arquivo significativo que podem abranger estruturas e comunidades bastantes distintas (ANGERMULLER; MAINGUENEAU; WODAK, 2014, p. 2).

É nesse sentido que consideramos algumas das proposições teóricas de Dominique Maingueneau (2015) e Johannes Angermuller (2013, 2016, 2017) a respeito dessa nova (re)configuração da AD no século XXI, sobretudo, do surgimento de teorias brasileiras de discurso contemporâneas que buscam, de certa forma, inspiração estrangeira – Pêcheux, Foucault, Bakhtin, por exemplo –, mas que constroem empreendimentos, produzindo desdobramentos teóricos e expandindo conceitos, isso tudo porque a análise do discurso – nessa rede interdisciplinar e cada vez mais fluida e plural – se move, produz deslocamentos e escansões e, a nosso ver, tais mudanças – históricas e epistemológicas – devem ser melhor estudadas e organizadas diante das novas materialidades (verbais e não verbais, sincréticas) de estudo que vêm surgindo na atualidade, tais como a influência dos dispositivos da Web. Vemos constantes materiais circulando em função dos avanços da comunicação

e de suas técnicas, formas cada vez mais específicas no processo de comunicação e relação social, discursos produzidos em quantidades significativas e colocados à prova em todos os ambientes digitais.

Maingueneau (2015), na obra *Discurso e análise do discurso* (2015), apresenta a reflexão sobre uma nova configuração da análise do discurso, ou seja, propõe tomar a AD como uma vertente desse grande campo discursivo dos Estudos de discurso – globalizado e em contínua expansão – em que diversas teorias, de diferentes vertentes, coexistem e competem: “os estudos do discurso participam, a sua maneira, desse mundo em que não se cessa de refletir sobre os poderes da fala” (MAINGUENEAU, 2015, p. 10).

Vivemos, hoje, num momento de intensas reconfigurações e desdobramentos que nos possibilitam dizer que diferentes tendências de estudos sobre o discurso vêm surgindo no contexto atual. Tal afirmação não nega as problemáticas de análise do discurso desenvolvidas na França, em que inspiradores como Pêcheux, Foucault e Bakhtin, indiscutivelmente, tenham exercido um papel salutar, pelo contrário, elas encontram-se inseridas num espaço de pesquisa globalizado, no qual há hibridizações conceituais que se multiplicam e possibilitam novas ramificações, escanções que fazem repensar a teoria a partir de ângulos novos.

A partir dessas reflexões acerca da origem da análise do discurso, é possível encontrarmos o termo “discurso” como objeto de investigação em várias disciplinas, como objeto em diferentes tendências, as chamadas “Teorias de Discursos”, que segundo Maingueneau (2015),

Agrupam projetos intelectuais que combinam de diversas maneiras preocupações advindas do pós-estruturalismo, dos “*Cultural studies*” e do construtivismo. Elas questionam os pressupostos das ciências humanas e sociais, em particular sobre a subjetividade, o sentido, o poder, a diferença sexual, a escritura, a dissidência, o pós-colonialismo (MAINGUENEAU, 2015, p. 31).

Para fazer tais proposições, o autor traz o cenário francês de constituição da AD como mote de reflexão. É a partir da influência de M. Pêcheux e de M. Foucault que é possível encontrarmos desdobramentos, ramificações teóricas em torno de seus pensamentos. Maingueneau (2015) afirma que, na França, o cenário de pesquisa consagrado ao discurso, quanto à sua nomeação, torna-se, muitas vezes, confuso, pois poderíamos pensá-lo por meio de categorias como “disciplina”, “abordagem”, “corrente”. Ao observarmos alguns manuais de introdução ou antologias, por

exemplo, vemos claramente o termo “análise do discurso” (*discourse analysis*) como o mais usado pelos estudiosos. Segundo o linguista francês, diante das novas ramificações e difusões da teoria, pode-se, também, encontrar o termo “estudos do discurso” (*discourse studies*), cujo plural permite-nos refletir sobre as pesquisas a partir de uma diversidade de conceitos. É por meio desse segundo termo empregado que ele nos propõe considerar o cenário atual.

Há quem pense que gerir a diversidade desse campo de estudos seja apenas fazer uma lista de “abordagens”. Tal caminho é muito empregado em manuais ou introduções. Por exemplo:

Este livro é uma introdução a uma abordagem da análise do discurso (análise do uso da língua). Há numerosas abordagens em análise do discurso [...]; nenhuma, esta incluída, é a única “verdadeira”. (GEE, 2005, p. 5 apud MAINGUENEAU, 2015, p. 44).

Todavia, segundo Maingueneau, pensar como abordagens pode não ser uma boa escolha, pois é um termo muito pouco especificado. Tal emprego pode dar a impressão, por exemplo, de que o objeto seja estável e que os dados sejam analisáveis por meio de diferentes abordagens que enfatizariam um ou outro aspecto, desconsiderando que tais dados não são independentes das abordagens, pelo contrário, elas contribuem de maneira decisiva para construir seus *corpora*.

A partir disso, o autor propõe que a solução para essa dificuldade de classificação da AD seja considerá-la como uma disciplina no interior dos Estudos de discurso. Ao lado disso, ele pensará em mais duas outras categorias que compõem essa classificação: correntes e territórios.

Assim, o discurso não pode ser considerado como um dado previamente estabelecido, tornando-se verdadeiramente objeto de conhecimento a partir do momento em que é assumido por alguma disciplina que se caracterize e o tome por um interesse específico. As diversas disciplinas do discurso (sociolinguística, retórica, análise do discurso, análise da conversação etc.) não são realidades trans-históricas. É com isso que se pode chegar em uma hipótese: a partir do momento em que certa disciplina adquire estabilidade, sua existência não é arbitrária, isto é, ela tem algo a dizer sobre o funcionamento do discurso (MAINGUENEAU, 2015).

Nesse contexto, devemos pensar que o campo dos estudos do discurso congrega espaços discursivos que possuem diversas disciplinas, cujas correntes estão em constante interação e não estão estanques, ou seja, “presas” a um único domínio de saber. As disciplinas estão num lugar de confrontos entre múltiplas *correntes*. De

acordo com as reflexões de Maingueneau (2015), uma “corrente associa certa concepção do discurso e da finalidade de seu estudo passa a um aparato conceitual e metodológico específico” (MAINGUENEAU, 2015, p. 49). Dizendo de outro modo, por exemplo, na disciplina de análise da conversação, os pesquisadores podem pertencer a correntes diferentes: a análise conversacional de inspiração etnometodológica (H. Garfinkel) ou a sociolinguística interacional (J. Gumperz). Ademais, tais correntes também não se deixam fechar em uma só disciplina. Se considerarmos uma especialista em retórica (Amossy, 2012), que em seus trabalhos busca compreender certos fenômenos a partir de uma perspectiva da análise do discurso, ela pertencerá, ao mesmo tempo, à pesquisa retórica e à análise do discurso.

Aliado a isso, Maingueneau proporrá o conceito de “territórios” que, a seu ver, correspondem a um “setor da vida social ou a um tema mobilizador mais ou menos circunscrito: a televisão, o hospital, a administração, os usos da Web, a política europeia etc.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 50). Tratam-se de fenômenos sociais que adquirem certa importância – seja qual for a razão – e que passam a ser objetos de investigação de pesquisadores. Tais territórios, de acordo com sua organização e temática, podem agrupar discursivistas de diversas disciplinas ou correntes ou, então, agrupar estudiosos provindos de diferentes campos como, por exemplo: médicos, historiadores, linguistas, entre outros.

No caso brasileiro, poderíamos levantar a hipótese de que a formalização e a constituição dessas diferentes disciplinas do discurso – análise do discurso, sociolinguística, análise da conversação, semiótica, a retórica – configuram-se por meio de diferentes “grupos” de pesquisas, compostos por diferentes pesquisadores reunidos em torno de seu programa de pesquisa, cujo objeto comum, a noção de discurso – e suas inter-relações com o social, o histórico e ideológico – é tomada como fonte de investigação, mas a partir de ângulos e perspectivas diferentes. No caso da AD, foco de nossa investigação, trata-se de olhar algumas das correntes de pesquisa que compõem três das principais tendências da AD francesa: a materialista, a historicista e a enunciativa (BARONAS, 2013).

A partir de sua inscrição em uma determinada corrente da AD, o grupo faz reverberar subespaços discursivos heterogêneos compostos de várias vozes que só passam a se constituir enquanto um programa de pesquisa quando são veiculados por meio de artigos publicados, apresentações em congressos e reuniões científicas. Ou seja, a partir de um programa de pesquisa materialista, por exemplo, novos

desdobramentos e ramificações são propostos por autores brasileiros – como podemos destacar a figura de Orlandi e sua (re)leitura de Pêcheux – num fluido espaço de pesquisa concorrente, cujas várias outras correntes, desenvolvidas por outros grupos, também se destacam. Sua releitura será confirmada e, com isso, produzirá uma vertente de estudos, a partir da divulgação dos resultados em congressos, reuniões e publicação de artigos.

O Brasil congrega um número significativos de revistas – nos seus mais diferentes estratos *Qualis*-Capes A1, A2, B1, B2 etc. – que promovem e divulgam tais estudos. É por isso que no cenário brasileiro poderíamos pensar em uma heterogeneidade de teorias que buscaram, a seu modo, certa inspiração da tradição francesa de AD, mas que, a partir disso, proporcionam novas diretrizes, novas ramificações que os identificam como autores fazendo teorias brasileiras de discurso, isto é, deslocando e expandindo conceitos.

As ciências de língua(gem): estudos discursivos à brasileira

Neste tópico que se abre, procuramos mostrar alguns caminhos dos estudos do discurso desenvolvidos até então no Brasil a partir de certos autores brasileiros que contribuíram, e ainda contribuem muito, para a produção discursiva nas diferentes vertentes de pesquisa que ora selecionamos para o nosso trabalho: enunciativa, dialógica e materialista. Para isso, tomamos os diferentes papéis que diferentes autores brasileiros têm para a construção desse campo discursivo brasileiro e as características que dele são tiradas para constituí-lo. Vejamos os seguintes excertos:

[...] este ensaio [*Estereótipos e identidades: o caso nas piadas*] tem caráter pouco mais que programático. Tenta associar as piadas à questão da identidade, ou mais claramente, tentar explicar aspectos da representação identitária com base em material humorístico, é para mim um problema novo [...]. Por isso, proporei [...] que o estereótipo, tal como funciona nas piadas, talvez seja uma forma peculiar de manifestação, nesse gênero particular, do simulacro, tal como foi proposto e descrito por Maingueneau (2008a) [...] (POSSENTI, 2010, p. 39-40).

[...] Cheguei a uma vertente dos estudos do discurso que, articulando Linguística, Literatura e Ciências Humanas em geral, está assentada no social, no histórico, no cultural, baseada justamente no diálogo, condição humana para a convivência entre eu/outro, convivência que mesmo não sendo pacífica, uma vez que implica diferenças e respeito a elas, abriga o igual e o diferente, as identidades e as alteridades que as constituem. Trata-se do que hoje chamamos de perspectiva

dialógica, que é minha linha básica de pesquisa, e que vem de um conjunto de pensadores russos que escreveram numa época de absoluta falta de diálogo principalmente nos anos 1920, 1930, sob o tacho stalinista. A ideia do diálogo como princípio e fim, num momento de silenciamento de vozes e vidas, tanto na União Soviética daquele momento, como no Brasil da ditadura militar, cujos efeitos são sentidos até hoje, como se pode observar na vida e na arte, foi possível nesse espaço da Semiótica, nome genérico que abriga democraticamente várias tendências [...] (BRAIT, 2017¹¹¹).

O fio condutor deste livro [*As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*] é a apresentação dos sentidos do silêncio e é isso que o estudioso da linguagem encontrará aqui desenvolvido com a cautela de quem cuida de explorar os entremeios tanto das disciplinas como das diferentes teorias da linguagem, procurando no entanto um especificidade (ORLANDI, 2007, p. 11). Tomando Pêcheux como referência básica para entender a análise do discurso da escola francesa [...] (p. 16). Embora não trabalhasse, como trabalhamos, com o silêncio, Pêcheux conduziu com maestria, ao longo de sua reflexão, a consideração da regularidade e do equívoco (p. 16-17). Podemos enfim dizer que há um ritmo no significar que supõe o movimento entre silêncio e linguagem (p. 25).

Os excertos retirados de obras e falas de alguns autores refletem um pouco das questões levantadas por suas pesquisas ao longo dos anos e os caminhos que elas têm tomado no cenário brasileiro de estudos do discursos – estereótipos básicos e opostos, a perspectiva dialógica (do *Círculo* de Bakhtin) e teoria do silêncio. Observamos que tais considerações levantam certas questões interessantes e pertinentes a partir do material disponível e da vertente de trabalho a qual se inscrevem. Podemos dizer que os Estudos de discurso no Brasil têm raízes institucionais que estão ligadas às diferentes formações de profissionais, a partir de gestos de leitura – ou narrativas – próprias de cada autor. Em Possenti (2010), por exemplo, temos a proposta de pensar a questão das identidades criadas a partir de estereótipos – básicos e opostos – já cristalizados na sociedade, refletindo acerca dos conceitos de simulacro e de interincompreensão regrada herdados dos pressupostos de Maingueneau (2008b), vemos um material não estritamente institucional, constituído por um conjunto de piadas que compõe o campo do discurso humorístico.

¹¹¹ Esse excerto faz parte do discurso proferido por Beth Brait na Universidade de São Paulo, em maio de 2017, durante o evento “O percurso da semiótica na USP: homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini”. O evento contou com a presença de vários professores, alunos e pesquisadores na área que prestaram uma homenagem a essas figuras tão representativas para a Linguística Brasileira. Disponível em: http://semiotica.fflch.usp.br/sites/semiotica.fflch.usp.br/files/u57/Hommage_Beth%20Brait_02.pdf. Acesso em 14 de ago. 2017.

Em Brait (2017), observamos uma leitura voltada para a perspectiva dialógica, baseada nos trabalhos de Bakhtin – e as constantes questões em torno de sua autoria – por meio do *Círculo*. Trata-se, pois, de uma expressão para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), isto é, agrega um conjunto de formulações e de obras como resultado de reflexão de um grupo de intelectuais¹¹². Por fim, Orlandi (2007) propõe pensar a teoria do silêncio a partir das proposições empreendidas por Pêcheux e seu projeto epistemológico de uma análise do discurso materialista herdado de Althusser. Vemos, com isso, um conjunto de ideias que compõe o campo discursivo dos Estudos de discurso no Brasil: de um campo coexistem diferentes correntes de pesquisas que se legitimam a partir da constituição de grupos de pesquisas¹¹³ (por exemplo: FEsTA-Unicamp; Linguagem, Identidade e Memória – PUC-SP e Labeurb-Unicamp)¹¹⁴.

Vale ressaltar que essas são apenas algumas das teorias brasileiras de discursos que gostaríamos de mobilizar. O Brasil, por se tratar de um país multilíngue, possui uma quantidade extraordinária de materiais que servem como base de análise e reflexão dos discursivistas. A análise do discurso praticada está longe de focar em apenas uma materialidade – o verbal – e busca compreender a produção dos sentidos nas suas mais diferentes formas verbo-visuais e sincréticas. Neste tópico, temos como objetivo mostrar os desdobramentos desse campo discursivo, assim como trazer, brevemente, algumas considerações das diferentes teorias brasileiras de discurso que comporão, no próximo capítulo, o nosso *corpus* de análise.

Durante muito tempo, a linguística no Brasil desenvolveu-se, basicamente, a partir das reflexões empreendidas de modelos teóricos europeus e norte-americanos, cujo objetivo era eleger (ou importar?) uma certa visão sobre a língua e aplicá-la sobre os dados em português. Atualmente, a linguística do Brasil, mais madura e estabelecida, talvez, conta com modelos próprios que tomam a linguagem como objeto de sua reflexão. Não se trata, pois, de ressaltar uma ou outra teoria, levando em consideração seus pontos positivos ou negativos, mas de reconhecer que

¹¹² A noção de autoria, nas obras de Bakhtin, é bastante discutida entre os intelectuais. Todavia, não entraremos no mérito dessa questão.

¹¹³ Tal afirmação corrobora a nossa hipótese de trabalho, diferenciando-se por exemplo, da ideia de disciplinas, como acontece na França e defendida por Maingueneau (2015).

¹¹⁴ Trata-se de alguns grupos de pesquisas reconhecidos no Brasil e que Sírio Possenti, Elisabeth Brait e Eni Orlandi atuam como líderes ou fazem parte como pesquisadores colaboradores. Há, porém, outros, de diferentes universidades, que congregam pesquisas nas diferentes vertentes de AD que aqui no país se desenvolvem.

pesquisadores brasileiros beberam da fonte estrangeira, adaptando e aproveitando da melhor maneira o que havia de interessante e produtivo.

Uma primeira versão da apresentação desses estudos discursivos à moda brasileira é apresentada por Baronas (2015) na obra *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Trata-se de uma coletânea de artigos, de diferentes correntes de estudos do discurso e de diferentes autores/pesquisadores brasileiros, que abordam o cenário atual brasileiro dos desenvolvimentos desse campo discursivo e, sobretudo, da AD.

O linguista brasileiro começa apresentando uma audaciosa, porém interessante e pertinente hipótese de trabalho: “há no Brasil não somente teorias próprias do idioma, conforme já enfatizado por diversos estudiosos, mas também teorias brasileiras de discurso” (BARONAS, 2015, p. 16). Nesse sentido, ele afirma que importantes pesquisadores brasileiros já propuseram a elaboração de teorias brasileiras de linguagem.

Como forma de elucidar tal afirmação, Baronas faz referência a um artigo, cujo título é *Uma teoria brasileira do idioma*, publicado na Edição 78 da Revista *Língua Portuguesa*, em abril de 2012, por Marcelo Módulo e Henrique Braga. Os autores mostram algumas das teorias linguísticas desenvolvidas por estudiosos brasileiros em nossa geografia nos últimos anos, destacando, por exemplo, a *Gramática construtural da língua portuguesa*, de Back e Mattos (1972); a *Sociolinguística paramétrica* de Tarallo e Kato (1989); e a *abordagem multissistêmica* de Ataliba Teixeira de Castilho (2010). A discussão no artigo centra-se numa breve exposição da teoria proposta por Ataliba de Castilho. Inscrito epistemologicamente numa base sociocognitivista e considerando a língua como um fenômeno complexo e dinâmico, Castilho:

[...] Acredita ser possível analisar os traços lexicais, semânticos, discursivos e gramaticais de uma palavra ou construção, mesmo que ‘em estado de dicionário’. Assim, para o autor haveria um dispositivo central, de base sociocognitiva, que ativaria, desativaria e reativaria os traços linguísticos de uma palavra ou construção em cada um desses sistemas, de acordo com as necessidades linguísticas do falante. Segundo esse ponto de vista, nossa mente operaria num modo simultâneo sobre o conjunto dos processos e dos produtos recolhidos nesses subsistemas (MÓDULO; BRAGA, 2012).

Sob esse prisma, Módulo e Braga mobilizam o item lexical “contra” para mostrar alguns dos problemas que a teoria de Castilho tenta elucidar,

[...] Quais traços semânticos esse vocábulo pode comportar? Como esses traços foram agrupados (lexicalizados) nessa palavra? Qual o comportamento desse termo na estrutura sintática de uma frase? Como os falantes usam essa palavra na interação com outros indivíduos? Uma análise multissistêmica pressupõe essa multiplicidade de questões sobre um mesmo fenômeno linguístico (MÓDULO; BRAGA, 2012).

Sob tais contribuições, para corroborar sua hipótese, Baronas (2015) mobiliza também uma fala intitulada *A fábrica de ideias linguísticas do Professor Salum, o pinheiro e o lago*, de Rodolfo Ilari, professor da Unicamp, proferida na Universidade de São Paulo, durante a realização do 61º Seminário do GEL, em julho de 2013. A conferência realizada por Ilari teve como objetivo mostrar o conjunto de textos manuscritos por Isaac Nicolau Salum, produzidos em meados dos anos sessenta, cujas ideias refletiam sobre uma *Abordagem linguístico-retórica dos textos*, ou mais popularmente, a *Teoria dos Garfos*¹¹⁵. Diante de tais situações destacadas por Baronas, podemos afirmar que há uma “existência não só de uma linguística no Brasil, mas também de uma linguística do Brasil” (BARONAS, 2015, p. 16) graças à diversidade de vertentes que aqui se configuram e da forma como o discurso é empregado nas suas diferentes materialidades.

Expandindo tais características brasílicas para a área do discurso, por exemplo, vemos constantes reformulações e proposições teóricas que podem ser pensadas, tais como a *Semiótica da canção*, proposta por Luiz Tatit (2007); a *Teoria do silêncio*, de Eni Orlandi (2007), a *Semântica do acontecimento*, proposta por Eduardo Guimarães (2005); a *Teoria dos estereótipos básicos e opostos* (2010), de Sírio Possenti, entre outras. Com efeito, tais teorias, apesar de tomarem o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói o seu objeto teórico de maneira bem diferente.

Nesse sentido, Baronas (2015) defende a ideia de que há uma ciência brasileira de língua(gem) voltada aos estudos discursivos. Ao fazer referência a uma ciência, o autor não objetiva negar o seu caráter universal, mas apenas dá destaque à singularidade das ciências – organizadas pelas diferentes teorias de discurso –

¹¹⁵ A teoria, bastante pertinente para a época e ainda muito pouco explorada, talvez, tem como função compreender as relações de sentido promovidas entre os diferentes níveis de um texto. Ou seja, é uma teoria que busca entender o funcionamento da “inteligência linguística do texto”, em especial, o literário, procurando descrever os seus valores semânticos, estilísticos, retóricos e ideológicos (BARONAS, 2015).

elaboradas e desenvolvidas por autores e pesquisadores brasileiros no âmbito da linguagem¹¹⁶.

A (re)leitura do linguista é bastante polifônica, trazendo outras vozes para compor o que ele vai denominar de “teorias brasileiras de discurso”. Vemos no prefácio de sua obra uma apresentação sugestiva do campo dos estudos discursivos brasileiros delineada pela semioticista Diana Luz Pessoa de Barros. *A priori*, a nosso ver, tal primeiro diálogo corrobora as afirmações do autor acerca da composição desse campo – heterogêneo – no Brasil, no qual a semiótica francesa, sobretudo a de tradição greimasiana, assume um importante lugar¹¹⁷.

Desse modo, a pesquisadora aponta que em outros trabalhos os diferentes estudos do discurso trouxeram novas posturas e objetos aos estudos da linguagem datados da segunda metade do século XX, destacando-o a partir de fundamentos, quadros teórico-metodológicos diversos. Barros afirma que entre essa divergência de caminhos da teoria, ainda é preciso lembrar que um ponto comum se faz presente: os estudos do discurso ocupam

Um espaço vazio entre posições bem definidas e separadas pelos estudos linguísticos anteriores (língua vs. fala, competência vs. performance, enunciação vs. enunciado, linguístico vs. extralinguístico). Ao tratar assim, e ao mesmo tempo, do social e do individual, da argumentação e da informação, da intersubjetividade e da subjetividade, da organização do discurso e do dialogismo, esses estudos ocasionaram mudança de posicionamento nos estudos da linguagem e a eles atribuíram novos papéis (BARROS, 2015, p. 8-9).

Desse modo, por estarem nesse “vão” pouco estável, os Estudos de discurso assumem um papel digno entre os estudos linguísticos, rompendo com a tradição da

¹¹⁶ Assim como Baronas (2015), não propomos negar o caráter universal da ciência ou colocarmo-nos como um Policarpo Quaresma, cujo sentimento ufanista/nacionalista é pregnante, mas apenas dar destaque às singularidades das pesquisas desenvolvidas em solo brasileiro, isto é, fazendo referência à gramatiquinha de Mario de Andrade, sejamos brasileiros, sem sermos nacionalistas. Diante do conjunto extenso de correntes dos estudos do discurso que atualmente compõem o espaço discursivo brasileiro, propomos elencar algumas delas, mostrando o seu projeto epistemológico ao qual está vinculado e os possíveis desdobramentos a partir dos diferentes materiais que os discursivistas brasileiros se utilizam para compor sua “nova” teoria/“nova” narrativa.

¹¹⁷ O discurso é um objeto importante nas considerações teóricas da teoria semiótica greimasiana, trata-se de uma corrente de estudos bastante difundida e trabalhada em solo brasileiro em diferentes contextos acadêmicos. A USP, nas últimas décadas e trabalhada em solo brasileiro em diferentes contextos acadêmicos. A USP, nas últimas décadas, tornou-se um dos centros especializados em semiótica francesa, tendo desenvolvido o Grupo de Estudos Semióticos (<http://semiotica.flch.usp.br>); além de fazer referência no nome do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral; ademais, vemos periódicos importantes na área, classificados como *Qualis-Capes A2*, tal como o *Caderno de Semiótica Aplicada* (<http://seer.fclar.unesp.br/casa>) sediado na Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, *campus* Araraquara. Uma derivação da teoria francesa, e desenvolvida no Brasil, é trabalhada pelo professor Luiz Tatit cuja proposta concentra-se em torno de uma Semiótica da Canção (2007).

estabilidade e recuperando a instabilidade própria da linguagem. Podemos dizer, com base em Barros (2015), que os rumos¹¹⁸ dos estudos do discurso em solo brasileiro tiveram um desenvolvimento significativo e por essa razão é que podemos pensar os Estudos de discurso à brasileira. É importante frisar que tais afirmações não reforçam a criação de novas teorias, outros paradigmas, a partir da seleção de novos métodos e objetos, todavia permite-nos dizer que os estudos à moda do Brasil possibilitam mostrar os desdobramentos, os deslocamentos, as ramificações e alterações que são feitos numa teoria de base francesa, cujos primórdios foram as contribuições do projeto epistemológico de Pêcheux e sua *Análise Automática do Discurso*.

Consoante a autora, há cinco traços característicos do desenvolvimento dos Estudos de discurso em nosso país que deram força a tais empreendimentos permitindo uma “adequada conciliação entre a novidade e a tradição” (p. 9). O primeiro traço está ligado à tradição universitária, em que “os primeiros entusiastas” dos Estudos de discurso, vinculados ao campo de Letras, formaram escolas, criaram cursos introdutórios e promoveram as discussões teóricas a partir da publicação de livros, além de proporem aspectos teórico-metodológicos de variadas análises e traduzirem estudos de pesquisadores da análise do discurso, sobretudo os franceses, para o português. Vemos nessa primeira característica o traço da institucionalização e da disciplinarização dos estudos discursivos no ambiente acadêmico brasileiro – um importante acontecimento discursivo¹¹⁹ na perspectiva de Guilhaumou (2009) – como disciplinas universitárias, favorecendo a pesquisa. A segunda característica está marcada pela preocupação em formar novos pesquisadores e professores na área. Propõe-se, com isso, retomadas, recuperações e desenvolvimento de novos aspectos teóricos que impulsionam as mudanças de objeto e de extensão de aplicação da teoria.

A terceira retrata os desafios linguísticos de uma sociedade multilíngue e pluricultural como é o caso do Brasil. Essa característica justifica, de certo modo, a introdução e o desenvolvimento dos estudos discursivos na universidade brasileira, cuja função central era de procurar descrever e construir suas identidades, explicar os processos de significação do homem e de apontar traços universais e específicos. Barros (2015) cita ainda que a intensa atividade política e a abordagem dos temas problemáticos acerca dos políticos do Brasil (e da América Latina em geral) foram o

¹¹⁸ A palavra “rumo”, empregada aqui, é emprestada de Barros (2015) e está inscrita no âmbito da semiótica francesa. A autora toma sua significação como “movimento, construção, transformação, intencionalidade e direcionalidade” (p. 8) que define os caminhos dos estudos discursivos no Brasil.

¹¹⁹ Fazemos uma descrição mais detalhada dessa outra hipótese em nosso capítulo analítico.

mote principal que causou interesse dos pesquisadores da linguagem brasileiros por meio dos Estudos de discurso, além de tratar da luta ideológica e fazer uma crítica cultural e social.

Não podemos deixar de considerar, assim como propôs Maingueneau (2015), que esse campo, por estar nesse “vão” não estável entre os pontos bem estabelecidos, abre a possibilidade de diálogo com outras disciplinas – Psicanálise, Antropologia, Sociologia, teoria da comunicação etc. – e teorias. Trata-se, pois, nesse momento da quarta característica dos desenvolvimentos dos Estudos de discurso no Brasil. As contribuições que tais estudos discursivos trouxeram aos estudos linguísticos possibilitam novos diálogos e reformulações constantes, que favorecem o alargamento do seu objeto. Por fim, a quinta e última característica levantada por Barros (2015) relaciona-se ao alargamento dos objetos desenvolvidos e construídos por esses estudos. Pode-se observar que há mudanças teóricas e metodológicas que permitem uma extensão de suas considerações e, sobretudo “pelo exame dos discursos sociais e culturais do Brasil em busca de definições, de identidade, de formas de representação, de sentido enfim” (p. 12). A autora, referindo-se ao espaço discursivo ao qual se inscreve – a semiótica – mostra um exemplo dessa extensão da teoria: na semiótica discursiva, quando da análise inicial era observar certo tipo de texto – o verbal –, passou a textos não verbais, sincréticos, figurativos ou temáticos, a qualquer tipo de texto, cujas causas, segundo a pesquisadora, referem-se aos desenvolvimentos da sintaxe narrativa modal, dos percursos passionais do discurso, entre outros.

Outro fator relevante que caracteriza tal alargamento do campo, defendido por Sírio Possenti (2010, 2018) no interior da análise do discurso, é que ela não deve se ocupar apenas de discursos institucionais e/ou públicos, pois, a seu ver, a teoria muito teria a ganhar se considerasse outros tipos de discursos, menos institucionais e mais fluidos, como, por exemplo, os discursos do cotidiano, a saber: o discurso humorístico. Tais discursos tornaram-se objeto de diferentes reflexões nos últimos anos, como a semiótica da canção, proposta por Tatit em 2007 que, de uma só vez, procura observar melodia e letra.

Deveríamos, assim, acrescentar a tais ideias, traços marcantes dos Estudos de discurso que se fazem em solo brasileiro que, muito provavelmente, não têm medo de abrir sendas e/ou veredas, percorrer caminhos poucos seguros, procurar certos desvios, manter a preocupação com a sociedade, a história e a cultura etc. Temos,

com tais estudos à brasileira, características próprias que fazem desse campo um espaço discursivo peculiar e único, fonte de inúmeras discussões e reflexões – ainda pouco difundidas – entre os espaços de pesquisa do Brasil. Tais proposições, *mutatis mutandis*, têm significativamente contribuído para o conhecimento da linguagem, em um campo de expressivo desenvolvimento, por meio da língua e de seus discursos, assim como, em seu modo brasileiro de ser, isto é, permite a disposição de novas ressignificações – e novas acepções – a partir de novas materialidades em que o discurso configura-se como objeto de trabalho.

Com base em Baronas (2015), diante dessa diversidade de objetos e materiais, e as diferentes vertentes de estudos do discursos forjadas em solo brasileiro, podemos elencar algumas das seguintes teorias do discurso: *a teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos* (2010), elaborada por Sírio Possenti; *a Teoria do silêncio*, de Eni Orlandi (2007); *a Semântica do acontecimento*, de Eduardo Guimarães (2005); *a Análise dialógica do discurso verbo-visual*, proposta por Brait a partir de 1995; *a Semiótica da Canção*, de Luiz Tatit (2007); *a Semiolinguística* desenvolvida pelo Núcleo de Análise do Discurso (NAD), coordenado por Ida Lúcia Machado; por fim, *a Abordagem foucaultiana do discurso*, proposta por Maria do Rosário Gregolin e seu grupo de estudos GEADA, desenvolvida no final dos anos noventa. Todas essas teorias, embora tenham conversado, ora mais ora menos, com as teorias desenvolvidas em solo francês do final das décadas de sessenta e setenta, possuem certos traços epistemológicos que são típicos de uma AD do Brasil.

Ao depararmos-nos com tais teorias, encontramos diferentes narrativas que refletem o olhar – multifacetado e heterogêneo – do pesquisador diante do seu objeto; desse modo, não se trata apenas de simples expansões que dão conta de traços específicos, mas são programas de pesquisa no sentido atribuído a essa metodologia por Lakatos, concorrentes e que coexistentes em uma mesma rede de pesquisa discursiva.. Para defendermos tais implicações, buscamos mobilizar alguns trabalhos e pesquisadores brasileiros que tenham se dedicado a trabalhar com tais teorias e arcabouços teórico-metodológicos fazendo, de certa forma, as teorias rangerem.

Dada a diversidade de correntes teóricas aqui desenvolvidas, um cenário tão profícuo e particular de reflexões acerca do discurso, promovemos a seguir a descrição de algumas teorias brasileiras de discurso que refratam, a nosso ver, um “toque pessoal” e bem brasileiro de se fazer análises de discursos por meio dos deslocamentos, ramificações e escansões realizadas nesse campo discursivo. Podemos

observar, dessa forma, que as diferentes narrativas teóricas, a seu modo, propostas por diferentes autores brasileiros, a maioria de tradição francesa, foram acomodadas aos trópicos e saíram, de certo modo, enriquecidas, adaptando toda uma cultura do discurso à francesa a partir de novos olhares e novas narrativas. Chega-se, portanto, ao tempo de pensar uma “aclimatação” dessas teorias em cadinho verde e amarelo.

Para citarmos um exemplo desse possível deslocamento, enquanto uma corrente das análises de discursos praticada no Brasil, inscrita numa tendência materialista, podemos trazer os pressupostos desenvolvidos pelo pesquisador Eduardo Guimarães (Unicamp) a respeito de uma *Semântica do acontecimento*. Apesar de sua filiação teórico-metodológica estar inscrita num modelo formal da enunciação de Benveniste, trazer contribuições da teoria polifônica da enunciação de Ducrot e de pensar a enunciação como acontecimento de linguagem inscrito na história (memorável), ele, à sua maneira, contribui para um deslocamento epistemológico desses princípios e concretiza uma nova maneira de dizer sobre o discurso, desenvolvendo, com isso, uma teoria de discurso.

Dessa forma, segundo o estudioso, para que um acontecimento ocorra é necessário destacar dois elementos que são decisivos para sua realização: a língua e o sujeito na constituição histórica do sentido. Além desses dois elementos, pode-se considerar também a questão da temporalidade dos acontecimentos, que se torna fator relevante para definir o sentido e propor novas interpretações, novos gestos de leitura. Para tal funcionamento discursivo, é necessário que haja uma materialidade histórica do real, considerado não apenas um ser físico, produtor de enunciações, mas um ser que enuncia “afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2005).

O acontecimento, segundo Guimarães (2005), temporaliza, assim, o sujeito não é o responsável pela temporalização, mas é o próprio acontecimento. Ademais, o autor, em seu trabalho, preocupa-se em definir o espaço enunciativo. Para ele, corresponde ao lugar de constituição entre línguas e falantes. Essa relação interessa ao estudioso enquanto espaço regulado e enquanto disputas pela palavra, a partir de um posicionamento político. Não se pode tomar os falantes como indivíduos que falam esta ou aquela língua, mas sim falantes determinados pelas línguas que falam, enquanto figuras políticas determinadas pelo seu funcionamento que se misturam, transformam-se, alteram-se por uma incessante disputa. O falante não é a figura

empírica, mas sim política constituída pelos espaços de sua enunciação. Para o estudioso,

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais (GUIMARÃES, 2005, p. 19).

Ainda segundo Guimarães,

O espaço de enunciação é assim decisivo para se tomar a enunciação como uma prática política e não individual ou subjetiva [...]. Falar é assumir a palavra neste espaço dividido de línguas e falantes. É sempre, assim, uma obediência e/ou uma disputa [...]. Enunciar é estar na língua em funcionamento (GUIMARÃES, 2005, p. 22).

Diante do exposto, se retornarmos aos princípios de Lakatos, o epistemólogo reconhece que podem haver vários programas de pesquisa que concorrem em relação a outras ciências que buscam dar conta de explicar o mesmo objeto, contudo, eles não dão conta, por exemplo, de descrever e interpretar como são construídas numa relação de litígio as diferentes narrativas históricas que constituíram tais ciências. É a partir de tais reflexões que adotamos o conceito de narrativa do acontecimento proposta por Guilhaumou (2009), que pode nos explicar essa lacuna deixada inicialmente.

Como podemos observar na breve exposição dos pressupostos teóricos, Guimarães parte de alguns princípios iniciais da Análise do Discurso de base francesa para construir, a seu modo, sua narrativa, modelando-a a partir de sua própria teoria de discurso. Enquanto proposição, essa teoria também não invalida ou refuta o núcleo duro da disciplina AD, mas expande, desloca, transforma a teoria, configurando-a em uma nova forma de abordar a questão do discurso. Poderíamos pensar, desse modo, numa expansão ou ramificação teórica do discurso enquanto disciplina brasileira, pois é constituída por uma metodologia pertinente para o tipo de objeto eleito.

A partir do momento em que há publicação de livros, artigos, debates em congressos científicos, revistas de divulgação, promoção em disciplinas na graduação e pós-graduação, temos um novo momento de pesquisas que se fixam e se consolidam no Brasil como um campo de Estudos de discurso. Se considerarmos a teoria de Guimarães, poderíamos dizer, além disso, que tais pressupostos corroborariam o

campo, não refutando o núcleo firme da AD, mas expandindo-o e colocando-o à prova nos mais diferentes dispositivos.

Outro exemplo interessante de análise do discurso numa tendência historicista foucaultiana é promovida pelo Grupo de Estudos de Análise do Discurso (GEADA-Araraquara)¹²⁰ na Universidade Paulista (UNESP-Araraquara). O grupo é coordenado por Maria do Rosário Gregolin e já existe há mais de vinte anos. Seus trabalhos têm como objetivo promover e discutir as bases epistemológicas e teórico-metodológicas da AD com ênfase nas contribuições de Michel Foucault. O grupo frequenta diferentes *corpora*, que são constituídos por textos produzidos em diversos momentos históricos, em especial pelas mídias. Os trabalhos procuram descrever o papel do discurso na construção da nacionalidade, elencando textos que circulam no meio escolar e textos midiáticos. Nos últimos anos, com o recorrente uso das mídias como mote de trabalho, o grupo tem proporcionado às suas discussões as relações entre análise do discurso e estudos de mídia. Inseridos na produção de conhecimentos da área de Linguística, os membros propõem compreender os mecanismos discursivos de produção de sentidos na história.

Outra narrativa contada no âmbito brasileiro que ora propomos descrever, brevemente, é a *Teoria Semiolinguística*, proposta inicialmente por Patrick Charaudeau na França e bastante trabalhada pelo grupo *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *Uma teoria não se impõe sozinha. Ela se constitui ao longo do tempo, muitas vezes sem o conhecimento daqueles que a mobilizam*¹²¹. Essa afirmação de Charaudeau no prefácio de um dos vários livros organizados pelo referido grupo reflete a maneira como tal teoria foi se fazendo presente e discutida num espaço discursivo brasileiro determinado.

Desse modo, a Semiolinguística foi responsável por ajudar a criar as pesquisas desenvolvidas pelo NAD e em 1994 se concretiza como área de trabalho no Programa de Pós-Graduação da UFMG. Por meio de dois projetos CAPES/COFECUBE, realizados entre a Universidade de Minas Gerais e o *Centre d'Analyse du Discours* (CAD) de Paris, foi possível obter várias trocas e estabelecer parcerias de pesquisa

¹²⁰ Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com.br/p/sobre-o-geada.html>. Acesso em 14 de ago. 2017.

¹²¹ Tradução nossa. No original: *Une théorie ne se décrète pas. Elle se forge au cours du temps, souvent à l'insu de ceux qui y travaillent*. Cf. : MACHADO, Ida Lúcia et al. **Movimentos de um percurso de análise do discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

entre os pesquisadores franceses e brasileiros, promovendo missões de estudo e trabalho entre ambas as instituições. É a partir dessa relação de trabalho, sem dúvida alguma, que a teoria Semiolinguística adentrou no Brasil.

A priori, tal “aclimatação” da teoria causou certo “estranhamento” entre os membros do grupo, justamente por trazer uma metodologia da França “estranha” aos trabalhos até então desenvolvidos no país, cujos princípios basilares “fugiam” dos valores teóricos já em vigor e empreendidos no Brasil, sobretudo, na Unicamp, com os trabalhos que estavam estritamente ligados à Pêcheux, Althusser, Lacan e Foucault. Segundo Machado (2010),

A Semiolinguística, para espanto geral, não se propunha a desvendar a ideologia que se escondia sob certos textos: ela se preocupava mais com os papéis sociais assumidos por um sujeito do discurso, sujeito múltiplo, é verdade, mas que também fazia questão de sua identidade (p. 218)¹²².

Em se tratando da teoria em si, ela tem como objetivo privilegiar o sujeito do discurso. Ao contrário de outras teorias que privilegiam o sujeito como uma entidade abstrata, a Semiolinguística toma o sujeito individual e coletivo para a sua descrição. O sujeito é coletivo porque vive em uma dada sociedade e não pode escapar de suas regras e dos seus “contratos comunicativos”, caso queira se comunicar (MACHADO, 2010). Consoante Machado (2010), Charaudeau considera o sujeito como fator social e esse “social” é definido como algo amplo: “ele fala de política, ele tem seus ideais e suas ideologias, ele é ‘atual’ em meio a centenas, milhares de vozes que escuta e que lhe demandam: ‘fale’, ‘argamente’, ‘responda’, ‘aja’, enfim ‘use’ a palavra!” (p. 219).

Nesse sentido, é importante que o analista leve em consideração a identidade desse sujeito assim como as relações de força estabelecidas no dia a dia entre os seres humanos (comunicantes) que vivem em uma sociedade qualquer. Falamos sempre para podermos influenciar o outro, queremos que o outro nos ouça, nos compreenda e,

¹²² A Semiolinguística também adquiriu a designação de “terra de acolhida” no *Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso* (CIAD-Rio), parceiro nos convênios realizados entre o NAD e o CAD. CIAD-Rio e NAD, nos anos 2007 e 2008, foram responsáveis pela tradução do livro *Linguagem e Discurso: modos de organização*, reunindo as principais conceituações dessa teoria, dando caráter inédito no Brasil aos trabalhos desenvolvidos por Charaudeau. Machado e Pauliukonis, na apresentação da obra, frisam que “[gostariam] de chamar a atenção do leitor para o caráter de ‘adaptação’ [...]. É possível que muitos pesquisadores que já tenham estudado a Teoria Semiolinguística reconheçam algumas passagens de obras já publicadas pelo supracitado autor [Charaudeau]. No entanto, nossa equipe [...] empreendeu um trabalho de junção de vários escritos, fazendo com que o presente livro esteja mais próximo de uma obra inédita do que de uma tradução/junção propriamente dita. Neste livro, vários conceitos foram revistos e representados de acordo com o estágio atual da teoria, várias outras formulações ganharam matizes mais contemporâneos e os exemplos foram transpostos para a realidade brasileira.” (*Linguagem e Discurso*, 2008, p. 9 apud MACHADO, 2010, p. 218-219).

se possível, pense e veja o mundo como nós o interpretamos. A esse fenômeno Charaudeau chamou de “relações de influência” (1983, 1992, 2008).

Nem sempre essa relação com o outro é simétrica. Para poder captar a sua atenção, é preciso que ele se torne nosso parceiro e/ou cúmplice na troca comunicativa, e para tal intensa atividade é necessário valer-se de algumas estratégias, saber construir o mundo pelo *logos*, lidar com gestos e ações que possam colocar em prática todo um aparato linguageiro. É por meio desse aparato e o conjunto de estratégias que poderá (ou não) fortalecer nosso *ethos* e atingir o *pathos* do nosso interlocutor, escutando nossas ideias e conjunto de palavras.

Charaudeau (1983, 2008) propõe um esquema comunicativo para explicar o desdobramento dos sujeitos que agem no ato de linguagem. No lado externo desse ato, encontramos um sujeito-comunicante e um sujeito-interpretante, já no lado interno, voltado ao “dizer”, observamos a ocorrência de um sujeito-enunciador e um sujeito-destinatário ideal. Dessa relação, e para que o ato comunicativo se concretize, é preciso (no mínimo) que o sujeito-interpretante/sujeito real, se esforce na compreensão dos gestos comunicativos e as visadas por parte dos sujeitos-comunicante/enunciador. Esse “jogo” comunicativo envolvendo diferentes “eus” não deixa de fazer referência a Benveniste (1967) e sua teoria enunciativa, em que para todo “eu” supõe-se um “tu”. Entretanto, para Charaudeau (2008), esta relação entre “eu + tu” estaria imbuída de um “princípio de alteridade”, fator que permite as trocas entre parceiros (MACHADO, 2010). Em outras palavras,

[...] Os sujeitos comunicante e interpretante estão submissos a uma série de fatores psicossociais e culturais que vão modular a elaboração/recepção de um determinado ato de linguagem em sua forma micro ou macro. Se alguém nos irrita em uma troca linguageira, mesmo que tentemos disfarçar, nosso tom de voz ao tomar a palavra poderá aparecer um tanto quanto alterado, em função das emoções ali ressentidas. Se algo nos preocupa, na vida rela, talvez não consigamos ser tão claros como gostaríamos ao redigir uma carta, um projeto ou um artigo. Ou mesmo a dar uma aula... Os textos (estamos aqui considerando ‘textos’ com o mesmo sentido de ‘atos de linguagem’) que produziremos conterão marcas ou pistas que podem levar um observador mais arguto a chegar ao nosso descontentamento emocional. Ou, pelo contrário, visto de um lado mais otimista: à nossa alegria de viver (p. 220-221).

Nesse sentido, a noção de sujeito para Charaudeau precisa ser pensada em uma linha fina (e pontilhada) que parte dele próprio – isto é, constituído de uma cultura e inscrito numa certa sociedade – aos seus possíveis desdobramentos na sua

relação com o meio, que ora assume uma posição de sujeito eu-enunciador, ora um sujeito eu-destinatário. Para tal composição, podemos dizer que “há um ‘jogo’ entre os diferentes ‘eus’ que sustentam o ato languageiro” (MACHADO, 2010, p. 221). Todo ato de linguagem, seguindo certas regras codificadas pela sociedade já instituídas por contratos sociais, ocorre efetivamente em uma dada situação de comunicação¹²³.

Tendo a Linguística como base de suas reflexões, Machado (2010) afirma que

A teoria criada por Charaudeau aponta, pois para uma análise do discurso que, ao privilegiar o social, o implícito e o explícito da linguagem, não se esquece de suas origens ‘telúricas’: [a] por que nos dirigimos ao outro?; [b] quem somos nós para falar assim?; [c] qual nosso lugar neste momento?; [d] o que estamos fazendo ao nos apropriar da linguagem? [e] quais são nossos objetivos ou visadas?; [f] nosso discurso é apropriado para tal interlocutor? Eis algumas das muitas perguntas que, inconscientemente ou não, nos fazemos ao conceber nossos projetos de fala ou de escrita (p. 221-222).

A Semiologia não é a única AD praticada na UFMG. Trata-se de uma teoria empreendida por um grupo de pesquisa coordenado por Ida Lúcia Machado e Wander Emediato. A construção desse quadro teórico ocorre pela colaboração entre alunos e professores por meio de suas pesquisas que se dedicam a essa “aventura” e “expedição” pela “floresta Semiologia” (MACHADO, 2010, p. 222).

O conjunto de pesquisas que segue tal corrente, ora apresentado em congressos e reuniões científicas, ou defendido nos programas de pós-graduação, ora divulgado por meio de artigos e revistas, corrobora, a nosso ver, a constituição dessa narrativa Semiologia, por exemplo, num espaço discursivo preciso da AD do Brasil¹²⁴. Neste ponto, podemos dizer que teríamos mais sorte que nossos colegas

¹²³ Além da noção de sujeito proposta por Charaudeau, é preciso destacar outros pontos-chave dessa Teoria Semiologia: o jogo de expectativas (*enjeux*); os princípios que regem a comunicação entre os pares (de interação, de pertinência, de regulação e de influência); os contratos; as visadas contidas nos diferentes atos de linguagem e os modos de organização do discurso. (MACHADO, 2010).

¹²⁴ No texto *A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil*, Machado (2010) cita três trabalhos que além de mobilizarem o quadro teórico de Charaudeau – a Semiologia – possibilitaram também ilustrar a grande diversidade que tal metodologia pode abrigar na descrição de diferentes *corpora*. Em sua tese de doutorado, Santos (2000) propôs descrever o discurso universitário institucional, formalizado como tipologias discursivas. O avanço obtido em relação à teoria empregada foi duplo: em primeiro lugar, a autora aplicou os princípios da Semiologia para melhor compreender a constituição do discurso acadêmico brasileiro e, por meio da investigação da teoria de Charaudeau, conseguiu ampliar o leque de seus possíveis fundamentos tornando a própria Teoria um objeto de pesquisa. Já no trabalho de Mello (2002), vemos a proposição de analisar os sujeitos e os silêncios do discurso da escritora Nathalie Sarraute. Utilizando-se de um *corpus* literário, Mello aproximou as portas da AD para a área da Literatura; nessa interface – linguística e literatura – possibilitou expandir os contornos da teoria charaudiana. Por fim, Machado destaca o trabalho de dissertação de Rolim (2000), cujo tema foi dedicado a um estudo de caso no discurso filosófico à luz da Semiologia. Tomando como *corpus*

franceses: por gozarmos de um *corpus* diversificado (e, muitas vezes, inusitado), podemos acolher diferentes preferências metodológicas no âmbito da AD, possibilitando a observação de outros quadros teóricos, outras narrativas para compor e sustentar um aparato metodológico específico.

Há também outra vertente de trabalho em análise de discurso no Brasil, a chamada *Análise de Discurso Crítica*. Embora não faça parte desta nossa construção epistemológica, vale ressaltar aqui o papel que tal vertente de estudos tem desenvolvido em nosso país nos últimos anos, fazendo parte da história e do processo de institucionalização da AD no Brasil. A ADC, na perspectiva de Izabel Magalhães, por exemplo, tem consolidado uma área de constantes dilemas contemporâneos cujo objetivo é propor um método e uma teoria capazes de “descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico” (MAGALHÃES, 2005) por meio de uma etnografia discursiva¹²⁵. Nessa perspectiva, a linguagem é fruto de uma prática social e tem como função discutir temas sociais e polêmicos, tais como discriminação, racismo, sexo, entre outros. Desse modo, a partir da sua primeira aparição nos trabalhos de Fairclough, em especial em um artigo publicado na *Journal of Pragmatics* (Fairclough, 1985) até os recentes desdobramentos, é possível encontrar outras perspectivas críticas advindas de Van Dijk (1985, 1998, 1989, 1992, 1995, 2001) e Wodak (2001a, 2001b) e que são divulgadas por diferentes pesquisadores por meio de (re)leituras em distintos contextos acadêmicos – UnB, UFMG, USP, UFPE, UFSC, entre outros¹²⁶.

Como forma de aplicação de sua metodologia, podemos destacar a publicação do livro *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa* (2017), de Izabel Magalhães, André Ricardo Martins e Viviane de Melo Resende. A obra,

o *Ménon*, de Platão, a pesquisadora dedicou-se a olhar a forma dialogal, centrando sua atenção no ato de fala “pergunta”. Tal ato, na visão da autora, configurou-se como uma “estratégia argumentativa inerente à *mise en scène* linguageira concebida por Platão” (MACHADO, 2010, p. 224-225). O referido trabalho possibilitou aproximar a Semiologia com o campo filosófico, trazendo, com isso, muitas reflexões positivas para a área. Nesse sentido, vemos três distintos trabalhos que apresentam um mesmo instrumental teórico, porém aplicado em diferentes circunstâncias e em diferentes *corpora*. Nos últimos anos, o NAD, por meio de seus pesquisadores, tem aberto novos caminhos desenvolvidos na corrente da Semiologia tratando conceitos como *ethos* e emoção. Cf: MACHADO, I. L.; MENEZES, W; MENDES, E. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

¹²⁵ Tal termo foi cunhado inicialmente por ela no livro *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*, publicado em 2000. Seu objetivo é unir a análise de discurso crítica com a pesquisa etnografia.

¹²⁶ Cf: MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: a análise de discurso crítica*. Revista **DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada**. Vol. 21, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002>. Acesso em 14 mai. 2018.

publicada pela Editora de Brasília, tem como objetivo contribuir com os estudos da ADC no Brasil por meio da etnografia discursiva, sobretudo levantando os aspectos metodológicos dessa vertente em diferentes capítulos teórico-metodológicos.

As teorias elencadas anteriormente, a título de exemplificação, refletem um pouco dos diferentes espaços da Linguística discursiva brasileira. Dada a diversidade e heterogeneidade desse universo, tentamos delimitar algumas teorias desenvolvidas (e ainda em desenvolvimento) justamente por ser um domínio em constantes mudanças. Nossa função é conhecer alguns contornos já bem estabelecidos nesse campo de saber que se pretende, cada vez mais, diversificado e multifacetado. Trata-se de um empreendimento de fôlego compreender os caminhos da escrita da AD no Brasil (como nós defendemos, AD do Brasil), motivo pelo qual, por ora, nos impele a restringir nossa análise, sem deixar de reconhecer as demais correntes de discurso que também trazem, em suas narrativas, um “jeitinho brasileiro” de se fazer análise do discurso e que contribuem, de certo modo, para a escrita da história do tempo presente desse campo em nosso país.

Das análises de discurso no/do Brasil: as edificações teóricas a partir de 1990

A AD, qualquer que seja a sua metodologia, parece ter no Brasil, de norte ao sul, de leste a oeste, muito terreno para percorrer. E muitos *corpora* para deslindar. Eis um belo presente que nos foi legado por nossos colegas franceses (...). E um presente que, de certo modo, reenviamos a eles, já que divulgamos suas ideias e, graciosamente, bem com um “jeitinho brasileiro”, transformamos e ampliamos os seus conceitos...

Ida Lúcia Machado. 2010, p. 226

O excerto, retirado do texto *A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil* (2010), de Ida Lúcia Machado, faz-nos refletir sobre alguns de nossos objetivos que ora propomos neste capítulo: como o instrumental teórico da análise do discurso, surgida na França nos anos sessenta, *a priori*, de cunho político, adquire no Brasil – um país multilíngue e de diversidade cultural singular – características peculiares de desenvolvimento, promovendo certos deslocamentos e determinadas escansões a partir de diferentes circunstâncias em diferentes *corpora*?

No referido texto, a autora frisa que o Brasil tornou-se um cenário particular na prática dos estudos discursivos ao trazer um conjunto diverso de teorias que tomam o discurso como objeto de observação, mas o ressignificam por meio de uma metodologia e corrente de pesquisa dada. Além disso, Machado (2010) afirma que as pesquisas em torno da Semiologia, campo de sua inscrição teórica, em nosso país alcançaram novos voos, cujo toque bastante pessoal e brasileiro vem ganhando contornos significativos ao construir análises de discursos, no plural. Isso se aplica também a outras vertentes de discurso, com suas respectivas correntes, compondo um campo maior de estudos, o discursivo. Trata-se, pois, de não tomar a teoria estrangeira e fazer uma mera reprodução (e simplificação) de seu conteúdo, pelo contrário, propõe-se – por meio das diferentes vertentes e correntes que aqui se desenvolvem – a sua (res)significação conforme os materiais e as ferramentas teóricas disponíveis em um solo bastante fértil e fonte de inúmeras reflexões: “somos mais livres que

pensávamos, no âmbito da AD e essa liberdade estimula, sem dúvida, a criatividade” (MACHADO, 2010, p. 226).

Nesse caminho, é importante observarmos a organização teórica de nosso então *campo discursivo* brasileiro, compreendendo diferentes vertentes¹²⁷ de estudos do (sobre o) discurso que, por sua vez, se configuram em distintas correntes¹²⁸ teóricas desenvolvidas em todo o território nacional em forma de grupos de pesquisa¹²⁹. Trata-se, pois, de analisar a composição da história do tempo presente da análise do discurso (e as suas constantes reconfigurações), num espaço de pesquisa cada vez mais fluido, heterogêneo e com características dos trópicos. Ao desenharmos tal geografia, acreditamos estar diante de dois acontecimentos discursivos importantes: o processo de recepção e a institucionalização da AD (esta ainda em andamento) no espaço discursivo brasileiro.

Buscamos, com isso, compreender os contornos assumidos por esse campo no cenário brasileiro atual, valendo-nos de todas as suas contribuições teóricas implementadas por diferentes textos, artigos científicos, comunicações, promotores de novos questionamentos e novos caminhos de reflexão a uma ciência em constantes (re)definições. Descrever, por ora, os contornos de um campo em sua história do tempo presente torna-se, indubitavelmente, uma tarefa audaciosa, marcada por conflitos, demarcações de saberes e embates ideológicos, entretanto, em se tratando da análise do discurso, corre-se o risco de ressaltar, mesmo sem ter essa pretensão e objetivo, certa teoria em detrimento a outras. Assim, esse campo discursivo brasileiro, ao longo dos últimos trinta anos, tem adquirido contornos cada vez mais abrangentes (e únicos!) e seu objeto teórico tem alcançado inúmeras definições graças às diferentes materialidades e às diferentes correntes de pesquisa que compõem o cenário discursivo contemporâneo.

Para tal empreendimento investigativo, partimos do questionamento sobre a produção do conhecimento científico em um determinado campo do saber: por

¹²⁷ Das diferentes vertentes de estudos do discurso, podemos destacar, entre outras, a materialista, a enunciativa, a dialógica (...).

¹²⁸ Em relação às diferentes correntes de estudos do discursivos no Brasil, podemos trazer, entre outras, as contribuições da Análise do Discurso de orientação francesa (ADF), Análise de Discurso Crítica (herança de Izabel Magalhães, Van Dijk, por exemplo), Análise Dialógica do Discurso (...).

¹²⁹ Em uma rápida pesquisa pelo *Directorio de Grupos de Pesquisas do CNPq* – plataforma digital responsável pela proposição de um inventário dos grupos de pesquisas em desenvolvimento no país, de diferentes áreas do conhecimento (<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>) – é possível encontrarmos vários grupos inscritos nas linhas de pesquisa “análise do discurso”, “texto e discurso”, por exemplo; como resultado, deparamo-nos com um conjunto de 284 cadastrados na plataforma (informações colhidas em janeiro de 2018).

exemplo, com a influência do CLG e seus pressupostos teóricos, podemos pensar na constituição de uma ciência linguística, todavia, mesmo sendo uma ciência, no singular, vários pontos de vistas foram (e ainda são) construídos, no plural, delimitando um campo heterogêneo e contribuindo para a promoção de diferentes concepções de língua(gem). O mesmo acontece nas outras áreas do conhecimento. A necessidade de justificar e objetivar um determinado conhecimento rege certas regras aplicadas ao fazer metodológico, cabendo a ele a função de atestar ou não as teorias que compõem o campo de saber concernido. É do estudo desses métodos, fundamentos e implicações filosóficas que a filosofia da ciência vai se ocupar.

Ao fazermos uma leitura epistemológica de um determinado campo de saber, procuramos, de certo modo, demarcar os seus desdobramentos e ramificações por meio de teorias, no plural, isto é, compreender a natureza do conhecimento obtido nas diversas ciências, dos métodos e modos de operar de cada uma delas. Isso permite a construção de um conhecimento seguro, atestado empiricamente e sistemático, em que tudo é comprovado cientificamente. A partir de um método, pode-se enunciar problemas, formular e testar hipóteses e chegar a possíveis (in)conclusões. Tais princípios, muitas vezes, mostrados por determinadas leis ou regras generalizadas, possibilitam que as teorias científicas sejam capazes de explicar determinados fenômenos. Contudo, teorias estas que, também, podem ser refutadas.

Diante disso, se trouxermos tais reflexões ao campo da ciência linguística, enquanto precursor, Ferdinand de Saussure foi sim responsável por inúmeras contribuições, cujos fundamentos, ainda em nossa atualidade, incitam inúmeras discussões e questionamentos. O corte epistemológico promovido pelo Curso permitiu diferir “linguagem” de “língua” e esta última de “fala”; o autor genebrino definiu o objeto de estudo da linguística promovendo-a ao *status* de ciência. Já ao final dos anos sessenta – com o auge e posterior esgotamento do estruturalismo – e com o aparecimento de novos fatos sobre a língua, seu projeto de concepção de uma ciência passou a ser (re)visto, (re)visitado a fim de que novas questões fossem colocadas em pauta. Em especial, podemos trazer a sua relação com a análise do discurso, implementada por Michel Pêcheux e bastante discutida no texto introdutório d’*Análise Automática do Discurso*, tecendo críticas à dicotomia “língua” (*langue*) e “fala” (*parole*).

Para propormos essa leitura epistemológica sobre a análise do discurso no Brasil, é preciso pensarmos sobre o seu processo de constituição enquanto uma

ciência que implica um conjunto de fatores, a saber: sujeitos pesquisadores, teorias discursivas, grupos de pesquisas, artigos, revistas, agências de fomentos, entre outros, que, juntos, corroboram a construção desse espaço científico-discursivo, o “campo dos Estudos de discurso”. Para tal, mobilizamos algumas considerações teóricas do filósofo Imre Lakatos (1979) acerca dos “programas de pesquisa” (MPPC).

A abordagem epistemológica de Lakatos origina-se do embate teórico Popper-Kuhn¹³⁰ e propõe um “falseacionismo metodológico sofisticado”, em que as teorias não poderiam ser abandonadas caso não fossem explicadas empiricamente ou não seriam relevantes dentro do conjunto científico – em que o propósito era falseá-las por outras (ainda) não falseadas –, mas os cientistas precisavam defender seus pressupostos teóricos diante de um conjunto aparente de anomalias a partir da introdução de hipóteses auxiliares sem modificar o “núcleo duro” de um determinado programa científico.

Dá-se o lugar a um modo de pensamento da ciência em que não há teorias isoladas (programas que sucedem outros), mas teorias que se relacionam, correlacionam e coexistem, constituindo um “programa de pesquisa científico” (PPC); nesse sentido,

A natureza pode gritar não, mas o engenho humano – contrariamente ao que sustentam Weyl e Popper – sempre é capaz de gritar mais alto. Com suficiente habilidade e com alguma sorte, qualquer teoria pode defender-se “progressivamente” durante longo tempo, inclusive se é falsa (LAKATOS, 1971a, p. 111).

Além disso, o filósofo afirmava que

A história da ciência tem sido e deve ser uma história de programas de pesquisa em competição (ou, se quiserem, ‘paradigmas’), mas ela não tem sido e nem deve se tornar uma sucessão de períodos de ciência normal: quanto antes se iniciar a competição, melhor para o progresso (LAKATOS, 1970, p. 69).

Para o autor, a história da ciência não é a história de teorias sucessivas, como propõe Kuhn (1998), mas de teorias concorrentes. Ademais, emprega o princípio da

¹³⁰ Por um lado, a teoria de Lakatos foi construída com base nas suas críticas ao modelo falseacionista proposto por Karl Popper (1994) e, por outro, o de ciência normal de Thomas Kuhn. Em relação a Popper, a abordagem falseacionista era considerada dogmática e tratava de aspectos relativistas e generalistas, cujo objetivo não era descrever os fatos da realidade por si, mas procurar fatos que (ainda) seriam descaracterizados e falseados. Já no modelo de *ciência normal* de Kuhn (1998), as críticas voltavam às rupturas no processo de ciência, em que um paradigma substituiria o outro com visões de mundo sendo substituídas por novas a partir de uma fase normal totalmente distinta da anterior. Assim, tal ponto de vista não representa exatamente os diferentes progressos (ou não) de uma determinada teoria; o novo paradigma só tomaria frente após um período “revolucionário” de crise.

“tenacidade”, segundo o qual o cientista não abandona uma teoria porque ela foi falseada, como queria Popper (1994). Diante de um conjunto de anomalias, Lakatos defendeu a heurística negativa de sua teoria a partir da promoção de hipóteses auxiliares em seu cinturão protetor.

Desse modo, um PPC é composto por quatro elementos principais: um núcleo duro, uma heurística negativa, uma heurística positiva e um cinturão protetor. O núcleo duro, consoante Lakatos (1979), consiste em pressupostos invioláveis e resistentes sem possibilidade de refutação. Seu conteúdo é protegido pela heurística negativa do programa em questão, que funciona como uma rede de proteção – do núcleo – que não pode ser testado ou desafiado.

O cinturão protetor é, ao contrário, designado como passível de modificação. Ele será o responsável por receber as possíveis anomalias sobre a teoria e proteger o núcleo contra eventuais refutações. Seu ajustamento é moldado pela heurística positiva do programa, definida como um

Conjunto parcialmente articulado de sugestões ou palpites sobre como mudar e desenvolver as ‘variantes refutáveis’ do programa de pesquisa, e sobre como modificar e sofisticar o cinturão de proteção ‘refutável’” (LAKATOS, 1979, p. 165).

Já a heurística positiva tem como função proporcionar o desenvolvimento de um programa de pesquisa capaz de se sustentar por meio de prováveis anomalias e elaborar um conjunto de diretrizes que permeiam seu tratamento. Destarte, é importante salientar que, para Lakatos (1979), os PPC precisam ser considerados progressivos, isto é, os novos fatos elaborados pelos cientistas a partir da heurística positiva, necessariamente, precisam ser corroborados empiricamente.

Em suma, a partir da abordagem lakatosiana, os estudiosos de um determinado programa de pesquisa precisam dar conta das possíveis anomalias em consonância com a heurística positiva e precisam estar conscientes se sua pesquisa – testada, questionada – tem gerado progressos ou não. Nesse último caso, eventualmente abandonando seu PPC por outro progressivo.

A abordagem de Lakatos representa um grande avanço nos estudos sobre a filosofia da ciência no século XX. Com sua metodologia dos programas de pesquisa científica, o autor mobiliza (e questiona) pressupostos anteriores (Popper, Kuhn¹³¹)

¹³¹ Em nossa dissertação de mestrado (2015), mobilizamos tais concepções da filosofia da ciência (Kuhn, Lakatos) para compreender o processo de recepção de Saussure nos manuais de Linguística brasileiros. Cf: RUIZ, Marco Antonio Almeida. **A recepção do Curso de Linguística Geral nos**

para descrever os percursos da prática científica da época. Entretanto, podemos pensar que, devido às limitações do momento e por estar inscrito nas ciências exatas – em que tudo é estimado por valores concretos e absolutos –, o pesquisador deixa algumas “brechas” para pensarmos sobre sua metodologia no século XXI, sobretudo o litígio que pode haver entre tais programas de pesquisa.

Mobilizando tais considerações de Lakatos nas ciências humanas, em especial no campo da Linguística, podemos dizer que há correntes e pensamentos teóricos que se caracterizam como diferentes programas de pesquisas. Cada um com a sua metodologia, trazem, a seu modo, um núcleo duro e os cientistas inscritos desenvolvem pesquisas ao longo dos anos filiando-se a esses programas, ora defendendo-os e ora buscando (re)inventá-los por meio de novas pressuposições a partir de fatos e ângulos novos: programa de pesquisa materialista, enunciativo, dialógico, entre outros. Assim, dizemos que há diferentes programas de pesquisa em competição, as anomalias observadas questionam sua heurística positiva numa tentativa de refutar seus pressupostos teóricos; além disso, Lakatos (1979) reforça o aspecto da progressividade de um programa fazendo com que determinadas teorias sejam (ou não) abandonadas. Se determinado fato não puder ser explicado, o programa, com certeza, será bastante questionado e, por fim, abandonado.

Nesse caminho, acreditamos que o caráter progressista defendido por Lakatos ainda parece ser um pouco precipitado considerando tal litígio. Uma teoria, por mais que tenha aspectos não comprováveis empiricamente, permanecerá sempre como um método científico proposto em um determinado campo de saber. A progressividade e a regressividade nunca poderão ser, por exemplo, fatores que comprovem a continuidade de se estudar um programa de pesquisa. Ou seja, por mais que não seja possível comprovar fatos novos que darão continuidade a um programa, este, por sua vez, sempre ficará marcado como narrativa desenvolvida num determinado tempo, com suas teorias, objetos, artigos publicados, professores e apoio financeiro, por exemplo. Podemos dizer apenas que, em decorrência da inexistência de fatos novos, esse programa de pesquisa “vazio”, a partir de sua narrativa, sempre estará presente em competição com outros programas. Ele servirá como refratário para o surgimento de novas considerações, antes não explicadas, promovendo o litígio entre diferentes

manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo. 2015. 128p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5801>>. Acesso em 2 de fev. 2018.

programas, isto é, narrativas de um determinado acontecimento – da história do tempo presente da AD no Brasil –, em que ambos irão competir.

Tais diferentes abordagens desenvolvidas no século XX, inseridas em um contexto próprio das ciências naturais, proporcionaram grandes questões sobre o fazer científico. Se observarmos a influência dos pressupostos de Lakatos para as diferentes *vertentes* desenvolvidas no campo discursivo brasileiro, por exemplo, podemos considerar que há sim diferentes programas de pesquisa em competição – materialista, dialógico, enunciativo, entre outros –, mas é necessário (re)pensar o caráter progressivo que o autor os apresenta.

No campo das ciências humanas, isso não funcionaria tão bem quanto nas ciências naturais, em que os valores finais refletem na conclusão (positiva ou negativa) de um determinado pensamento, seja ele de curto, médio ou longo prazo. Para as ciências humanas, os fatores de diálogo, embates e questionamentos são muito maiores justamente por haver diferentes jogos de pensamentos e de linguagem, diferentes pontos de vistas que criam a(s) definição(ões) de um dado objeto. Há sim programas em competição e não podemos chegar exatamente a um progresso em que um programa é completamente esgotado. Podemos, assim, propor que há uma competição e, ao mesmo tempo, um litígio e/ou uma disputa de territórios, sobretudo no campo dos estudos do discurso no Brasil. Há, em nosso país, diferentes correntes de estudos – resultantes das diferentes vertentes – que elegem o discurso como objeto de observação, contudo, o mesmo objeto assume posições teóricas diferentes conforme o programa de pesquisa e as regras que o compõem.

A fim de que possamos compreender esse cenário heterogêneo de estudos do discurso e observar como se dá esse litígio – e, conseqüentemente, o modo como esse campo se estrutura no espaço brasileiro – propomos abordar as diferentes vertentes, correntes e grupos de pesquisa como programas de pesquisa, na esteira de Lakatos (1979), que caracterizam narrativas de um acontecimento histórico mais amplo, o surgimento da Análise do discurso de matriz francesa. Ademais, as diferentes correntes do discurso desenvolvidas em nosso país são tomadas por acontecimentos discursivos que retomam e (res)significam princípios iniciais de uma disciplina originariamente francesa.

Para a construção dessa “ciência discursiva do Brasil” – ou análise do discurso brasileira (ADB) –, inscrita num campo de estudos do (sobre o) discurso, baseamos nos fatores elencados anteriormente para a construção de uma “rede” de pesquisa,

conforme definido por Latour (1997, 2001). Ou seja, analisaremos o modo como todos os elementos de um campo, sejam eles atores¹³² humanos e não humanos, contribuem para a sua construção e sua constituição. A abordagem de Latour é bastante interessante e contemporânea; de cunho sociológico e antropológico, suas ideias em torno de uma *Nova Sociologia da Ciência* foram propulsoras dos estudos sobre a prática científica, retomando questões já levantadas por outros autores, mas (res)significadas e imersas em um contexto diferente: o da Sociologia¹³³.

O autor é umas das atuais referências no estudo das ciências e das técnicas. Ele mesmo se define como um “sujeito híbrido” (LATOURE, 2004) por acreditar que a prática científica é dinâmica e heterogênea, presente em todas as esferas de trabalho. Sua perspectiva está inscrita num amplo movimento de reformulação das ciências sociais iniciado no final dos anos setenta na França ao lado de Michel Callon. Inscrito numa perspectiva pós-construtivista, o pesquisador considera a interação entre o discurso científico e a sociedade, isto é, a ciência e a tecnologia como construções sociais.

Nesse sentido, Latour (1997) buscou problematizar o fazer científico a partir da influência de fatores externos ao seu desenvolvimento, traços do ramo da sociologia das ciências. Ou seja, a crítica feita por ele em torno desse ramo consiste no fato de que as abordagens convencionais de sociologia das ciências adicionam a sua interpretação de um “contexto social” dado e já constituído à prática científica, não questionando, desse modo, o próprio conteúdo. Assim, é preciso observar o cientista. A única maneira de compreender a realidade dos estudos científicos é acompanhar o pesquisador em ação, considerando que a ciência está fundamentada em práticas e não somente em ideias. Em seu método, a ação efetiva dos cientistas, em estreita combinação com os objetos com os quais ele interage, deixaria de ser

¹³² Ao trazer a categoria de “ator”, Latour (2001) chama atenção dizendo que é preciso diferenciá-la do sentido tradicional, conferido pela Sociologia. Ao fazer isso, na *Teoria Ator-Rede* (TAR), “ator” é tudo que age e deixa um traço, podendo referir-se a pessoas, instituições, animais, máquinas etc. Ou seja, o “ator” que se refere Latour não se trata apenas de humanos, mas também de não humanos. O próprio pesquisador francês sugere o termo “actante” para “fugir” dessa possível associação inicial (Latour, 1997, 2000, 2001).

¹³³ Bruno Latour (1997, 2000, 2001) compõe o cenário dos estudiosos que pensaram os diferentes modelos epistemológicos acerca da prática científica nos últimos anos – trata-se de um autor vivo –; suas reflexões aproximaram-se, de certo modo, das reflexões desenvolvidas por muitos teóricos e estudiosos do campo da linguística; sendo esta uma ciência piloto das ciências humanas, muitos outros campos sofreram influências sobre o modo de pensar a filosofia da ciência, retomando aspectos como as relações entre os sujeitos, objetos e o contexto social na produção dos discursos. Por se inserir nas ciências sociais e humanas, a teoria implementada por Latour chega a trazer contribuições interessantes a nós, cientistas da linguagem, tais como a noção de ator-rede.

ilustrativa e passaria a adquirir uma função de observação e descrição dos fatos, possibilitando investigar o seu processo de construção em seus mínimos detalhes, em cada gesto dos cientistas – e por diferentes narrativas e/ou pontos de vista sobre os fatos (LATOUR, 2000).

Assim, suas primeiras considerações sobre a atividade científica estão publicadas no livro *Laboratory Life: the social construction of scientific facts*, escrito originalmente em coautoria com Steve Woolgar em 1979¹³⁴. Sua pesquisa consistiu na imersão e na observação de um laboratório de neuroquímica do *Salk Institute for Biological Studies* entre os anos de 1975 a 1977 na Califórnia. Obra inovadora sobre o tratamento da ciência à época, o livro diferenciou-se ao apresentar recusa em seguir os estudos de natureza historiográfica e/ou sociológica que se baseavam apenas em fontes textuais sem a observação direta da prática científica em curso. As discussões dos autores põem em questão o modo de fazer ciência sem considerar a relação entre os sujeitos e os objetos, estes últimos como responsáveis e mediadores para o fazer científico, ou seja, fazem uma crítica aos estudos tradicionais que mantém intacta a separação entre o conteúdo científico e o contexto social. Em outras palavras, “é como se o contexto e o conteúdo fossem dois líquidos que podemos fingir misturar pela agitação, mas que se sedimentam tão logo deixados em repouso” (LATOUR, WOOLGAR, 1997, p. 20). Ademais, os autores ao fazerem referência às atividades cotidianas de um laboratório ressaltam como alguns gestos aparentemente mais insignificantes contribuem para a construção social dos fatos, destacando o caráter idiossincrático, local e heterogêneo da atividade científica.

Com vistas a ultrapassar esses limites, muitas vezes sedimentados e divididos entre natureza e sociedade, Latour e Woolgar (1997) dedicam-se a investigar as diferentes atividades cotidianas de um laboratório, mostrando como os gestos e os objetos mais insignificantes de um ambiente qualquer contribuem para a construção social dos fatos e, com isso, possibilitam a produção de um dado conhecimento. Nesse caminho, sua abordagem busca observar a ciência em construção, a ciência com “c” minúsculo, em oposição a Ciência com “C” maiúsculo, referindo-a como pronta. Como o próprio Latour diz, em um livro posterior, sua entrada no mundo da ciência não é pela entrada mais grandiosa da Ciência, mas pela porta dos fundos, isto é, o fazer científico só se formará a partir do momento em que houver interação,

¹³⁴ A primeira edição brasileira do livro é datada de 1997: LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

observação e produção *in loco*, na relação entre sujeitos e objetos num contexto social específico (LATOURE, 1997).

Considerando tais afirmações em torno da prática científica, encontramos algumas referências de suas proposições em um artigo intitulado *La clef de Berlin*¹³⁵, em que o autor mobiliza um pequeno artefato criado em 1912 – a chave de Berlim¹³⁶ – para mostrar a relação entre certas regras, regulamentos e/ou normas cristalizados, construídos via linguagem e prática cotidiana, dos usos. O autor procura observar como certos objetos são “inventados” a serviço da sociedade e como eles adquirem certas características que podem (ou não) ser implementadas por ela.

Nesse sentido, apesar de a chave ser apenas um objeto corriqueiro, suas características obrigam os indivíduos a seguirem um *script* e/ou um programa de ação, que para Latour pode ser traduzido em palavras. Consoante ele (2000), há muitas informações sobre a abertura e o fechamento de portas, pessoas autorizadas ou não, seus horários de entrada e saída de um determinado local, contudo, se estivéssemos falando de certas regras escritas ou informações, estaríamos no campo dos signos. De outro modo, se pensássemos na relação entre o objeto – a chave – e um porteiro, por exemplo, estaríamos imersos no campo das relações sociais. Nesse exemplo, pode-se pensar que a chave representa metonimicamente a corporificação de determinadas regras sociais e materializa certas relações disciplinares: o abrir e fechar a porta e a segurança como dispositivos criados socialmente.

Do ponto de vista metodológico, o autor afirma que para se compreender a realidade dos estudos científicos é preciso acompanhar os cientistas em ação, já que a ciência, como uma atividade, está fundamentada sobre uma prática. Todavia, a transformação de uma determinada ação em fato científico é de fato complexa, dependendo da operação que o autor chamou de tradução, ou seja, a interpretação

¹³⁵ LATOUR, Bruno. **Petites leçons de sociologie des sciences**. Éditions La Découverte, Paris, [1993], 2007.

¹³⁶ A chave de Berlim (ou chave de fechamento forçado) foi inventada pelo chaveiro berlinês Johann Schweiger e produzida a partir de 1912 pela *Albert Kerfin & Co*. Por meio de seu mecanismo, é possível fazer um controle de acesso ao local em que é utilizada, pois possui uma organização simétrica, com dois segredos. A chave é girada para que a porta seja destrancada, contudo para que ela seja de fato aberta, é preciso empurrar a chave para o outro lado da porta, atravessando a fechadura, por isso sua simetria. Ao entrar, do outro lado da porta, o usuário da ferramenta deverá trancar novamente a porta para poder retirar a chave, que fica presa à fechadura enquanto ela estiver aberta. Enfim, em ambos os lados, a chave só será retirada quando a porta estiver novamente fechada. Durante muito tempo esse tipo de ferramenta era usada em edifícios de apartamentos de aluguel, para que evitasse que os moradores, inquilinos, deixassem as portas abertas ou esquecessem-nas nas portas. O proprietário dispunha de uma chave mestra que permitia acionar o mecanismo adicional inutilizando o uso das demais chaves.

e/ou a compreensão dos fatos de uma dada realidade transformando-os, deslocando-os por meio dos interesses dos atores envolvidos; o social é uma rede heterogênea constituída não apenas por atores humanos, mas também por não-humanos, de modo que ambos são igualmente considerados. Ao se fazer ciência no exato momento em que é feita, considerando o “lado de dentro” do laboratório (textos, comunicações, entre outros), pode-se observar as relações e/ou cristalizações pregnantes do “lado de fora”, determinadas pelo social (agências de fomento que financiam as pesquisas, a organização de *softwares* destinados a publicações de revistas científicas, como o OJS, por exemplo).

Ao olhar de dentro para fora, pode-se desconstruir essas imagens cristalizadas que a sociedade possui sobre a ciência a partir dos produtos que ela é capaz de gerar, por meio de teorias e/ou artefatos técnicos. Trata-se, pois, da construção de diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto. O conhecimento científico não é apenas socialmente codificado, mas sustentado e tornado durável por meio de redes materiais e não humanas. Assim, a “rede de pesquisa” no campo discursivo brasileiro constitui-se pelas relações entre todos esses fatores – sujeitos pesquisadores, teorias discursivas, grupos de pesquisa, artigos, revistas, *softwares*, professores, agências de fomentos etc. Todos eles, juntos, corroboram a formulação do campo científico-discursivo à brasileira. Além dessa relação entre os atores humanos e não-humanos na constituição de um campo de saber, podemos dizer que fazem parte do processo científico as diferentes narrativas construídas no interior desse espaço – discursivo –, que produzem uma certa história do tempo presente do desenvolvimento científico, ressignificando-a a todo momento.

Sob esse prisma interdisciplinar, também baseados nos pressupostos teóricos de Jacques Guilhaumou (2009) acerca da noção de “narrativas do acontecimento” (a partir dos conceitos de acontecimento discursivo, acontecimento linguístico), buscamos abordar as correntes de pesquisa à brasileira – as teorias brasileiras de discurso – como programas de pesquisas desenvolvidos por meio das diferentes narrativas que ressignificam a constituição da Análise do discurso no Brasil, isto é, as diferentes teorias que se compõem enquanto narrativas que (re)contam um determinado acontecimento discursivo de forma diferente, reportando-se, de certo modo, a princípios franceses sobre o discurso, mas deixando características de brasilidade em sua produção, capazes de promover ainda mais esse espaço de pesquisa tão heterogêneo – de uma AD brasileira.

Para exemplificar, brevemente, a afirmação anterior, podemos pensar, no interior do campo de estudos discursivos, em uma vertente enunciativa, na qual podemos considerar um de seus representantes Dominique Maingueneau. Seus estudos em torno do discurso, ao longo dos últimos anos, têm se tornado bastante significativos e representativos para os cientistas brasileiros que desenvolvem pesquisas (re)inventando novas considerações a partir da materialidade discursiva brasileira. Noções como “discurso”, “simulacro”, “interdiscurso”, entre outras, foram (e ainda são) bastante retomadas por cientistas estrangeiros e brasileiros que se inscrevem nessa vertente enunciativa de trabalho.

Se observarmos a constituição da obra *Humor, língua e discurso* (2010) de Possenti, encontramos algumas dessas noções de Maingueneau (1997, 2000, 2006b, 2008a, 2008b 2010) inscritas em novos objetos teóricos, em novas materialidades. O livro tem como *corpus* as piadas, tomadas enquanto discursos do cotidiano que configuram a dinâmica da construção e descrição dos “estereótipos básicos” e “opostos”. Sua metodologia tem como objetivo observar os efeitos de sentido criados nas piadas a partir das condições de produção do espaço discursivo brasileiro, gerando condições para se pensar um campo do discurso humorístico, assim como de um “simulacro invertido”.

Com essa reflexão, considerando as diferentes condições de produção das teorias em países distintos, não queremos mostrar que uma teoria seja melhor que a outra, pelo contrário, objetivamos observar que tal obra e metodologia de Possenti (2010), por exemplo, dentre várias outras já produzidas, promovem conceituações – narrativas – coocorrentes que se inscrevem em um mesmo programa de pesquisa: a vertente enunciativa. Além disso, obras nessa linha contribuem para o processo de ressignificação da história do tempo presente desse campo discursivo no Brasil. Ora elas podem agregar fatos novos – no livro de Possenti, as piadas ressaltam certas características de um certo povo –, ora podem trazer conceituações novas, que tem o potencial de construir rumos de pesquisa diversos por meio de novas reflexões, de cadinho verde e amarelo. Destarte, a inserção de novas proposições não refletirá na refutação da teoria, pelo contrário, contribuirá para o acréscimo de novas narrativas e novos gestos de leitura que trarão um componente considerável para a promoção e o desenvolvimento de um programa: o diálogo, mesmo que seja em espaços diferentes.

O método científico à luz da análise do discurso: do acontecimento discursivo às diferentes narrativas do acontecimento

Refletir sobre o próprio fazer científico sempre foi um papel da Filosofia da Ciência. Como ocorre na Física, na Matemática, nas chamadas ciências “duras”, certamente ocorre com a Linguística uma preocupação em descrever e interpretar as diferentes ciências – e suas metodologias científicas – que se ocupa(ra)m de um mesmo objeto. Contudo, o fazer científico no campo das ciências humanas e sociais nem sempre se deu de maneira homogênea, isto é, livre de questionamentos; podemos dizer que há uma relação de litígio pela qual são construídas as diferentes narrativas históricas acerca de tais metodologias científicas. No campo da análise do discurso, ou “Teoria das Ideologias”, por exemplo, estão envolvidos diferentes modelos científicos que procuram descrever um objeto em comum, o discurso, nas suas diferentes vertentes, adquirindo assim diferentes interfaces e ramificações que acaba(ra)m ocupando um único campo, os estudos do discurso.

Para nossa investigação, olhamos os desdobramentos da escrita da história do tempo presente dessa disciplina no Brasil – na sua relação com a ADF, sobretudo – a partir do litígio de um conjunto de saberes diversificados e bastante particulares que refletem, talvez, certas características próprias, brasileiras, de propor uma prática/método em análise do discurso, distanciando-se – mas, não negando nossa herança francesa – de nossos “fundadores” estrangeiros a propósito de uma teoria discursiva.

Para tal, empregaremos um conceito da própria AD, as “narrativas do acontecimento” de Jacques Guilhaumou (2009), que nos auxiliará a pensar os diferentes percursos teóricos da escrita desse campo no cenário brasileiro. Esses percursos serão aqui tomados enquanto diferentes acontecimentos de linguagem, responsáveis pela construção de não apenas uma análise do discurso, no singular, mas de análise de discursos, no plural, com seus diferentes métodos e teorias ocupando um espaço cada vez mais heterogêneo. Além disso, tais narrativas discursivas, cada uma a seu modo, contribuem para uma (re)configuração das práticas científicas do (sobre o) discurso em nosso país, produzindo uma constante ressignificação do “acontecimento análise do discurso” e, com isso, gerando um acontecimento capaz de (re)introduzir questões e objetos que (re)contam o próprio método científico, o metadiscursivo.

Nesse sentido, também será considerado o historiador-linguista Jacques Guilhaumou que, na companhia de nomes como Régine Robin e Denise Maldidier, se tornou um dos expoentes do campo da AD, tendo frequentado os primeiros círculos de discussão ainda nos tempos de Michel Pêcheux. Esteve fortemente presente tanto na renovação dos estudos no campo da História quanto na configuração do campo da Linguística a partir dos estudos discursivos. Por meio de suas reflexões, Guilhaumou afirma que “o que é dito está carregado de acontecimentalidade¹³⁷, de uma singularidade em constante renovação” (GUILHAUMOU, 2009, p. 10). Ademais, o autor afirma,

Nossa abordagem, por etapas cronológicas, do vínculo entre história e linguística, não deve, entretanto, fixar a imagem de uma disciplina interpretativa sem qualquer preocupação com os problemas do tempo presente. Ao contrário, na esteira de Michel Foucault, pensamos que o tempo da análise de discurso é sempre um momento contemporâneo no sentido de que ele nasce de uma interrogação sobre a atualidade (GUILHAUMOU, 2009, p. 44).

Seu trabalho, desenvolvido na década de setenta, insere-se no grupo denominado “análise do discurso do lado da história”:

Trata-se, então, de mostrar a importância, na França, da análise de discurso do lado da história enquanto uma disciplina totalmente interpretativa, tanto em termos de resultados históricos quanto no plano metodológico (GUILHAUMOU, 2009, p. 18).

A relação entre a História e a Linguística durante esse período permitiu que a análise do discurso tivesse acesso ao campo historiográfico; para a sua nova configuração metodológica importava a centralidade dos estudos acerca da construção do *corpus*, princípio que dominou a investigação do discurso como objeto da história. Já nos anos oitenta, houve uma virada decisiva nessa prática linguageira, pois a AD deixava de lado a abordagem estruturalista a partir de uma mais configuracional, transformando-se numa disciplina totalmente interpretativa.

O fato discursivo torna-se, então, acontecimento, ação narrada. O discurso não é unicamente aquele que enuncia a ação relatada, mas é também aquele que produz a ação; é, fundamentalmente, ato de linguagem (GUILHAUMOU, 2009, p. 25).

Com efeito, Guilhaumou foi responsável por trazer para os estudos da análise do discurso alguns conceitos foucaultianos que se tornaram elucidativos no momento de desenvolvimento dessa disciplina, sobretudo os conceitos de “história”, “arquivo”,

¹³⁷ O conceito de acontecimentalidade é trazido na perspectiva de Foucault (2008 [1969]).

“enunciado” e “acontecimento”. Assim, a partir da problemática relação entre a língua e a História, o historiador-linguista focalizou os efeitos de sentido da materialidade da língua na discursividade do arquivo.

O arquivo não é simplesmente um conjunto de textos que são produzidos e circulam na sociedade, como práticas documentais, é composto por saberes que se constituem ao longo dos tempos, nas mais distintas formações sociais, e que se articulam por meio de gestos de leitura que atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados (GUILHAUMOU, 2009). Em outras palavras, o arquivo não pode ser descrito em sua totalidade, mas se dá a ler por fragmentos de enunciados que se configuram em novas instâncias de enunciação e têm por consequência o surgimento de novos acontecimentos discursivos. Desse modo, Guilhaumou (2009) assevera que

[O arquivo é] material bruto bastante explorado tanto por historiadores clássicos quanto por historiadores do discurso, mas a partir do qual o historiador do discurso não privilegia a busca de estruturas sociais ocultas; diferentemente, ele é, principalmente, um dispositivo, não regulado *a priori*, de enunciados que constituem figuras, objetos e conceitos distintos. O enunciado é, antes de tudo, atestado no interior do arquivo, o que significa que no seu interior articulam-se descrição e reflexão (GUILHAUMOU, 2009, p. 27).

Nesse caminho, o autor mostra-nos que o acontecimento não é mais redutível somente à situação nem ao contexto, ele é dado pela consistência de enunciados que se entrecruzam discursivamente em um momento dado. O acontecimento é formulado por um conjunto heterogêneo de enunciados constitutivos do acontecimento discursivo no interior do arquivo. Desse modo, ele deve ser vislumbrado enquanto enunciado de arquivo, no qual os textos e a produção dos sentidos se dão no interior de uma historicidade.

Nosso trabalho assume tal concepção de acontecimento de Guilhaumou (2009) como algo que ocorre no interior de um arquivo, isto é, que permanece perpetuamente reinterpretável e, por conseguinte, atual ao próprio sentido. Ou seja, consideramos como arquivo um conjunto heterogêneo de correntes discursivas brasileiras – inscritas em diferentes vertentes – que no seu conjunto formam o cenário plural de análise de discursos – divulgadas por meio de diferentes grupos de pesquisas, em distintas universidades brasileiras –, num “campo de Estudos de discurso”.

Partindo da afirmação de que a acontecimentalidade engendra o sentido, Guilhaumou (2009) trata a noção de acontecimento discursivo como algo que é

tomado como um momento de emergência de formas singulares de subjetivação. Ao abordar tal conceito na análise do discurso, o autor entende que não se deve negligenciar seus aspectos pragmáticos e discursivos. Assim, como é preciso atestar sua existência, é preciso também “declarar a significação em relação a aquilo que é dito em um dado momento, no interior de uma configuração de enunciados” (GUILHAUMOU, 2009, p. 32).

Na esteira de seu pensamento, propõe que o acontecimento seja engendrado a partir de uma ordem racional: “acontecimento linguístico”; “acontecimento discursivo” e “narrativa do acontecimento”. O acontecimento parte do linguístico ao discursivo e, deste, à narrativa do acontecimento. O acontecimento linguístico relaciona-se com a norma referencial da língua, ou seja, inscreve-se na perspectiva referencial, no mundo dos nomes, onde o sujeito já é constituído, tratado como sujeito cognitivo:

A abordagem do acontecimento linguístico não necessita o conhecimento prévio do acontecimento discursivo, como se o primeiro fosse somente a parte de consciência linguística do segundo. Ao contrário, o acontecimento linguístico situa-se no espaço/tempo fundador de atos de linguagem reguladores do acontecimento discursivo. Ele se materializa, efetivamente, em: a) sujeitos que dispõem de capacidades linguísticas próprias, que denominamos de sujeitos cognitivos; b) objetos linguísticos, mais particularmente, no contexto da gramatização moderna e contemporânea, instrumentos linguísticos tais como os Dicionários e as Gramáticas; c) uma diversidade de julgamentos desses sujeitos desdobrados nesses instrumentos generalizantes sobre os fatos da língua que podem se agrupar sob o rótulo de “consciência linguística” (GUILHAUMOU, 2009, p. 97).

Por sua vez, o acontecimento discursivo é tomado na perspectiva de Foucault d’*Arqueologia do saber* (1969), segundo a qual a simples inscrição do que é dito como elemento é atestado pelo enunciado. Guilhaumou (2009) assevera que os enunciados pertencem a uma dispersão arquivística e propõe pensar o arquivo não como um amontoado de documentos fechados, mas como algo que participa de um gesto de leitura (particular):

Sáimos do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento. Interessamo-nos, prioritariamente, pelos sujeitos, objetos e conceitos assim como por funções derivadas do enunciado... o arquivo não é um simples material de onde se extraem fatos de maneira referencial; ele participa sobretudo de *um gesto de leitura* no qual se atualizam as

configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados. Aliás, o arquivo de uma época não é nunca descritível na sua totalidade, ele se dá a ler por fragmentos: sua descrição é sempre aberta, ainda que a frase historiográfica se esforce em fechá-lo (GUILHAUMOU, 2009, p. 125).

Assim, na perspectiva do linguista francês, é preciso pensar em avançar sobre o sujeito cognitivo, responsável pelo acontecimento que se produz, e também o sujeito que irrompe na enunciação do acontecimento para um sujeito histórico, portador de emancipação que busca autonomia. Nesse caminho, o sujeito da enunciação gerado pelo acontecimento discursivo não se constitui sozinho, ele participa da ação, é responsável por julgar os fatos e atrair a “atenção e a simpatia” dos seus respectivos “espectadores”. Essa configuração possibilita-o apreender o conjunto da cena discursiva, dando-lhe o “poder” do acabamento narrativo acerca do acontecimento discursivo a partir de sua realização plena e integral (GUILHAUMOU, 2009, p. 129).

Ademais, é preciso considerar que do acontecimento linguístico ao discursivo passamos da “localização referencial” de alguma coisa/alguém responsável pela produção do sentido para àquele que é produzido num dado acontecimento por meio da heterogeneidade de enunciados e de suas funções numa dada situação, considerando, pois, o sujeito, o objeto e o conceito (GUILHAUMOU, 2009, p. 130). O acontecimento discursivo coloca em evidência um sujeito da enunciação destacando seus próprios recursos interpretativos. Ele ressalta que a partir do acontecimento discursivo, “deixamos por um tempo ‘as linhas de segmentações duras’ desse *continuum* para entrar num espaço de linhas menos visíveis, que atravessam, de algum modo, blocos de realidade por todo tipo de desvio” (p. 131). Trata-se, pois de observar a reflexividade da linguagem como uma capacidade de produzir, nela e por ela mesma, os seus próprios recursos interpretativos, constituindo-se, desse modo, o acontecimento discursivo (GUILHAUMOU, 2009).

Para pensar essa nova perspectiva, é necessário trazer a noção da narrativa do acontecimento, na qual:

Relança [...] a ação infinita da interpretação, permite uma abertura máxima das narrações, assimila ação e pensamento, associa o ato e a revelação, torna memorável a vida da heroína e do herói. Introduz-nos no agir político verdadeiro, no sentido em que a ação política é trazida ao julgamento desinteressado da dimensão universal do acontecimento singular, a exemplo de Kant ao julgar com entusiasmo a Revolução Francesa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

Por conseguinte, o pesquisador avança propondo que se contemple a noção de “acontecimentalidade” que se concretiza a partir do que ele chama de narrativa do acontecimento. Tal narrativa é tida como algo prospectivo, isto é, apreendida em julgamentos universalizáveis dos atos da vida de cada um na relação com os outros e permite investigar “[...] as expectativas vividas e as expectativas dos homens atuantes e sofredores, a tematização do tempo histórico em adequação com ele mesmo introduz a transformação no curso das ações humanas” (GUILHAUMOU, 2009, p. 135). Destarte, ela visa apresentar o percurso de um acontecimento que produz historicidade sobre os fatos que são marcados pelos diferentes materiais que produzem a escrita da história da análise do discurso no Brasil levando em consideração a lógica sequencial e sua dimensão configurante. A narrativa do acontecimento é algo universalizante, é relato do coletivo para o movimento de interpretação do acontecimento.

O acontecimento narrado reflete o que o autor chama de reservas de sentido sobre a base de uma necessidade histórica. Ele é responsável por trazer o acontecimento segundo os gestos de leitura de cada sujeito, inserido em um domínio associado. Ao narrar um certo acontecimento, o sujeito traduz a voz do outro no seu discurso, assim como o (res)significa, por meio de sua narrativa, mobilizando discursos já ditos (em outros lugares, em outras situações de enunciação) e, nesse novo momento, uma nova reserva de sentidos é configurada, segundo as novas condições de dizibilidade dos discursos:

A narrativa do acontecimento, sob a forma singular e/ou coletiva, é a forma histórica mais acabada de experimentação do real ao longo da existência da humanidade. [...] ela tematiza, em seu percurso, formas sociais particulares que dão uma consciência universal a uma narração de vida, aí incluída sua transformação heroica (GUILHAUMOU, 2009, p. 138).

Por fim, o autor reforça a importância da narrativa por dispor de uma sucessão de novos acontecimentos cujo objetivo é duplo. De um lado, segundo um ponto de vista metodológico, a análise de uma narrativa do acontecimento configura-se por meio de novas perspectivas, novos olhares que se cruzam e, com isso, constroem “novos” dizeres, novos acontecimentos discursivos. Por outro lado, sob um ponto de vista ontológico, “a dimensão ‘verdadeira’ da narrativa do acontecimento não remete verdadeiramente a uma essência da atividade humana, não induz a investigação de um fundamento, mas evoca o eterno recomeço da experiência humana, sua aptidão para

estabelecer as últimas balizas de um caminho que leva à emancipação” (GUILHAUMOU, 2009, p. 139).

O discurso no discurso: o acontecimento metadiscursivo

De maneira geral, o que propomos neste trabalho é uma primeira leitura e interpretação acerca dos desdobramentos da escrita da história do tempo presente da análise do discurso no Brasil – bastante criativa¹³⁸ a nosso ver. Diferentemente da AD francesa, derivada de Michel Pêcheux, acreditamos, pois, que nossa história no exercício da AD se caracteriza de maneira singular compondo um cenário heterogêneo e plural de análises de discursos (ADs) graças aos diferentes *corpora* em distintas materialidades. Por meio do “jeitinho brasileiro¹³⁹” compreendemos o grande esforço e mérito dos pesquisadores nacionais em reconhecer aqui características únicas que contribuem para a promoção de uma teoria discursiva – novas narrativas do acontecimento AD no Brasil –, propondo escansões, ramificações e deslocamentos possíveis (e necessários!) que dão conta da história do país e das diferentes materialidades de pesquisa, tais como: charges, piadas, *slogans*, panfletos, tiras, vídeo-montagens, fotomontagens, textos sincréticos, entre outros.

Em outras palavras, esses diferentes pontos de vistas – narrativas – são produzidos pelos diferentes textos, escritos por autores brasileiros, que compreendem um conjunto de dizeres inscritos nas diferentes vertentes e correntes discursivas – compondo uma rede de atores, segundo Latour (1997, 2000, 2001). Eles ressignificam não apenas a teoria francesa e criam novos caminhos de leituras, mas também promovem um certo acontecimento capaz de (re)contar uma dada teoria diferentemente. Com efeito, tal acontecimento não é apenas teórico e linguístico, mas sobretudo discursivo, retratado pelas diferentes formas de significar a geografia e a

¹³⁸ Para nós, o poder criativo da AD do Brasil configura-se pela capacidade dos diferentes pesquisadores, professores, autores brasileiros em tomar de empréstimo as teorias estrangeiras sobre a noção de discurso – sobretudo, as teorias francesas – e empregá-las diferentemente no Brasil por meio do desenvolvimento de diferentes teorias franco-brasileiras que figuram em artigos, capítulos de livros, entre outros, inscrevendo-as assim em diferentes ordens, em diferentes materiais de análise, transformando-as conforme as suas necessidades teóricas e do *corpus* heterogêneo.

¹³⁹ O uso dessa expressão nesta pesquisa não traz consigo um efeito negativo, muitas vezes difundido pelo discurso cotidiano. Assim, tradicionalmente, “jeitinho brasileiro” refere-se ao modo como todo brasileiro consegue “driblar” certas normas ou ações a fim de que ele obtenha sucesso ou dê jeito em tudo. Entretanto, para este nosso trabalho, empregamos tal expressão atualizando seus sentidos, como uma nova narrativa sobre o acontecimento análise do discurso no Brasil, na esteira de nossas reflexões epistemológicas, atrelando-os à história dos desdobramentos que ela teve em nosso país e a sua recepção por meio de releituras brasileiras da análise do discurso francesa.

história de um dado campo de estudos, o do discurso. Chamamos, pois, de *acontecimento metadiscursivo*.

É imprescindível descrevermos o cenário de desenvolvimento da “Teoria das Ideologias” no Brasil desde a sua recepção – dos textos de Michel Pêcheux e seu grupo em meados dos anos oitenta, em especial, pelos pesquisadores da Universidade de Campinas –, passando pelas contribuições pós-institucionalização da Linguística e sua implementação nos currículos de Letras, até os desafios contemporâneos promovidos pelos diferentes textos e obras produzidos por pesquisadores brasileiros preocupados em continuar com essa tradição discursiva, tão singular, ainda em constantes ebulições e desdobramentos, em um país repleto de diversidade e multiculturalidade.

Para isso, das diferentes vertentes de estudos discursivos, optamos por delimitar nossa pesquisa em três: materialista, enunciativa e dialógica. Nesse interim, buscamos compreender como essas três vertentes (re)significam as correntes discursivas estrangeiras de modos diferentes, de acordo com a sua empregabilidade e os materiais disponíveis no Brasil, além de promoverem uma reflexão em torno delas, revisitando aqui chamados autores “fundadores”¹⁴⁰. Ao fazerem isso, mobilizam (re)configurações importantes e conceitos “novos” e, assim, promovem uma diversidade de correntes e pesquisas em AD como resultado. Voltamos ao nosso primeiro questionamento: poderíamos encontrar características, nesse fazer científico brasileiro, de uma análise do discurso brasileira (ADB)?

Nosso *corpus* de análise se compõe de diferentes textos e obras em discurso produzidos no Brasil a partir dos anos noventa, representantes, aqui, por metonímia, dessas três vertentes listadas acima. Queremos, com isso, dar a esse material um caráter próprio narrativo, isto é, pensar tais textos enquanto acontecimentos discursivos importantes, que são responsáveis por (re)dizer as teorias discursivas estrangeiras da maneira própria de cada autor, para comporem nosso campo discursivo. Assim, criamos uma categoria de análise que configura esse nosso caminho interpretativo, chamada de “autores-narradores textuais”. Tomamos tal categoria:

Como uma instância representativa do discurso que marca seu posicionamento na construção de sua narrativa, conferindo-lhe forma

¹⁴⁰ É salutar, aqui, destacarmos que ambos os autores-enunciadores não se prendem necessariamente aos textos “fundadores” dessas vertentes discursivas, mas são responsáveis pela “divulgação” e reinvenção, de certo modo, dos conceitos a partir da sua (re)inscrição no contexto discursivo brasileiro.

e sentido. É preciso destacar que ‘sua forma’ e ‘seu sentido’ são condicionados por determinantes sócio-históricos que vão desde as coerções editoriais: onde publicar, o que publicar, como publicar, etc. até as ideológicas” (RUIZ, 2015, p 77).

Mais especificamente, nosso material é composto pelos seguintes autores-narradores textuais: *Humor, língua e discurso* (2010) de Sírio Possenti; *Ironia em perspectiva polifônica* (2008) de Beth Brait e, por fim, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007) de Eni Orlandi. Tal material corrobora o processo de institucionalização dos estudos do discurso nas suas mais variadas vertentes teórico-metodológicas, em diferentes contextos acadêmicos, a partir dos anos noventa. Para cada autor-narrador textual, elencamos três diferentes narrativas que ressignificam a teoria discursiva estrangeira a partir das materialidades discursivas brasileiras, a saber: “teoria dos estereótipos básicos e opostos”; “teoria dialógica do discurso” (a partir do Círculo de Bakhtin); e “teoria do silêncio”.

Essas diferentes teorias brasileiras de discurso são tomadas como diferentes discursos, uma vez que se tratam de práticas discursivas que compreendem os enunciados em sua singularidade (FOUCAULT, 2008), determinando sua existência e estabelecendo relações com outros enunciados a partir de suas condições de produção, ou seja, reconhecem (ou não) o pertencimento do discurso em um campo discursivo. Nesse sentido, as relações discursivas não são tomadas como internas ou externas aos discursos, mas elas são próprias a eles e lhes oferecem seus objetos do dizer.

É a partir disso que o discurso pode ser considerado como uma prática, pois essas relações remetem ao fazer-dizer, caracterizando a realização dessas atividades como uma forma de comportamento. Trata-se, com isso, de tomar os diferentes enunciados teóricos dos autores-narradores textuais em suas distintas instâncias do dizer – em artigos científicos, mesas redondas etc. – configurando esse cenário heterogêneo que constantemente (re)inventam os discursos que compõem o fazer científico, isto é, o discurso acadêmico/intelectual.

Além disso, como já afirmamos em capítulo anterior, acreditamos que em nosso país há muito fortemente a constituição de grupos de pesquisas que reverberam as discussões empreendidas pelos autores-narradores textuais produzindo diferentes trabalhos que ora vão de encontro com as teorias francesas, fazendo-as ranger. As diferentes correntes, inscritas nas diferentes vertentes discursivas, corroboram a constituição da pluralidade de pesquisas em torno dos estudos discursivos –

reverberando o fazer científico e promovendo o discurso acadêmico/intelectual – e, além disso, permitem que haja o campo de estudos do discurso¹⁴¹.

Ao fazermos a descrição da escrita da história da análise do discurso no Brasil não deixamos, pois, de abordar também a constituição e formação do discurso científico/acadêmico/intelectual. Consoante Maingueneau (2000, 2008a), o discurso científico, assim como o religioso, o filosófico, o literário compõe o que ele chama de “discursos constituintes”, “que partilham um certo número de propriedades quanto as suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação” (2000, p. 6), isto é, tratam-se de discursos em que não é possível “reconhecer outra autoridade além da sua própria” (p. 6). Desse modo, eles não aceitam serem enquadrados e apresentados como derivados de outros, mas como “primeiros”, assim, não pertencem a uma instância de discursos, mas fazem parte de uma outra ordem: da razão, de Deus, da ciência, da filosofia, por exemplo. Esses discursos têm a pretensão de assumirem um estatuto de fundação e, ao mesmo tempo, dão sentido aos atos da coletividade em que garantem uma multiplicidade de gêneros do discurso.

Maingueneau (2000, 2008a) cita um caso interessante para tratar desse tema. Segundo ele, sempre que há algum debate sobre algum problema social, o jornalista volta-se naturalmente à autoridade do intelectual, um sujeito que fala em nome de uma ordem filosófica, científica, religiosa etc. Com efeito, tal ação cria a impressão de que os discursos produzidos nessa ordem, de alguma forma, tornam-se discursos “fundadores”, capazes de explicitar uma dada “verdade” transcendente que cria uma cena de enunciação que autoriza a si mesma. Todavia, o inverso não ocorre da mesma forma. É nesse sentido que o linguista francês afirma que os discursos constituintes “possuem estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (2008a, p. 38-39, *itálico do autor*).

Apesar dos conflitos entre os diversos discursos constituintes, podemos dizer que há, também, discussões em seu interior a partir dos diferentes “posicionamentos” em que os enunciados estão relacionados às diversas identidades responsáveis pela produção dos discursos que se definem um em relação aos outros (MAINGUENEAU, 2000). Se tomarmos, por exemplo, a produção do discurso científico, os diferentes métodos coexistem e competem, segundo Lakatos (1979), independentemente se são

¹⁴¹ Segundo Maingueneau (2008a, 2008b), é importante destacar que não há um plano central do discurso, tudo o que o constitui é resultado de sua semântica global, isto é, composto por elementos que atuam em diferentes dimensões de um discurso, tais como tema, vocabulário, o estatuto do enunciatador e do destinatário, dêixis, o modo de enunciação, coesão.

considerados válidos ou não, “verdadeiros” ou não, de modo que o que fará deles “usuais” e “competentes” é a sua adequação durante uma investigação e a análise do objeto de pesquisa.

Vemos, pois, uma possível relação de litígio entre os diferentes programas de pesquisa no âmbito científico. Na nossa empregabilidade teórica, se tomarmos uma dada corrente de pesquisa, por exemplo, a teoria dialógica do discurso, abordada em um certo grupo de pesquisa do Brasil, os textos produzidos no interior desse programa seguem, de certo modo, as normas internas do grupo, como metodologia, fundamentação teórica etc. Os lugares institucionais de onde podem emergir os textos não se escondem por traz da sua produção, moldando apenas a maneira de viver e de utilizar certo ferramental teórico.

Ao se analisar esses tipos de discursos constituintes, é possível encontrar algumas semelhanças mais ou menos comuns, apesar de haver diferenças entre eles. No primeiro caso, é importante considerar que no interior de cada discurso constituinte há também diversos níveis: a ciência e a divulgação científica; as obras religiosas de referência – como a Bíblia, o Corão – e os “sermões” que as “explicam”; as obras literárias em relação à sua crítica ou resenhas. Já o segundo caso refere-se aos enunciadores que se caracterizam, frequentemente, como paratópicos¹⁴² (POSSENTI, MUSSALIM, 2010). Este último caso pode significar que os enunciadores estão “ao mesmo tempo fora da sociedade e dentro dela” (POSSENTI, MUSSALIM, 2010, p. 79). “Dentro dela” porque é nas sociedades que eles produzem seus enunciados, ao mesmo tempo, as regras impostas para a sua produção estão subordinadas a ela; “fora dela” porque os enunciadores vivem como que à margem. Como exemplo típico de paratopia, podemos citar a associação dos artistas à vida boêmia ou a uma vida reclusa (isolando-se, muitas vezes, numa ilha para poder escrever). “É como se essa condição fosse necessária para que determinados discursos pudessem ser proferidos a partir de um contato direto com alguma forma de absoluto

¹⁴² Embora não nos tenhamos detido, especificamente, a esse conceito para o desenvolvimento de nosso trabalho, é importante reiterarmos os estudos de Maingueneau, na sua obra *Discurso literário* (2006b), acerca da natureza do discurso literário, incluindo-o no rol dos discursos constituintes e, ao mesmo tempo, lembrar das três instâncias do funcionamento da autoria: a pessoa, o escritor e o inscritor. A pessoa, segundo o autor, refere-se “ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada”; o escritor designa “o ator que define uma trajetória na instituição literária”; por fim, o inscritor, terceira instância, volta-se “ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto e a cena imposta pelo gênero do discurso” (p. 136).

(Deus, a razão etc.)” (POSSENTI, MUSSALIM, 2010, p. 80), ou seja, assumem-se, fundamentalmente, como discursos de origem.

Dessa forma, pensar o discurso científico/acadêmico/intelectual da análise do discurso em solo brasílico torna-se um fator importante e necessário graças às suas particularidades em um país tão heterogêneo que em muito se diferencia dos estudos de AD da França e outras perspectivas estrangeiras por meio de escansões e deslocamentos; ademais, voltamos a tais considerações teóricas de Maingueneau (2000, 2008a) em torno dos discursos constituintes. Os discursos produzidos acerca das análises de discursos fortificam-se enquanto textos científicos em que se encontram como “fundadores” e “inquestionáveis” por simplesmente serem uma fonte, a “origem” de um determinado discurso, enunciados científicos que em sua essência são invioláveis, pois apoiam-se em fontes transcendentais que trazem uma dada “verdade”. Ao pensarmos que todos os “novos” dizeres em torno da análise do discurso corroboram e fortificam a constituição do seu campo nas humanidades, enquanto um discurso constituinte, podemos, também, refletir como se dá a sua construção enquanto um discurso que se constitui, isto é, o processo de formação desses discursos, de ordem não apenas textual, mas também de marcar um certo posicionamento do autor-narrador textual diante do seu coenunciador numa certa situação comunicativa.

Essa prática discursiva – os discursos acerca da teoria do silêncio, dos estereótipos básicos e opostos e a perspectiva dialógica do discurso, por exemplo – caracterizada por voltar-se para a própria formação do ferramental teórico e, com isso, compor “novos” discursos que corroboram tais teorias, pode configurar o que chamamos de “acontecimento metadiscursivo”. Além do discurso reafirmar o seu pertencimento ao discurso científico, constituinte, suas reinvenções, reajustes da teoria e deslocamentos permitem-nos pensar no seu processo de formação e constituição.

No bojo dessas reflexões, queremos, pois, utilizar a própria teoria da análise do discurso para interpretar os seus caminhos epistemológicos – e, com isso, promover, também, um certo acontecimento metadiscursivo acerca do atual estado da arte das análises de discurso no Brasil – enquanto um verdadeiro acontecimento de linguagem, na esteira de Michel Foucault (1969) e Jacques Guilhaumou (2009). As diversas correntes de pesquisas, que em terras brasileiras se frutificam e adquirem cada vez mais adeptos, são (re)produzidas e divulgadas por meio de diferentes

enunciados – nos mais diferentes meios de divulgação – que irrompem na história e produzem, dessa maneira, uma certa singularidade às diferentes teorias brasileiras de discurso.

Propomos, pois, pensar num “acontecimento metadiscursivo” que se configura por meio da própria construção da teoria organizada pelos textos e obras brasileiros imersos em suas diferentes vertentes da análise do discurso – e áreas afins –, compondo, assim, um campo mais amplo. Nesse sentido, é comum vermos no Brasil, hoje, no campo dos Estudos de discurso, diferentes grupos de pesquisadores que seguem determinadas vertentes da análise do discurso, como os já mencionados Análise do Discurso Crítica (ADC), Análise Dialógica do Discurso (ADD), AD francesa (ou derivada de Michel Pêcheux), e que projetam diferentes pontos de vistas, diferentes narrativas sobre o acontecimento ADB, produzindo um espaço de pesquisa cada vez mais heterogêneo de discurso.

Isso permite observar o próprio fazer científico enquanto um verdadeiro acontecimento de linguagem, composto de diferentes narrativas e enunciados singulares, configurando, desse modo, um arquivo em que “[o enunciado] não é mais simplesmente considerado a mobilização de uma estrutura linguística [...], uma vez que passa a ser tratado em sua irrupção histórica” (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p. 29). Assim, no discurso acadêmico, que mobiliza um universo de sentido e se inscreve numa dada corrente de pesquisa, os autores-narradores textuais, voltando-se aos seus campos de pesquisa, tentam explicá-los e (re)interpretá-los utilizando-se das próprias ferramentas teóricas constituídas por eles. Em se tratando da AD francesa, por exemplo, sob à luz das proposições teóricas de Michel Pêcheux, é possível notarmos a reconfiguração, escansão e deslocamento de suas reflexões no Brasil por meio de diferentes narrativas que compõem a formação de uma dada corrente de pesquisa, a materialista.

A obra de Orlandi, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007), por exemplo, promove uma releitura das proposições teóricas materialistas, (re)configurando novos horizontes e novas perspectivas em relação ao contexto de sua produção. A teoria tem como filiação teórico-metodológica a análise do discurso francesa, derivada de Pêcheux, todavia, elege como tema de trabalho outro objeto, o silêncio, na sua relação com a linguagem. Trata-se, pois, de não apenas (re)produzir uma base teórica estrangeira, (res)significando-a, mas também de dar a ela uma outra “roupagem”, nova, em consequência dos materiais que temos disponíveis e as

condições de sua produção. Ao reportar à teoria estrangeira e empenhar-se na construção de uma nova ferramenta para o campo discursivo – o silêncio –, não podemos deixar de dizer que os enunciados produzidos pela obra brasileira corroboram a construção do discurso acadêmico, ampliando a maneira de abordar as teorias pecheutianas e empregando princípios teóricos para compor a sua teoria. Há, além disso, uma memória dos conceitos, os pré-construídos da própria teoria pecheutiana que ainda reverberam no ferramental teórico, mas que por se dar em outro contexto, numa outra história, adquire características brasileiras. Trata-se do (res)significar da teoria pelos modelos teóricos específicos.

Dada a característica polifônica do discurso científico e, no caso brasileiro, esse caráter contribuir para a reinvenção, (re)inscrição, (res)significação e escansão de “velhas” teorias (a francesa, sobretudo) a “novos” modelos, podemos dizer que a “heterogeneidade enunciativa” torna-se também uma categoria de análise significativa para o nosso material, ratificando uma constante (re)configuração do discurso científico em enunciados que reinterpretam a própria constituição teórica do fazer científico em novos acontecimentos, isto é, o acontecimento metadiscursivo. Ou seja, a partir de uma certa corrente brasileira de discurso – teoria dos estereótipos básicos e opostos, análise dialógica do discurso e teoria do silêncio, aqui analisadas –, é possível verificar como essa outra “roupagem” pode “ranger” a teoria estrangeira, propondo escansões no seu modelo teórico primeiro, assim como corroborar a sua constituição num espaço discursivo brasileiro graças à sua inscrição na história, aos materiais empregados e às diferentes condições de produção que recontam uma outra AD, a AD do Brasil.

Em suma, dos diferentes programas de pesquisa em teoria brasileira de discurso, constituídos por diferentes redes de atores humanos e não humanos que compõem o campo, encontramos diferentes narrativas que (re)contam a história do tempo presente da análise do discurso brasileira, refletindo e refratando diferentes acontecimentos metadiscursivos capazes de difundir e redefinir o conhecimento científico de uma dada área – do discurso – e, com isso, ressignificar as teorias estrangeiras e dando características nacionais que configuram uma ADB.

Nesse sentido, alicerçados nos pressupostos teóricos de Jacques Guilhaumou (2009) a propósito de uma narrativa do acontecimento e de Jacqueline Authier-Revuz (1990, 2004) sobre a heterogeneidade enunciativa (constitutiva e mostrada), é que apresentamos nosso caminho investigativo tomando as diferentes narrativas

produzidas de correntes discursivas brasileiras, transformadas em novos acontecimentos metadiscursivos, ressignificados a cada retomada. Focamos em como, a partir de textos selecionados, autores-narradores textuais, ao configurarem os pressupostos em torno da constituição de uma teoria específica, articulando-se por meio de deslocamentos e escansões, constroem mecanismos de um acontecimento metadiscursivo capaz de se autoexplicar teoricamente, de forma que a teoria é empregada para a (re)formulação de seu próprio espaço teórico. Essa atividade metadiscursiva, *grosso modo*, torna-se um fenômeno importante, pois o discurso científico/acadêmico/intelectual está sempre em constantes reformulações e as suas “redefinições” são construídas pelos próprios discursos ditos científicos em um ambiente cercado de intelectuais que os promovem numa tentativa de autoexplicarem a constituição de um dado campo.

A heterogeneidade enunciativa como princípio do acontecimento metadiscursivo: os diferentes acontecimentos discursivos da AD Brasileira

Antes de iniciarmos nossa explanação acerca dos diferentes acontecimentos discursivos que compõem o campo de estudos do discurso no Brasil e explorarmos os aspectos que mais nos mobilizam na organização e construção desta pesquisa, cabe tecermos algumas reflexões sucintas em torno das ideias de Authier-Revuz (1990, 2004), tão caras para nossa investigação, acerca da noção de heterogeneidade enunciativa.

Jacqueline Authier-Revuz, sob a influência das teorias psicanalíticas do descentramento do sujeito e do conceito de dialogismo em Bakhtin, foi responsável pelo desenvolvimento de trabalhos em que a heterogeneidade adquiriu um importante destaque no campo discursivo. Nesse contexto, é preciso abandonar o caráter homogêneo, repetível e fechado do discurso – como pregado pelos estruturalistas no início do século XX – reforçando a articulação entre o sujeito e o mundo, numa relação não repetível e afetado pela subjetividade. Ao pensar, assim, que todo discurso é atravessado por outros discursos, ele assume um caráter heterogêneo corroborado pela inscrição da voz do outro no discurso do “eu” enunciador.

A partir dessas considerações teóricas, o conceito de heterogeneidade enunciativa, proposto por Authier-Revuz (1990, 2004) e incorporado nas discussões da análise do discurso de Pêcheux em sua “terceira época”, confere à linguagem um

papel importante em torno da presença de “outros” no discurso do “eu” sujeito enunciador/locutor/falante. Ao empregar tal princípio, a autora concebe a noção de heterogeneidade sendo de dois tipos: a constitutiva do discurso e a mostrada no discurso, esta última caracterizada como marcada ou não marcada.

Todo discurso é constitutivo, pois há sempre outras vozes que compõem o fio do discurso do “eu” falante, produtor do enunciado, o que caracteriza a natureza interdiscursiva do discurso. Dessa forma, a heterogeneidade constitutiva é definida a partir do conceito de dialogismo do círculo de Bakhtin¹⁴³ (2006), “em que o autor afirma ser a interação com o outro a lei constitutiva de todo e qualquer discurso” (ARAUJO, 2015, p. 29). Além do conceito de dialogismo, também fundamenta esse princípio de heterogeneidade constitutiva o alicerce na psicanálise que busca o outro do inconsciente, ou seja,

Traz a perspectiva de que sob as palavras do discurso, outras palavras além daquelas inscritas na materialidade discursiva também são ditas”, refletindo, de certo modo, numa “polifonia discursiva (ARAUJO, 2015, p. 29).

Assim, ambos os processos, segundo Authier-Revuz, são distintos, mas não separados, de maneira que ela define a heterogeneidade constitutiva como os “processos reais de constituição dum discurso”; já em relação a heterogeneidade mostrada, trata-se dos “processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUHTIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Desse modo, ao abordar a heterogeneidade mostrada, verifica-se a vinda do outro para a cadeia discursiva, deixando-o mais “transparente”/“aparente” que esse outro pode ser recuperado de maneira explícita. Ela tem como característica fundamental a presença não somente do discurso do outro no discurso do sujeito falante/locutor/do “eu”, mas a percepção por esse sujeito enunciador da presença do outro e o desejo de que ela seja efetivamente percebida. Todavia, do mesmo modo, essa heterogeneidade pode, também, não se apresentar com marcas visíveis em um discurso, mesmo ela sendo conscientemente produzida por um sujeito, constituindo-se de duas formas: marcada e não marcada.

¹⁴³ Se buscarmos a noção de heterogeneidade em Bakhtin, podemos dizer que o autor compreende que tal noção representa não somente a alteridade, mas também o conflito, o inacabamento e a multiplicidade. Segundo ele, são inconcebíveis as relações que ligam o ser humano ao outro: “não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que forma a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro” (BAKHTIN, 2006, p. 123).

A “heterogeneidade mostrada marcada” refere-se à ordem da enunciação que é explicitada na materialidade linguística. Assim, além de o sujeito perceber a presença do outro na linearidade do fio do seu discurso, ele procura deixar evidente que é o outro quem está falando; esse princípio foi chamado por Authier de “pontos de heterogeneidade” responsáveis por denunciarem o lugar do um (ou o “eu”/sujeito-falante do discurso) e do outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14).

Sob esse prisma, a heterogeneidade mostrada marcada também assume duas categorias: a primeira refere-se à presença do outro, explicitamente, no fio do discurso, em que esse outro no discurso do locutor pode ser relatado como no discurso direto e no indireto, por meio dos seus delineamentos sintáticos, reverberando que há a presença de outro ato enunciativo no discurso do “eu”. Ao se reportar ao discurso direto, vemos o sujeito ceder lugar às próprias palavras do outro, respeitando-as com exatidão e fidelidade, atuando, de certo modo, como um “porta-voz” (verbo de dizer + dois pontos); em se tratando do indireto, o sujeito atua como tradutor do outro, indicando-o como a fonte de sentido do que está sendo enunciado (utilização de certas expressões que sugerem de onde tem origem a voz: segundo, como, consoante, conforme, de acordo com, o ponto de vista de...). Ademais, outra ocorrência para trazer a voz do outro de maneira marcada, diluída, está relacionada com o modo de pertencimento dado a determinadas palavras ou expressões em curso quando se inserem certas expressões, tais como: “X, como diz x, em outras palavras, o que Y chama de y, para usar as palavras de z...” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 17).

Em nosso material, podemos encontrar alguns casos dessa primeira categoria levantada por Authier. Apresentaremos dois a seguir:

Caso 1: Discurso direto

No capítulo *Humor e acontecimento*, de *Humor, língua e discurso* (POSSENTI, 2010), é possível encontrar a presença do outro no discurso do “eu”, autor-narrador textual, que mobiliza Foucault e sua noção de acontecimento para tratar a enunciação, vejamos:

Foucault (1968: 23) também o define [o acontecimento] por sua relação com a enunciação:

A supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento; não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais

profunda que ele; é tratado na sua irrupção histórica; o que se tenta observar é a incisão que constitui sua emergência¹⁴⁴.

Caso 2: Discurso indireto

Em outro conjunto textual composto por Brait (2008), cuja temática também é o discurso humorístico, vemos a seguinte ocorrência:

No que diz respeito especificamente à ironia, Freud leva em conta não só o locutor e o processo instaurador da ironia, mas também o ouvinte, visualizando o conjunto a partir de uma perspectiva que envolve principalmente, mas não exclusivamente, aspectos produzidos pelo inconsciente. (BRAIT, 2008, p. 55).

O texto traduz, em forma de simulacro, a voz do outro, Freud, no fio do seu discurso para compor a noção de ironia. De maneira indireta, temos uma heterogeneidade mostrada marcada composta por um acontecimento metadiscursivo que ressignifica a fala científica do filósofo, em algum momento de seus estudos, em novas narrativas, compondo, assim, a construção da corrente de pesquisa discursiva dialógica, por exemplo.

A segunda categoria levantada por Authier-Revuz volta-se para uma alteridade enunciativa chamada de conotação autonímica – ou modalização autonímica (AUTHIER-REVUZ, 1999) –, cujo sentido pode ser conotado por um enunciador outro. Mesmo não trazendo a voz do outro nessas formas marcadas de conotação, o locutor é responsável por integrá-lo à cadeia discursiva por meio de uma continuidade sintática, como uso de itálico, parênteses, aspas ou por certa entonação que é capaz de trazer o estatuto outro em relação ao restante do discurso, isto é, o sujeito locutor “faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13). Ou seja,

A modalização autonímica apresenta-se como um modo complexo de dizer, desdobrando por uma auto-representação opacificante – i. e., fazendo intervir nessa ‘imagem do dizer’, por meio da autonímia, a materialidade dos signos concernentes, significado e significante (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 7-8).

Caso 3 – Modalização autonímica

¹⁴⁴ As citações com três linhas ou mais, segundo algumas normas de configuração acadêmica, por exemplo, a ABNT, ficam em parágrafo de citação, com margem de 4 cm à esquerda; o trecho de citação deve ser seguido de sobrenome do autor, ano e página entre parênteses. A nosso ver, essa configuração estipulada por certa normatização entre os trabalhos no meio científico já indicam, também, de maneira bem direta e explícita, a voz do outro no discurso do sujeito falante.

No capítulo *Estereótipos e identidades: o caso nas piadas*, é possível encontrar uma ocorrência desse processo autonímico que trata Authier-Revuz, vejamos:

[...] o estereótipo é universal, (...) não tem condições históricas de produção, ou pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade. Ora, chistes que se fundam em estereótipos são sempre agressivos, *para usar a classificação de Freud*, e, portanto, devem referir-se a alguma diferença construída em condições históricas de disputa (POSSENTI, 2010, p. 41, itálico nosso).

No trecho em itálico, encontramos uma glosa que traz a voz do outro na cadeia discursiva do locutor de maneira a integrá-lo e marcá-lo no seu discurso. Assim, podemos dizer que a autonomia a qual Authier-Revuz se refere trata da forma que o sujeito encontra para conter a heterogeneidade constitutiva que é presente em seu dizer.

Esse mecanismo de modalização autonímica pode corroborar a nossa hipótese do acontecimento metadiscursivo, pois esse “novo” dizer, numa “nova” instância enunciativa, promovida pelas narrativas dos diferentes autores-narradores textuais, atualiza os dizeres acerca do discurso humorístico, ironia e silêncio, por exemplo, configurando novos enunciados singulares e contribuindo para um novo acontecimento discursivo. A cada nova instância do dizer, temos novos acontecimentos discursivos que servem para recontar os desdobramentos e os desenvolvimentos da análise do discurso no espaço discursivo brasileiro promovidos pelos autores-narradores textuais que, de maneira geral, “testam”, fazem “ranger” as teorias e procuram trazer a(s) voz(es) de outro(s) autor(es) (estrangeiros)¹⁴⁵ para a composição de seus discursos.

Essa forma de (re)dizer as releituras produzidas por ambas as categorias do discurso promovem uma certa (re)atualização do discurso. Uma nova narrativa que instaura um novo acontecimento de linguagem, caracterizado por enunciados singulares e que contribui para promover os “novos” dizeres sobre o discurso científico, reatualizando-o metadiscursivamente. Ou seja, essa forma de

¹⁴⁵ Considerando que as bases dos desenvolvimentos da análise de discurso no Brasil se dão a partir das leituras de autores estrangeiros, sobretudo, dos franceses, é que se explica a popularidade do sintagma bastante conhecido entre os analistas do discurso brasileiros *Análise do Discurso de orientação francesa*.

heterogeneidade dos discursos corrobora o que chamamos de “acontecimento metadiscursivo”.

Em se tratando da heterogeneidade mostrada¹⁴⁶ não marcada, Authier-Revuz (2004) afirma que não há uma fronteira bem delimitada entre o um e o outro e cita que tais não marcas discursivas podem ser encontradas no discurso indireto livre, na ironia, na antífrase, na imitação, no estereótipo, na alusão e no pastiche. Trata-se, com isso, de instaurar a presença do outro no discurso do falante de forma bem mais diluída, em que não é possível resgatá-la por meio do fio do discurso, isto é, pelo intradiscurso, sendo apenas possível reconhecê-la e interpretá-la “a partir de *índices recuperáveis* no discurso em função de seu exterior” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifos da autora).

Diante do exposto, podemos dizer que entre as duas formas de heterogeneidade – constitutiva e mostrada – existe uma relação intrínseca, pois são tomadas como duas ordens da realidade “irredutíveis, mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidárias” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33). Não há uma desvinculação entre essas formas, mas apenas uma relação de negociação entre o sujeito e a heterogeneidade constitutiva. Ao expor esse mecanismo de negociação, Authier-Revuz (2004) aponta para a necessidade da “denegação”. Ao marcar-se, explicitamente, a presença do outro na sua fala, o sujeito passa, com isso, a vontade de um domínio sobre o que ele diz e “empenha-se em fortalecer o estatuto do um” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 74) sem, todavia, negar que a fala é constitutivamente heterogênea. Nesse caminho é que podemos compreender, talvez, porque a heterogeneidade mostrada também pode ser conhecida como um mecanismo de negociação entre o sujeito falante e a heterogeneidade constitutiva, pois “ela é um modo de denegação do discurso da heterogeneidade constitutiva que entrelaça o ‘outro no um’” (ARAUJO, 2015, p. 42).

Assim, a heterogeneidade constitutiva seria uma realidade incontornável, em que todo discurso é constituído por diferentes outros discursos (no interior de uma

¹⁴⁶ Todo discurso é atravessado por outros discursos numa rede de relações interdiscursivas, ou seja, todo discurso é constitutivamente composto pela(s) voz(es) do(s) outro(s). De maneira geral, podemos dizer que a heterogeneidade mostrada, por meio de suas formas de inscrição e descrição linguística, em que há a presença do outro no discurso, estaria ancorada na heterogeneidade constitutiva por meio de incertas modalidades da forma como é resgatada e, também, por meio dos modos mais explícitos de se fazer emergir a presença do outro no discurso do um: “essas formas de heterogeneidade mostrada na cadeia discursiva chegam a um ponto em que se esgotam, exigindo, da análise e interpretação, a identificação da presença do outro no fio do discurso por meio da heterogeneidade constitutiva (...)” (ARAUJO, 2015, p. 41).

FD), contudo, o sujeito, à sua maneira – nas diferentes narrativas que atualizam um certo acontecimento de linguagem – faz refletir, muitas vezes, em algumas formas de heterogeneidade mostrada. Temos,

As formas da heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial - da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva dos discursos; elas são elementos da representação – fantasmática – que o locutor (se) dá da enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70).

A pesquisadora francesa cita, como exemplo desse mecanismo de denegação, o discurso científico e a escritura poética que podem, segundo ela, não trazerem marcas de heterogeneidade mostrada, além disso, lembra das características dos discursos dogmáticos e formalizados – os discursos constituintes, segundo Maingueneau (2008a) – que de alguma forma buscam “apagar” qualquer traço que transpareça a presença do outro e, assim, negar a heterogeneidade constitutiva.

Ao mobilizar tais discursos, Authier-Revuz (2004) destaca que ambos – discurso científico e a escritura poética – “testemunham uma ruptura com essa modalidade ‘normal’ do discurso que articula a heterogeneidade mostrada à heterogeneidade constitutiva ao modo de denegação” (p. 74) e ainda afirma que esse processo acontece por meio dos discursos que são construídos enquanto verdades, tais como os dogmáticos (discurso que Bakhtin chama de monológicos). Destarte, vemos em suas considerações teóricas que os discursos científico e poético caracterizam-se por duas bases: a primeira por caracterizarem discursos “constitutivamente monológicos” e, segundo, por representarem um apagamento em qualquer manifestação de determinações heterogêneas em sua “lógica interna” (2004, p. 76). Haveria, pois, um rompimento com o modo de negação entre as heterogeneidades.

Contudo, ao analisarmos mais assiduamente a constituição dos discursos científicos, mais especificamente à luz dos acontecimentos discursivos, há sucessivas novas (re)invenções nas diversas áreas do conhecimento. Acreditamos que o argumento da autora – o discurso científico pode não apresentar marcas de heterogeneidade mostrada – nem sempre se torna validado, isto é, a forma como o sujeito falante – autores-narradores textuais¹⁴⁷ – retoma os discursos teóricos de

¹⁴⁷ Acreditamos que a própria categorização, de certo modo, represente essa heterogeneidade no discurso científico, pois na construção de um aparato teórico-metodológico, brasileiro, como queremos enfatizar, os autores-narradores textuais trazem em seus discursos a voz do outro (estrangeiro, sobretudo) para compor as escansões, deslocamentos, desdobramentos de uma análise de discurso brasileira.

pensadores do campo de discurso, mesmo que de forma indireta ou o próprio recorte teórico que é feito pelo “eu” do discurso, já implica uma certa inscrição em uma dada vertente – e conseqüentemente, em uma certa corrente de pesquisa.

O posicionamento teórico retratado nos diferentes textos “traduz”, em forma de simulacro, a presença do outro estrangeiro de maneira diluída no discurso dos autores-narradores textuais brasileiros, pois haveria sempre a presença do outro – Maingueneau, Bakhtin e Pêcheux, tomando nossa seleção como exemplo – na composição da análise do discurso franco-brasileira, já que ao recortar uma certa teoria e se posicionar numa dada corrente de pesquisa, o texto mobiliza uma heterogeneidade mostrada não marcada, em que o sujeito enunciador mostra a voz do outro, implicitamente e opaca, fora do fio do discurso, para a constituição do seu dizer. É nesse sentido que, a nosso ver, o acontecimento metadiscursivo estaria ligado a essa categoria de heterogeneidade mostrada não marcada, com a voz do outro sendo “incorporada” ao recorte do sujeito enunciador, que procura (re)dizer o fazer científico – em análise do discurso, por exemplo –, regendo o modo de constituição para futuras novas enunciações e a composição de um campo discursivo brasileiro.

A título de exemplificação e evitando referências, recortamos algumas publicações ou excertos de alguns projetos de pesquisa, artigos, teses e dissertações no campo dos estudos do discurso, fragmentos que corroborem tal afirmação. Vejamos:

1) “Tendo como referencial teórico básico a Escola francesa da Análise do Discurso (AD) *nas perspectivas apontadas por Foucault (1969) e Pêcheux (1988 e 1991)* e os *pressupostos teóricos da Escola Linguística Russa apresentados por Bakhtin e Vygotsky*, fechando assim, as três regiões em que está inserida a AD – psicanálise, linguística e marxismo. (...)”

2) “(...) *Com base nas formulações teóricas de Beth Brait e Linda Hutcheon* a respeito da ironia, o artigo tem por objetivo a análise de alguns exemplos desse tipo de crítica que surge no espaço da *Semana Ilustrada*, no interior da qual é possível identificar os primeiros sinais do narrador machadiano não confiável.”

3) “(...) *Após a discussão de alguns conceitos da teoria dialógica de Bakhtin e seu Círculo*, apresentamos alguns exemplos tirados de um corpus em que analisamos gêneros da imprensa, para mostrar que a escolha das palavras, a retomada e a reacentuação do discurso do outro são constitutivos da memória interdiscursiva, do posicionamento do autor e do sentido.”

4) “(...) O suporte teórico-metodológico que norteia esta pesquisa é a Análise do Discurso de linha francesa (...) *de acordo com a perspectiva foucaultiana* (...)”

5) “(...) O presente artigo procura, então demonstrar, *embasados na corrente da Análise do Discurso de linha francesa (AD)*, como, apesar de ter sido retomado com todas as letras, o enunciado “a luta continua” nem sempre foi recuperado com o mesmo sentido (...)”

6) “(...) *Tendo como base teórica os estudos sobre Análise do Discurso na ótica de Bakhtin, Foucault e Pêcheux*, busca-se detectar as regularidades discursivas, os recursos de linguagem, bem como os sentidos que se encontram camuflados nas imagens e nos discursos midiáticos (...).

Nos seis excertos podemos observar que, ao delimitar o campo de pesquisa no qual os autores-narradores textuais se inscrevem, de maneira direta ou indireta, eles traduzem em forma de simulacro a voz do outro, sujeito autor-narrador intelectual, em seu discurso. A presença do outro, isto é, esse mecanismo de heterogeneidades mostrada marcada e não marcada no discurso sempre acontece e o recorte teórico elencado mobiliza todo um conjunto de outras vozes que já tratam do tema e que, com isso, tornam-se referência necessária como forma de validação, ou seja, são tomados como fiadores do discurso científico.

No fragmento 1, por exemplo, a “Escola francesa de Análise do Discurso” já incita toda uma história sobre a constituição desse domínio de saber no campo dos Estudos de discurso. Temos aí, uma primeira referência a outros autores, a presença de outras vozes, não marcadas no enunciado, que compõem essa “escola” em AD. Logo em seguida, no mesmo enunciado, vemos um estreitamento dessa “escola” feito pelo autor-narrador: “nas perspectivas apontadas por Foucault (1969) e Pêcheux (1988 e 1991)”. Em tal mecanismo, vemos, enfim, a presença velada de outras vozes que serão frequentes para a composição do trabalho.

O mesmo acontece nos fragmentos 2, 3 e 6. Já nos fragmentos 4 e 5, vemos uma certa irregularidade na forma de se referenciar as diferentes vozes do discurso. Em relação ao fragmento 4, podemos encontrar marcas de uma heterogeneidade marcada não mostrada logo no seu início, para que, em seguida, com a especificação “a perspectiva foucaultiana”, haja uma marca indireta das vozes de Foucault e seus autores-narradores textuais, ou seja, uma heterogeneidade mostrada marcada produzida por diferentes textos. No penúltimo fragmento, temos, contudo, apenas marcas de uma heterogeneidade mostrada não marcada. Assim, acreditamos que as

diferentes vozes que compõem o campo científico – constitutivas – sempre serão traçadas nos discursos, de maneira direta ou indiretamente, por meio de marcas de heterogeneidades. Podemos dizer que o próprio recorte feito pelos diferentes autores-narradores textuais corrobora a identificação da presença do outro na constituição do discurso do “eu”, isto é, as correntes e seus respectivos grupo de pesquisa.

Como descrevemos anteriormente, buscamos com nosso trabalho delimitar alguns contornos e irrupções teóricas acerca da história do tempo presente da análise do discurso em nosso país compreendendo que há, talvez, outras características, tipicamente brasileiras, que a identifique não só como uma análise do discurso *no* Brasil, mas também como análises de discursos *do* Brasil. Ao fazermos tal percurso de escrita de um domínio do saber, passamos, necessariamente, por reflexões importantes como, por exemplo, acerca dos desdobramentos de uma prática científica; os caminhos e as emergências de certas teorias do conhecimento, em especial a AD, que proporciona(ra)m deslocamentos significativos ao longo dos anos, motivando novas narrativas a partir de uma diversidade de materiais e suportes. Ao tocarmos nesse aspecto científico, não queremos negar o caráter universal da ciência, pelo contrário, gostaríamos de frisar as singularidades dos diferentes métodos que contribuem para a construção de um fazer científico, destacando, nesse contexto, os diferentes desdobramentos teóricos de um campo, discursivo, num cenário rico e multicultural como o Brasil.

Dos estereótipos em piadas à teoria do silêncio: por uma ciência da linguagem no Brasil

Os estereótipos no discurso humorístico: o caso das piadas

Nossa primeira vertente elencada é a enunciativa, caracterizada pelos trabalhos desenvolvidos pelo linguista francês Dominique Maingueneau a partir dos postulados da análise do discurso na França, cujas contribuições teóricas para o campo de discurso foram importantes para a “Teoria das ideologias”. Para tal, mais do que reconhecer seu papel empírico nesse cenário de pesquisas, temos como função observar o simulacro de sua construção teórica desenvolvida no espaço discursivo brasileiro. Nesse sentido, das diversas categorias e noções criadas pelo linguista francês – cenas da enunciação, aforização, paratopia, simulacro etc. – todas, de certo

modo, foram (e ainda são) traduzidas para o português, em diferentes (re)edições, adquirindo, desse modo, um notável segmento de pesquisa no Brasil. É comum, por exemplo, encontrarmos estudantes de pós-graduação que se voltam ao ferramental teórico do linguista para o desenvolvimento de seus respectivos trabalhos. Observamos também a inserção de seus princípios nas referências bibliográficas de diferentes disciplinas de graduações e pós-graduações em Letras e Linguística do país, tais como “análise do discurso”, “introdução à análise do discurso”, “texto e discurso”, entre outras. Por fim, a partir de teorias estrangeiras, podemos encontrar novas metodologias de trabalho do (sobre o) discurso que são formuladas por autores-narradores brasileiros e publicadas, contribuindo, assim, para os estudos nessa vertente de trabalho. Trata-se, pois, da influência de teorias francesas para a composição e desenvolvimento de nossa própria análise do discurso, considerando a nossa história e a nossa materialidade. É essa última característica que propomos analisar, tomando essas escansões e refações como acontecimentos metadiscursivos que ocupam um lugar de redefinição de um campo, o do discurso, por exemplo, e criam um espaço teórico fluido e heterogêneo, ressignificando o fazer científico.

A partir desse espaço de pesquisa enunciativo heterogêneo, é possível observar que dadas as diferentes materialidades e a nossa história de recepção e institucionalização da AD, pode-se construir diferentes caminhos da teoria que se adequem ao material em questão. Parafraseando Saussure, é o ponto de vista que cria o objeto e, nesse caminho, o objeto – discurso –, no Brasil, assume distintas configurações a partir de novas proposições narrativas apresentadas por diferentes autores-narradores que são publicadas em nosso país. Como resultado dessa outra história, é comum encontrarmos questões que concernem apenas ao nosso cenário de pesquisa e, com isso, é importante descrevê-las. Tratam-se de características que ratificam as pesquisas brasileiras em discurso e intensificam o poder que a nossa história, a história do tempo presente da ADB, tem diante das diversas materialidades discursivas: fotomontagens, vídeo-montagens, charges, piadas etc.

Assim, nesse caminho, como forma de compreendermos alguns dos desdobramentos teóricos promovidos a partir da teoria francesa de Maingueneau, propomos observar a constituição da “teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos”, promovida pelo autor-narrador textual *Humor, língua e discurso* (2010) de Sírio Possenti. Para nossa investigação, partimos dos princípios teóricos desse movimento intelectual brasileiro, promovido pelo autor,

compreendendo as derivações, escansões e os deslocamentos, atestando e validando um certo espaço discursivo de pesquisa acerca do discurso humorístico, divulgando-o. Ou seja, perscrutamos compreender como a narrativa produzida pelo autor possibilita trazer conceituações “novas” acerca do discurso, a partir de princípios estrangeiros, mas que traz consigo traços e materiais particulares, nesse caso específico, mobilizando as piadas como *corpus* de trabalho.

Assim, para compreender a noção de estereotípias nas piadas, partimos do texto *Estereótipos e identidade: o caso nas piadas*, publicado no livro *Humor, língua e discurso* (2010). Nossas análises serão construídas elencando certas regularidades do discurso científico que nos possibilitam observar a ocorrência da heterogeneidade dos discursos (característicos desse tipo de discurso constituinte) e como tal princípio contribui para a construção de certos acontecimentos discursivos enunciativos; em seguida, buscaremos compreender como o recorte feito pelos autores-narradores textuais representam um tipo de heterogeneidade mostrada não marcada no discurso científico, refletindo na construção não apenas de acontecimentos discursivos, isto é, que contribuem para a produção de enunciados singulares atualizando uma certa vertente discursiva, mas também contribuem para a promoção de um acontecimento metadiscursivo, em que o próprio discurso científico se (re)inventa, se (re)constrói e se ressignifica constantemente por meio de seus próprios fazeres científicos, (re)dizendo e reconfigurando teoricamente a sua metodologia; dessa forma, promovem novas narrativas discursivas que (re)contam o próprio fazer científico por meio de enunciados singulares num espaço discursivo brasileiro.

Começamos, brevemente, expondo as principais conceituações promovidas pelo texto de Possenti (2010) acerca da noção de estereótipos, em especial, dando destaque ao seu *corpus* selecionado – a nosso ver, já bastante representativo. Logo no primeiro momento, há, talvez, uma importante reflexão: por que tomar as piadas como objeto de trabalho da análise do discurso, se ao longo do seu surgimento não havia tal preocupação? E qual(is) aspecto(s) deve(m) ser abordado(s) e os efeitos de sentidos criados diante de um material humorístico? Vejamos:

Estudei piadas durante bastante tempo, mas minha preocupação fundamental foi sempre a de tentar explicitar o que havia de relevante do ponto de vista da língua, embora fosse inevitável lembrar e às vezes explicitar as necessárias remissões a fatores “extralinguísticos” (POSSENTI, 2010, p. 39).

Dadas as particularidades da emergência da AD – de início, fenômeno limitado à França – como um dispositivo que coloca em relação o campo da língua e o campo da sociedade concebida pela sua história (a partir das relações de forças e de dominação ideológica), ela, inicialmente, apoiando-se sobre o discurso político, acreditava “na crença [de] uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica (...)” (GADET, 2014, p. 9). Fugindo dessa premissa inicial, Possenti (2010) mobiliza um material inscrito em uma outra instância, no campo do humor, e os diferentes efeitos de sentidos – simulacros – criados a partir de estereótipos cristalizados em uma dada sociedade. Assim,

O que concerne aos linguistas são, para dizer o óbvio, as questões linguísticas, até porque os outros especialistas não se ocuparão das propriedades verbais ou textuais desse gênero de discurso. Mesmo assim, não pude deixar de anotar algumas teses clássicas e mesmo de ensaiar algumas retificações que me pareciam necessárias, em especial à luz da Análise do Discurso que, a meu ver, se dobra excessivamente à Psicanálise, quando se trata de chistes, o que a faz esquecer com frequência suas estreitas relações com a História (POSSENTI, 2010, p. 39).

Nesse sentido, as piadas servem como mote de reflexão do autor para o estudo do discurso humorístico à brasileira (fugindo, *a priori*, do caráter político de sua emergência nos anos sessenta, por exemplo) e, ao mesmo tempo, é responsável por abrir novas reflexões – simulacro invertido – acerca desse campo, mobilizando os princípios da análise do discurso francesa. O texto tem como objetivo associar as piadas à questão da identidade, isto é, “explicar os aspectos da representação identitária com base em material humorístico, [que] é para mim um problema novo (...)” (POSSENTI, 2010, p. 39). Para alcançar tal empreitada, o autor-narrador expõe a hipótese de que a identidade esteja sempre representada nas piadas por meio de estereótipos:

Já constatei em meus trabalhos anteriores, que as piadas operam com estereótipos. Este parece um traço óbvio desde sempre. Mas não gostaria de ficar de novo apenas na constatação. Por isso, proporei – farei um pouco mais que isso neste ensaio [*Estereótipos e identidade: o caso nas piadas*] – que o estereótipo, tal como funciona nas piadas, talvez seja uma forma peculiar de manifestação, nesse gênero particular, do simulacro, tal como foi proposto e descrito por Maingueneau (2008a), ou seja, é um efeito necessário da relação interdiscursiva, em especial no caso de tal relação ser polêmica (POSSENTI, 2010, p. 30-40, grifos nossos).

Como vemos no excerto, o princípio de simulacro de Maingueneau é deslocado para a sua narrativa, adaptando-o em um outro tipo de material, o humorístico. A nosso ver, nessa primeira ação de narrar o outro, trazendo aspectos da teoria, ou seja, o discurso sobre o discurso, identificamos um acontecimento metadiscursivo, pois podemos associar o próprio fazer científico tentando explicitar e replicar um outro fazer científico, o brasileiro. Vemos, com isso, duas vozes em diálogo – a voz do outro, Maingueneau, é mostrada marcada por meio do discurso indireto – sendo (re)significadas na voz do autor-narrador textual em questão, figurativizada nessa vertente enunciativa (metadiscurso).

As proposições de Possenti (2010) embora tenham como intento buscar subsídio teórico em *Gênese dos discursos* de Dominique Maingueneau (2008b), sobretudo tomando a noção de simulacro, avançam os seus postulados, trazendo como arcabouço discursivo um tratamento de dados bem original, composto por piadas. Nesse sentido, o autor tenta associá-las à questão da identidade, trazendo aspectos que possam representar a identidade de um povo com base em um material humorístico. Tal material, segundo ele, funcionaria – no que diz respeito à estereotipia – baseando-se em um traço que é assumido por uma pessoa ou determinado grupo social (estereótipo básico) para produzir e circular o seu oposto o mais rebaixado possível (o estereótipo oposto ou simulacro invertido¹⁴⁸). A hipótese levantada pela narrativa é a de que a identidade construída esteja sempre representada nas piadas por meio de estereótipos. Consoante suas palavras:

Assumo [...] que o fato de que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é seu espelho, sua cópia. [...] o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro (POSSENTI, 2010, p. 40).

Tomando tal princípio teórico, quando se busca rebaixar o outro, promovendo características negativas, “invertidas” socialmente, tem-se evidente que os estereótipos são construídos por aquele que traduz o discurso do outro a partir das categorias do mesmo, isto é, a partir de seu próprio imaginário social constituído, o

¹⁴⁸ Com o objetivo de apreender o discurso através da interdiscursividade, Maingueneau (2006b) propõe a hipótese de que o interdiscurso precede o discurso. Essa hipótese volta ao que o autor denominou de competência discursiva. Com isso, o discurso produzido traduz outros discursos, associados pela relação do interdiscurso corrente. Dessa forma, essa construção, por meio de outros discursos, transforma-os a ponto que sua presença refere-se a um “simulacro” que o discurso primeiro constrói em relação aos demais “pré-existentes”.

sujeito produtor inverte a característica positiva, (des)construindo a imagem – e com isso, a identidade – do sujeito político, por exemplo, para a característica negativa, rebaixando-o e promovendo o riso sarcástico como resultado.

Nesse caminho, o autor-narrador textual tenta analisar essa passagem do estereótipo básico ao estereótipo oposto tomando como exemplos as piadas de gaúcho. O estereótipo básico que é posto em questão é, em grande parte, a gauchice, ou seja, coloca-se como temática os traços que constituem o imaginário do povo gaúcho: ser hospitaleiro, livre, despachado, pouco refinado, gostar de churrasco, ser macho e fazer questão de frisar sua macheza. São estas características, segundo o texto, que se justificam como material para o discurso humorístico, sobretudo o traço da macheza que será tratado de maneira peculiar às piadas – o estereótipo básico. Ser macho, nas piadas de gaúcho, será o ponto crucial para a concretização de novos estereótipos (opostos), simulacros invertidos “desqualificando” a figura do gaúcho e representando-o de maneira inversa mais direta e picante possível: “ele não será franzino e medroso [...], mas homossexual passivo¹⁴⁹ (POSSENTI, 2010, p. 44)”. Vejamos um exemplo trazido pela narrativa:

Um deputado gaúcho teria dito, há algumas décadas, numa sessão da Câmara:
- No Rio Grande do Sul só tem macho!
- Ao que um deputado mineiro teria respondido:
- Pois em Minas, metade é homem, metade é mulher, e a gente tem se dado muito bem.

Na piada, notamos que o estereótipo básico é posto em funcionamento pelo próprio gaúcho: “no Rio Grande do Sul só tem macho!”. Ao mobilizar tal discurso, o traço da macheza é marca de identidade do povo gaúcho. Por outro lado, o simulacro invertido construído, nesse caso, é colocado em cena pela construção da imagem do outro – do sujeito mineiro – sobre o discurso do mesmo que faz disso uma representação positiva de seu povo: o mineiro, ao contrário do povo gaúcho, gosta de mulher, não de macho. Trata-se, portanto, de observarmos a “tradução” do estereótipo básico do gaúcho macho e, o estereótipo oposto, do gaúcho homossexual passivo,

¹⁴⁹ Podemos observar que tal rotulação e estigmatização tem se configurado muito fortemente como estereótipos construídos e circulantes na sociedade brasileira. Sobre esse tema, há diferentes debates, em especial na Antropologia, que se dedicam ao estudo do processo de construção de identidades sócio-sexuais – tematizados desde os anos setenta – cujos objetivos envolvem a observação de certos pares dicotômicos sobre a sexualidade. Cf. CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. **Cadernos Pagu**, n.º. 28 jan./jun., 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/05.pdf>>. Acesso em: 20 abr. de 2018.

construído pelo simulacro do outro¹⁵⁰. A tradução representa, em si, uma inversão dos sentidos atribuídos inicialmente, satirizando e instaurando novos discursos.

Observamos com esse jogo de estereotípias a presença de diferentes lugares comuns, de imagens socialmente cristalizadas e que carregam consigo certos traços – negativos ou positivos – acerca de um determinado fato. No caso das piadas, por exemplo, o fato de elas servirem para promover o riso, desqualificando o outro sem correr o risco de sofrer sansão, característica do discurso humorístico, qualifica-as como promotoras de lugares comuns na sociedade, tais como as piadas de gaúchos, que reverberam o traço da macheza; as piadas de loiras, que criam sentidos na ordem da “mulher burra”; as piadas de Joãozinho, enquanto sinônimo de esperteza e deboche etc.

Tais lugares comuns, segundo Amossy e Pierrot (2001), têm herança na Antiguidade grega, no que diz respeito à dialética e à retórica de Aristóteles. Os autores destacam que, para Aristóteles, “lugar comum” era entendido como “categorias formais de argumentos que têm um alcance geral, como o possível e o impossível, o maior e o menor, os contrários [...], o universal e o particular” (p. 19, tradução nossa). Além disso, segundo elas, o valor pejorativo dos lugares comuns assumiu uma posição de destaque em meados do século XVIII e, no século XIX, quando houve a sua extensão semântica, ampliou-se ao ponto de trazer certa desvalorização e grande generalização, convertendo-os a argumentos banalizados, repetitivos e à ideia de uma fórmula cristalizada, atribuindo (ou não) uma dada “verdade”.

A obra de Possenti (2010), como um todo, reflete sobre o discurso produzido no campo humorístico, contribuindo para as discussões em torno das diferentes formas de enunciação acerca dos sentidos gerados pelas piadas. Por esse ângulo, além dessa produção discursiva num espaço discursivo brasileiro, em que o objetivo é trazer traços característicos da materialidade produzida em nosso país, podemos, também, encontrar na própria materialidade teórica da obra recursos da constituição polifônica do discurso científico, que é constantemente ressignificado por meio de vozes outras para a composição de sua narrativa; destacamos, assim, alguns casos de *heterogeneidade*, segundo os princípios de Authier-Revuz (1990, 2004), promovidos

¹⁵⁰ O simulacro, segundo Possenti (2010), refere-se a uma “identidade pelo avesso, digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (p. 40).

pelo autor-narrador textual de *Humor, língua e discurso* que compõem a constante ressignificação da teoria discursiva para o campo enunciativo humorístico:

(1) São acontecimentos discursivos a respeito dos quais talvez se possa dizer, por analogia, o que Foucault (1972) afirma que se descobre, nessa nova histórica, sobre os acontecimentos que são mais ou menos visíveis (POSSENTI, 2010, p. 32).

(2) (...) a identidade é social, imaginária, representada (como o explícita, por exemplo, Penna, 1997), tese que se opõe à suposição de que a identidade se caracteriza por alguma espécie de essência ou realidade profunda (POSSENTI, 2010, p. 40).

(3) Criticando as teorias correntes sobre humor, Propp (1992) afirma que um de seus defeitos é serem abstratas. Contra isso, propõe uma exigência: “diante de qualquer fato ou caso que suscite riso, o pesquisador deve, a cada vez, colocar-se a questão do caráter específico ou não específico do fenômeno em exame, e de suas causas” (p. 19) (POSSENTI, 2010, p. 121).

(4) (...) Freud (1969 [1905]) acrescenta que, evidentemente, essas traduções não são chistes, ou seja, que seu caráter humorístico não reside no pensamento que expressam. Trata-se de uma “afirmação correta e aguda”, mas certamente não de um chiste (...) (p.30) (POSSENTI, 2010, p. 154-155).

Nesses excertos, é possível encontrar as duas características de heterogeneidade: a mostrada marcada e a não marcada no discurso científico. É considerada heterogeneidade mostrada não marcada a vertente em que o autor-narrador se filia para a promoção de sua teoria do humor, todavia, marcada porque a voz do outro o inscreve em tal perspectiva de trabalho, promovendo uma (re)atualização do discurso científico para a construção do cenário enunciativo brasileiro. Assim, nessa segunda característica, vemos a presença e a retomada diretas de outras vozes no discurso do Mesmo (autor-narrador), isto é, o sujeito cede lugar ao outro do discurso como porta-voz, além de diluir a fala do outro em seu discurso.

Podemos dizer que a narrativa proposta pelo autor-narrador textual constrói uma certa perspectiva discursiva acerca do campo humorístico e de como no Brasil as piadas podem se tornar um objeto de reflexão interessante e profícuo para as discussões em análise do discurso. Essa vertente discursiva possibilita a observação das enunciações promovidas e os efeitos de sentidos gerados com os diferentes tipos de piadas, caracterizando, assim, uma certa identidade social e historicamente construída. Nesse sentido, o fazer ranger a teoria estrangeira com o material brasileiro promove tal constituição do espaço de pesquisa discursivo nacional, corroborando-o,

de certo modo, por meio dos desdobramentos realizados por outros autores-narradores, tais como alunos na pós-graduação, publicação de novos artigos sobre o campo humorístico, divulgação da teoria e (novas) perspectivas em congressos e reuniões científicas; enfim, essa ressignificação de teorias e o (re)contar por meio do próprio fazer científico estimulam a produção desse acontecimento metadiscursivo.

Nesse processo de construção do discurso intelectual acadêmico, em que se configuram diferentes materiais selecionados, estes não deixam de seguir uma certa norma pré-estabelecida em um certo contexto científico, no qual se baseiam fundamentalmente em discursos científicos outros, de autores outros que abordaram o tema, para a sua configuração e sua constituição. É nesse sentido, por exemplo, que vemos ao longo da estrutura científica do texto acadêmico as constantes retomadas de outras vozes que servem como fiadoras dos seus discursos, ou seja, conceitos e fundamentos que possam balizar o discurso do “eu” – autor-narrador. Podemos, assim, dizer que a voz do outro não é mobilizada apenas como uma marca da alteridade, mas ela é também (res)significada, adquirindo um novo “corpo” a fim de endossar o discurso do “eu” falante.

Das condições verbo-visuais do discurso: a teoria dialógica

Após descrevermos uma pequena parte da história enunciativa do discurso no Brasil, partimos para a compreensão de uma outra importante vertente que figura entre os diferentes trabalhos em análises de discursos brasileiras: a dialógica. Tal vertente é desenvolvida a partir das reflexões de Mikhail Bakhtin – a saber, dialogismo, signos ideológicos, polifonia etc. – e narradas em diferentes livros completos, capítulos e artigos científicos de distintos autores-narradores que (re)constróem seus dizeres a partir de pontos de vista e ângulos novos. Em especial, para esta nossa narrativa, voltamo-nos a atenção à obra *Ironia em perspectiva polifônica* (2008) de Beth Brait, leitora atenta e uma das responsáveis pela organização bibliográfica dos trabalhos acerca do Círculo bakhtiniano. Composto, sobretudo por Bakhtin, Volochinov e Medvedev, seus membros inserem-se no contexto da episteme soviética das décadas de vinte e trinta do século passado. A noção de signo ideológico, numa clara relação com o marxismo, é definida na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) à época do movimento estruturalista,

causando reviravoltas – por contrariar os princípios estruturais recém implementados – e discussões entre os estudiosos do momento.

Nesse caminho, instituímos, inicialmente, a forma de pensar o espaço discursivo brasileiro como a constituição de diferentes análises de discursos, no plural, e acreditamos que a filosofia da linguagem proposta pelo Círculo é parte integrante e significativa de uma das análises de discursos brasileiras: por um lado, a noção de historicidade, que adquiriu um papel central e dominante nos estudos linguísticos do século vinte, por exemplo, é trazida novamente à cena, representando-a não somente pela composição de signos linguísticos, mas por signos ideológicos; por outro, as traduções de Bakhtin no cenário internacional (fora das Rússias) – promovidas por Kristeva e Todorov nos anos oitenta –, que contribuíram para que as suas reflexões tomassem forma e voz e o pensamento do filósofo russo adquirisse espaço não somente no campo teórico da Literatura, mas também na Linguística. Hoje, graças às suas contribuições, podemos dizer que é uma vertente de trabalho entre grupos de discursos no Brasil que articulam, em especial, (re)interpretações de sua teoria por meio de materialidades distintas.

Embasados nessas reflexões, esta narrativa dialógica assemelha-se à anterior: queremos, com isso, compreender como o processo científico da análise do discurso brasileira constrói ressignificações do seu próprio fazer científico, fomentando a construção de um acontecimento metadiscursivo, isto é, de narrativas que (re)interpretam as teorias bakhtinianas e promovem a constituição de diferentes correntes de pesquisa, em diferentes grupos do Brasil, a partir de objetos novos de observação. Partimos para a observação das heterogeneidades no discurso promovido em *Ironia em perspectiva polifônica* que compõem uma teoria da verbo-visualidade, cujo objetivo é compreender a produção dos sentidos numa relação direta (e indireta) com a linguagem verbal e a visual. A obra, também constituída como um autor-narrador textual, possui um caminho único e singular que contribui para o desenvolvimento de uma corrente discursiva brasileira.

Assim, a constituição da obra ocorre pela compreensão de um fenômeno não estritamente linguístico, mas sobretudo social e cultural: a ironia. Por isso, é preciso defini-la, segundo Brait (2008), como uma confluência de discursos ou como um jogo de vozes que se cruzam e constituem um canal instaurador de polifonia. Segundo ela:

A motivação deste trabalho está ligada ao interesse pela forma como o procedimento irônico multiplica suas faces e suas funções,

configurando diversas estratégias de compreensão e representação do mundo. A busca de uma perspectiva discursiva, que surpreendesse a ironia como conjunção de discursos e, mais especificamente, como forma particular de interdiscurso, revelou-se como um caminho no sentido de descrever e interpretar determinados aspectos ligados a fenômenos linguísticos, caracterizados dentro de uma categoria ampla denominada humor e localizada em diferentes tipos de discurso (BRAIT, 2008, p. 13).

Desse excerto, é válido destacarmos algumas reflexões. A primeira delas é que o texto tem como objetivo a proposição de uma “perspectiva discursiva” em que mobiliza uma certa metodologia e fundamentação teórica que serão pano de fundo de sua composição. Suas análises verbo-visuais terão como *corpus* algumas “produções discursivas de caráter estritamente literário – romances brasileiros de diferentes épocas – e de natureza jornalísticas – jornais contemporâneos” (p. 13), cujo objetivo é transmitir informações. Em relação à segunda, tais proposições fazem parte de uma “categoria ampla” chamada de humor: “[da observação de algumas produções discursivas] revelou-se a necessidade de localizar com maior precisão a natureza e as funções de determinadas manifestações que, sendo de humor, não parecem necessariamente estar a serviço do riso, embora essa seja uma consequência inevitável” (BRAIT, 2008, p. 13).

Trata-se, pois, de um livro pensado e organizado a partir de dois grandes momentos que sintetizam o novo e o moderno da análise do discurso: o primeiro, mais diacrônico, refletindo os percursos e os deslocamentos do estudo da ironia a partir de seus traços essenciais, destacando desde as problemáticas em Aristóteles a Bergson, em que a ironia ora assume uma dimensão filosófica, ora uma natureza linguística e, o segundo, por aplicar a sua própria metodologia – a verbo-visualidade – a um texto particular: o romance *Madame Pommery* de Hilário Tácito.

A autora, assim, trata a ironia como “um processo discursivo passível de ser observado em diferentes manifestações de linguagem” (p. 14) e é produzida por meio de um esquema marcado pela ambiguidade, em que um único significante pode adquirir diferentes significados. Ou seja, a ironia surge como resultado de um conjunto de fatores e procedimentos discursivos que podem aparecer em diferentes tipos textuais: “o conceito de efeito de sentido parece pertinente na articulação produção-recepção envolvida por um texto, por um conjunto de textos que podem configurar um discurso” (p. 15). Diante disso, pode-se considerar que a recepção do

humor, consoante a autora, pode ou não ser configurada pela ironia, que caracteriza aspectos de uma dada cultura, em uma dada sociedade:

Uma manifestação humorística tanto pode revelar a agressão a instituições vigentes, quanto aspectos encobertos por discursos oficiais, cristalizados ou tidos como sérios. Mas pode também confirmar, transmitir ou instaurar preconceitos (p. 15-16).

Na obra, Brait (2008) volta-se à tese de que o discurso de um sujeito falante nunca se esgota em si mesmo, mas torna-se completo por meio da réplica do outro, das intervenções do discurso outro no discurso do “eu” falante. Como resultado, as discussões em torno da definição de ironia mostram-se salutares justamente por tal característica, uma vez que essa forma de linguagem é constituída em sua relação com o linguístico, o social e o discursivo a partir do processo metaenunciativo que diz respeito ao sujeito e à linguagem; além disso, a ironia é considerada como uma espécie de entre-lugar de discurso. Sob esse prisma, destacamos:

A ironia é surpreendida como procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta-referenciação, de estruturação do fragmentário, que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros. Em outras palavras, a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados (BRAIT, 2008, p. 16).

Para pensar tal definição, a autora passa por um conjunto de vários posicionamentos teóricos, de Aristóteles a Bergson, numa tentativa de entender a ironia não somente como uma manifestação discursiva, mas também as suas relações intertextuais e interdiscursivas. Como vemos no seguinte excerto:

Esboça-se aqui uma perspectiva discursiva a respeito de ironia e, mais particularmente, da relação existente entre ironia, intertextualidade e interdiscursividade, combinatória escolhida para abordar um ângulo, ao menos, da complexidade do discurso marcado pelo humor e conseqüentemente pela ambigüidade (BRAIT, 2008, p. 22).

Nesse processo investigativo dos “percursos e percalços do estudo da ironia” (p. 21), a autora começa sua reflexão a partir da chamada “ironia socrática”, desenvolvida por Aristóteles e caracterizada como um princípio filosófico e/ou metafísico, entendida por ele como uma “noção tradicional” (p. 24). Trata-se, pois,

segundo esse segmento, de tomá-la como uma atitude do homem como linguagem, já que desde o período socrático, torna-se um mecanismo fundamental para a comunicação; seus desdobramentos em relação à noção voltam-se para uma dialética como resultado. Diante de tal posicionamento, passa-se para as discussões em torno do romantismo alemão de Schlegel. Segundo essa perspectiva, a “ironia romântica” está “diretamente ligada a uma concepção de poesia”, que “está intimamente motivada por uma postura filosófica: o idealismo alemão” (BRAIT, p. 31-32). Tais incursões permitem à linguista brasileira caracterizar a ironia, durante esse momento, como linguagem, tomando-a a partir de sua dimensão na língua e no discurso. Ou seja, por meio da proposição de uma perspectiva discursiva, é preciso, necessariamente, tomar essa noção a partir de duas interfaces: da dimensão ideológica, cultural, histórica, social e da subjetividade. Dessa dupla relação compreende-se o constitutivo do discurso.

Ultrapassando, *grosso modo*, tal visão filosófica, o texto remonta a algumas considerações de Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês que se dedicou aos estudos fenomenológicos e teceu certas questões importantes a respeito da ironia, configuradas pela primeira vez em seu livro *O riso*, publicado em 1900. Trata-se, pois, de um momento importante para os estudos sobre a ironia, em que o autor, por meio do conceito de “interferência de séries”, permitiu aceder os estudos irônicos a um mecanismo discursivo puramente dito. A proposição de Bergson produz, com isso, a definição de uma ironia verbal, que segundo ele trata-se de uma “transposição numa interferência de séries, isto é, como “dois sistemas de ideias presentes numa mesma frase” (BRAIT, 2008, p. 42):

Para resumir o que até agora dissemos, há em primeiro lugar dois termos de comparação extremos: o muito grande e o muito pequeno, o melhor e o pior, entre os quais a transposição se pode efetuar num sentido ou noutro. Ora, diminuindo aos poucos o intervalo, obteremos termos de contraste cada vez menos bruscos e efeitos de transposição cômica cada vez mais sutis. A mais geral dessas oposições seria talvez a do real com o ideal: do que é com o que deveria ser. Ainda aqui a transposição poderá ser feita em duas direções inversas. Ora se enunciará o que deveria ser, fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor assim definido é o inverso da ironia. Ambos são formas de sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico. Acentua-se a ironia deixando-se arrastar cada vez mais alto pela ideia do bem que deveria ser. Por isso a ironia pode aquecer-se

interiormente até se tornas, de algum modo, eloquência sob pressão (BERGSON, 1980 apud BRAIT, 2008, p. 42).

Assim, nesse trajeto temático construído pelo autor-narrador sobre a noção de ironia, Bergson está entre os primeiros estudiosos a propor a inserção dessa noção no plano da linguagem, não se limitando apenas a uma dimensão essencialmente filosófica. Sob o seu simulacro, o texto ainda mostra que essa “interferência de séries” do filósofo francês pode ser entendida e interpretada sob as categorias que a análise do discurso firmou à época de sua emergência, tais como “formações ideológicas” e “formações discursivas” que são constituídas por formas linguísticas e sempre presentes em um certo discurso.

Outra característica importante é que no excerto acima destacado pelo autor-narrador, além de haver a mobilização e exposição de uma contribuição importante dos anos oitenta para o campo – do humor, sobretudo – a partir de sua inscrição no discurso, há também uma significativa ressignificação do discurso de Bergson por meio do autor-narrador textual, em forma de um simulacro, isto é, ao destacar tal excerto, o texto reconstrói a história do campo científico, mobilizando caminhos e ferramentas que os auxiliem na construção de sua própria teoria, do seu próprio fazer científico. Ao citar o discurso do filósofo, cria-se um acontecimento metadiscursivo de ressignificação teórica, em que a teoria – mostrada e marcada por várias vozes – procura explicar a sua própria constituição.

A história da noção de ironia é apresentada como forma de sustentar a teoria verbo-visual, oferecendo certos subsídios para a sua construção teórica que está por vir. Assim, trazemos, brevemente, uma análise proposta pelo autor-narrador textual que representa metonimicamente tal ponto de vista dialógico. Como objeto de trabalho, a materialidade linguística não é a única fonte de inspiração, mas é a sua relação com a materialidade imagética, promovendo a construção dos diferentes efeitos de sentidos – cômico, satíricos etc. – produzidos pelo jornal, por exemplo, e fomentando discussões interessantes acerca dos aspectos ideológicos, lugares de fala, dialogismos, entre outros, que corrobora essa corrente de estudos discursivos brasileiros. Vejamos a seguinte imagem:



Figura 1 – Ironia em perspectiva polifônica

Fonte: BRAIT, 2008, p. 44

A figura é uma representação da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 7 de janeiro de 1991. A manchete que nos chama atenção é a seguinte: “Governo apela ao setor privado para evitar descontrole”. Ao lado do texto, é possível encontramos uma foto do então presidente Fernando Collor, com trajes esportivos, “braços abertos e com pernas e os pés em posição desarmônica” (BRAIT, 2008, p. 44).

Nessa situação, a teoria procura mostrar que apesar de figurarem numa mesma situação de fala, texto verbal e imagem não ocupam o mesmo campo discursivo. Por um lado, a manchete e toda a materialidade verbal referem-se ao campo discursivo da economia, numa relação política governamental e empresarial; a foto, por outro, inscreve-se no campo discursivo do esporte, com vistas a trazer um momento de descontração do então Presidente pós-exercícios físicos. Comprovamos tais questões a partir do texto explicativo presente abaixo da manchete e a legenda, disposta logo abaixo da imagem, explicitando o assunto e a necessidade da presença de Collor nesse ambiente. Vejamos o que o autor-narrador nos diz sobre tal organização:

Entretanto, é a diagramação – o projeto gráfico da página, a maneira de colocar as informações verbais e visuais nesse espaço – que propõe o conjunto, a possibilidade de leitura e interpretação dos dois acontecimentos como se a foto fizesse referência à manchete e vice-versa. A foto está emoldurada pelas sequências verbais e as sequências verbais têm como centro catalisador a foto (BRAIT, 2008, p. 45).

Outros elementos são importantes para a caracterização desses segmentos que aparentemente podem ser tomados como independentes. Pode-se dizer que o sujeito do enunciado verbal, reproduzido na manchete, tem referência direta ao “governo”, enquanto na imagem destacada quem figura ao centro é o então Presidente Collor:

A ação desses dois atores (governo/presidente da República), que na verdade são dois componentes de um mesmo actante, também se institui a partir de um paralelismo: a) [o governo] *apela* ao setor privado para *evitar descontrole*; b) [presidente Collor] de braços abertos [apelo] posa em flagrante descontrole de postura (BRAIT, 2008, p. 45).

Temos, com isso, a figurativização do verbal e do visual acerca de um sentimento, o apelo, que em conjunto convergem para o mesmo sujeito, congelando a imagem a partir do “descontrole”. A partir do efeito irônico e humorado, o coenunciador se depara com tal composição discursiva por meio da “interferência de séries”, representadas nesse momento pela política e pelo esporte, reverberando uma certa ambiguidade com razão crítica. Em outras palavras, a argumentação indireta, a crítica – formada por campos discursivos distintos –, constitui-se por meio da ironia, do humor sarcástico. A “coesão verbo-visual” (BRAIT, p. 45), mais a ironia e o humor como resultados serão fundamentais para a configuração e a dimensão de formações ideológicas que instauram dois tipos de discursos numa terceira, cujo

objetivo é corroborar a ideia do descontrole nas contas, no governo, todavia personificado na figura do ex-presidente (BRAIT, 2008).

O autor-narrador ainda faz uma reflexão importante: independente das intenções ou objetivos do jornal ou do diagramador; tal estratégia de composição dialógica reverbera na criticidade do outro frente aos fatos, isto é, tal junção revela um produtor crítico e, sobretudo, bastante criativo que “sem ferir as normas do discurso jornalístico, faz uma leitura pertinente e antecipadora da sequência da história do Brasil” (p. 46). A foto é ambientada em um momento ainda distante do *impeachment* de Collor e seus eleitores, à época, ainda não se sabia que o seu governo compunha-se como uma grande ilusão e mentira.

Temos, com isso tudo, a referência ao lúdico, a discursos outros que retomam um diálogo entre sujeito produtor e coenunciador, cujo objetivo é de proporcionar certa crítica ou denúncia a um determinado sistema e que nem sempre são explicitadas. É nesse meio que o recurso irônico e o humor (disfarçados, muitas vezes) assumem papéis importantes, pois permitem que se crie um certo jogo interdiscursivo em diferentes materialidades – verbais e visuais – que corroboram a produção de diferentes efeitos de sentidos. Desse modo, consoante a autora,

(...) esse recurso [irônico] vai revelar um enunciador que, instaurando vários locutores, deflagra um homem cujas entrelinhas atualizam representações de uma dada mentalidade, valores característicos de um dado momento ou de uma dada cultura, ainda que (...) a última coisa a interessar seja a intenção do autor (BRAIT, 2008, p. 46).

Nesse sentido, fundamentado o arcabouço teórico da teoria da ironia, o texto, numa segunda e última parte, aplica-o em um romance intitulado *Madame Pommery* do autor brasileiro Hilário Tácito (pseudônimo de José Maria de Toledo Malta), publicado em 1920. Com força persuasiva, a ironia compõe-se como elemento estruturador do romance que promove uma ambiguidade crítica “emblemática de ruptura” (BRAIT, 2008, p. 161). Além disso, a análise linguística acontece fortemente por meio da heterogeneidade, de registros ou instâncias discursivas, e compõe o processo irônico, pois é ela que corrobora o processo de opacificação do discurso, isto é, por mais que simulem alguma “transparência” e/ou objetividade, essa característica heterogênea traduz certa transgressão dos discursos, subvertendo normas, traço marcante do texto humorístico. O diálogo faz-se na relação do sujeito produtor e coenunciador, este último fomentado pela detecção de intertextos que o completam para a produção dos sentidos.

A retomada de algumas partes da obra para o nosso percurso de trabalho não se torna apenas uma mera descrição teórica, de algo pronto e acabado, pelo contrário, reinstaura discussões em torno do próprio fazer científico brasileiro acerca do campo discursivo. As retomadas e as ressignificações em diferentes textos, revistas e pesquisas de mestrado e doutorado, por exemplo, ratificam a caracterização dessa corrente de pesquisa em grupos de pesquisa no Brasil. Como já mostramos anteriormente, destacamos ainda alguns excertos que traduzem as diferentes vozes do discurso científico que compõem um acontecimento metadiscursivo. São eles:

(5) Um dos mecanismos mais significativos, nesse sentido, pode ser observado considerando-se a ironia como fato de metacomunicação, segundo a proposta de Berrendonner que toma por base os estudos feitos por Sperber e Wilson (1978), autores anteriormente mencionados neste trabalho e que entendem a citatividade como aspecto básico da ironia (BRAIT, 2008, p. 118).

(6) Bakhtin e o Círculo podem oferecer pontos muito precisos sobre o discurso, sua dimensão social, histórica e cultural, direcionando uma concepção de linguagem e caracterizando a ideia de enunciação como interação social (BRAIT, 2008, p. 135).

(7) No processo discursivo irônico, a interação enunciador-enunciatário assume uma particularidade que consiste no fato de o enunciatário necessariamente ser previsto, ser instaurado na e pela enunciação, tal qual o enunciador, e, como tal, funcionar como “enunciador intérprete. Assim, a “não-coincidência interlocutiva existente entre enunciador e enunciatário” vai sendo suturada como forma de constituição da convivência, o que leva o discurso irônico a construir e articular de maneira especial o enunciador, o já-dito e o enunciatário. No que diz respeito à relação enunciador-enunciatário, a ironia constitui “um modo de conciliação de subjetividades” (...) (BRAIT, 2008, p. 144).

Nesses excertos, encontramos diferentes vozes – mostradas marcadas e não marcadas – que configuram, a nosso ver, um acontecimento metadiscursivo. Ou seja, há uma ressignificação do discurso outro na voz do autor-narrador textual selecionado, que o mobiliza em seu discurso a fim de que uma nova instância discursiva dialógica seja instaurada. O fazer científico, metonimicamente representado pelo acontecimento metadiscursivo, é narrado diferentemente e seu processo de formulação ocorre por meio de interdiscursos. A ironia polifônica proposta faz referência a Bakhtin e ao Círculo, reunindo num conjunto coerente aspectos importantes, como o posicionamento irônico e a intertextualidade a partir de certas vozes e fatos que são responsáveis por um complexo interdiscurso.

O silêncio significante no/do discurso: por uma análise materialista brasileira

Na sequência de nosso caminho interpretativo do cenário brasileiro do discurso, partimos, neste momento, para a observação da teoria do silêncio desenvolvida pelo texto *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007) de Eni Orlandi. Trata-se de outro autor-narrador textual, inscrito no campo de estudos discursivos, que produz uma narrativa própria capaz de (re)contar um acontecimento historicamente marcante: os desdobramentos da análise materialista do discurso no Brasil.

Nesse caminho, vemos como um certo objeto, o silêncio, torna-se fundamental para a corrente em questão, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que compõem um ferramental concreto e bastante pertinente em nosso espaço discursivo. Assim como destaca o autor-narrador, trata-se “da materialidade linguística [como] o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos” (ORLANDI, 2007, p. 21). Além disso, a materialidade do silêncio no seu processo de significação é tomada na relação entre o imaginário, o real e o simbólico da língua. Apesar de essas instâncias figurarem no campo da psicanálise, a narrativa, inscrevendo-se nos pressupostos teóricos da análise do discurso, afirma que o modo como esse campo de saber as tomam relaciona-se diretamente com a ideologia e a determinação histórica, deslocando a maneira de pensar da psicanálise e do inconsciente para o campo da “Teoria das Ideologias”, isto é, do silêncio que significa, que promove o movimento dos sentidos a partir do não dito, da relação necessária entre a língua e a ideologia. Como forma de explicar o lugar teórico de sua inscrição no campo da análise do discurso, em especial, e delimitar a materialidade de seu objeto na língua, destacamos dois excertos de nosso texto-fonte. Vejamos:

(...) Fizemos um percurso pela *análise do discurso* que nos mostra, por sua vez, a função e o alcance de alguns de seus conceitos, assim como nos permite avaliar melhor seu espaço teórico e a história de seu desenvolvimento (ORLANDI, 2007, p. 14, itálico da autora).

Ademais,

É nesse lugar teórico que aparece a necessidade da ideologia na relação com a produção de sentidos. A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso (materialidade específica da ideologia) que melhor podemos observar esse ponto de articulação (ORLANDI, 2007, p. 20).

Nesse sentido, o autor-narrador dá início a sua exposição teórica tomando o silêncio como objeto de observação no campo discursivo. Trata-se, pois de observar os possíveis efeitos de sentidos atribuídos ao silêncio no processo de significação. O autor-narrador questiona-se, logo no início, sobre a dificuldade de se produzir um livro que apresenta tais reflexões,

Escrever um livro sobre o silêncio apresenta suas dificuldades. Porque tomá-lo como objeto de reflexão, e colocarmos na relação do dizível com o indizível, nos faz correr o risco mesmo de seus efeitos: o de não saber caminhar entre o dizer e o não-dizer (ORLANDI, 2007, p. 11).

Temos, assim, a proposição de que o silêncio significa nos “entremeios tanto das disciplinas como das diferentes teorias da linguagem, procurando no entanto uma especificidade” (ORLANDI, 2007, p. 11). Com efeito, consoante Orlandi (2007), é possível encontrar duas características importantes desse conceito que se fazem presentes:

1. há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras. 2. O estudo do silenciamento (que já não é silêncio mas ‘pôr em silêncio’) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’ (ORLANDI, 2007, p. 11-12).

Ou seja, é preciso considerar o silêncio não apenas como a ausência de sons, mas sobretudo como algo que tem significado por meio do não dito: “as palavras são cheias de sentidos a não dizer” (ORLANDI, 2007, p. 14). Assim, tal forma de pensar esse objeto permite distinguir-se, por exemplo, do implícito que necessariamente se apresenta a partir do “dito” no discurso para transparecer-se sob o sentido. Em outras palavras, o sentido não remete ao dito, é silêncio que significa independente dos sentidos das palavras. Destarte, é preciso destacar outra característica interessante e salutar para o estudo em questão:

A partir de sua referência necessária ao dizer, tal como se dá com o implícito, o silêncio foi frequentemente concebido de forma relativa-negativa, significando, por sua dependência das palavras, apenas como contrapartida do dito, tendo uma função ancilar ao dizer (ORLANDI, 2007, p. 66).

Trata-se, pois, de deslocar o sentido do silêncio “tradicional”, geralmente associado ao valor negativo, e trazê-lo ao positivo, de compreender certas significações do não dito como fundamentais para a produção do sentido. Ou seja, “o

silêncio não tem uma relação de dependência com o dizer para significar: o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras” (ORLANDI, 2007, p. 66).

Ao longo de sua teorização, podemos encontrar duas formas de caracterizar o silêncio: como fundante e o que atua como uma política de censura (ou silenciamento). Vejamos:

Quando atentamos para o silêncio, tematizando razões “constitutivas”, fazemos o percurso da relação silêncio/linguagem e estamos no domínio do silêncio fundante. Quando circulamos pelas razões políticas, trabalhamos a dimensão do silenciamento na “formulação” dos sentidos (ORLANDI, 2007, p. 54).

Ainda sobre essa diferenciação, o autor-narrador esclarece que as noções de “constituição” e “formulação” são vistas a partir das proposições de Courtine (1982) a partir de dois eixos na produção do sentidos: o da constituição e o da formulação. Assim, da ordem das palavras, o silêncio fundante atua como um não dito no interior da linguagem que fundamenta o sentido das palavras na história, ou seja, é o “‘lugar’ que permite à linguagem significar” (ORLANDI, 2007, p. 68). Dessa complexa relação entre o silêncio e a linguagem, aquele não é complemento deste, pelo contrário, o silêncio tem significância própria. Não se trata do sentido “originário”, na sua qualidade física ou no sentido absoluto do termo, mas enquanto uma garantia de significação perante a ausência, de que há um movimento dos sentidos e que a não resposta de alguém também é considerada uma resposta, composta pela justaposição de significantes inscritos em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos: “o silêncio fundador, [é] aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2007, p. 24).

É nesse sentido que podemos dizer que essa forma de linguagem não está “entre” as palavras, mas as atravessa assumindo uma condição de significação. O autor-narrador reforça dizendo:

Para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando. (...) [quanto] mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem ainda a dizer (ORLANDI, 2007, p. 69).

Verificamos, com isso, que a linguagem é responsável pela transmissão das palavras ao silêncio e vice-versa. Na fala de um sujeito há sempre um “projeto” que se lança a um futuro silencioso que será sempre pleno de sentido. Assim, conforme o

autor-narrador, o silêncio é significação e é constitutivo, como “condição da linguagem” (ORLANDI, 2007, p. 72) que garantirá o movimento dos sentidos. Exemplifiquemos um pouco tais reflexões: como em qualquer biblioteca, espera-se que o silêncio seja uma característica fortemente marcada dadas as condições de produção que definem esse lugar de fala, todavia, somente o “esperar silêncio” não se torna suficiente no processo de significação, sendo necessário materializá-lo no discurso; a linguagem serve, então, como um espaço para significar um silêncio que lhe é constitutivo. Assim, mais do que dizer “silêncio, esse lugar é reservado à leitura”, encontramos uma constituição histórica marcante que compõe o ambiente em que o silêncio por ele mesmo significa socialmente. O silêncio, além de por si só já reverberar um sentido construído sócio-historicamente, é capaz também de ser materializado no discurso como forma de linguagem que “supõe pois a transformação da matéria significante por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis” (ORLANDI, 2007, p. 33).

Além do sentido fundante, Orlandi também destaca a política do silêncio (ou o silenciamento), subdividido em duas formas de existência interligadas: o silêncio constitutivo e o silêncio local. Trata-se, pois, de se pensar o dito e o não dito na sua relação sócio-histórica, isto é, compreender a historicidade discursiva por meio da possibilidade de poder-dizer, marcada pelo discurso: “com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p. 73).

O silêncio constitutivo refere-se à ordem da produção do sentido pela inserção dos sujeitos discursivos nas diferentes formações discursivas que historicamente são determinadas, isto é, “é o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74). Apagamos assim outros sentidos possíveis quando dizemos algo, impondo, desse modo, os limites e a constituição das formações discursivas:

Um exemplo dessa forma de silêncio é a denominação “Nova República”, no Brasil, atribuída ao regime que seguiu a ditadura militar. Ao nomear-se assim esse período, apagava-se o fato de que o que tínhamos tido antes era uma ditadura (ORLANDI, 1987 apud ORLANDI, 2007, p. 74).

Toda denominação será responsável por causar um certo apagamento do sentido conferindo-lhe outros possíveis, tal resultado coloca o *dizer* e o *silenciamento* como questões inseparáveis. Já em relação ao silêncio local, o sujeito é cerceado pela

censura, ele é impedido de dizer o que pode ser dito, ou seja, é a interdição do dizer. Consoante a autora, a censura é como um fato de linguagem, ela, como formação discursiva, será responsável por impedir o sujeito de se inscrever em outros discursos; o silêncio, dessa maneira, é tomado como agente da censura como algo que não pode ser enunciado em quaisquer circunstâncias. Como exemplo, podemos retomar o período da ditadura militar brasileira e as marcações de protestos promovidas pelas letras de músicas de Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, entre outros. Sobre tais considerações, o autor-narrador afirma:

A censura joga com o poder-dizer impondo um certo silêncio. Entretanto, como o silêncio significa em si, à “retórica a opressão” – que se exerce pelo silenciamento de certos sentidos – responde a “retórica da resistência”, fazendo esse silêncio significar de outros modos (ORLANDI, 2007, p. 85).

A censura será responsável pelo impedimento do sujeito de trabalhar o movimento dos sentidos que corroboram a produção de sua identidade; tal processo de cerceamento só ocorre na sua relação com o silêncio. A censura é produzir um silenciamento de vozes, gerando, assim, um recorte capaz de delimitar o que se diz e o que não se pode dizer. Ao criar tal percurso analítico, o autor-narrador promove uma reflexão importante sobre os aspectos da linguagem que quase se aproximam de questões filosóficas. Assim, sob a perspectiva da análise do discurso, o silêncio torna-se uma “matéria significante” (ORLANDI, 2007, p. 68) que articula na materialidade da língua aspectos importantes, tais como o histórico, o social e o ideológico.

Inspirados na produção de acontecimentos metadiscursivos, queremos observar como essa outra narrativa, a materialista, traduz uma pequena parte de trabalhos brasileiros do (sobre o) discurso, a nosso ver, ocupando espaços de pesquisas bastante singulares em distintas universidades do país. Nesse caminho, remontemos à obra de Orlandi como forma de apresentar pequenos excertos de heterogeneidade que representam a concretização desse acontecimento, que por si só oferece uma ressignificação do campo da análise do discurso a partir de seu próprio fazer científico, configurando-a como uma das diferentes análises de discursos brasileiras. Vejamos:

(8) Tomando Pêcheux como referência básica para entender a análise de discurso da escola francesa, podemos dizer que o que singulariza o pensamento desse autor, e estabelece consequentemente a sustentação fundamental da análise de discurso, é o lugar particular que ele dá à língua, de um lado, em relação à ideologia, que ele trata no domínio conceitual do “interdiscurso”, e, de outro modo, ao inconsciente, na

relação da língua com o que seria a *lalangue* (Lacan) e de que Pêcheux não trata especificamente em seu trabalho, já que ele visa justamente o outro lado dessa relação: o discurso como lugar de contato entre língua e ideologia (ORLANDI, 2007, p. 16-17, itálico da autora).

(9) Por não negar a eficácia material do imaginário, ela [análise do discurso] torna visíveis os processos de construção desse “um” que, ainda que imaginária, é necessária e nos indica os modos de existência e de relação com o múltiplo, pois, como diz Pêcheux (1975, p. 83-84), “a forma unitária é o meio essencial da divisão e da contradição”. Ou, **dito de outra maneira**, a diferença precisa da construção imaginária da “unidade”. (ORLANDI, 2007, p. 18, negrito nosso).

(10) (...) No pensamento de Pêcheux, quando ele considera que a ideologia não funciona como um mecanismo fechado (e sem falhas) nem a língua como um sistema homogêneo. **Mais precisamente, como tivemos a ocasião de afirmar muitas vezes em nosso trabalho (Orlandi, 1983, p. 162)**, a relação entre língua e discurso se faz por reconhecimento, e suas fronteiras são colocadas em causa constantemente. A língua não existe pois na “forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica (Pêcheux, idem) (ORLANDI, 2007, p. 19, negrito nosso).

(11) Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2007, p. 20).

(12) Chegamos então a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: *o silêncio é fundante*. **Quer dizer**, o silêncio é a matéria significante por excelência, um *continuum* significante (ORLANDI, 2007, p. 29, negrito nosso).

(13) O povo, diz R. Robin (1984, p. 15), não é o “inverso fantasmático das burguesias”, mas é preciso pensá-lo também na “contradição, nas relações de poder e de heterogeneidade discursiva” (ORLANDI, 2007, p. 109).

(14) Na perspectiva discursiva de Maingueneau, o que há é uma prática discursiva com seus dois lados interconstitutivos: de um lado, a textualidade; de outro, o grupo social que lhe corresponde. São duas faces da mesma coisa: a prática discursiva (ORLANDI, 2007, p. 111).

Nesse percurso discursivo sobre o silêncio promovido pelo autor-narrador, vemos a construção de um arcabouço-teórico concreto baseado na vertente materialista da análise do discurso francesa. Assim, se observarmos mais atentamente cada discurso dos discursos acima representados, é possível encontrar um fazer científico heterogêneo, de múltiplas vozes capazes de (re)produzirem uma dada teoria, a fim de que novas reflexões surjam de acordo com as condições de sua produção; isto é, numa dada história (uma outra história comparada à ADF, por

exemplo), torna-se necessária a movimentação de novos objetos que caracterizam um fazer científico, o brasileiro.

No exemplo 8, encontramos como fundamentação teórica as bases implementadas por Michel Pêcheux, que além de remontarem às origens da ADF, tornam-se também ferramentas para a composição dessa corrente materialista de discurso, reconfiguradas a partir de um novo objeto. Nos exemplos 9, 10 e 12, é possível depararmos com um caso interessante de modalização autonímica, segundo Authier-Revuz (1999), por conta das expressões destacadas em negrito que, a nosso ver, se voltam para a própria construção de linguagem enquanto um fazer científico próprio, ou seja, observamos, pois, retomadas reflexivas de um discurso na sua fronteira com a exterioridade cuja construção meta-enunciativa corresponde “no próprio dizer, um modo autodialógico” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 9). Os trechos “dito de outra maneira”, “mais precisamente, como tivemos a ocasião de afirmar muitas vezes em nosso trabalho (Orlandi, 1983, p. 162)” e “quer dizer” são formas/expressões da própria língua que traduzem um “(re)pensar” sobre a própria reflexão teórica, articulando ainda mais a configuração desse novo dizer sobre o dizer do outro e, com isso, produzindo acontecimentos metadiscursivos.

No exemplo 11, a fala de Pêcheux é diluída na fala do autor-narrador, um simulacro da fala do outro que atesta a veracidade do seu novo dizer. Em 13, o uso das aspas deixa clara a inscrição da fala do outro no discurso do eu, autor-narrador, configurando um fazer científico polifônico. Por fim, no caso 14, é possível observamos marcadamente no discurso a existência, pois, de vertentes discursivas distintas quando o autor-narrador “marca”, indiretamente, seu posicionamento, materialista, frente à “perspectiva discursiva de Maingueneau”, por exemplo. Nesse caminho, vemos que as vozes outras trazidas para o discurso do eu, autor-narrador, corroboram as constantes refacções do fazer científico em análise do discurso, este, em solo brasileiro, oferecendo ferramentas importantes para a criação de diferentes correntes discursivas e compondo, assim, um campo de estudos discursivos singular e divergente em relação às suas bases francesas.

Todo o apresentado neste capítulo, numa espécie de percurso teórico-analítico, teve como objetivo mostrar como um certo acontecimento histórico marcante, a emergência da análise do discurso nos anos sessenta, pôde adquirir características singulares no espaço discursivo brasileiro a partir das suas diferentes narrativas promovidas por diferentes autores-narradores textuais. Tais caminhos configuram,

assim, diferentes vertentes discursivas que se inscrevem em diferentes grupos de pesquisa espalhados pelo Brasil. Acreditamos, com isso, que tais diferentes narrativas teóricas, que remontam ao seu próprio fazer científico do (sobre o) discurso, impulsionam a construção de acontecimentos metadiscursivos capazes de (re)contar a teoria diferentemente e assim criar novos espaços de reflexões¹⁵¹.

Dizendo de outro modo, o campo de estudos discursivos no Brasil compõe-se por meio de uma rede bastante ampla de atores humanos e não humanos que contribuem para a sua construção e desdobramentos: o campo só se constitui numa complexa relação de pesquisadores, produções textuais, agências de fomento que juntos compõem todo o seu fazer científico. Nosso caminho investigativo, ainda modesto e limitado talvez, pode auxiliar na compreensão dos desdobramentos históricos e epistemológicos da AD no Brasil e, ainda, afirmar que a análise do discurso, a AD *do* Brasil, é particular e fonte de inúmeras questões graças às suas diferentes materialidades e narrativas que precisam ainda ser contadas. Sejam cautelosos intermitentes sem sermos negligentes em reconhecer a nossa própria história, a história da AD brasileira.

¹⁵¹ Destacamos aqui, inicialmente, uma recente obra que reúne alguns trabalhos de professores e pesquisadores que divulgam, refletem e corroboram tais teorias discursivas à moda brasileira – herança de Possenti (2010), Brait (2008) e Orlandi (2007), por exemplo – intitulada *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução* (2015) de Roberto Leiser Baronas. Trata-se, pois, de uma primeira tentativa de fazer “ranger” a gênese dessas diferentes metodologias a partir de ângulos novos. Mais especificamente, elencamos três capítulos do livro, são eles: *Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério*, de Roberto Leiser Baronas e Fernanda Góis de Oliveira Ávila; *De presidentes a presidenciais: verbo-visualidade na esfera jornalística e político-partidário*, de Maria Helena Pistori; e, por fim, *O silêncio existe para poder (não) dizer*, de Lucília Maria Abrahão e Sousa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história émula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.

Miguel de Cervantes

Ao longo do desenvolvimento de nosso trabalho, verificamos que há um campo de Estudos do discurso no Brasil bastante heterogêneo marcado por um conjunto de vertentes e correntes discursivas capazes de (re)contar a história e os desdobramentos epistemológicos da análise do discurso em nosso país¹⁵². Assim, procuramos descrever alguns caminhos desse campo no cenário brasileiro, considerando toda a sua herança francesa e seus respectivos “fundadores”, inspiradores do discurso. Tal “Teoria das Ideologias”, inicialmente, de cunho político e revolucionário, assumiu uma conjuntura teórica bastante singular, configurando-se não somente na leitura dos clássicos autores franceses – tais como Pêcheux, Foucault –, mas também possibilitou percursos teóricos bastante diferentes daqueles percorridos na França no final dos anos sessenta.

Vimos, desse modo, que a constituição da análise do discurso brasileira se dá pelo emaranhado conjunto de nós de uma rede discursiva, interligados por uma reunião de fios discursivos que representam os deslocamentos epistemológicos ocorridos em relação à AD no/do Brasil como se fossem uma “colcha de retalhos”, em que cada segmento de tecido, diferente um do outro, ou extrato de cor, correspondesse a vertentes e correntes de discurso distintas. Para tal, pensamos que tais diferentes vertentes e correntes de discursos brasileiras atuam como distintos acontecimentos metadiscursivos que corroboram a construção dessa colcha, configurando-a como um verdadeiro campo de estudos discursivos à brasileira.

¹⁵² Destaca-se também, no interior desse campo, uma vertente crítica da análise do discurso, que embora não seja nosso objeto direto de observação, compõe esse cenário heterogêneo de teorias. Podemos salientar, ainda, consoante Zapata (2015), que tal vertente crítica do discurso adquiriu nos anos noventa, na América Latina, uma revitalização, uma vez que ela estava “marginalizada em alguns países europeus e norte-americanos por razões políticas” (p. 35). Zapata ainda assevera que a criação da ALED, na cidade de Caracas em 1995, foi importante para consagrar e estabelecer esse modo de se fazer análise de discurso por meio da perspectiva crítica acerca das questões discursivas em uma sociedade: “as atas do I Colóquio Latino-americano de Análise do Discurso, editadas por Adriana Bolívar e Paola Bentivoglio (1997), constituíram um documento histórico que dá conta do nascimento da ALED [...]. Este Colóquio, que teve como propósito ‘conhecer o estado dos estudos sobre a análise do discurso para começar as suas reflexões’ (Bolívar e Bentivoglio, 1997), contribuiu para a criação de um dos primeiros livros editados sobre os Estudos de Discurso na América Latina [...]” (p. 35, tradução nossa).

Para a compreensão de campo, além de retomarmos as considerações de Bourdieu (1975, 1980) – enquanto entidades sociológicas –, partindo para as reflexões de Maingueneau (2010), a partir das quais implementarmos nossos questionamentos, enquanto campos discursivos –, filiamo-nos, também, às reflexões do linguista brasileiro, Sírio Possenti (2018), quando problematiza em seu ensaio que “o humor é um campo”, buscando, com isso, “delimitar um terreno (...)” (p. 25). Nesse sentido, conforme o autor, assim como o literário, o religioso, o científico, entre outros, o humor configura-se como um campo, pois assume características que o definem como tal. Para isso, ele, ao longo de sua exposição, elenca 14 pontos que corroboram a sua tese, todavia, não as destacamos por completo dada a natureza de nosso objeto, a compreensão da composição e a constituição do campo dos estudos discursivos brasileiros. De todos os pontos levantados, ressaltamos os que ratificam nossa hipótese de trabalho, possibilitando-nos afirmar que há a constituição de um campo de estudos do discurso no/do Brasil.

1¹⁵³. “Como a literatura, o humor também trata de qualquer assunto (...)”. Assim como Possenti (2018, p. 27), embora nosso estudo fixe em um perspectiva mais ampla da análise do discurso desenvolvida no Brasil, observamos um conjunto heterogêneo de materiais que compõem o cenário de pesquisas dos discursivistas brasileiros. Encontramos desde textos políticos – voltando ao cerne da análise do discurso à época do seu surgimento, a AAD69 – passando por piadas, textos religiosos etc., até fotomontagens, vídeos e sons – material sincrético e multimodal –, tomando o discurso não apenas como um objeto observacional, comum a todos, mas, dependendo das condições de sua produção, em certas vertentes e correntes discursivas, o objeto teórico construído é bastante diferente.

2. “O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge e aos trocadilhos, passando pelas ‘crônicas’ e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, piadas (...)” (p. 28). Os estudos de discurso brasileiros configuram-se também nessa multiplicidade de gêneros como motes de questionamentos, reflexões e discussões. Partimos de materiais diversos para a compreensão do funcionamento discursivo brasileiro: haja vista o material que selecionamos como *corpus* de análise, passamos por questões verbo-visuais, em que o

¹⁵³ A numeração empreendida aqui não segue a ordem criada pelo autor em seu ensaio. Indicamos, a seguir, primeiramente a sequência criada por nós, seguida, pois, de um travessão com a numeração original: 1—1;2—2; 3—6; 4—8; 5—9.

discursivo mescla-se com o visual na construção dos (de)efeitos de sentido produzidos pela mídia, por exemplo; ou o silenciamento como questão de um não dizer dito, implicado pelo discurso; ou até mesmo os estereótipos, retratados pelas piadas, por exemplo, como uma maquinaria discursiva cuja função é a promoção de imagens cristalizadas, produzindo estereotípias básicas e transformando-as em simulacros invertidos, opostos, denegrindo o outro, o do interdiscurso, negativamente e elencando traços disfóricos. Trata-se de um conjunto de materiais que no seu bojo ressaltam a multiplicidade de correntes que abordam a noção de discurso por meio de gestos de leituras distintas.

3. “Como ocorre com a literatura, filósofos, psicólogos, sociólogos (...), cada um desses ‘campos’ [falam do humor] de pontos de vista específicos” (p. 32). Os estudos de discurso no/do Brasil assumem uma característica importante a ser ressaltada, que coincide com o próprio desenvolvimento científico, discursivo, em nosso país, ou seja, trata-se de acontecimentos de linguagem, estes metadiscursivos, capazes de proporcionar deslocamentos teóricos diante de teorias *à la française*, sobretudo e, por meio disso, proporcionar novas releituras, novos gestos de interpretação que configuram narrativas responsáveis por (re)contar a nossa história diferentemente, assumindo, dessa maneira, características tipicamente dos trópicos (e, talvez, genuínas), engendrando um campo ainda em constantes (re)invenções.

4. “Passa a ser necessário compreender o papel e o funcionamento de eventos como feiras, concursos, premiação (...). O que é relevante e não deve ser escamoteado é que assim se consolida um mercado com diversas subdivisões (...)” (p. 33). Para os estudos discursivos, enquanto um campo, consolidamos assim uma rede de pesquisa heterogênea, composta por múltiplas vozes, múltiplos atores, que são responsáveis por essa “colcha de retalhos” de discursos. As redes de pesquisa do (sobre o) discurso compõem um conjunto de fazeres científicos, metodologias e objetivos que se atualizam frequentemente devido a mudanças de noções, conceitos, ideias (ideais?) (e, para isso, a tese de Kuhn (1998), sobre os paradigmas, consegue discutir a questão), por conseguinte, tais refacções sobre teorias, nas diferentes vertentes, e no âmbito do discurso científico, esculpem acontecimentos metadiscursivos capazes de produzir deslocamentos necessários devido à geografia e à própria história brasileira de análise do discurso. Em um mesmo campo, há maneiras diferentes de abordar seu objeto – o discurso – “os textos nascem de maneiras diferentes e também chegam a seu destino por diferentes vias” (POSSENTI, p. 18). Embora possamos dizer que há

idiosincrasias estereotípicas acerca da figura do cientista, como um ser genial, inserido em seu laboratório, é necessário frisar que seu trabalho, grande parte do tempo individual, insere-se nessa grande rede composta por diferentes setores, políticas, agências de fomentos que requerem de nós resultados, sejam eles a curto, a médio ou a longo prazo. Podemos dizer, desse modo, que para participar de um congresso, por exemplo, redes se interligam por meio do fio do discurso científico: além da produção de um resumo (*abstract*, tradução difundida pela importação [e imposição] do inglês como língua da ciência), com um limite de palavras, obedecendo às normas e aos critérios pré-determinados pela convocação, devemos considerar o deslocamento do pesquisador até o local do congresso, o financiamento (se houver) para que tal participação se efetive, as perguntas que surgem com os dados apresentados, reflexões que instigam o estudioso a buscar novas considerações, outros aportes teóricos, enfim, um complexo conjunto de acontecimentos discursivos responsáveis por compor esse espaço maior de pesquisa, fazendo-o (res)significar as teorias, por meio de novos acontecimentos metadiscursivos, na construção do campo de estudos do discurso no Brasil.

5. “Torna-se um programa de pesquisa compreender as novidades e sua relação com cada *médium* (MAINGUENEAU, 1998 apud POSSENTI, p. 34, itálico do autor) (...)”. É salutar promover aos nossos colegas, parceiros e estudiosos discursivistas estrangeiros as teorias que em nosso solo têm tomado espaço. Vemos cada vez mais pesquisadores brasileiros divulgando suas pesquisas pela Europa, Estados Unidos, por exemplo, por meio de reuniões científicas, como mais um processo de constituição dessa rede de pesquisa científica. Por esse esboço analítico, não esgotamos as discussões em torno do tema, tampouco propomos um único caminho de reflexão, mas abrimos veredas para que outras surjam e possam dialogar com a que expomos ao longo deste trabalho.

Assim, nosso caminho epistemológico subdividiu-se em três grandes décadas, com o objetivo de levantar alguns dos principais desdobramentos teóricos da análise do discurso: os anos setenta, oitenta e noventa. Primeiramente, abordamos, sob a égide intelectual francesa, desde as questões centrais propostas por Michel Pêcheux, que com o seu empreendimento da AAD no final dos anos sessenta, a partir de um forte engajamento político e revolucionário, possibilitou – sob a leitura althusseriana – romper as ideias estruturalistas, em especial, o corte saussuriano, instaurando os fatores ideológicos, sociais e históricos na produção dos discursos; Michel Foucault

com a sua arqueologia; até as reflexões de Mikhail Bakhtin acerca do dialogismo; numa segunda década – oitenta – já no Brasil, procuramos mostrar como a recepção da AD em nosso país passou a coincidir com o processo de institucionalização da Linguística nos currículos universitários brasileiros e, com isso, a sua também institucionalização enquanto uma disciplina. Independentemente de sua inscrição – em São Paulo e/ou Rio de Janeiro, como mostramos anteriormente – a AD no Brasil, assim como no caso francês, durante seus primórdios, dedicou-se ao discurso político, trazendo várias críticas da parte de linguistas tradicionais. Contudo, aos poucos, com a diversidade de materiais e as diferentes correntes de trabalho que aqui se promoveram, o leque de discursos foi se diversificando, mobilizando não somente discursos institucionais, mas também discursos do cotidiano; e, por fim, a década de noventa – até a contemporaneidade –, que tem sido bastante produtiva aos analistas de discursos nacionais que se inscrevem em diferentes vertentes e correntes de discurso e, com isso, propagam esse campo que é cada vez mais heterogêneo, refletindo num fazer científico único se comparado à análise de discurso francesa. É a época das constantes produções que ainda hoje assumem diferentes caminhos e favorecem a construção, sempre efervescente, dos Estudos de discurso brasileiros.

Ao mesmo tempo em que se tornou um meio de se testar o arcabouço teórico estrangeiro, como forma de comprovação das teorias francesas, ele também serviu como medidor, em que se possibilitou pensar e observar até que momento tais heranças estrangeiras conseguiriam dar conta dos nossos objetos e materialidades. Dessa forma, novas formas de análise foram abrindo espaço para outras questões de pesquisa, provenientes dos diferentes objetos teóricos empregados, (re)significando não somente a parte linguística, mas sobretudo observando as novas relações entre o discurso e a imagem, por exemplo.

Não queremos com esta pesquisa “descartar” toda a herança francesa na prática da análise do discurso, pelo contrário, reconhecemos o importante papel que nossos inspiradores assumiram na escrita da história da AD – e como eles serviram (e ainda servem) como ponto de partida para novas metodologias, novos deslocamentos – mobilizando um arcabouço teórico necessário para explicar e explicitar os diferentes fenômenos que ocorriam na França no final da década de sessenta, em que víamos diferentes confrontos políticos e pensadores insatisfeitos com os rumos que a pesquisa estruturalista empregava no campo das ciências humanas e sociais.

A necessidade de olhar a história do passado para a compreensão da história do tempo presente se faz cada vez mais importante: Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, entre outros, a seu tempo, contribuíram significativamente para a construção desse campo discursivo – a análise do discurso – tomando os materiais de sua época, explicando os diferentes fenômenos que assolavam a sua realidade. Entretanto, vivemos novos tempos, em que há uma constante “tecnologização” dos discursos que necessita que novos arcabouços teóricos e/ou novas reflexões sejam propostas a fim de explicar os diferentes acontecimentos de linguagem, das diferentes culturas e sociedades.

Diante de tal herança e da constituição de nossa própria história, as análises de discursos brasileiras, tínhamos duas perguntas principais de pesquisa: 1) Como o instrumental teórico da análise do discurso, surgida na França nos anos sessenta, adquire no Brasil – um país com grande diversidade linguística e cultural – características peculiares de desenvolvimento, promovendo certos deslocamentos e determinadas escansões a partir de diferentes circunstâncias em diferentes *corpora*, corroborando, desse modo, o desenvolvimento de teorias brasileiras de discurso? 2) Por conseguinte, como tal produção teórica brasileira contribui para pensar a própria constituição do fazer científico, produzindo-se, assim, novos enunciados – que (res)significam a história do tempo presente do campo – responsáveis por traduzir discursos outros, de intelectuais do discurso, singulares, que promovem a instauração de um novo acontecimento metadiscursivo – inscrito numa certa rede – a partir das diferentes narrativas teóricas?

Atualmente, a análise do discurso brasileira assume características muito mais amplas que as de apenas uma disciplina, podemos pensá-la enquanto um verdadeiro campo discursivo, nos moldes de Angermuller (2017) e Maingueneau (2008b, 2010, 2015), em que há a presença de distintas vertentes de trabalhos produzindo diferentes correntes discursivas. Podemos dizer, com isso, que em nosso país, a AD assume características particulares, uma vez que os analistas de discursos brasileiros, ligados à análise do discurso francesa (na sua origem), empenham-se em fazer avançar a teoria, adequando-a aos diferentes contextos observacionais e, com isso, produzindo objetos teóricos distintos conforme os diferentes pontos de vistas criados. Ou seja, não se trata de cultuar nomes, nem tampouco destruí-los, por meio do esquecimento ou pela indiferença, mas de promover as teorias por meio de um outro olhar, o brasileiro, além disso, a nossa AD reflete diferentes correntes discursivas

determinadas de acordo com as condições sociais, históricas, políticas e culturais do país.

Tais discursivistas brasileiros são responsáveis por produzirem diferentes narrativas sobre o acontecimento análise do discurso, focalizando as suas peculiaridades e, desse modo, (res)significando a sua própria prática científica, (re)dizendo e recriando novas teorias que promovem um acontecimento metadiscursivo, isto é, capazes de explicar o próprio desenvolvimento do discurso científico.

Ademais, essa produção científica brasileira somente toma forma por meio de uma rede de pesquisa constituída por atores humanos e não humanos – artigos, professores e suas pesquisas nas universidades, agências de fomento que os apoiam –, que são inspirados tanto em uma outra história – a história da recepção e da institucionalização da AD no Brasil –, quanto na sua relação com as diferentes materialidades – verbais e visuais – que hoje compõem o nosso espaço discursivo. As narrativas criadas acerca de um dado fato, objetivando explicitar suas características, constituem, a nosso ver, um acontecimento metadiscursivo, pois imbricado não somente na composição linguística dos textos e enunciados que compõem a construção das diferentes correntes de análises de discursos, o metadiscorso, diferentemente da metalinguagem, projeta na composição dos enunciados resquícios de memória, interdiscurso e pré-construídos.

Nesse sentido, buscamos inspiração no modelo da *Nova Sociologia da Ciência*, empregada por Bruno Latour (1994, 1997, 2000) que via a prática científica ser construída entre os diferentes atores (humanos e não humanos). Assim, os fatos científicos e tecnológicos são construídos por meio de redes de atores em que os cientistas, através da tradução de interesses de outros atores, constroem os fatos científicos e/ou objetos tecnológicos que ganham coerência dentro dessa rede, tornando-se algo observável e comum no meio, como uma “caixa-preta”¹⁵⁴, ou seja, a construção do conhecimento em si, transformando um objeto real em uma inscrição literária (mediação, segundo Latour, 2001). Após fecharmos a “caixa-preta”, e ela ser

¹⁵⁴ “A expressão caixa-preta é utilizada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, desenha-se uma pequena caixa preta, sobre a qual é preciso saber nada, com exceção do que entra nela e do que dela sai. (...) Ou seja, embora sua história seja controvertida, seu funcionamento interno seja complexo, a rede comercial ou acadêmica necessária à sua implementação seja grande, a única coisa que conta é o que nela se coloca e o que dela se tira” (LATOUR, 2000, p. 14).

difundida no espaço científico, torna-se um ponto necessário e obrigatório para todos os cientistas.

Acreditando que a “Teoria das Ideologias” se constrói como um modelo científico, nos moldes da Jacques Guilhaumou (2009) acerca da narrativa do acontecimento, tivemos como objetivo traçar, no capítulo um, o caminho de construção da análise do discurso francesa do final dos anos sessenta, mobilizando seus principais “fundadores” e seus diferentes projetos epistemológicos. Tal passagem na França, a nosso ver, é de fundamental importância por dois motivos: o primeiro é porque não negamos nossa herança, pelo contrário, reconhecemos nesses autores certas identidades que o Brasil, no quesito da AD, buscou representar na sua institucionalização a partir dos anos oitenta; o segundo é porque tais inspiradores contribuíram, direta ou indiretamente, na construção dessa disciplina, buscando pressupostos teóricos na linguística. A descrição histórica e dos diferentes projetos epistemológicos auxiliam-nos a pensar nos desdobramentos que essa disciplina alcançou no cenário brasileiro a partir de sua institucionalização e recepção nos diferentes contextos intelectuais. Mesmo retomando esses e outros pensadores estrangeiros, nossas análises de discursos adquirem características peculiares por estarem inscritas em uma outra história, com objetos observacionais bastante diferentes, que criam diferentes objetos teóricos.

Seguindo nossa caminhada teórica, o capítulo dois, representando a década de oitenta, é composto pelos desdobramentos e escansões teóricos que o Brasil assumiu em relação à prática da AD. Enquanto uma disciplina, inicialmente, de cunho político, a prática científica do momento era desde a recepção dessa forma de pensamento nos diferentes contextos acadêmicos, institucionalizando-a como modelo teórico, até a promoção de novas materialidades sem, contudo, travar nas querelas que marcaram sua origem europeia. Nossa prática em AD produz características bastante peculiares que já nos deixa bem ocupados graças à multiplicidade de vozes, responsáveis pelo desenvolvimento de diferentes correntes com diferentes vozes que fazem ecoar os caminhos teóricos da AD brasileira. Pensamos, também, a construção desse campo, os Estudos de discurso, a partir dos pressupostos teóricos de Angermüller (2017) e Maingueneau (2008b, 2010, 2015) em que figuram não apenas questões ligadas à Linguística, mas também promovem um certo diálogo com outros campos do saber. Por fim, apresentamos, brevemente, algumas teorias discursivas brasileiras desenvolvidas por autores-narradores brasileiros, inscritos em diferentes vertentes de

trabalho, construindo, desse modo, o cenário plural como queremos acreditar no Brasil. Pensamos, nesse caminho, como se dá o processo de confecção e produção de temas por esses estudiosos do discurso, passando por reflexões e discussões em diferentes grupos de pesquisas e diferentes universidades até o seu processo final de edição de textos.

Em nosso capítulo três, numa espécie de reflexão teórico-analítica, demonstramos, por meio de três vertentes discursivas e três correntes teóricas, o funcionamento das análises de discursos marcando-se pela presença de diferentes autores-narradores que (re)contam um dado fato, uma dada teoria, por meio de enunciados singulares que promovem uma (res)significação do discurso científico, atualizando-o sempre, num jogo polifônico, característico desse gênero. Desse modo, nosso objetivo foi de trazer uma certa contribuição à área, pensando na (re)significação do discurso científico criado pelas constantes vozes do discursos que são ora marcadas e ora não marcadas atualizando um discurso constituinte que não aceita ser apresentado como derivado de outros, mas como “primeiro”. Como pensar os constantes (re)dizeres promovidos pelas próprias teorias que promovem tal atualização? A noção de acontecimento metadiscursivo, aqui apresentada, torna-se uma primeira ferramenta, ainda carente de muitas outras reflexões talvez, mas capaz de mostrar tais fatos de reescrita científica que, por ora, podem passar despercebidos.

Uma questão interessante que nos remonta fortemente acerca de nossa investigação é a de como a análise do discurso adquiriu caminhos singulares na França e no Brasil. Nesses dois cenários, vemos as suas fundações – inscritas em histórias e condições de produção diferentes – marcadas por um forte engajamento político e revolucionário, todavia uma diferença se faz salutar destacar: no Brasil, pela extensão das duas correntes discursivas distintas – tanto a enunciativa (sobre a teoria dos estereótipos e a seleção das piadas como objeto) quanto a dialógica (sobre a teoria da verbo-visualidade e a seleção de material literário e jornalístico como objetos) – abordarem um mesmo campo, o humorístico, em distintos materiais. Isso pode representar para nós, analistas, que tal campo seja talvez um cenário marcante de pesquisas discursivas brasileiras. Ou seja, vemos um desprendimento do objeto discurso político – apesar de ainda termos trabalhos nesse sentido – e a inserção de novas materialidades capazes de (re)contar um percurso discursivo único.

Ainda que todas as proposições expostas até o momento possam ser tratadas em trabalhos futuros, esperamos que esta tese tenha promovido uma primeira

(re)leitura dos diferentes desdobramentos que a análise do discurso adquiriu em nosso país, caracterizando um modo singular que ao mesmo tempo faz-nos olhar para nossos “fundadores” e inspiradores, mas também para a promoção de teorias de discurso brasileiras. Nosso país se torna, com isso, um espaço discursivo interessante de pesquisa e fonte de inesgotáveis reflexões que muitos colegas pesquisadores podem se aventurar. Destarte, nosso trabalho não tem como objetivo esgotar as discussões em torno do tema, muito menos fazer certos juízos de valor sobre os diferentes intelectuais ou correntes, mas apenas instar novos questionamentos que contribuam para trazê-los novamente aos debates teóricos e epistemológicos que possam refletir e refratar o momento atual da história da AD brasileira, fluida, considerando outros materiais de análise, outros objetos observacionais e, com isso, novos objetos teóricos.

Olhar para a história é colocar-se constantemente em novas significações de acontecimentos passados que ainda são recorrentes e importantes para a descrição de uma disciplina científica. O modo com que tomamos esses acontecimentos é o que definirá nossa busca – por vezes incessante –, trazendo novas perspectivas de trabalho como advertência de um futuro que ainda está por vir e que ainda o faz (re)significar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereotipos y clichés**. (1ª ed.) Buenos Aires: Eudeba, 2001.

_____. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2012.

ANGERMULLER, Johannes. **Analyse du discours poststructuraliste: les voix du sujet dans le langage** chez Lacan, Althusser, Foucault, Derrida, Sollers. Paris: Éditions Lambert-Lucas, 2013.

_____. **Le champ de la théorie: essor et déclin du structuralisme en France**. Paris: Hermann Éditeurs, 2013b, 167p.

_____. **Análise de discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito na linguagem** em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers. Campinas: Pontes Editores, 2016.

_____. *Renouons avec les enjeux critiques de l'analyse du discours : vers les études du discours*. **Langage & Société** : langues, langages et discours en société. Dossier dirigé par Josiane Boutet. N^{os}. 160-161/2o. et 3o. Trimestres, 2017.

ANGERMULLER, Johannes; MAINGUENEAU, Dominique; WODAK, Ruth. **The discourse studies reader: main currents in theory and analysis**. Philadelphia: Johan Benjamins North America, 2014.

ARAUJO, Ligia Mara Boin Menossi. **Discurso político, derrisão e heterogeneidade dissimulada na mídia contemporânea**. 2015. 155p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7154>>. Acesso em 13 de junh. 2017.

ASUA, Manuel de Castro. *El problema del origen de la vida*. **Manuscrito**, Campinas, 12(1): 71-89, 1989.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidades enunciativas*. In: **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci B. Barbisan e Valdir do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro*. **Revista Letras de Hoje**, n. 116, Porto Alegre, vol. 34, n. 2, p. 7-30, 1999.

BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

_____. **Enunciação aforizante:** um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

_____. **Estudos discursivos à brasileira:** uma introdução. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do texto e do discurso no Brasil*. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Estudos discursivos à brasileira:** uma introdução. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. (Volume I).

BOLÍVAR, Adriana. *Crítica y construcción de teoría en el análisis de discurso latino-americano*. In: SILVA, Denize Elena Garcia; PARDO, María Laura. **Passado, presente e futuro dos estudos de discurso na América Latina:** livro homenagem aos 20 anos da Associação Latino Americana de Estudos do Discurso. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **História e filosofia da linguística:** uma entrevista com José Borges Neto, 2010. Disponível em: <
http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_borges_netto.pdf>. Acesso em 28 de ago. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison*. **Sociologie et sociétés**, vol. 7, no. 1, p. 91-118, 1975. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Specificite_champ.pdf. Acesso em 20 de junh. 2017.

_____. **Questions de sociologies**. Paris: éditions de Minuit, 1980.

BRAIT, Beth. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. In: Gregolin, M.R. (org.). **Análise do discurso:** as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2001.

_____. **Ironia** em perspectiva polifônica. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

_____. **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Apresentação Beth Brait*. In: **O percurso da semiótica na USP:** uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini, 2017. Disponível em: http://semiotica.fflch.usp.br/sites/semiotica.fflch.usp.br/files/u57/Hommage_Beth%20Brait_02.pdf. Acesso em 10 de ago. 2017.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso: Unidade e Diversidade*. In: **Polifonia**. V8, N8. Cuiabá: EdUFMT, 2004. 95-112 p. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1127/891>> Acesso em 29 de ago. 2017.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. **Cadernos Pagu**, n.º. 28 jan./jun., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/05.pdf>>. Acesso em 20 abr. de 2018.

CASTILHO, A. T. *A reforma dos cursos de Letras* (p. 05-38). Revista **Alfa**. Março de 1963.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso inatingível: marxismo e linguística*. **Cadernos de tradução**, n.º. 6. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945/1966**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ESCOBAR, Carlos Henrique. **Proposições para uma semiologia e uma linguística**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1973.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical and descriptive goals in discourse analysis**. *Journal of Pragmatics*, 9, 1985: 739-63.

_____. **Language and power**. Londres e Nova York: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Critical discourse analysis**. Londres e Nova York: Longman, 1995a.

_____. **Media discourse**. Oxford: Edward Arnold, 1995b.

_____. **New labour, new language**. Londres e Nova York: Routledge, 2000.

_____. **Discurso e mudança social**. Coord. E prof. à ed. Bras. I. Magalhães. Trad. I. Magalhães *et al.* Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FIORIN, José Luiz. *A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações de pesquisa Linguística universitária*. In: **Revista Língua e Letras**. p. 11-25 Vol. 7, n.2. 1º sem. 2006. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887>>. Acesso em 24 de jan. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/rl&l.v7i12.887>

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.
FLOWERDEW, John.; RICHARDSON, John. (org.). *The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies*. Londres: Routledge, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

_____. Eu sou um pirotécnico. In: Michel Foucault, **Entrevistas** (p. 69-75). São Paulo: Graal, 2006.

GADET, Françoise. *Préfacio*. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

GILBERT, John; SWIFT, David. *Towards a lakatosian analysis of the piagetian and alternative conception research program*. **Science Education**: New York, 69(5): 681-696, 1985.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos*. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. (org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: UFU, 2003.

_____. *O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas*. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. *Michel Pêcheux e a história epistemológica da linguística*. **Estudos da língua(gem)**. Vitória da Conquista, n.º. 1, p. 99-111, 2005. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/14/20>>. Acesso em 9 de ago. 2018.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. *Tempos Brasileiros: percursos da análise do discurso nos desvãos da História do Brasil*. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (org.) **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. *No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault*. In: (Org.) NAVARRO, Pedro. **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. 240p.

_____. *Bakhtin, Foucault, Pêcheux*. In: BRAIT, E. (Org.). **Bakhtin**. Outros conceitos-chave. 1ed. São Paulo: Contexto, 2010, v. 1, p. 33-52.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e História**: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. Coordenação e organização da tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. 250 p.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 11^a. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A editora, 2006.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

HENRY, Paul. *Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969)*. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. da Unicamp, 2014.

INDURSKY, Freda. *GT de análise do discurso: sete anos de atividades*. **Revista da Anpoll**, vol. 1, n. 1, 1994. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/222/235>. Acesso em 18 de julh. 2017.

JÄGER, Siegfried. *Kritische Diskursanalyse: Eine Einführung*. Münster: Unrast, 2007 [1993].

KUHN, Thomas S. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998. 5^a ed.

LAKATOS, Imre. *Falsification and the methodology of scientific research programmes*. In: [10, p. 8-101] (versão em espanhol em [11, p. 203-343], 1970.

_____. *History of science and its rational reconstructions*. In: [10, p. 102-138], 1971a.

_____. *O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica*. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Orgs.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.

_____. *La metodología de los programas de investigación científica*. Madrid: Alianza, 1989.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1994.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São

Paulo. Editora Unesp. 2000.

_____. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia.** Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Petites leçons de sociologie des sciences.** Éditions La Découverte, Paris, [1993], 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Ida Lúcia. *A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil.* In: **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas.** Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 203-229.

MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: a análise de discurso crítica.* Revista **DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada.** Vol. 21, 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002>. Acesso em 20 de jan. 2018.

MAINGUENAU, Dominique. **Iniciação aos métodos de análise do discurso.** Paris: Hachette, 1976.

_____. *Présentation.* In: **Langages.** Les analyses du discours en France, Paris, n. 117, p. 5-11, 1995. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_117_1702. Acesso em 17 de julh. 2017.

_____. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Analisando discursos constituintes.* **Revista do GELNE,** vol. 2, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331/6685>. Acesso em: 30 de julh. 2017.

_____. **Análise de Textos de Comunicação.** Trad. Maria Cecília Perez de Souza-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau.* **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL.** Vol. 4, n. 6, 2006a. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf. Acesso em 25 de junh, 2017.

_____. **Discurso literário.** São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Gênese dos discursos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Discurso e análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Elementos para uma história da AD na França.* In: ORLANDI, Eni. (Org.). **Gestos de Leitura.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. *Disciplinarização dos estudos em análise do discurso.* **Revista Gragoatá**, vol. 18, n. 34, 2013. Disponível em: < <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/48>>. Acesso em 30 de julh. 2017.

MARTINS, Taís da Silva. **Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria.** 2012. 176p. Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: < <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/3975>>. Acesso em 21 de jan. 2018.

MAZIÉRE, Francine. **Análise do Discurso: história e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MELLO, Renato. **Análise discursiva dos múltiplos sujeitos e silêncios sarrautianos.** 2002. 428p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MÓDULO, Marcelo; BRAGA, Henrique. *Uma teoria brasileira do idioma.* **Revista Língua Portuguesa**, ano 7, no. 78, 2012. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/000783721c258f74da98f>. Acesso em 14 de julh. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Ciência da linguagem e política: anotações ao pé das letras.** Campinas: Pontes Editores, 2014.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas: Editora Pontes, 2012.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e construção da língua nacional.** São Paulo: Pontes, 2001.

_____. **Análise de discurso.** Campinas: Editora Pontes, 1999.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.* Petrópolis: Vozes, 1996. p. 23-35.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Editora Pontes,

1990.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse Automatique du Discours**. Paris: Dunod, 1969.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** [1975]. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3º edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Sur la (dé) construction des théories linguistiques**. In: DRLAV, no 27, 1982, p. 1-24. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët- Pastré. In: Línguas e Instrumentos linguísticos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

_____. *A análise de discurso : três épocas* (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio; MUSSALIM, Fernanda. *Contribuições de Dominique Maingueneau à análise do discurso*. In: **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 63-87.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Observações sobre interdiscurso*. **Revista Letras**, Curitiba: Editora UFPR, no. 61, especial, p. 253-269, 2003.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PUECH, Christian. *A emergência do paradigma semiótico-estrutural na França*. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011, 292 p.

ROLIM, Wiliane Viriato. **Estratégias argumentativas no discurso filosófico: estudo de caso à luz da semiolinguística**. 2000. 126p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUIZ, Marco Antonio Almeida. **A recepção do Curso de Linguística Geral nos manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo**. 2015. 128p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5801>>. Acesso em 10 de jun. 2017.

SALUM, Isaac Nicolau. *Prefácio à edição brasileira*. In: SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 34^a ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS, João Bosco Cabral. **Por uma teoria do discurso universitário institucional**. 2000. 331 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SARGENTINI, Vanice. *Ecos da arqueogenealogia de Michel Foucault na análise da imagem: retratos do homem político na mídia*. In: (Org.) PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Presenças de Foucault na análise do discurso**. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERER, Amanda; SOUSA, Lucília Abrahão; MEDEIROS, Vanise; PETRI, Verli. *O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da análise de discurso no Brasil*. Revista **Letras**. Santa Maria, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/view/14422>>. Acesso em 14 mai de 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148514422>.

STAFUZZA, Grenissa; DE PAULA, Luciane. **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

VAN DIJK. Teun A. (Org.) **Handbook of discourse analysis**. 4 vols. Nova York: Academic Press, 1985.

_____. *Racism in the Press*. Londres: Edward Arnold, 1986.

_____. *Ideology: a multidisciplinary approach*. Londres: Sage, 1998.

VANDRESEN, Paulino. **A linguística no Brasil**, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/338648912/A-Linguistica-No-Brasil>. Acesso em: 29 de ago. 2017.

ZAPATA, Oscar Iván Londoño. *Una mirada al desarrollo de los estudios del discurso en américa latina y el caribe*. In: SILVA, Denize Elena Garcia; PARDO, María Laura. **Passado, presente e futuro dos estudos de discurso na América Latina: livro homenagem aos 20 anos da Associação Latino Americana de Estudos do Discurso**. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

WARNKE, Ingo. Diskurslinguistik nach Foucault: Theorie und Gegenstände. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

WODAK, Ruth. Disorders of discourse. Londres e Nova York: Longman, 1996.

ZIEM, Alexander. Frames und sprachliches wissen: kognitive Aspekte der semantischen Kompetenz. Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Looking awry:** an introduction to Jacques Lacan through Popular Culture. Cambridge, MA, London: MIT Press, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANGERMULLER, Johannes. *Qu'est-ce que le poststructuralisme français? A propos de la réception des tendances françaises de l'analyse du discours en Allemagne*. *Langage et société* 120: 17-34, 2007.

_____. *A análise do discurso na Europa*. In: BONNAFOUS, S. & TEMAR, M. **Análise do discurso e ciências humanas e sociais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas; FFLCH, USP, 1998. 380p.

ÁVILA, Fernanda Góes de Oliveira. **Análise do discurso humorístico: condições de produção das piadas de Joãozinho**. 2012. 177p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=40991>. Acesso em 24 de julh. 2017.

BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORGES NETO, José. **Imre Lakatos e a metodologia dos programas de investigação científica**. 2008. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/Lakatos.pdf> Acesso em: 28 ago. 2017.

BOUISSAC, Paul. **Saussure: um guia para os perplexos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

_____. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975. 195 p.

DASCAL, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da linguagem: concepções gerais da teoria linguística, volume 1**. São Paulo: Global, 1978.

DE MAURO, Tullio. **Ferdinand de Saussure: cours de linguistique générale**. Paris: Payot & Rivages, 1967.

DUBOIS, Jean; SUMPFF, Joseph. *L'analyse du discours*. *Langages*, 4^o. Année, no. 13, 1969. Disponível em: <http://www.persee.fr/issue/lgge_0458-726x_1969_num_4_13>. Acesso em 29 de ago. 2017.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade**. Revista Desenredo, vol. 4, n. 2, 2008. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/695>. Acesso em 15 de ago. 2017.

FIGUEIRA, Filipo Pires. **The Piauí Herald e desnotícias: um estudo discursivo do humor**. 2016. 78p. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=74316>>. Acesso em 27 de julh. 2017.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci (Orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. [1970]. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Retornar à história*. In: MOTTA, M. (Org.). **Ditos & Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Volume II). p. 282-295.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

GADET, Françoise. [1987] **Saussure: une Science de la langue**. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

GATTI, Márcio Antônio. **A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos**. 2013. 264p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/268872/1/Gatti_MarcioAntonio_D.pdf. Acesso em: 25 de julh. 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso: os sentidos e suas movências*. In: (Org.) GREGOLIN, M. R.; CRUVINEL, M. F.; KHALIL, M. G. **Análise do discurso: entornos do sentido**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2001.

_____. O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social. In: CORREA, Djane A. A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2007.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. *Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história*. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no Discurso**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994. p. 163-184.

KOGAWA, João Marcos Mateus. *A recepção da ADF no Brasil nas décadas de 1960/70*. In: GREGOLIN, M. R.; KOGAWA, João Marcos Mateus. **Análise do**

discurso e semiologia: problematizações contemporâneas. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 39-55p.

MAGALHÃES, Izabel. *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico.* Brasília: Thesaurus, 2000.

_____. **Analyse linguistique du vocabulaire politique de la guerre d'Algérie d'après six quotidiens parisiens.** Thèse de IIIe Cycle à l'Université Paris X-Nanterre en 1969. Disponível em : <
http://classiques.uqac.ca/contemporains/malidier_denise/analyse_linguistique/analyse_linguistique.html> Acesso em 29 de ago. 2017.

NAVARRO, Pedro. *O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história.* In: SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.** São Carlos: Claraluz, 2004.

NORMAND, Claudine. **Saussure.** Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184p.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática.** Tradução Mária do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006. 272 p.

PÊCHEUX, Michel. *L'étrange miroir de l'analyse de discours.* In: **Langages**, 15^e année, n°62, 1981. Analyse du discours politique [Le discours communiste adressé aux chrétiens] sous la direction de Jean-Jacques Courtine. pp. 5-8. Disponível em : <
http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1872>. Acesso em 29 ago. 2017.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

POSSENTI, Sírio. *Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas.* In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Volume 3).

ROBIN, Régine. **História e Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1977.

SÁ, Israel. *Discurso, mídia e resistência: a constituição de uma identidade de esquerda durante a ditadura militar brasileira.* **Anais SEAD**, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/POSTERES/IsraelDeSa.pdf>. Acesso em 15 de ago. 2017.

_____. **Memória discursiva na ditadura do século XXI: visibilidades e opacidades democráticas.** 2015. 227p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, 2015. Disponível em: <
<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7586>>. Acesso em 23 de ago. 2017.

SALGADO, Luciana Salazar; MOTTA, Ana Raquel (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SARGENTINI, Vanice. *A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo*. In: _____; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. *A natureza do discurso e a natureza semiológica do objeto de análise*. In: GREGOLIN, M. R.; KOGAWA, João Marcos Mateus. **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 101-120p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. *Discours ou discourse: invention, configuration, transmission et disciplinarisation au Brésil*. In: **Letras**, Santa Maria, UFSM, vol. 18, n. 2, p. 9-18, jul./dez., 2008.

_____. *O movimento disciplinar sobre os estudos do discurso, no contexto brasileiro, a partir dos anos 1980*. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. Passo Fundo, vol. 9, no. 2, p. 284-294, 2013.

SCHERER, Amanda; SILVA, Tais; PETRI, Verli. *Na análise de discurso, “a paisagem é realmente acidentada”, ou reflexões acerca de seu processo de disciplinarização no sul do Brasil*. **Revista Signo y Señal**, n. 24, 2013. Disponível em: < <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/117>>. Acesso em 10 de ago. 2017.

STAROBINSKI, Jean [1971]. **As palavras sob as palavras: anagramas de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1974.

TATIT, Luiz. **Semiótica da canção: melodia e letra**. São Paulo : Editora Escuta, 2007.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Dispersos de Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ZOPPI FONTANA. Mónica Graciela. **Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/viewFile/55118/33519>. Acesso em 20 mai. 2017.